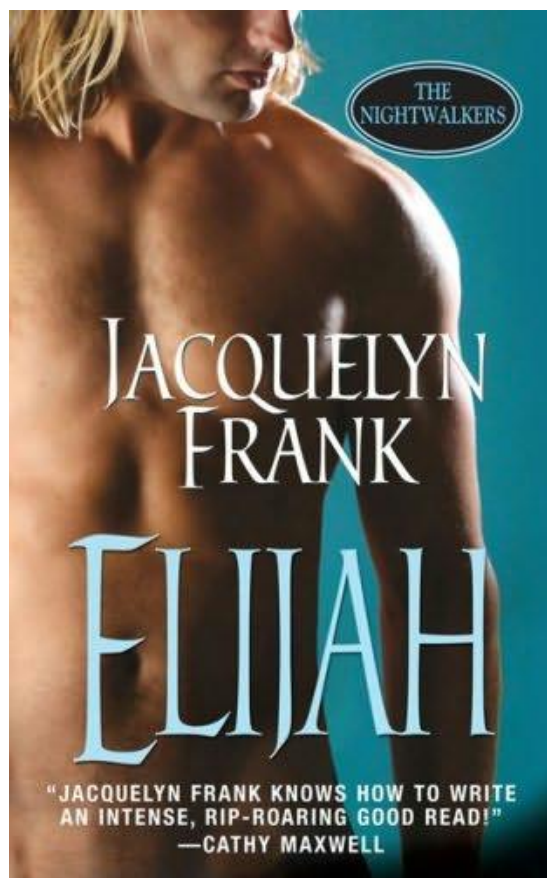


Elijah - Jacquelyn Frank



THE NIGHTWALKERS 3

Disponibilização: DHL
Tradução e Formatação: Gisa
Revisão: Lu Avanço
Revisão Final: Preta
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Existem alguns sentimentos contra os que é impossível lutar...

É conhecido como O Guerreiro, um maestro no manejo de todo tipo de armas, um feroz soldado que jurou proteger os seus de toda violência. Poderoso, implacável, desumano, Elijah sempre saiu vitorioso nas batalhas que lutou... até agora. Tendo sofrido uma emboscada pelos Nigromantes, fica abandonado meio morto e termina sendo resgatado por uma mulher que poderia dar-lhe o golpe de graça... Siena, rainha dos Licântropos. Durante quase uma década, entre os licântropos e o povo de Elijah havia uma frágil paz, e não está disposto a baixar a guarda ante sua rainha.



Mas a vontade de Siena é tudo o que Elijah necessita, sua elegante e sensual natureza acorda nele uma fome que não pode negar. E agora, este guerreiro vê-se consumido por uma batalha muito diferente das que está acostumado: ganhar o coração de Siena proporcionando-lhe um prazer inimaginável. O que começa como uma sensual e excitante atração, muito em breve termina transformando-se em uma ardente paixão, com conseqüências que perdurarão através dos anos para as raças de ambos. E enquanto os inimigos terminam convertendo-se em amantes inseparáveis, uma ameaça começa a espreitar... uma que poderia destruir todos eles.

*São conhecidos como os Seres de Sombra,
uma antiga raça dedicada a proteger a humanidade dos Nigromantes.
Agora é a vez do guerreiro mais orgulhoso de todos,
Elijah, um homem que não se ajoelha diante de nada nem ninguém...
até que uma mulher acaba conseguindo.*

NÃO HAVIA CONTROLE NESSE MOMENTO

Ela a princípio ruborizou, logo lhe percorreram calafrios. Estava aterrorizada mas ofegante. Estava suando calor líquido e o olhando completamente alerta. A contradição a enchia por dentro e se sentia selvagem, deliciosamente em total falta de controle.

O guerreiro sentiu o coração da fêmea pulsando loucamente abaixo dele. Ela estava ruborizada. Ele sentiu os calafrios que a percorreram e foi prisioneiro da urgência de esfregar-se contra seu suculento corpo. Não lhe importava estar débil e ferido. Estava cego a tudo exceto às sensações e aos desejos de seus pensamentos instintivos.

Elijah não era um estranho para as mulheres.

—De fato, as desfrutava imensamente, — mas isto era algo muito notável. Nunca tinha reagido tão fortemente, tão rápido a uma fêmea antes. Exceto, talvez, uma vez anterior. Mas tinha recusado dar importância pelo que era usando como desculpa o calor da batalha. A só idéia disso era totalmente esmagada por que a mulher em questão tinha sido...

Nesse momento finalmente a reconheceu.

Os olhos de Elijah empalideceram, igual ao resto dele, enquanto finalmente percebia exatamente a quem sustentava sob seu corpo. Por quem era que sentia esta estranha necessidade. E quem estava respondendo com inconcebível reciprocidade o calor e interesse.

—Siena - sussurrou sua mão finalmente abandonando seu pescoço para revelar o dourado e negro colar que usava.

PRÓLOGO

Quem fosse que desejasse conhecer o destino da raça Demônio deve consultar estas profecias...

... Igual a magia, uma vez mais ameaça o tempo, igual que a paz dos Demônios se dirigirá à loucura...

... Virão nesta grande época as coisas que retornarão a enfocar-se na pureza que a raça Demônio sempre desejou. Chegarão o significado e o propósito de nossas leis estritas, que nenhum humano não corrupto deverá ser prejudicado, que a pacífica coexistência entre raças deverá voltar-se primitiva...

—Extratos da Profecia do Demônio Perdido.

... fica proibido para qualquer da raça Demônio emparelhar-se com criaturas que não seja seus iguais, não de sua natureza, não de sua força e poder. Essas criaturas inferiores são nossas para protegê-las de nós, não para ser violadas em abominação sexual impura. Esta é a lei e a vontade da natureza. O cão não se envolve com o gato, o gato não faz com o camundongo. Quem fosse que rompesse a sagrada verdade deverá sofrer sob a mão da lei...

—Extrato do Pergaminho Original de Destruição.

Elijah caiu sobre seus joelhos, agarrando seu peito enquanto o sangue derramava entre seus dedos, manchando sua camisa branca com um brilhante carmesim. Olhou para baixo ao florescente quadro de sua essência vital derramando-se sobre o tecido, quase com fascinação que dá ao estender os artísticos círculos sobre uma camisa tinta.

O guerreiro Demônio estava surpreso.

Tinha sido ferido repetidamente em sua centenária vida. Certamente isto não era estranho para ele. Tudo, da mística eletricidade de malvadas espadas feitas do brutal, ardente ferro, que era tão tóxico para sua raça, tinham-no cortado de uma forma ou outra no tempo. Algumas feridas tinham sido suficientemente sérias para deixar cicatrizes apesar de seus notáveis e inatos poderes de cura, algumas não o tinham feito. Mas nunca tinha sido ferido de uma forma que poderia considerar mortal. Mortal para outros não era mortal para ele. Mortal para o Demônio médio tampouco era mortal para ele, se, só por seu teimoso rechaço a sucumbir a uma coisa tão patética como a morte.

Entretanto, neste caso, não era simplesmente porque um oco o percorresse através de seu peito, muito próximo às funções vitais de seu coração, por que sua vida estava em perigo, se não porque estava na metade de um nada, muito fraco para chamar por ajuda e rodeado adiante e atrás por inimigos. Inclusive, se pudesse de algum jeito encontrar resistência para

sobreviver esta penetrante intrusão em seu corpo, estes inimigos não lhe permitiriam viver mais do que queriam fazê-lo.

Elijah esteve subitamente furioso consigo mesmo por terminar com este ferimento. Ele era o Capitão dos guerreiros Demônios, o exército de elite, à ordem e chamada do grande Rei Demônio. Ele era o lutador mais hábil da raça Demônio, um Nightwalker conhecido por suas incríveis habilidades de batalha. Ele tinha vivido todos os séculos de sua vida honrando suas habilidades, aprendendo tudo o que teria que saber a respeito da batalha, guerra, armas e estratégias requeridas para triunfar nessas situações. Jacob, o Demônio Executor e seu grande cavaleiro, Noah, o Rei Demônio, eram os únicos que tinha considerado como seus iguais em batalha. Ele não se suporia tão estúpido para cair inclusive, na melhor armadilha, incapaz de ser superado uma vez cativo em dita armadilha.

Inclusive, sem treinamento, todos os Demônios de Terra eram essencialmente bestas prontas para a batalha. Acreditava nisso —era sua filosofia pessoal— e fortemente sentia que não importava o quão forte fosse à capa de civilização dentro de sua raça, ou dentro dos indivíduos, havia instintos que não podiam ser negados. Seguro, os Demônios pareciam humanos, entretanto, mais altos e bronzeados que a média, mas eram considerados extraordinariamente atraentes quando estavam em círculos humanos.

Elijah sabia isso porque a genética elementar animal dentro deles lhes permitiam liberar feromonas que chamavam o sexo oposto, um sentido predador de consciência que exsudava perigo e uns olhos extraordinários por trás dos quais se adivinhavam a astúcia e inteligência. Todas as qualidades dos caçadores naturais, sempre colocadas sob a superfície, esperando por alguém para fazer presos a si mesmos. Os Demônios eram capazes de comportamentos tão agrestes como os elementos dos quais tomavam seus grandes poderes, comportamentos que tinham tomado e integrado em cada habilidade que cultivavam em suas longas vidas, fazendo-os formidáveis oponentes para aqueles que conseguiam ficar nos lugares malignos.

Entretanto, inclusive o mais jovem dos novatos pudesse ter evitado seu ferimento atual, o pensamento do guerreiro o atravessou. Então estar cativo como isto, como um débil camundongo em uma armadilha era vergonhoso e o fazia rabiar. Como havia o ato de cumprir seu dever, de repente, se voltado contra ele? Ele era o Capitão Guerreiro, o guia de todos os Nightwalkers com um prego sobre sua cabeça, para aqueles que não eram da raça Demônio, quem tinha cometido atos egregios¹ e pecados contra o povo Demônio, um desafio direto e insulto para o Rei Demônio. Ele era o especialista em todas essas espécies, um estrategista antropólogo. Se alguém desejava conhecer as verdadeiras maneiras de como destruir Vampiros, Licântropos e a maioria de outras espécies do Nightwalker, Elijah seria a melhor fonte de informação. A guerra e a paz eram, infelizmente, coisas transitivas, e era seu dever

¹ 1 Ilustres ou insignes. (N.T.)

estar preparado para todas as possibilidades, no caso de que amigos se convertessem em inimigos ou inimigos ameaçassem a amigos.

Elijah lutou para despojar-se da capa de diminuição da consciência e os giros de seu redor imediato. Era ele, sozinho quem pertencia à cabeça dos exércitos de seu monarca quando era necessário e quem deveria treinar os espiões e assassinos quem deverão deslizar entre as ocultas sombras na frente de ameaçadora intriga. Entretanto, sabia tudo que alguém pudesse descobrir atualmente sobre os humanos, quem tinha caído nas perversas artes da magia negra. Do mesmo tipo que agora estavam a seu redor, circulando-o como vultos, esperando o último suspiro da vítima.

O uso destes corruptos poderes tinha convertido a estes idiotas humanos, homens e mulheres, em nigromantes, manchando sua alma com a colorida semente do mal e cheirando com uma fetidez tão grande para dentro de sua pele, que nenhum Nightwalker com a alma limpa podia suportar respirar seu aroma. Eram poderosos, capazes de crescer, inclusive, mais, quanto mais e mais, estudavam e praticavam suas vis artes, mas não eram o suficientemente preparados para capturá-lo, nem pensar matá-lo. Não, somente sua estupidez poderia lhes haver dado essa oportunidade.

Deveria luzir como um peru em dia de festa, irrompendo através da linha de árvores e caindo em sua armadilha. Os nigromantes o rodearam, bem como os caçadores humanos, que passaram o tempo caçando mitos para poder torturá-los e matá-los. Mortais.

Que levou a si mesmo, não só a descobrir a existência e localização das ocultas raças do Nightwalkers, mas sim fizeram sua busca pessoal para erradicá-los do planeta armados com algo mais que mitos, lendas e ignorância.

Os Demônios eram uma das raças menos expostas do Nightwalkers na mitologia humana, mas espécies como os Vampiros e os Licântropos não tinham tanta sorte. Histórias deles abundavam, já fossem exatas ou não, alimentando o ávido caçador a empalá-los, procurando por uma prova e vindicação pessoal, ocasionalmente tendo sorte em suas buscas sedentos de sangue. Para o caçador, era uma vitória, um troféu mental. Somente mental. O corpo de um Nightwalker morto deveria freqüentemente luzir um pouco diferente de um humano assassinado, então não era exatamente um desses tesouros que um caçador pudesse montar em sua parede e contar histórias sobre isso. Pelo menos, não a ninguém fora de sua própria sociedade secreta de chamados heróis.

Estava tornando-se muito comum ultimamente encontrar as cinzas de Vampiros deixados ao sol, Licântropos que foram disparados e empalados com armas de prata que os envenenava e inclusive Demônios feridos por armas feitas do abrasador, e desfigurante ferro. Isso era, é obvio, quando os Demônios não eram convocados dentro da mutilante destruição

das armadilhas de pentagramas postas pelos nigromantes. Assassinato detrás de assassinato insensato e entre estes dois grupos de humanos a lista de vítimas deveria seguir.

Era uma dolorosa traição. Os Demônios sempre tinham tido os humanos mortais em grande estima, muito parecida com a forma como um pai protege seu pequeno filho em desenvolvimento. Eles e os outros Nightwalker civilizados protegiam ferozmente esses humanos, talvez instintivamente, tendo sabor de pesar de que não tinham poderes por si mesmos, ao deixá-los crescer e desenvolver-se, eles algum dia o fariam. Seria uma formosa evolução para ver nos próximos séculos. Apesar de que a raça Demônio sabia que havia uns poucos mortais que pensavam danificá-los, ainda doía amargamente. E agora com caçadores e nigromantes unindo forças, o perigo duplicou para todos.

Triplicado, pensou o guerreiro secamente.

Elijah sabia que estava próximo à morte nesse momento, com esse pensamento. O guerreiro dentro dele nunca se permitiria a reflexão durante uma batalha que requeresse toda sua atenção. Mas esta batalha estava de tudo menos terminada, então deixava a ele uns poucos preciosos segundos para reconciliar os pensamentos em sua cabeça. Parecia irônico que estes mal informados humanos fossem quem veriam a destruição de poderosas raças que tanto tinham temido, não deveriam sentir-se ameaçados pela magia negra com a que agora comungavam. Qual, perguntava-se Elijah, em suas mentes, seria a distinção? Que fazia um Demônio, nascido e bento dos limpos e formosos elementos da Terra, tão repreensíveis para esses humanos? E ainda assim, a envolvente magia negra que corria nos nigromantes estava de repente sendo laureada e aceita nos mesmos grupos?

Era tão simples como o fato de que o mortal humano médio era muito propenso a multiplicar-se por mescla de raças, em seu evolutivo sexto sentido, particularmente para sentir ou cheirar a maldade inata? Estavam igual a uma raça de meninos que não tinham o instinto de determinar o bom do mau, o correto do incorreto em um puro nível intuitivo? Certamente, no momento que entrou no lugar não tinha sabido de seu engano enquanto eles dominavam e invadiam, mas, não havia antecipação de tudo neles?

Elijah não tinha estas respostas e parecia que não as encontraria no que ficava de vida. Depois de cinco séculos, centenas de batalhas e milhares de vitórias parecia que a tão nomeada imortalidade de Elijah estava a ponto de chegar a um desenlace definitivo. Finalmente tinha puxado o tigre equivocando pela cauda.

Ou deveria dizer tigresa?

Elijah levantou seus escuros olhos verdes, cheios de malícia e contenção para seus atacantes, que estavam orgulhosamente paradas em sua derrota. Os caçadores e nigromantes que o rodeavam eram todas mulheres, parte de uma seita de mulheres da qual os Demônios se precaveram recentemente. O que queimou suas emoções com a intensidade de um fogo

selvagem, entretanto era a presença das duas mulheres Demônios que se elevavam à frente dessas assassinas forças femininas.

Traidoras.

A Demônio à direita, que era conhecida para ele como Ruth, era uma Demônio Mental muito poderosa. De fato, ela tinha sido a primeira mulher nascida desse elemento tão jovem, que tinha existido na cultura Demônio por só apenas uns quinhentos anos. Ela era uma Anciã, antigamente um membro do Grande Conselho, quem tinha ajudado das raízes da sociedade Demônio e a lei em muitos, muitos anos. A magnitude de sua traição era imensurável. Elijah apenas podia imaginar o conceito em sua mente.

Apesar de que ela era a maior das duas, sua juvenil aparência era comparável a de sua filha, a chamada Mary, quem permanecia próxima a ela. Devido a que os Demônios não envelheciam visualmente depois de certo ponto, o dueto parecia mais como irmãs. Entretanto, Ruth sustentava um braço ao redor da cintura e estava tocando o cabelo da jovem mulher com um carinho maternal que se apoiava no fato de que Mary estava perto de um século de idade por sua vez. Era quase não natural e deveria inclusive para esses humanos a seu redor, sentir mais que um pequeno estremecimento. Talvez devesse, se esses olhos não estivessem cegados por ódio e medo.

Era inconcebível a idéia de que ambas as mulheres fossem da mesma raça de Elijah, as túnicas claramente se uniam com estas malévolas usuárias de magia e os assim chamados caçadores humanos, que o queimavam com uma raiva maligna. É obvio, com inclusive mais ironia, Elijah entendia que nenhuma das mortais se precava que essas duas mulheres eram membros da mesma raça com a que agora declaravam em guerra com seu ataque contra ele. Nenhuma delas sabia que a motivação de Ruth era por uma necessidade pessoal de ferir e uma vingança mal dirigida e que elas somente eram ferramentas, uma arma que podia sustentar contra sua antiga gente.

Para os mortais, ela não era mais que uma formosa, sábia mulher humana. Uma feiticeira dotada, talvez, se tinha mostrado sua habilidade de comandar certos aspectos dos elementos da Mente. Era esta Demônio traidora e sua filha quem dirigiam os humanos contra vítimas que os mortais nunca deveriam encontrar com tão pavorosa facilidade e tão pouco esforço. Cada dia Ruth se colocava no oposto dessa linha desenhada na areia por esta gente paranóica e mal dirigida, ela revelaria mais e mais a eles a respeito da raça Demônio. Não demoraria antes que cuidadosamente lhes desse as formas de destruir a aqueles que uma vez chamou amigos. Além desse detalhe, nenhuma outra raça do Nightwalkers, inocentes ou não, deveria estar ameaçada pelos séculos de conhecimento de Ruth.

Tudo o que importava aos humanos era seu medo do desconhecido, terror para as criaturas cujo poder ultrapassava inclusive sua imaginação mais selvagem, fazendo-os

quebrar-se com a convicção de que era só questão de tempo antes que estas raças viventes da noite caíssem sobre os humanos como os mitos e lendas haviam predito uma e outra vez. Não importava que, se eles tivessem querido, qualquer raça Nightwalker poderia ter feito milhares de vezes no último milênio somente.

Amargamente Elijah sentiu que inclusive se alguém lhes desse a verdade, eles continuariam só esperando o pior dos Nightwalkers, porque eles estavam sob a guia da teima, o prejuízo e o medo. O único pensamento que confortava a Elijah nesse momento era que sua morte levantaria as represálias dos mais velhos e poderosos de sua raça e isto assinalaria o fim desta maligna insurreição.

—Feto do demônio— Ruth grunhiu o epíteto com louca felicidade, alimentando a sede de sangue das mulheres a seu redor.

—Demônio disfarçado de humano! —ela sorriu e disse brandamente.

—Elijah, o poderoso Capitão Guerreiro—Ruth riu o som perceptivelmente formoso enquanto se inclinava para olhá-lo, sua voz baixa para que as outras não pudessem escutar a familiaridade com que se dirigia a ele.

—O pequeno pitbull do Noah, vencido por simples mulheres. Conheço seus pensamentos, Demônio de Vento. Não haverá vingança em seu nome. Eles nunca encontrarão nada de você no tempo que estamos passando.

Ruth se endireitou, retirando uma mecha de luxurioso cabelo loiro, sorrindo serenamente. Ela beijou a bochecha de sua preciosa menina, se alguém pudesse chamar um Demônio novato de quase noventa anos uma menina, fazendo sorrir Mary com afeto que revolveu o estômago de Elijah. Mas como uma menina que era, comparada com os adultos e Anciões de sua raça e inclusive, comparada com outros novatos de sua idade. Apesar de que tinha a beleza e o corpo de uma mulher cheia, ela era uma pequena menina no coração e em sua mente, completamente sob a influência de sua super protetora, complacente mãe.

Por que nenhum deles percebeu o desapego de Ruth a seus sentidos? Como uma Demônio Mental, Ruth sem dúvida havia bloqueando a consciência dos outros hábeis Demônios Mentais. Por que ninguém tinha insistido em separar a menina do insano e dominante comportamento da mãe? Porque era sua maneira de garantir o direito de um pai de criar a sua filha enquanto a via crescer. Agora sua sociedade inteira deveria viver com esse engano e suas conseqüências, igual a Elijah, morreriam por sua causa.

Um pouco, muito tarde, pensou com genuína tristeza pelo caminho que as mulheres Demônios tinham elegido. Ambas estavam agora malcriadas, corruptas sob a aparência de sua beleza externa, assustadora. Ele não necessitava um superior sentido do olfato para captar o vil aroma de corrupção emanado de sua bronzeada pele.

Elijah caiu para frente, pondo uma mão para tratar de proteger a si mesmo e manter seu rosto fora da terra. Situação sem esperança ou não, ele não seria lembrado por ser tão fácil de matar. Seu orgulho não lhe permitiria fazer disso um final. Havia muitos oponentes disseminados em terra sob o círculo, grandemente disseminados, que foram atacados com sua ferocidade enquanto tratava de salvar sua própria vida. Mulheres ou não, qualquer que procurasse assassiná-lo, merecia o que obtinha.

Ele estava consciente das outras se aproximando a seu redor. Os ramos de magia negra que se aferravam às feiticeiras humanas eram assustadoras e insuportáveis. A energia rangia a seu redor enquanto elas jogavam com seus poderes. Arcos azuis de eletricidade cintilavam entre elas, quase como um jogo macabro do macaco no meio. A boca de Elijah se pressionou em uma apertada linha enquanto entendia o que significava ser o macaco neste caso particular.

O primeiro raio que disparou do anel da mulher o golpeou em sua espinha, fazendo que se contorcesse em um arco para trás, seus braços contraídos em seu flanco, contraindo os músculos de seu largo peito e forçando o sangue a emanar de sua ferida. O fluido saiu tão pesado, tão rápido que sentiu o efusivo calor drenando-o justo para baixo da frente de sua roupa, a sarja de sua calça saturando-se completamente em um instante.

Sentiu a cabeça leve, enjoado e estranhamente distante enquanto o seguinte raio o forçava a contorcer-se em outra direção. Ele podia cheirar o queimado de sua própria carne, surpreso pelo poder das usuárias de magia. Ele tratou de trocar, para encontrar distração na forma de vento que era tão parte dele. Se tão somente tivesse a força de metamorfosear-se na mais ligeira das brisas, elas não poderiam machucá-lo. Mas o tempo já tinha passado para isso. Ele tinha julgado mal sua situação e agora estava muito ferido e muito fraco para concentrar-se inclusive na mais simples das transformações.

Amaldiçoou a si mesmo por ser tão tolo, por caminhar nessa armadilha feminina. Tinha sido ele quem tinha advertido os outros que ninguém estava a salvo enquanto as traidoras, Ruth e Mary, estivessem longe e em alerta com os humanos. Não lhes havia dito do passado meio ano, quando perceberam pela primeira vez a traição, que qualquer um poderia ser uma vítima do íntimo conhecimento dos Demônios do dueto, de sua importância individual, de seu poder? Ruth, sua demência disfarçada de amor maternal por uma filha ferida, sabia muitos nomes, muitos feitos. Inclusive ela poderia levá-los a todos e cada um dos membros do Grande Conselho.

Ele seria o primeiro, percebeu Elijah, uma raiva frustrada lhe queimava no segundo oco de seu peito. Depois seguiriam os executores, Gideon o médico Ancião, ou talvez Noah, o rei Demônio por si mesmo. E ele não estaria aí para cumprir seu dever e protegê-los. Elijah

pensou em Jacob e Isabella, os Executores, que eram novos pais de uma formosa menina que tinha o sedoso cabelo negro da mãe e os sérios olhos escuros do pai.

O capitão Guerreiro tinha sido eleito para ser um dos dois que, além de seus pais, estivessem em sua cerimônia de nomeação. Para ser um dos únicos dois Demônios em todo este mundo que tinha sido dado a honra ser o Siddah do angelical bebê. Tinha sido a maior distinção que um amigo podia dar a outro. Próximo a seu aniversário dezesseis, ele deveria começar o Fostering da menina, levá-la para seu lar como se fosse o dela. Ele deveria lhe ensinar as formas e a moral de sua gente, guiando-a enquanto aprendia como usar e controlar qualquer grande poder de que fosse dotada. Esta responsabilidade deveria ser compartilhada com apenas outra pessoa, a Siddah feminina. Neste caso Magdelegna, a própria irmã do rei.

Pensar em Legna lhe causou inclusive uma dor mais profunda, ela teria um menino por sua parte, estava próxima dos cinco meses para terminar e a salvo sob os vigilantes olhos de seu par, Gideon. Mas qual futuro haveria para esses inocentes? Serem caçados? Destruidos? Tratados como nada mais insignificante que a mosca ruidosa que necessita uma boa e dura surra? Elijah sofreu pelos bebês, culpando a si mesmo por não fazer um trabalho melhor em manter a si mesmo a salvo e forte para ser seu protetor.

O guerreiro sentiu o negrume deslizando através dele, mas era muito mais por entender que tinha falhado com sua gente e com seu monarca do que era pela mortal perda de sangue. Escutou risadas femininas, crispadas em uma feia alegria por matar, um som que nenhuma mulher deveria fazer em seu estado natural, fosse Nightwalker ou humana.

Elijah finalmente paralisou, rodando sobre suas costas no pasto até que esteve tratando de enfocar as estrelas sobre ele. Tinha pouca consciência das retorcidas mulheres jogando com ele, mandando sádicos raios de poder através dele. O negro céu se esfumou em linhas de luz e escuridão. A umidade de seu sangue disseminando nas secas folhas e pastos baixo ele. Tinha controlado o clima em volta dele desde que tinha tido apenas treze anos. O que não daria nesse momento pela simplicidade de uma ducha de chuva. Como um ato final de defesa se afundou na terra para que nenhuma eletricidade mandada para ele retornasse para seus assassinos.

Mas não podia realizar esse último ato de retribuição. Tinha conhecido infantes mais fortes do que ele era neste momento. Tudo o que tinha eram seus pensamentos. Não importava se Ruth podia ler suas emoções, inclusive provavelmente seus pensamentos a sua avançada idade, coisa que era um talento usualmente só encontrado nos machos de seu tipo. Ela estava corrupta por sua mente fraturada e todo o veneno mágico com quem tinha decidido associar-se. Usualmente, poderes inesperados chegavam com tais associações malignas.

Não. Tudo o que importava a Elijah era a natureza do mundo que deixava atrás. Nunca voltaria para soprar sobre milhares e milhares de montanhas intactas e praias virgens como o vento. Nunca voltaria a lavar a si mesmo e renovar o mundo como chuva. Nunca voltaria a dirigir-se lentamente do céu para a terra com as cambiantes forma dos flocos de neve. Ser privado para sempre da alegria desses momentos fez seu coração rebelar-se com desespero e coragem. Abriu sua boca para rugir com a raiva que o golpeava, mas estava longe de criar qualquer som. Forçou a si mesmo a ficar satisfeito com o grito de sua alma.

Para sua maravilha, Elijah escutou o eco do grito na distância.

Era uma coisa selvagem. Incrivelmente formosa, que fez com que o percorressem calafrios enquanto vibrava percorrendo seus nervos. Estava sucumbindo a sua própria noite interna, mas o grito foi repetido e encontrou a si mesmo lutando para escutá-lo, para entender o que significava. O frio de seu corpo foi substituído por uma inexplicável ascensão de calor e sentiu seus sentidos tratando de retornar a ele, trabalhar para ele, tratando com cada célula disponível aferrar-se a esse som primário e abrasador.

Mas estava muito próximo à morte. Com a frustração obstinada a ele. Finalmente sucumbiu.

CAPÍTULO 1

A gata montês gritou através da extensa pradaria do bosque, fazendo com que o círculo de mulheres esquecesse a sua agonizante presa quando um inexplicável temor as percorreu. Os humanos tinham nascido com instintos como nenhuma outra espécie, e sabiam, como certamente sabiam seus nomes, que não era prudente ficar no caminho da besta que tinha feito esse som. Não importava que elas fossem uma potência em si mesmas. Nada podia evitar o inato terror de uma presa temendo o predador.

As nigromantes retrocederam, com os olhos muito abertos e a magia florescendo sucessivamente, à medida que começavam a levitar do chão, com esperança de que a altura desse algum sentido de segurança que simplesmente não sentiam com os pés na terra. Mas isto não era suficiente, só poderiam aliviar o pânico de seus corações com uma completa retirada, voando por cima das árvores, escapando para sua casa ou a qualquer lugar que fosse de completa segurança.

Algumas das guerreiras foram o suficientemente afortunadas para serem avisadas pelo vôo dos nigromantes e levitaram em retirada com elas. Aquelas que não tiveram tanta sorte se

retiraram correndo desordenadamente para a linha de árvores, levou-lhes só um minuto antes que fossem nada mais que um cômico e distante som de choque contra os arbustos.

As mulheres Demônio não foram tão facilmente afetadas. A mais jovem era uma Demônio de Terra. As criaturas da natureza eram suas para empatizar e controlar. Embora fosse somente uma novata, fraca em comparação com os grandes Anciões de sua classe, encantar os animais era uma habilidade rudimentar. Ela estendeu sua mente, tratando de tocar os pensamentos do predador que se aproximava. Entretanto, sua pálida fronte se enrugou pela confusão, quando o puma se mostrou inusualmente bloqueado a seus persuasivos pensamentos. A grande gata dourada abriu caminho pela linha de árvores, espreitando através dos profundos pastos em um círculo de caça, a rotação de suas omoplatas enquanto caminhava hipnotizava e atemorizava de uma vez, seus dourados olhos fixos nas duas mulheres que ainda permaneciam no claro.

A gata podia farejar as grandes quantidades de sangue derramado na terra. O aroma chamava profundamente os instintos básicos do animal. Isto atraiu à gata montês com um atrativo quase singular. Pelo geral ela teria evitado aproximar-se de outros predadores, mas esse aroma de sangue era muito poderoso para resistir. Espreitou perto e mais perto, fazendo com que a jovem Demônio loira rompesse em suor enquanto tratava de tocar a mente do animal tão ensimesmado nas delícias do aroma do sangue.

—Mamãe, não posso chegar a ela. Não está me escutando.

—Não importa. Já terminamos aqui.

Ruth afirmou o agarre em sua filha, e com um estalo de ar deslocado, as duas mulheres Demônio se tele transportaram com segurança.

A grande gata dourada levantou a cabeça, detendo-se a meio caminho, provando o ar enquanto o fedor das mulheres invasoras se desvanecia. O sangrento corpo jazendo no centro do claro era o único aroma remanescente de força alguma, a gata começou a avançar para a desafortunada vítima.

Estava tão perto da inconsciente criatura, que podia tocá-lo com o focinho. E o fez, provando seu aroma. Sob o sangue havia um inconfundível almíscar de macho. Era algo rico e embriagador que tirou um especulativo ronrono da formosa gata. Baixou a cabeça até a maior das feridas, com a língua lambeu levemente o doce sabor de seu sangue. Seu ronrono se aprofundou, e a leoa abriu suas poderosas mandíbulas, as fechando sobre a garganta do macho. Tudo o que tomaria era um simples estalo e ela terminaria com ele.

De repente a gata se retirou, sacudindo a dourada cabeça como se estivesse saindo de um feitiço. Sacudiu-se de novo, como um cão tratando de tirar a água. Enquanto tremia, a pele começou a cortar-se, esfolando-se em largas tiras, até que, com um estremecimento final, a

besta se converteu em uma mulher, vestida só com um colar de ouro e pedra lunar, e centímetros e centímetros de comprido cabelo dourado.

Siena, marcada com o opulento colar que a proclamava como Rainha dos Licântropos, livrou uma profunda e calmante respiração, tratando de sossegar a urgente ânsia de saborear sangue do macho tinha inspirado nela. Conhecia este Demônio, sabia seu nome e sua importância para o Rei Demônio. Mas também sabia que não havia nada no mundo como o sangue Demônio. Era rico e cheio do poder que eles possuíam. Entretanto, embora às vezes fosse mais besta que mulher, não necessitava do sangue para sobreviver como os Vampiros. Era a mais poderosa de todo seu povo, e este era um desejo ao que devia sobrepor-se.

Se só não houvesse tanto disso invadindo seus sentidos.

Mas precisava pensar mais claramente, precisava atuar. Enquanto se ajoelhava na espessa erva tratando de dominar sua desprezível natureza, o Demônio, conhecido por ela como Elijah, jazia moribundo, quase morto, de fato. Era uma visão alarmante. Tinha lutado junto ao guerreiro fazia apenas seis meses. Conhecia sua destreza, poder e inegável força. Como tinha chegado a isto?

Siena estendeu tentativamente uma mão, seus dedos deslizaram ao longo dos loiros cachos não muitos diferentes aos seus, embora os dele fossem de um loiro platinado e não do colorido prata e ouro dela e até os ombros, enquanto que os dela cobriam todo seu torso. Foi seu próprio cabelo quão seguinte ela alcançou, introduzindo uma mecha comprida entre os dentes, os caninos rasgaram uma grossa tira de seda dourada. O cacho se enroscou ao redor de seu pulso e antebraço, como se não estivesse disposto a deixar o corpo onde estava aderido. Ela atirou a cabeça para trás, ignorando as gotinhas de sangue que caíram das pontas dos fios rasgados que ainda permaneciam unidos ao couro cabeludo. Inclinou-se sobre o Demônio, abrindo o que uma vez foi uma fina camisa de seda, lambendo seus lábios cheios enquanto tomava a tira de dourados cabelos e os deixava frisar-se como um tapete trançado, em todo o contorno, até que a ferida esteve coberta em sua totalidade.

O sangue foi imediatamente absorvido pelos filamentos dourados, mesclando-se com as gotinhas que ainda pendiam dos extremos cortados. A ferida instantaneamente começou a coagular-se, o cabelo se converteu em uma vendagem vermelha e dourada que não se moveu do profundo buraco, tampando-o com bastante eficácia.

Ela não podia fazer nada com a perda de sangue no momento e não podia deixá-lo onde estava para evitar que seus atacantes decidissem retornar e terminar com ele. Sua respiração era mínima, tão débil, que se não tivesse sido por seu agudo ouvido, não teria sido capaz de escutá-la. Felizmente, conhecia bem esses bosques e poderia encontrar algum excelente refúgio. Logo veria o que poderia fazer para auxiliá-lo.

O que o Demônio estava fazendo em território Licântropo seria algo para descobrir mais adiante. Agora mesmo, tinha que levá-lo longe do próximo amanhecer. Embora a luz do sol não queimasse a nenhuma de suas espécies com a agonizante dor e promessa de morte como o fazia com os Vampiros, não era tampouco nenhum amigo da raça dos Nighthwalkers.

Para os Demônios, o efeito era como para o gato noturno, fazendo-os sentir pesados, preguiçosos e letárgicos. Muitos Demônios, em realidade, amavam a invasora calidez do sol, encontrando na luz do dia o melhor momento para sucumbir à comodidade e dormir. Infelizmente, este efeito era freqüentemente involuntário, fazendo-os desejar mais que nada, o sonho, até o ponto de uma distinta vulnerabilidade. Neste caso, qualquer outra debilidade causada pela luz poderia reduzir completamente o sistema anatômico do guerreiro, terminando a tarefa que seus agressores tinham começado.

Para o Licântropo, era um pouco mais daninho. Um cambiante ficava doente com a brilhante luz do dia, uma versão literal de envenenamento pelo sol. Dado que eram uma espécie intrinsecamente guiada pelas fases da lua, parecia ter sentido que o sol fosse antinatural para eles. Sendo parte gata em si mesma, Siena estava duplamente inclinada a permanecer ativa na escuridão da noite quando era mais poderosa, e encontrar descanso e refúgio fora do alcance da luz do dia quando era suscetível a seus efeitos. Realmente desfrutava de uma resistência mais alta do habitual se ficasse à sombra, mas isto não era algo que desfrutasse fazendo.

Siena precisava decidir a melhor e mais curta rota para chegar até onde fosse capaz de cuidar dele, e a melhor maneira de levar ambos a esse lugar escondido. Seu povo estava muito longe para viajar, e não percebia ninguém, além dela, na área. Seria uma boa opção encontrar ajuda. Um lugar onde achar um pouco de assistência para cuidá-lo, mas não era uma opção lógica dada a urgência da situação. A alternativa ideal era levá-lo para sua própria gente, bom, essa era inclusive uma possibilidade mais descabelada, tendo em conta que eles estavam ainda mais longe do que seu povo estava. Além disso, o mais renomado curandeiro Demônio de todo o mundo se encontrava em sua corte nesse momento.

O guerreiro não era um homem magro. Estava bem constituído em cada detalhe que um guerreiro precisava estar formado para manter sua força e destreza. O Capitão de tais guerreiros... bom, ele tinha uma mais que impressionante estatura, para dizer o menos. Embora Siena fosse alta e forte, seus bíceps poderiam ser maiores que uma de suas musculosas coxas.

À distância a preocupava principalmente porque o guerreiro necessitava assistência médica e duvidava de ser capaz de lhe dar os cuidados necessários. Ele era uma espécie inteiramente diferente e provavelmente não tão receptivo às maneiras de cura dos Licântropos. Poderia ser o equivalente de dar a um humano a atenção de um veterinário. Este

estaria à altura de sua experiência, mas inclusive sua melhor atenção poderia fazer mais dano que bem.

Seu povo tinha estado em guerra com a raça do guerreiro por muito mais tempo do que tinham estado em paz. Seu conhecimento da anatomia Demônio era bastante limitada, e inclusive tal informação se restringia a qual órgão vital causaria uma morte mais rápida. Com uma paz de só quatorze anos entre as raças, quem teria pensado em intercambiar conhecimento médico? Assim como era, recentemente só tinham intercambiado embaixadores.

A Rainha se endireitou, sua figura se alargava com orgulho e estatura de Amazona. Nua, como nesse momento, ou completamente vestida, não havia duvida quanto a seu sexo. Era de pele dourada e figura exuberantemente curvada a pesar do corte de seu muscular e atlético corpo. Era uma guerreira e guerreira por direito próprio, uma orgulhosa e pura Diana, e o irradiava por cada centímetro dela. Entretanto, a contradição era uma cabeça cheia de espessos e dourados cachos que caíam até a metade de suas coxas e as audazes curva de seu sexo, e que a faziam aparecer não menos feminina que Afrodite. Sua enigmática forma de sorrir e a paquera natural de seu passo só se acrescentavam à imagem.

A deusa Licântropo parecia tomar uma decisiva eleição sobre o seguinte curso de ação, enquanto seu agudo olhar de ouro percorreu todos os lugares pela última vez. Pouco depois, sacudiu a cabeça outra vez, provocando que os largos fios de seu cabelo voltassem para a vida. Começaram a deslizar-se sedosamente sobre sua pele, envolvendo-a quase amorosamente em sua suave longitude. O disperso casaco de seu cabelo se converteu em pele de novo, só que esta vez sua forma era metade felina, metade humana.

Esta era a forma da Mulher Gato, a terceira e última forma de Siena. Alta e belamente constituída como a mulher que era, mas com a pele e as garras, as orelhas e rosto, os bigodes e a cauda de um gato montês. Metade mulher, metade gata, com o melhor de ambos os mundos ao seu dispor. E isso incluía a força que se requeria para levantar o guerreiro em seus braços.

O guerreiro notou para si mesma enquanto começava a carregar seu peso morto, era forte e musculoso, com um peso significativo para o mais de metro oitenta de altura que tinha, ainda se ele não tivesse estado completamente inconsciente. Tinha uns ombros notavelmente amplos, quase muito largos para que ela pudesse abrangê-lo em seus braços. Não havia uma onça de graxa que desfigurasse sua moldada cintura e coxas. Tudo era uma pesada grossura de um físico finamente perfilado, músculo da cabeça aos pés, nenhuma parte a perder, nada de sua estrutura se assemelhava à suavidade.

Apesar de sua impressionante massa, levantou-o em seus braços quase com facilidade, aproximando-o dela enquanto avançava a grandes passos através do campo. Sua visão estava feita para a escuridão,

Tudo iluminado em afiado contraste de sombras em branco e negro. Era brilhante como o dia para ela enquanto levava sua carga para as árvores.

Eles poderiam ter apresentado uma visão bastante clara para que os vissem, mas um farejo rápido do ar assegurou à Rainha que todos os inimigos se retiraram a lugares desconhecidos e todas as demais criaturas viventes tinham seguido seu exemplo. Elas nem sequer saberiam que o grito da leoa da montanha saiu com uma compulsão de temor tão enérgica, que forçaria a qualquer dentro de seu perímetro a correr com terror, inclusive a algum dos mais poderosos Nightwalkers.

Enquanto a Mulher Gato se movia através do bosque, escolhendo o caminho da direção tomada e deixando o menor rastro possível, recordou que houve mais que humanos na partida que emboscou o guerreiro. Ela estava a par das renegadas mulheres Demônio, mãe e filha, que tinham optado por aliar-se com os inimigos de sua raça em um desproporcionado sentido de vingança, tudo por um trágico engano que ninguém pôde ter prevenido, nem sequer os poderosos Demônios.

Tinha ocorrido fazia perto do meio ano, a véspera do último Beltane, que as usualmente animadas festividades dos Demônios se viram escurecidas pelas seqüelas da guerra que estas mulheres traidoras tinham começado. Siena tinha sido parte da força Demônio, o dia que tinham sido forçados a uma maciça batalha para proteger aos seu de um massacre dirigido pela deformada vontade daquelas mulheres. Essa foi à batalha onde tinha observado as capacidades do Capitão Guerreiro. Ele a tinha impressionado. Tanto assim, que encontrá-lo nesta situação era de algum jeito, desconcertante.

Além de sua destreza na luta, tinha notado que o Demônio tinha estado particularmente afetado pelo fato de que a mulher Druida, que tinha sido o objetivo, tinha estado grávida nesse momento. O menino que ela levava era um foco de vingança, tanto como ela e seu companheiro Demonio, e o guerreiro se encolerizaram a um nível muito pessoal, a pesar de que o menino não fosse dele ou que tivesse um próprio.

Os machos Licântropos não sentiam usualmente essa classe de empatia com os meninos, não até que eram pais, e inclusive então não era comum nos machos dedicar-se a isso, deixando a criação dos meninos às fêmeas. Um instinto que era freqüentemente determinado pelos comportamentos naturais do animal no qual o macho se transformava. Em qualquer caso, os cambiantes eram uma sociedade dominantemente feminina. A fêmeas superavam em número aos machos em quase oito a um. Elas sempre tinham sido o sexo dominante, e a

guerra tinha propiciado este fato. A ambição machista pela batalha tinha diminuído seu número ainda mais.

Havia uma moral poderosamente matriarcal em uma sociedade de tais proporções, e estavam bastante orgulhosos disso. Em conjunto, rara vez tinham outra motivação de ir à batalha que não fosse pela alimentação ou defesa própria. Mas ainda na insensatez da guerra, a idéia de machucar um inocente e indefeso menino era abominável para sua gente. O comportamento vingativo das mulheres renegadas da raça do guerreiro Demônio, era uma perversa atuação de uma mãe ressentida quando sua origem foi ameaçada.

Siena se deteve abruptamente, suas orelhas se retorceram enquanto cheirava, percebendo a essência de perigo. Sentiu aos animais arrastando-se por debaixo dos restos de vegetação no chão do bosque, mas a parte disso, não havia nada fora do comum. O silêncio era compreensível, tendo em conta que estava cruzando o território nessa forma, mas o selvagem rastro de sangue que o Demônio estava deixando atrás poderia atrair a outro predador.

Estavam a pouco mais de um quilômetro e meio do lugar onde tinha sido a batalha e perto havia uma corrente. Teria tempo de lavar e envolver o resto das feridas e assim cobrir o rastro mais eficazmente, como seu instinto lhe dizia, a fim de evitar ser rastreados. Mas o sol já abria caminho através das árvores, e uma vez que os raios a tocassem ficaria muito doente e muito fraca para encontrar um refúgio. Embora um dia jazendo sob o bosque sombreado não a mataria, tomaria tempo recuperar-se da enfermidade resultante. Isso, sem dúvida, significaria a morte do homem que necessitava que ela estivesse em boa forma a fim de salvar sua vida.

Siena decidiu correr o risco de serem rastreados. Haveria água ali onde se dirigiam e estava ficando sem tempo. Movendo-se com notável rapidez para alguém com tanta carga, continuou pensando nas mulheres Demônio que tinham perpetrado o crime contra seu antigo camarada. Ela sabia sobre Ruth e sua insalubre relação com sua filha. Siena tinha formado parte daqueles que inicialmente tinham descoberto a traição.

Não havia animal na terra que estancasse o crescimento de seu filho negando a liberdade de deixar a toca ou o ninho para que aprendesse a valer-se por si mesmo. Em algum lugar da evolução, produziu-se uma mutação na sociedade dos humanóides bípedes, que tinham permitido que isto fosse possível e inclusive, uma norma. Embora a evolução fosse um processo natural, Siena sempre tinha considerado uma mutação antinatural. Mas, quem poderia estar completamente seguro? Os humanóides eram capazes de grande quantidade de aberrantes comportamentos que entravam em conflito com a ordem natural de viver em harmonia com o próprio entorno.

Para ser honesta, isso incluía a sua própria espécie também.

Embora os Licântropos fossem freqüentemente considerados por eles mesmos e por outros mais animais que humanos, eles se prendiam a uma sociedade com enguiços, leis e livre vontade. Estes elementos, ao mesmo tempo audazes e produtivos de muitas maneiras, podiam ser, assim mesmo, uma volátil combinação.

Por exemplo, a guerra racial entre os cambiantes dela e os elementales² dele. Isto tinha ocorrido fazia vinte anos, e a idéia de ajudar a um Demônio, e em particular a este Demônio, não só teria sido inconcebível, mas também traiçoeiro. Para falar a verdade, havia alguns que ainda se sentiam assim, apesar de que sua Rainha claramente não o fazia.

A guerra prévia entre os Demônios e a raça cambiante tinha sido um ato de seu pai. Uma agressiva demonstração de masculinidade que tinha começado como um pequeno assunto de princípios e rapidamente escalou dali a um quase ódio genocida para os Demônios.

Um sentimento que, ao longo de décadas, os Demônios começaram a corresponder plenamente. Infelizmente, os Licântropos tinham vivido tanto como os Demônios, pelo que a guerra de seu pai tinha assolado a seu povo durante séculos, dando nascimento a gerações que não entendiam que em realidade houve um tempo em que os cambiantes não tinham desprezado aos Demônios.

Isto começou a mudar no momento em que ela subiu ao trono.

Siena rescindiu publicamente a declaração de guerra contra os Demônios no instante em que o colar de seu ofício tinha sido colocado ao redor de seu pescoço. Isto não tinha sido uma decisão popular a princípio, velhos e hostis sentimentos foram sustentados no coração por tanto tempo que supunha uma difícil barreira de superar. Muito bem poderia ter causado uma rebelião maciça.

Possivelmente aqui era onde ser líder feminina de uma sociedade matriarcal tinha suas vantagens. Sua voz tinha o poder de apelar a um grande número de fêmeas que certamente nunca quiseram ser parte de viver e morrer em batalhas sem sentido. Sua Rainha só tinha tido que lhes recordar isto lentamente, sem dúvida, dia a dia. E enquanto o tempo de paz chegava, o povo de Siena começou a recordar o que era viver a vida para algo mais que preparar-se para a seguinte batalha.

Siena não podia, em consciência, fazer nada menos. Inclusive, a pesar que ela mesma tivesse criado uma desconfiança contra os Demônios, lecionada pelos prejuízos de seu pai e tutores que ele tinha escolhido para ela, ensinando-a a odiá-los pelas “perversas criaturas e fora da lei” que eram. O destino tinha intervindo para lhe ensinar uma lição que dramaticamente tinha mudado sua perspectiva dos Demônios. Seu moral e feminino sentido

² Se refere a que o povo do Elijah classifica a sua gente segundo os elementos: Fogo, Ar, Terra, adicionando a estes Mente e Corpo. (N. d T.)

do bom e o mau não permitiram nada menos que um armistício completo uma vez que tinha tido o poder de demandá-lo.

Não podia culpar verdadeiramente à masculinidade de seu pai por todos seus problemas e pobre comportamento como espécie, mas sua agressiva natureza não lhes tinha feito justiça e agora tocava a ela dirigir os resultados. Quatorze anos de trégua era uma miséria comparado com quase trezentos anos de brigas.

A paz era uma árdua tarefa que só podia realizar-se em sistemáticos e curtos passos. Qualquer ação feita sem a apropriada sabedoria da contemplação poderia conduzir a transformar a frágil harmonia que logo começava a brotar entre eles. E francamente, com todas as raças Nightwalker constantemente sitiadas por esses imprudentes e obstinados mortais que procuravam sua extinção, não podiam permitir o luxo de esgotar seus recursos lutando entre si.

Salvar o Capitão das forças guerreiras dos Demônios não era exatamente um delicado passo a tomar. Mas ela não podia permitir que pequenas políticas ditassem se este campeão vivia ou morria. Siena não esperava nenhum benefício e confiava que não houvesse repercussões. Tudo o que queria era um lugar fresco e escuro para atender suas feridas.

Encontrou a caverna que estava procurando aproximadamente uma hora depois. Sua velocidade enormemente reduzida não só por sua carga, como também pelo sol da manhã que corria através dos nus ramos das árvores.

Quase imediatamente depois da entrada, a cova se inclinava dramaticamente para baixo, a rocha era lisa, fria e úmida sob seus pés nus. Usou muito equilíbrio, força e inclusive suas garras para evitar deslizar pela escorregadia superfície e aterrissar no gelado lago subterrâneo de água mineral que nascia ao fundo. Rapidamente percorreu a magra cornija que limitava a água. No minuto em que deixou um úmido rastro em uma superfície seca, aliviou-se de sua carga posando-a com cuidado na pedra limpa.

Sentou-se junto a ele, mais que um pouco sem fôlego, recolhendo seus joelhos para poder descansar seus braços nelas. Precisava ajudá-lo, a urgência disto a sacudia, mas também precisava dar um minuto para sacudir a cegante dor de cabeça que a luz do sol tinha provocado. Tinha náuseas por isso, seus olhos e sua pele picavam pela foto sensibilidade solar. Era afortunada. Ela podia suportar melhor que a maioria porque sua força e poder não tinham precedentes entre seu povo. Por onde se visse ela deveria ter caído violentamente doente nesse ponto. Agora, se aventurasse fora muito cedo depois disto, seria ainda mais suscetível.

A Mulher Gato percorreu em suas quatro patas o contorno do lago, cheirando cautelosamente procurando formas de vida antes de usar sua palmas e dedos acolchoados para salpicar água sobre sua pele. Felina ou não, Siena adorava estar limpa e perfeitamente escovada, e isso queria dizer água e em muita quantidade. Concedeu muito tempo a lamber

uma mancha de sangue Demônio de sua pele, mas deixou o resto de seu tratamento para mais tarde. Ficou em pé, em toda sua estatura, saltando sobre o Demônio e dirigindo-se às profundidades da caverna.

O suave click de suas garras sobre a pedra anunciou sua volta. Jogou um saco no chão e a seguir encheu uma garrafa com água do lago antes de girar e ajoelhar-se a seu lado e atendê-lo.

Rasgou sua camisa, o que ficava dela, inclusive se viu forçada a tirar pequenos retalhos de sua pele queimada. A ferida mais grave, uma sobre seu coração, foi atendida e sanada. Agentes coagulantes e cicatrizantes se encontravam de maneira natural no cabelo dos Licântropos. Derramar sangue a partir do corte das extremidades quentes e vivos mechas tinha agido como um desinfetante e bálsamo curador. Entretanto, não podia usar seu cabelo para todas as feridas. Seria muito dano para ela. Siena se fixou na cicatriz em carne viva que tinha em seu couro cabeludo como resultado do uso que tinha feito.

Em vez disso, esteve satisfeita limpando os cortes e queimaduras com água e cobrir as feridas com vendagens de um estojo de primeiro socorros que extraiu do saco. Os Demônios sanavam muito rápido e a maior parte de suas feridas estariam sanadas antes da tarde. Mas a ferida do peito tomaria mais tempo, assim como outras que perfuravam seu ombro, quadril e a coxa, em seu lado direito.

Ele tinha sido atravessado com lanças de ferro nessas três feridas, não cabia dúvida eram mísseis de molas de suspensão ou alguma outra arma de tipo propulsor. Alguém tinha atravessado claramente o músculo de sua coxa, mas havia barras metálicas sobressaindo das outras duas feridas. O ferro queimava os Demônios somente com seu toque, freqüentemente fazendo cicatrizes e desfigurando-os com rapidez. Estas armas invasoras deviam ser insuportáveis para ele, embora inconsciente e em coma como estava, era de esperar que não sentisse dor.

Siena livrou uma parte pequena do que ficava da camisa do guerreiro e a usou para ter um melhor agarre sobre o extremo do dardo que sobressaía de seu ombro. Extraíu-o forte e rápido, sentindo a rasgadura da carne quando a ponta causou mais destruição em sua saída. A ferida estava assombrosamente negra, a queimadura do ferro a tinha cauterizado o suficiente, mas tinha começado um novo sangramento com a extração e agora pressionava pedaços da camisa feito uma bola nela, atando-a fortemente ao redor para exercer uma melhor pressão.

Banhou seu torso por inteiro, inspecionando cada ferida e as tratando com ervas e ataduras que trazia no saco. Estava impressionada com sua condição física. Isto era uma verdade natural para muitas das raças Nightwalker. Nascidos com um alto metabolismo e o sentido inato de regular a ingestão de calorias com a atividade, era muito pouco freqüente que os integrantes de suas várias espécies tivessem sobrepeso.

Mas este, pensava para si mesma enquanto percorria uma garra dourada sobre o corte definido de seu peitoral direito, este era o corpo de um ser que trinava e se aperfeiçoou como uma arma manual. Ele era musculoso, sim, mas tinha tido a sabedoria suficiente para não sobrecarregar sua estrutura de uma forma que poderia diminuir sua flexibilidade e eficientes movimentos corporais. Ela tinha visto este macho mover-se em batalha, tão rápido e tão letal, e recordava haver ficado igualmente sem fôlego pela fascinação.

Siena se deu conta do que estava pensando e imediatamente desprezou o improdutivo toque e as sensações que o acompanhavam. Voltou sua atenção a sua urgente necessidade de cura. Com delicadeza revisou a lança que transpassava seu quadril e achou difícil de estabelecer sua colocação pelo tecido de brim que vestia. Estranhamente, o brim a divertiu.

Este guerreiro era um peculiar. A maioria de sua gente levava roupas que refletiam as eras pelas que tinham passado em vez da era em que estavam. Era estranho ver uma moda tão moderna agraciando um de seus corpos. Por outra parte, o brim levava rondando já perto de um século, pelo que a etiqueta de desenhista tinha sido eliminada, poderia ter sido facilmente desculpada por ser como muito um anacronismo de qualquer outra roupagem Demônio.

Siena se aproximou para desabotoar a frente das calças, atirando um pouco do afrouxado brim em um intento de inspecionar de melhor maneira o dano. Por último, simplesmente cedeu ante o inevitável e rasgou através do tecido com suas afiadas garras, despindo-o completamente. Livre para trabalhar agora, extraiu o outro míssil e lavou todas as lesões em suas densamente musculosas pernas. Lavou o sangue dos pêlos que se frisavam sobre elas como um ligeiro pó dourado, usando medicamentos sobre a carne profundamente queimada de seu quadril devido ao ferro venenoso.

Estas eram as feridas que não sanariam rapidamente. Ela suspeitava que a ferida de seu coração também tivesse sido com uma arma de ferro. Alguma espécie de arcaica maça ou estrela da manhã³, possivelmente. O que fosse que tivesse sido, tinha esmagado e esmigalhado a área, deixando queimaduras reveladoras, mas nada o suficientemente negro para indicar um míssil que estivesse ainda encravado e ardendo agora que a ferida estava fechada.

Uma vez que o teve lavado completamente com a calmante água mineral, ungiu e envolveu cada ferida que pôde encontrar e o avaliou por aquelas que não podia ver, tirou tempo para lavar o sangue de seus próprios cabelos. Sentiu-se mais relaxada quando o fez. O aroma que tinha sido tão atrativamente abominável foi felizmente lavado dentro do lago

³ 4 Luzeiro do alvorado, que é a tradução direta do Morningstar (Inglês) e do Morgenstern (Alemão) é uma maça de armas cujo característica principal é que sua cabeça armada se compõe de uma esfera ferrada ou prumo de onde partem pregos ou puas. Por isso sua similaridade com o símbolo de um luzeiro. (N. do T.)

enquanto a água rodava pela pedra e retornava por onde tinha vindo. Poderia ser uma besta, mas ela era uma que lutava por sua civilização com uma singular consciência. Se não tivesse ganhado essa distinção, este debilitado e ferido membro de outra manada teria recebido outra coisa diferente de sua ajuda.

Quando seu cabelo esteve limpo, delineado com uma centena de distintos tons de ouro, branco e bronze, agora que estava molhado, rapidamente escovou e lambeu sua própria pele. Uma vez que terminou suas abluções, levantou-o de novo em seus cansados braços e o carregou dentro da estrutura da cova.

Poderia ter surpreso ao Demônio, ter encontrado móveis nesse lugar, mas a Rainha Licántropo o esperava totalmente. Esta caverna era uma versão Licántropo de uma cabana de verão. Em realidade, um retiro de inverno seria o termo correto. Os Licántropos não estavam por cima da hibernação, pelo que essas covas distantes no profundo das montanhas e a terra eram freqüentemente subministradas para tais coisas. Os móveis eram um enigma, possivelmente, mas um dos efeitos da civilização era a imperturbável conscientização de viver com muita comodidade. Inclusive se essa significativa comodidade se encontrava assentada incongruente em uma cova.

Esta caverna pertencia a uma das Conselheiras da Rainha, uma mulher de impecáveis gostos e os meios para satisfazê-los. Siena havia se sentido decepcionada ao entrar no salão e dar-se conta que Jinaeri não tinha começado a preparar-se para o próximo inverno, e não havia indícios de que tivesse estado ou fosse estar com o fim de fazê-lo. Quando a Rainha manteve a última reunião na corte, Jinaeri tinha estado presente e tinha mencionado que logo começaria esses preparativos. Siena tinha tido a esperança de deixar o guerreiro a seus cuidados enquanto ela ia por ajuda.

Agora teria que ficar e atendê-lo o melhor que pudesse. Simplesmente não podia abandonar a um Demônio em um alojamento Licántropo sem nenhum amparo nem ajuda. Não tinha idéia de quanto tempo tomaria às feridas causadas pelo ferro sanar em um Demônio. Também sabia que pela grande perda de sangue a cura se veria obstaculizada, inclusive se ele chegasse a sobreviver. Logo que estava fora de perigo e isso porque havia coberto suas feridas.

Uma série de degraus esculpidos dentro da caverna conduziam para baixo, muito mais seguro que a costa original à entrada da mesma cova. Além disso, nesse nível tudo estava mais seco e fresco. Ela se deteve no salão, uma sala com suaves poltronas e prateleiras de livros. Havia uma chaminé, a qual, provavelmente, saía pela ladeira da montanha a bastante distância deles. Siena passou as estantes de livros cobertas com tecido para protegê-los, e se dirigiu a uma segunda sala. Esta era o dormitório. Sobre a longínqua parede havia um escuro e naturalmente formado quarto com um enorme jogo de cama feito a mão em seu interior.

Siena se transladou para lá e depositou com muita suavidade sua carga sobre o colchão, que parecia feito à mão também, e muito provavelmente, do mais suave recheio que a proprietária pôde encontrar. O gigantesco macho se afundou profundamente na suave comodidade e ela imediatamente o cobriu com um edredom da cama para evitar o constante frio destas cavernas subterrâneas enquanto ele se curava. A chaminé da sala era uma continuação da que havia no salão, de tal maneira que se poderia ver o quarto do lado, se não fosse cegado pelo resplendor.

Ela considerou acender uma para esquentar o lugar, mas com inimigos que eram perfeitamente capazes de funcionar sob a luz do sol e com vontade de matar a este Demônio, um rastro de fumaça não valeria o risco. Enquanto ele estivesse doente, ela estaria sozinha. Poderoso ou não, tudo o que Siena teve que fazer foi olhar o guerreiro desmaiado para saber que ela não teria melhores possibilidades que ele ante essas diabólicas mulheres.

Exausta, Siena se transladou de novo ao salão onde imediatamente se enroscou nas almofadas felpudas do sofá. Nem sequer se incomodou em seus usuais rituais, que freqüentemente incluíam amassar o leito para acrescentar mais suavidade e mover-se um pouco até encontrar o ponto exato. Simplesmente desabou, enroscou-se em uma cômoda bola e caiu dormida sem demora.

Enquanto entrava em um profundo sonho, a dourada pele de seu corpo se esfolou, pendurando ao descuido sobre seus braços, quadris e as almofadas do sofá, deixando ao descoberto uma suave e humana pele. As garras se converteram em pequenas e cuidadas unhas, os bigodes desapareceram. As almofadinhas de suas mãos e pés se voltaram nada mais grossas que os calos habituais, e suas orelhas eram só um pouco menores depois de trocar para a forma e posição normal da orelhas de qualquer mulher.

CAPÍTULO 2

Siena despertou algumas horas mais tarde sentindo-se muito melhor. Por um lado, podia perceber o ionizado aroma da chuva. Estava chovendo de maneira considerável do outro lado da entrada da cova. A pressão era inconfundível, ainda quando não pudesse escutá-la com seu agudo ouvido. Este banho da Terra poderia ocultar o que ficava de seu rastro para a cova. Suspeitava que em sua habitual arrogância exagerada, os humanos usuários de magia provavelmente não acreditavam que tinham falhado em matar o Demônio, e como resultado, não precisavam fazer uma dupla comprovação. Entretanto, com as mulheres Demônios a seu redor, nesta situação não podia dar por seguro esses típicos comportamentos.

Siena sentou no sofá, estirando uma longa extremidade, depois a outra, suaves e satisfeitas vocalizações acompanharam o movimento. Jinaeri certamente sabia uma ou duas coisas sobre o conforto, pensou, enquanto ficava em pé sacudindo para trás seu cabelo que imediatamente se acomodou em seu lugar. A rainha se dirigiu até um antigo baú posto contra a parede e o abriu. Dentro descobriu vestidos e camisetas pulcramente dobrados.

A brevidade das peças de vestuário, em sua maioria curtas e ajustadas, eram comuns entre as mulheres de sua cultura. Aquelas que desfrutavam da habilidade de transformar-se em um animal também as usavam, já que esses objetos cairiam facilmente a um lado do caminho e não impediriam os movimentos no instante da mudança.

A rainha extraiu um suave e solto mini vestido do baú, e o pôs com uma rápida queda do tecido sobre sua cabeça. O pequeno objeto se deslizou instantaneamente em seu lugar, sustentando-se nela por umas magras tiras nos ombros e pelo fato de que tinha mais busto que Jinaeri. Observou inclusive como o decote deixava muito que ver. A prega da vaporosa saia revooou sobre suas coxas, um suave sussurro de sensações fez que esfregasse com prazer os dedos sobre o montão de tecido. Siena jogou uma olhada ao espelho perto do baú e sorriu enquanto admirava o veludo azul e a forma como brilhava quando flutuava à deriva com um sotaque de emoção. Talvez devesse executar os privilégios da realeza e pedir emprestada permanentemente a deliciosa criação.

Logo, Siena alinhou a fria pedra da chaminé, onde arrumou a madeira e acendeu um confortável fogo, sem preocupar-se de que a fumaça fosse rastreada na chuva ou a escuridão. A tarde, definitivamente, já estava sobre eles. Siena sentiu culpa por não haver lembrado de comprovar o estado do paciente em todo esse tempo, mas não tinha sentido repreender-se. Não havia muito que fazer por ele, em qualquer caso.

Verificou seu estado imediatamente depois que o fogo criou corpo, cruzando para a outra habitação e deixando que só a luz do fogo iluminasse seu caminho. Descansou cautelosamente um joelho no colchão, sentando-se sobre esse talão, metade dentro metade fora da cama. Devagar, começou a revisar as feridas. Como supunha, a maioria estavam sanando bem, algumas mostravam já um ponto rosa de nova pele. Retirou as vendagens desses lugares. As ferida do ferro não o estavam fazendo tão bem, como já esperava. A pior parte sobre o ferro, a diferença da prata usada contra sua gente, era que tendia a oxidar-se e deixar escamas com facilidade. Estas escamas de metal podiam continuar o insidioso envenenamento que a ferida tratava de curar. A única maneira de curá-la completamente seria com um médico Demônio de grandes habilidades que utilizasse seus poderes sobre o corpo para fazê-lo.

Conhecia a pessoa que necessitava.

De fato, sua esposa era a embaixatriz que o Rei Demônio tinha designado para sua corte, a irmã do próprio Rei, Magdelegna. Legna era uma brilhante e formosa mulher, uma Demônio Mental de substancial poder, cuja valentia Siena admirava muito. Tomava à mulher muita coragem manter a diplomacia no que freqüentemente era uma hostil corte de antigos inimigos, assim como expor a si mesma a tal situação enquanto esperava seu primeiro filho.

Entretanto, o marido de Legna, o grande Demônio Corpóreo e médico chamado Gideon, era o mais Antigo de todos os Demônios, assim como o mais poderoso. Era o único que podia atender estas malévolas feridas, extraíndo o ferro com mágica facilidade.

Embora suas habilidades médicas estivessem desperdiçadas na corte Licântropo, pois os cambiantes se mostraram principalmente inafetados pelos poderes dos Demônios Mental e Corpóreo, Gideon tinha sido uma boa adição a ela.

Tinha sido o primeiro Demônio que conheceu um prisioneiro que seu pai conservou para o entretenimento do Rei e fanfarronar disso muitos, muitos anos antes. Entretanto, isto estalou no monarca, porque foram os ensinamentos de Gideon os que tinham iluminado a jovem princesa a respeito da natureza e bondade dos Demônios.

Agora estava de volta na corte e assistia silenciosamente sua companheira a fazer a mesma coisa, mas em grande escala. Também servia como protetor de sua esposa na tarefa às vezes hostil de persuadir um povo preconceituoso. Nenhuma criatura com certo grau de sentido se atreveria a machucar a companheira de um ser tão poderosa como Gideon, mas em cada raça sempre há alguém com falta de sentido comum. As feridas do guerreiro atestavam isso claramente.

Era inútil pensar no médico. Estava muito longe e Siena não deixaria o guerreiro vulnerável e sozinho. Teria que esperar até que ficasse mais forte. Ela, entretanto, teria que caçar para comer se não houvesse nada disso na cova. E não parecia provável. Sendo uma que tomava a forma de um lémur, Jinaeri era vegetariana. Siena era sobre tudo, carnívora e preferia sempre a presa mais fresca que pudesse encontrar. Não era provável que encontrasse tal coisa na casa de um herbívoro, não importava que ainda não se abastecesse para o inverno. A nutrição da carne era algo que só se podia obter fresco. Não tinha sentido deixar algo da estação anterior que pudesse atrair a animais ou decadência.

Siena, gentilmente, voltou a lavar as feridas do guerreiro e as cobriu com vendagens limpas. Quão única não tocou era a da vendagem de seu cabelo. Essa se curaria sozinha e era melhor deixá-la tranqüila. Pôs os cobertores sobre a fria pele do Demônio. Isto era um bom sinal. Os Demônios suportavam temperaturas mais baixas do que os Licântropos ou os humanos faziam. Se ficasse quente, significaria que estaria lutando contra a febre e isso, agora, era a última coisa que o guerreiro necessitava. Ainda estava terrivelmente pálido, talvez,

inclusive, muito frio ao toque, mas parecia que respirava com mais soltura. Podia ouvir o estável batimento do coração, mais forte do que tinha estado.

A rainha se aproximou e apartou os agora secos cachos de seu cabelo, surpreendendo-se da suavidade com a que escorregavam por seus dedos. Levava-o comprido, algo comum para os Nightwalkers. O que seja que utilizasse para mantê-lo fora de seu rosto já não estava, e pensou que teria que buscar uma substituição quando retornasse com comida para eles. Seu cabelo era bastante espesso, mais denso que o de um Licântropo, essa era a característica de um Demônio. Mas os Licântropos não possuíam um monopólio no que se referia a cabelo são e espesso. Ainda assim, era uma sensação agradável ao tato.

Siena encontrou que sua mão vagava por sua frente, as gemas de seus dedos tocando cada grossa e dourada sobrancelha, marcando o curioso risco de seus arcos. Inclusive as pestanas eram douradas, como as suas. Estas eram de uma rica e escura cor dourada, compensando os tons mais claros de seu cabelo, tal como acontecia com ela. Tinha um bonito rosto, maravilhou-se enquanto riscava com o polegar sobre as bem definidas maçãs do rosto, um nariz fortemente masculino e um firme queixo com o débil rastro de uma fenda no centro. Era tão rude, e ainda assim, de algum jeito, aninhadamente formoso. Possivelmente, refletiu fora a plenitude de sua boca, quase feminina em sua forma, o que frustrava todo o intento de parecer duro.

Siena riu de si mesma quando percebeu o que fazia. Ficou em pé, sacudindo as mãos, como se tentasse as castigar para que se comportassem da próxima vez. Suprimiu um sorriso ante seu tolo comportamento e se dirigiu para frente da cova. Deteve-se na entrada durante um comprido instante, escutando a chuva e cheirando o bosque dormido o melhor que podia. A chuva mascarava inclusive suas formidáveis habilidades de perceber a presa ou o predador. Então, saindo do vestido com um simples movimento dos ombros, envolveu-se na pele da forma da Mulher gato e correu para o frio e úmido outono do bosque.

Elijah não se moveu mais de uma polegada durante a hora que tinha estado fora. Verificou que não tivesse febre, tratando de não gotejar em cima. Estava empapada da cabeça aos pés, seu cabelo gotejava enquanto se alinhava perto do fogo. Sentou-se em uma pequena e cômoda cadeira perto da seca calidez das chamas, usando um tecido e o calor para tratar de secar o cabelo.

Deveria ter permanecido em sua forma de Mulher Gato, a pele era mais fácil e rápida de secar, mas considerou que seria imprudente ficar assim. Elijah tinha deixado bastante claro que durante seus breves encontros que não confiaria nela ou em nenhum de sua classe além do que pudesse cuspir. Não seria judicioso ter a forma do Licântropo quando despertasse. Poderia não tomar o tempo para notar o colar ornamental de sua linha que nunca tirava. Um Demônio, ainda em estado debilitado, não era um que se pudesse enganar. Se seu povo tinha

aprendido algo através dos séculos, era que não se devia subestimar os poderes de um Demônio que se sentisse ameaçado. Trégua ou não, Elijah se sentiria obrigado a perceber o perigo de extinção com sua presença, não importava o fato que já estivesse ferido. A rainha girou mais perto do fogo, suas costas para o adormecido Demônio enquanto seguia alvoroçando seu cabelo. Tinha um dos coelhos dos que tinha capturado mais cedo girando em uma estaca sobre o fogo, o assador era operado por motor de baterias de potência. Isto soava e chiava, não apreciando a cercania de um elemento masculino cuja química corporal fazia que funcionasse a menos de um pico. A diferença dos Demônios, os Licântropos não eram adversos ao uso das máquinas e a tecnologia, pelo que essas coisas não reagiam negativamente ante eles. Dado que era uma simples locação de hibernação, não estava equipado com eletricidade ou alguma supérflua necessidade que se voltaria inútil enquanto o ocupante dormisse mais do que ela permanecia acordada, e Siena supunha que isso era uma questão muito afortunada. Havia uma fonte natural de água, abundância de madeira para o fogo e um bosque cheio de alimento além da entrada. Na verdade, não havia necessidade de mais.

Quando seu cabelo esteve quase seco, enroscado uma vez mais em um gracioso cilindro tubular, levantou-se para vestir-se e se dedicou a preparar uma caçarola de guisado e uma sopa com o que tinha ficado dos coelhos e do peru selvagem que tinha capturado. Conservou as plumas da ave, como pagamento a Jinaeri pelo uso de sua casa. Desfez ervas e raízes em ambos os potes e deixou que cozinhassem lentamente no fogo, suspensos em umas caldeiras que penduravam sobre as chamas.

Era certo que sua dieta consistia principalmente em mantimentos que estavam mais vivos que mortos, mas era humanóide também e apreciava a ampla variedade de sabores culinários. Uma de suas coisas favoritas era uma salada selvagem, todos os brotos verdes do bosque, ou no outono, nozes, raízes de tubérculo e bagos, sempre que não fossem venenosas. Todos os carnívoros eram em realidade onívoros. O que muitos não entendiam era que os carnívoros caçavam aos herbívoros, não só porque não soubessem defender-se se não porque as vísceras destes animais usualmente transbordavam das vitaminas e qualidades benéficas da vegetação. Por isso, o ventre era freqüentemente a primeira coisa pelo que ia o leão depois de atacar uma gazela ou cervo.

Entretanto, as vísceras eram algo que deixava para a gata montês, e em ocasiões para a Mulher Gato. Em sua forma humana, preferia saladas e carnes, tanto cruas como cozidas. Esta comida não era tanto para ela, em qualquer caso. Estava feita para seu paciente. As ervas usadas para condimentar os pratos não eram simplesmente deliciosas, mas também medicinais. Tudo o que foi ao guisado e à sopa serviria para o propósito de ajudá-lo a sanar e recuperar suas forças. Enquanto cozinava, Siena ocupou seu tempo limpando e estirando as

peles dos coelhos nos Marcos que estavam pendurados perto da chaminé. Nada que se caçava era um desperdício. Se um companheiro animal entregava sua vida para seu sustento, ela velaria que cada parte ficasse a bom uso. E de novo, seria um bom pagamento para Jinaeri, quem nem tinha idéia que estava jogando de anfitriã para sua Rainha e o Capitão guerreiro.

Passada uma hora, a rainha serviu a sopa quente em umas terrinas de madeira, colocou-lhe uma colher e se dirigiu ao lado de seu paciente. Uma vez mais, ajoelhou-se sobre a cama, assentando-se sobre um talão enquanto sustentava a terrina com uma mão e a outra a esfregava sobre seu braço. Não era que esperasse que despertasse imediatamente, mas ao menos o tentaria a cada quinze minutos até que o fizesse e pudesse conseguir que se nutrisse. Quando o guerreiro, de repente, irrompeu à vida, Siena foi agarrada completamente com a guarda baixa. Explodiu em movimentos, agarrando-a por ambos os braços e arrastando-a violentamente sobre seu corpo. Suas costas se estrelou contra o colchão, sua respiração cortando-se de imprevisto. Fixou-a debaixo de seu corpo com muita dor, sua maciça força era formidável ainda em seu fraco estado, seu peso era uma força esmagadora. Siena não fez nenhum som, nem sequer quando a sopa fervendo caiu sobre suas pernas. Não fez ruído algum ou movimento que pudesse confundir com provocação. A única coisa que fez foi rodear o grosso pulso da mão que apertava sua garganta com firmeza, mantendo os dedos de ambas as mãos. Não o provocaria, mas tampouco deixaria que a estrangulasse até morrer.

Os olhos verdes do guerreiro se viam selvagens pela confusão e a dor, seus movimentos prejudicaram altamente as feridas cuidadosamente enfaixadas. Siena foi imediatamente consciente do aroma do sangue fresco e seus olhos voaram à ferida do peito. Viu um fresco fluxo de sangue escorregando por sua pele, gotejando de seu abdômen ao vestido. Seu imenso corpo esmagava o seu, suas pernas e quadris cravando-a no suave colchão enquanto reforçava a metade do peso de seu torso em uma mão e apoiava o resto na mão que tentava cortar seu fornecimento de ar.

Elijah piscou, tratando de assimilar tudo o que estava vendo através de um turvo muro de dor. Era consciente que tinha apanhado a uma das mulheres, que poderia lhe quebrar o pescoço em uma pausa se quisesse, mas havia algo que não encaixava corretamente com o que estava vendo e sentindo e necessitou um precioso momento para entendê-lo. Baixou o olhar a uns selvagens e dourados olhos, percebendo uma inquietante familiaridade. Havia algo também sobre esse pedaço de joalheria sob sua mão. Este evitava que tivesse um perfeito domínio sobre seu pescoço esbelto, mas de algum modo sabia que não era o mais importante a respeito.

A seguinte coisa da que foi consciente, era que estava completamente nu e que ela não estava muito melhor em uma curta e úmida saia que estava recolhida ao redor de seus nus quadris. Isto o fez decidir que a falta de temor de sua parte o impressionaria. Não era que

tomassem vantagem de tal situação, ainda se ela tivesse sido seu pior inimigo, mas como podia saber que não lhe faria nenhum dano? Considerando o fato de que estava em uma agressiva e dominante posição, o valor que demonstrava se seria ou muito impressionante ou muito tolo.

Olhou além dela, seus olhos correndo ao redor da habitação, mais peças de um quebra-cabeça que parecia ter muitos ossos. Pôde cheirar a comida, dava-se conta de sua fome e incomum debilidade. Notou que estava enfaixado e sanando, e não atirado e morto no chão do bosque. Parecia um pensamento ridículo, mas era um ingrediente importante em sua habilidade de entender o que é que acontecia.

Sua mão se foi afrouxando enquanto observava a mulher debaixo dele. Havia cabelo por toda parte dela, enredado entre os dois. Tinha um corpo intrigante, bastante forte para uma mulher e impressionante forma. Era também cheia de suaves e abundantes curvas justo onde um macho as apreciaria mais. Podia senti-lo, mais que vê-lo, assim como sentia sua atraente calidez, a suavidade da pele que se esfregava contra suas coxas e panturrilhas e a rápida ascensão e queda de seus seios esmagados sob seu peso quando lutava por respirar.

Teve consciência de seu aroma, este aspecto também de algum jeito familiar, ainda quando estava sob camadas debaixo do aroma da comida. Era suficientemente atrativa para distraí-lo de sua dor, a reação de briga-ou-voa que ele tinha despertado com torcida e estimulante facilidade dentro da poderosa excitação de masculino interesse. Impulsionado pela adrenalina, foi muito mais profundo nas reações de seus instintos que na civilização de sua inteligência.

Os Demônios eram tão herdeiros de seus lados animais como os Licântropos, embora nunca manifestasse nas formas esse lado de sua natureza. Era este lado instintivo, que abraçavam em união de seu lado moral, o que os fazia os impressionantes caçadores e guerreiros que eram.

Quando o guerreiro fez uma larga inspiração através do nariz, Siena foi consciente que estava respirando seu aroma. Não se preocupou a princípio, porque essa teria sido sua reação se tivesse despertado em um lugar estranho. Mas algo tinha mudado a cor verde de seus olhos de um agitado jade a uma muito vívida esmeralda, e se encontrou fascinada pela transformação. Uma poderosa classe de especulação ondulou através deles justo antes que ele baixasse a cabeça até sua orelha e fizesse outra lenta respiração. Seus lábios lhe roçaram ligeiramente a mandíbula, seu suave cabelo caindo contra sua frente.

Foi então quando se deu conta da mudança em seu aroma, um forte, pungente e rico almíscar que estava sempre presente nele. Sentiu seu estômago esticar-se com instintiva antecipação, apesar de que sua mente se rebelava contra o sentimento, entendendo que estava em um alto grau de perigo e que todo esse comportamento era primitivo e injustificável. Para ela. Para ele, despertar em um mundo de confusão, não era. Ela que estava

com seus sentidos sobre controle, exortando-se severamente, enterrando suas unhas no pulso que mantinha sua cabeça fixa sobre o travesseiro.

O guerreiro lhe tocou o nariz com sua têmpora e inalou profundamente uma vez mais. Seus lábios a tocaram; ela o sentiu separá-los suficiente para deixar um ínfimo rastro de umidade, como o mais nu dos beijos, contra sua bochecha. Siena sentiu uma maré de calafrios fluindo pela frente de seu corpo em uma inexplicável e selvagem resposta. Seus seios ficaram tensos debaixo da pesado tecido de veludo de seu vestido, os picos de seus mamilos esfregavam seu peito em uma resposta inadvertida.

Elijah fez um baixo e apreciativo som em sua garganta antes de separar a cabeça da dela, seus olhos como jóias, brilhantes, mas ardendo navegaram para os seios. A vocalização sacudiu Siena, enviando uma rápida avalanche de calor e inconsciência queimando através da pele. Sentiu sua mente girar fora da lógica e a razão enquanto a primitiva resposta a essa chamada borbulhou em sua própria garganta.

Sua canção de resposta tinha um efeito dinâmico nele, e podia sentir a prova disto solidificando-se entre os corpos. Seus olhos dourados se abriram amplamente quando sentiu o peso masculino e o endurecido calor contra a parte interna de sua coxa. Igual a uma metamorfose foto instantânea, e por alguma razão, compreendendo que ela era a responsável por esta fundição de seu corpo de dentro para fora. Ela fez uma inalação rápida e cheia de emoção. De repente se sentiu aflita pela sensação, uma avalanche de resposta sexual, da que sempre tinha tratado de dizer que não tinha curiosidade. E assim tinha sido... até esse mesmo momento. Isto era cru e básico, como a fome que seguia a uma longa hibernação. Sentia as emoções revoando a seu redor, ardentes e estimulantes, gritando uma chamada que não tinha esperanças de entender. Estava mal preparada e percebia agudamente. Siena era uma criatura de instintos, mas também uma de completo controle corporal. Até esse momento, teria jurado que não havia parte de seu ser que lhe fosse totalmente estranha. Essa era a única maneira que poderia ser para qualquer ser que alterasse sua forma e natureza do que era com a simples vontade de sua mente. Ainda assim, não havia nenhum controle neste momento, e seu ser inteiro era agora um grande desconhecido. Primeiro avermelhou e depois esfriou. Estava aterrada, mas ansiosa. Gotejava um calor líquido e bloqueou em um sólido estado de inconsciência. As contradições batalharam de dentro para fora e se sentiu selvagem, deliciosamente fora de todo controle.

O guerreiro sentiu o coração da fêmea palpitando como louco abaixo dele, a sensação fez com que curvasse um lado de seus lábios enquanto descendia o olhar para ela. Estava excitada, podia cheirá-lo, senti-lo e ouvi-lo. Era consciente de como reagia a esta delicadeza entrelaçada com seu corpo. Estava totalmente excitado contra ela; sua pele quente, tão suave e lisa como um espesso cetim, embalava-o. Sentiu um tremor reverberar através dela e foi

pressionado com o impulso de esfregar-se contra seu corpo flexível. Não lhe causou a impressão de que estava ainda débil e ferido. Sua mente era pouco mais que um furor de endorfinas, incitando esse momento. Estava cego a tudo exceto às sensações e os desejos de seus pensamentos instintivos.

Elijah não era estranho às mulheres, de fato as desfrutava imensamente, mas isto era algo bastante notável. Nunca tinha reagido com tanta força, tão rapidamente, a uma mulher antes. Exceto, possivelmente, em outro tempo. Mas tinha negado a reconhecê-lo então pelo que era desculpando-o como parte do calor da batalha. Tinha sido a atração das criaturas que, apesar de serem de espécies completamente diferentes, uniram-se pelo fio comum de um guerreiro apreciando as dinâmicas habilidades e fluidez de batalha, uma sobre outra. Além disso, a idéia mesmo tinha sido completamente horrorosa, porque a mulher em questão tinha sido... Foi então quando o reconhecimento finalmente se fixou.

Os olhos de Elijah ficaram pálidos, tal como o resto dele, enquanto finalmente compreendia exatamente a quem era que mantinha sujeita sob seu corpo. Por quem estava sentindo este desejo atroz. E quem era a que estava respondendo com uma reciprocidade inconcebível de calor e interesse.

—Siena — vaiou sua mão finalmente deixando a garganta para revelar o colar de ouro e pedra lunar que usava.

Elijah rodou longe e fora da cama com um rápido movimento que terminou fazendo-o cambalear enquanto ficava em pé. Ao tempo que se movia, puxou um lençol da cama para envolvê-lo ao redor de seu corpo. Não fazia por acanhamento, mas estaria maldito se estivesse nu, excitado e vulnerável frente a qualquer mulher Licántropo.

Especialmente a Rainha.

O guerreiro correu uma mão violenta através de seu cabelo todo, se colocava por fim no lugar adequado em sua consciência. Olhou cautelosamente como a Rainha deslizava para uma posição sentada, alisando sua curta saia até uma posição um tanto mais correta. Então, muito casualmente, olhou-o com esses olhos de ouro misterioso que sempre o faziam sentir como se o dissecasse. Sem dúvida porque sua gente tinha feito uma abundante dissecação do Demônio durante os séculos enquanto sem piedade forçavam uma guerra genocida sobre sua sociedade.

—Que demônios está acontecendo aqui? —Demandou incapaz de ajudar-se enquanto que estendia o braço para estabilizar-se contra o poste da cama.

Não respondeu imediatamente, preferiu colocar-se em pé em um movimento flexível enquanto os olhos dele a seguiam. Moveu-se com cuidado enquanto chegava a tomar os lençóis frescos de uma pilha assentada em um cofre próximo. Surpreendentemente, voltou de costas para ele e, de todas as coisas, começou a fazer a cama. Era uma inofensiva coisa doméstica, e, por dizer menos, era um ato incongruente para uma mulher que não só era da

realeza, mas também um dos mais desumanos combatentes que Elijah tinha tido o prazer de ver no campo de batalha.

Ela finalmente terminou de arrumar a cama, sacudindo os lençóis que tinham sido cobertas com restos estranhos, incluindo, o que assumiu era seu próprio sangue, em uma esquina. Foi depois disso quando girou para encará-lo. Dobrou seus braços sob seus peitos, como se fora um pai severo a ponto de lhe dar um decisivo sermão sobre maneiras e comportamento.

—Explicar-lhe-ei isso uma vez que retorne à cama — ofereceu generosamente.

— Não farei essa maldita coisa! —ladrou Elijah, seus olhos cintilando com um fogo verde garrafa bastante indicativo de sua cólera.

— Responda mulher. Rainha ou não, não estou por cima...

Elijah cortou quando foi golpeado por uma onda de náuseas terrivelmente resistente a seus esforços ante a repressão mental e física. Ela chegou a seu lado antes que soubesse que se moveu, inserindo-se sob seu braço para lhe dar apóio.

—Juro-te, guerreiro, que se me faz te carregar uma polegada mais estarei bastante irritada. —lhe advertiu, usando a considerável força de sua perna para propulsá-lo para a cama.

Elijah não teve mais remédio que seguir sua liderança. Dirigiu-o para baixo com uma suavidade surpreendente e uma impressionante demonstração de força física. Era bastante consciente que não era nenhum peso leve, e, apesar do fato de que ela era uns bons doze centímetros mais baixa, as arrumou bem. Deixou-o jazendo na cama, coberto e acomodado rapidamente. Imediatamente começou a sentir-se melhor. O suficientemente bem para avermelhar-se ante a compreensão de ter demonstrado sua debilidade com ela.

—Não se preocupe — disse com um sorriso satisfeito do que podia ter prescindido—, não contarei.

Isto, é obvio, transtornou-o inclusive mais. Maldita seja, cevava-o a propósito. Respondeu-lhe com áspera irritação em vez da gratidão que teria dado a alguém mais que lhe tivesse assistido de tal maneira.

—Somente responde minha pergunta — soltou.

—Bem, para que saiba, estou no processo de salvar sua vida — ela disse tranqüilamente enquanto se dobrava para recuperar uma tigela do piso. Desapareceu na habitação do lado antes que pudesse responder a essa idéia particularmente inconcebível, mas retornou momentos depois com uma terrina limpa. Chegou até o fogo e o aroma da comida se espessou no ar. Incorporou-se, não estando disposto a jazer aí como alguma espécie de inválido, usando um travesseiro detrás de seu ombro para ajudá-lo a apoiar-se abrandando a ferida de seu ombro contra a parede de pedra em suas costas.

—Não seria a primeira vez — assinalou secamente quando lhe lançou um olhar mordaz.

O comentário reuniu uma série de pistas desalinhas que flutuavam ao redor de sua cabeça com um estalo. Rapidamente compreendeu que escaldou a pele sobre um de seus braços, exatamente a classe de queimadura que seria resultado de sopa quente sendo derramada em cima. O que foi ainda mais preocupante é que finalmente entendeu que ela havia sustentado exatamente esse tigela quando de repente a tinha agarrado.

Imediatamente a escaneou pelas queimaduras, e pela primeira vez notou que ambas as coxas estavam escaldadas em um brilhante vermelho. Ele, compreendeu, explicava por que seu vestido estava úmido. Fazia que queimasse não só a ele, mas também a ela mesma. Uma resposta estava compreendendo, imerecida de alguém que se dava conta estava tentando cuidá-lo.

Elijah livrou a tigela e a deixou de lado. Sujeitou seu braço antes que pudesse afastá-lo, sustentando-a forte quando se teria retirado. Sua mão livre retirou um par de polegadas o material de seu vestido, expondo as ampolas que rapidamente se formavam. Ela tentou apartar sua mão, retirar-se, mas não a deixaria. Era consciente que a sustentava com seu braço ferido e poderia escapar limamente se só aplicasse um pouco de força, mas estava claramente indisposta a fazer mais dano do que já se tinha feito poucos minutos atrás.

De repente, Elijah se sentiu como um enorme idiota. Nada era tão vergonhoso como a clareza de um momento assim, e se refletia em seus olhos com toda clareza.

—Não importa — insistiu, tratando de empurrar sua mão longe uma vez mais.

—Siena...

—Não — mandou bruscamente.

— Não se sinta do todo culpado, guerreiro. Sou consciente de que não era sua intenção. Precisa alimento. Se desejares me fazer sentir melhor não resistirá as minhas habilidades culinárias e tomará um pouco de sopa. Tenho que esfriar as queimaduras e me banhar. A piscina mineral na habitação do lado as ajudará a sanar mais rapidamente. Ambos sanamos rapidamente, como sabe pelo que isto é uma perda de sua energia.

—É uma forma terrível de te agradecer depois que salvasse minha vida. Agora recordo o que estava acontecendo. Esse grito... Foi você. —Pensei que seria contra prudente para meu duro trabalho de oferecer aproximações pacíficas a seu Rei se de repente fosse encontrado morto em um de meus territórios. Acredite-me, minhas motivações foram muito egoístas. Como provavelmente esperava.

Ela finalmente se liberou, afastando-se dele e saindo da habitação rapidamente. Viu-a caminhar passando a chaminé no outro lado um par de vezes antes que se retirasse a um lugar a certa distância.

Sentindo-se como um completo bárbaro, acalmou sua mente com a execução do que tinha solicitado dele. Terminou toda a tigela de sopa no momento em que escutou sua volta à sala justo os subúrbios da porta. O único som que realmente fez era o repico de seu pés nus sobre a pedra. Mesmo assim, caminhava muito ligeiramente para uma mulher que poderia ser considerada de proporções Amazonas. Passou pouco tempo antes que entrasse na habitação para recuperar a terrina e tomar uma vassoura de salgueiro para os refugos remanescentes da comida derramada que estavam no chão. Permaneceu muito bem fora de seu alcance esta vez, excepcionalmente silenciosa enquanto trabalhava.

Enquanto a olhava em silêncio similar, Elijah se viu obrigado a recordar a primeira vez que a tinha visto. Tinha sido na casa de Kane imediatamente depois que a companheira de Kane, Corrine, tivesse sido abduzida. Tinha sido ali onde tinham chegado a entender pela primeira vez que Ruth podia ser uma potencial traidora à raça Demônio.

Tinham sido as fontes de Siena as que os tinham dirigido à verdade desse assunto em particular. Mas como parecia ser seu repentino hábito ao redor dela, tinha sido hostil em vez de ser agradecido. Uma vez mais, tinha sido uma desgraça de orgulho que tinha instigado seu comportamento. Tinha estado muito irritado porque ela fora capaz de desenterrar a traição onde não havia. Irritado e envergonhado. Não importava que estivesse mais bem equipada para obter essa informação de início, só importava que tivesse sido quem disse a seu Rei como mal tinha feito seu trabalho, independentemente do bem intencionado que pudesse ter sido.

Em cima disso, não tinha sido capaz de tirar seus olhos dela. Era uma criatura impressionante, uma beleza tal que não podia menos que admitir sendo imparcial, inclusive se era uma Licántropo. Isso dizia muito, na mente de Elijah. Sabia muito bem o que três séculos de guerra tinham feito a sua perspectiva a respeito de sua espécie. Estava predisposto, zangado, e implacavelmente imperdoável. Portanto, para ele, mostrar qualquer apreciação a qualquer deles por qualquer razão não era nada exceto um milagre. Um milagre, e uma verdade total. As mulheres Demônios eram criaturas muito formosas, dentro e fora, e havia algumas que eram imensamente atrativas, mas nenhuma que tivesse visto podia eclipsar a Rainha Licántropo. Era dourada, luminescente, e se mantinha com todo o orgulho e a dignidade obstinada de sua raça. Não tinha absolutamente nenhum direito de ser atraído por ela a qualquer nível, não importa a ferocidade com que tinha experimentado. Tinha girado aqueles enormes olhos sobre ele, encontrando suas apreciações com um ar indiferente, e Elijah havia sentido como se lhe tivessem roubado o fôlego mesmo de seu corpo com somente um simples e resolvido olhar.

Isto tinha piorado no dia que tinha unido suas forças na batalha contra o ataque de assassinos humanos na Batalha do Beltane. Tinha visto Licántropos na batalha incontáveis vezes, mas nenhuma vez tinha visto nada como ela. Era uma guerreira puro sangue, uma

guerreira de velocidade notável e beleza mortal. Era tão desumana como ele era, eficiente uma vez que sua mente estava fixa no seu objetivo. Não vacilou ou fugiu da matança. De fato, deleitou-se com isso. E sim o fez. Os nigromantes tinham merecido seu destino. Tinham prejudicado e tinham destruído inocentes, alguns deles de sua própria gente, e a vingança era o único castigo aceitável.

Elijah recordou cheirar a essência da caça nela, o sangue de sua presa, e a adrenalina de sua vitória. Recordou o momento vividamente porque nunca tinha conhecido uma reação de excitação tão rápida e dura como a que tinha naquele singular instante, incrível. Seu sangue tinha estado intenso e quente, a luxúria e o prazer da justiça o montavam como uma perversa amante, e logo aqueles olhos dourados de mulher guerreira frescos das gargantas de suas vítimas tinham passado roçando por seu corpo como o toque de uma sereia. Era como se suas mãos tivessem percorrido sua carne nua, determinadas, peritas e tão valentes como quando caçava algo mais.

Então tinha falado completamente inconsciente de como o tinha afetado, e feito uma declaração que o tinha atormentado quase dia e noite durante os meses desde que a tinha pronunciado.

Tinha falado brevemente de sua desconfiança dela, uma reação de reflexo rotular a confusão que palpitava por sua mente, e tinha respondido.

-Eu pensaria que é um completo idiota se não duvidasse de mim, guerreiro. Pelo contrário, estou obrigada a respeitar sua inteligência pouco comum. Agora, o que supõe que deveria fazer?

Com aquelas palavras tinha provado ser a melhor pessoa. Enquanto ele agarrava seus prejuízos e hostilidades dentro do coração, ela uma vez mais tinha deixado suas idéias de paz e um desejo de respeitá-lo exatamente pelo que era. Tinha-o humilhado humilhando-se, e não podia esquecê-lo.

Tinha-o envergonhado, zangado, excitado, e confundido, um dilúvio de emoções tão poderosas que não as reconheceu como próprias a princípio. Isto tinha sido exatamente o mesmo faz menos de uma hora. Ele tinha feito uma vez mais, mas esta vez tinha estado em desvantagem. Em sua confusão e debilidade nesse momento quando tinha estado abaixo ele, OH, tão formosa e tão incrivelmente exuberante, Elijah tinha permitido ver o que tinha passado estes meses escondendo de todos, incluindo-se.

Siena era uma criatura audaz, segura de si mesma a uma falha e quase arrogante em sua atitude para coisas que teriam dado a alguém mais uma dose sã de medo. Nunca teve que questionar-se a posteriori, e certamente não mostraria se o fizesse. Assim seu silêncio depois de seu tratamento cruel o inquietava a níveis muito profundos. Não imaginava zangando-se de

algum jeito coquete, de modo feminino, os modos que lhe tinham feito fácil desprezar alguns de seus passados conhecidos femininos.

Não.

Isto era o silêncio de um predador feminino que nutria um orgulho próprio, tratando por tudo o que valia recordar o grande propósito a que servia assim não cederia ante um impulso de romper seu tolo pescoço. Foi forçado recordar o autocontrole que tinha usado enquanto ele tinha tido sua mão envolta ao redor de sua suave e vulnerável garganta. Inclusive não tinha feito um som quando se quer quando a tinha queimado.

Elijah sabia que era famoso em seu povo como o legendário assassino de homens, mulheres e meninos. É obvio, a pior das histórias era bastante exagerada, como ocorria no caso das diferentes perspectivas de uma guerra. Mas para ela estar tão quieta, tão tranqüila, quando tinha a mão ganhadora. Resistindo a cada instinto se deu conta devia ter estado gritando, tratando de obrigá-la a proteger a si mesma, golpear de volta, teve que ter sido um ato de notável força interior. E um de total devoção à causa de paz a que parecia servir tão firmemente.

Elijah esfregou a dor de seu peito em cura, enquanto refletia essa peça de informação. Não era indiferente a mulheres poderosas, mas esta era uma exceção. Desconcertante também. Supostamente não pensava desta maneira sobre ela. Para respeitar de qualquer outra maneira que como um digno oponente era um passatempo perigoso. Ela poderia ser sua inimizada amanhã. Os Licántropos escolhiam a seus amigos e inimigos assim rápido, e ao azar. Um dia de guerra, o próximo de paz, então vacilação de volta à guerra brutal.

O guerreiro sentiu as bordas da grossa faixa que selava a ferida em seu peito e olhou para baixo. Imediatamente seus batimentos do coração se aceleraram quando viu o indicativo cacho de cabelo que lhe estava ajudando a sanar. Quando disparou seu olhar de novo a ela, estava o observando com uma resignada espera.

—O que tem feito? —Perguntou roucamente, seu corpo tremendo com a indignação crescente através dele tão violentamente, tão de repente.

—Não tinha eleição, guerreiro. Sinto muito, mas não me arrependo por te salvar a vida. Ao menos, não ainda — lhe dedicou outro desses picantes sorrisos, seus olhos dourados piscando com desafiante diversão.

—Não encontro graça alguma em tudo isto — disse escuramente.

— Me manchaste com seu sangue!

—Curei-te com isso — respondeu afiadamente, suas mãos enroscando-se em ofendidos punhos.

— Você e suas estreitas idéias! Agradece à Deusa que Noah teve o sentido de enviar a Gideon a me ensinar seus costumes, guerreiro, porque se tivesse te enviado teria o executado

na segunda manhã! Meu sangue não está mais ou menos poluído do que está o seu Demonio. Embora esteja segura de que posso mostrar igual a muitos cabeções, gente preconceituosa de minha própria espécie que diriam que a tua está totalmente doente. Tinha esperado que fosse ligeiramente mais inteligente que esses supersticiosos simplórios — parecia estar rindo dele inclusive em resignação sobre seu caráter.

— Está envenenado? Podre ao menos? Há partes de você que não eram peludas antes que se convertessem de repente? — Uma vez mais, essa torção de seus lábios, lhe recordando que tinha tomado uma conta bastante detalhada de todo seu corpo durante seu estado inconsciente.

— Confia em mim, Demônio, não é mais ou menos animal do que foi quando isto iniciou.

Com aquele insulto velado, partiu do quarto com sua vassoura. Ouviu-a jurar brandamente em um dialeto russo enquanto ia, sendo duvidosamente educada se assegurou de que adicionava uns em sua própria língua antiga assim então estaria completamente seguro de entender seu significado.

Isto fez com que seus ouvidos ardessem com a vergonha renovada. Não acabava de dizer que deixaria de ser um asno ingrato? Entretanto, de algum jeito tinha conseguido fazer a mesma coisa uma vez mais. E desta vez ela não tinha deixado passar, sua cuidadosa paciência de repente encontrou um final.

E por que demônios isto o incomodava tanto?

CAPÍTULO 3

De novo a noite se converteu em dia, e a resmungona enfermeira de Elijah desapareceu, sem dúvida para dormir um pouco. Enquanto isso, ele não tinha feito muito mais que dormir. Agora, situado longe dela, inclusive, o menor toque de luz de sol, encontrou a si mesmo totalmente acordado. Estava sentindo-se mais forte a cada hora que passava, e com cada tigela aromática de sopa que lhe dava. Inclusive tinha começado a lhe alimentar com guisado espesso de coelho.

Surpreendeu-lhe ao precaver-se que a Rainha não era inexperiente ante o fogo. As pessoas pensariam que essas habilidades estavam por debaixo da realeza, mas aparentemente não. Recordou Noah. O Rei se apresentava com pouca cerimônia e estava mais que disposto a servir seus convidados ele mesmo.

Elijah apartou persistentemente a um lado a comparação. Não queria encontrar mais similaridades entre ela, e qualquer pessoa que ele respeitasse. Já estava tendo suficientes problemas, para ficar a refletir sobre qualquer outro.

Tinha sido muito mais fácil só odiá-la cegamente, e destruir a todos os dessa raça.

Ainda assim, ao retornar a cheirar sua tigela vazia, Elijah tinha alcançado a sustentar o braço. Lançou-lhe um escuro olhar, levantando uma afiada sobrancelha em sinal de curiosidade. Sem palavras, tinha alcançado a prega do minivestido negro de seda que levava agora, deslizando o tecido solto para cima um pouco para examinar as pernas danificadas, enquanto se assegurava que tinha sanado igual à dele. A pele se pôs de uma suave cor rosada, a cor de uma renovada pele sã.

Satisfeito, soltou-a. Quando a olhou de novo, parecia perplexa, o sardônico levantamento de sobrancelha tinha desaparecido. Mas não disse uma palavra enquanto girava para entrar na outra habitação.

Mais tarde, Elijah estava farto de estar deitado na cama tantas horas. Não tinha companhia porque ela se mantinha a distância e estava profundamente aborrecido. Fazendo a conta, deveria ter dormindo ruidosamente durante as horas de luz, mas neste momento já tinha dormido o suficiente. O guerreiro encontrou uma toalha sob o montão de lençóis próximo e a envolveu ao redor dos quadris, já que foi incapaz de encontrar sua roupa. Caminhou fora da habitação descalço por costume fazendo tão pouco ruído como fazia ela.

Encontrou-se no centro de um salão espartano, mas de bom gosto. Tinha tudo o que era necessário, nada mais e nada menos, e tudo estava posto dentro do ambiente. Fixou-se na confortável poltrona próxima com uma marca peculiar. Sem dúvida, aí era onde ela tinha estado dormindo, mas não se encontrava aí no momento. Sempre tinha pensado que os Licântropos estavam tão intensamente afetados pelas horas diurnas como qualquer outro Nightwalker, assim lhe surpreendeu que não estivesse mortalmente dormida. Uma vez mais, tampouco estava atuando exatamente igual à maldição de sua espécie.

Um vento gentil soprou na habitação e levantou a cabeça instantaneamente para poder tomar uma profunda inspiração.

Todos os Demônios tinham uma conexão inata com o elemento base de onde provinham suas habilidades. Ele era do Vento e todas suas propriedades, as temperaturas e formulas voláteis estavam a seu serviço e diversão. O vento lhe enchia até a última célula de seu ser. Chamando-lhe com uma necessidade que quase não tinha igual. E com a fresca e limpa essência desse sussurro soprando a seu redor, Elijah se precaveu que tinha estado encerrado por muito tempo.

Com o pensamento, Elijah seguiu a brisa para sua fonte. Deslizou nas curvas da caverna, então subiu o pendente do chão com maior espera. Estava tão concentrado na meta que levou

um minuto inteiro perceber que estava se aproximando de um lago de água dentro da cova, e que em pé no centro do mesmo, coberta até os quadris com o líquido, estava sua caprichosa enfermeira Licántropo.

Elijah se deteve bruscamente em sua carreira, todo o corpo esticando-se da cabeça até os pés, com uma mescla de surpresa e brutal consciência sexual que lhe inspirava fortemente dentro dele. A rainha lhe dava as costas, a longa e formosa linha da coluna exposta de forma graciosa, enquanto se inclinava para diante para deslizar o cabelo através da água que estava usando para lavá-lo. A água deslizou flutuante do rabo-de-cavalo, fixando sua atenção imediata na atrativa curva feminina do quadril unindo-se no voluptuoso traseiro. A pele brilhante com água, ambas, a real e a refletida, centenas de gotas líquidas deslizando-se para baixo, unindo-se à superfície do lago. Com o cabelo para diante para lavá-lo, a longa e arqueada coluna estava exposta, uma paleta de perfeita pele dourada. Estava formada como uma escultura representando o epítome da feminilidade; forte, curvada e esplêndida, com a impressão de fertilidade.

Elijah esqueceu completamente para onde se dirigia, os dedos curvados em punhos em reflexo do inexplicável desejo que instantaneamente se redemoinhou em seu corpo. Deveria apartar o olhar, girar, correr. Deveria ter feito milhares de coisas, salvo permanecer aí, ficando embevecido como um adolescente que nunca antes tinha visto uma mulher nua. Apesar da brisa inicial que tinha seguido ao levantar-se, sentia como se não houvesse uma onça de oxigênio na habitação. Não podia explicar, ou controlar, o efeito que ela tinha nele. Tudo o que podia fazer era lutar para respirar e continuar vendo cada incrível movimento da sereia na água enquanto esse corpo perfeito cantava sua atrativa e sedutora canção.

Um segundo depois, percebeu que inclusive o vento lhe tinha traído. Passou roçando o úmido corpo, cheio do frio de Outubro e observou como percorria a delicada pele criando ondas que a arrepiavam. Desceu pelos ombros, ao longo da feminina curva das costas, até que se estendeu sobre o traseiro e alcançou a linha de água.

Siena se voltou ligeiramente, voltando o pesado cabelo, formando um arco de brilhante água para cima no ar, onde quase tocou as estalactites que descendiam do teto da caverna sobre ela. Depois girou um pouco, a mão percorrendo um caminho brincalhão sobre a superfície da água, os peitos balançando-se gentilmente com o movimento do braço que estava em contato. O último vestígio de oxigênio escapou do corpo de Elijah, enquanto lhe obscureciam os olhos ao ver esse corpo nu. A condição muscular de Siena teria feito com que algumas fêmeas parecessem masculinas, mas a suavidade da curva entre os quadris e cintura; e da cintura até a caixa torácica, subindo para terminar em uns perfeitos e exuberantes seios, falavam de uma criatura que estava feita para ser a mais antiga e atraente, para qualquer macho com um par de olhos na cabeça.

O olhar de Elijah foi atraído pela escura definição dos mamilos, um suave rosa e bronze acentuado pela cor dourada da pele. Estavam franzidos em um atrativo bico pela temperatura fria da água e do ar, formavam redemoinhos na pele arrepiada que subia sobre ambos os peitos. Na parte externa desses formosos picos, a pele estava imaculada e mostrando cada centímetro de suave cetim, suave como ele sabia que era. Era incrivelmente perfeita, tão bem formada e tão formosa que tinha o poder de parar literalmente seu coração. Doía-lhe o peito com a sensação, mas não tanto como fazia à repentina e cega urgência de unir-se a ela. Podia cheirá-la, senti-la, enquanto cada pêlo do corpo ficava ereto, fazendo-o sentir como se sua própria pele estivesse alcançando-a. Cada sentido e ferramenta natural para sentir demandavam mais contato.

Na água, a rainha Licántropo ficou quieta de repente. A cabeça cheia de um sentido de consciência, o nariz movendo-se enquanto cheirava o ar para identificar o que era exatamente que tinha começado a intuir, que não coincidiria em outros níveis. Siena logo que tinha identificado o familiar aroma de almíscar masculino, quando escutou o abrupto som da água salpicando atrás dela.

Voltou-se bem a tempo para girar dentro dos braços do guerreiro.

Siena ofegou enquanto Elijah a arrastava contra seu corpo com um poderoso braço, tomando-a pelo cabelo com a mão oposta. Essa boca esteve contra a sua imediatamente, sem lhe dar tempo de antecipar-se ou reagir. Tendo tido uma vida de amparo privilegiado, e marcada pela reserva quando se tratava de qualquer tipo de contato físico, Siena nunca tinha sido tirada de tal maneira.

Ninguém com uma onça de sentido comum teria se atrevido a fazer tal coisa. Sua reação inicial devia ter sido um pouco parecido ao que definidamente seria uma violenta bofetada.

Em lugar disso, foi à grande surpresa que fez com que inadvertidamente aceitasse esse beijo. O guerreiro era demandante, só um pouco menos que brutal, e mostrando cada sentimento que lhe tinha alagado, durante os momentos em que a tinha observado. Siena voltou para a vida um instante depois, tratando finalmente de lhe empurrar, as mãos se dirigiram para a enorme parede desse peito. Mas sentiu o vulto da vendagem que ainda permanecia sobre a mais severa das feridas e, instintivamente, resistiu fazer qualquer pressão que poderia potencialmente reabrir a carne em cura. Inclusive para salvar-se a si mesma, por alguma razão, Siena não podia suportar o pensamento de lhe fazer dano. Em geral não era uma criatura nobre e, certamente, não o era quando se sentia ameaçada. Portanto, o impulso de lhe proteger a deixou desconcertada e desorientada.

No tempo que tinha levado para frear o impulso de escapar e brigar com esses sentimentos confusos foi alagada por milhares de outras sensações e emoções.

Todas elas estavam centradas ao redor do calor.

Tão impressionante e delicioso calor. Calor desse corpo queimando a força e formando-se dentro dela, como se fosse uma suave massa pensada para gravar a marca dessa figura na memória de sua própria forma. Eram como um quebra-cabeças. Duas peças cortadas à parte, mas feitas sempre para ser perfeitamente reunidas em um futuro. Permaneciam juntos como um fluxo da natureza, coxa com coxa, ventre com ventre, peito com peito. Inclusive a água correndo sob a suave pele não podia entrar nesse perfeito selo. Havia calor desse corpo queimando dentro do dela, queimando em lugares onde nunca antes havia sentido tão intenso. A sensação era tão desconcertante enquanto lhe percorria o corpo inteiro, inclusive nas partes mais estranhas como as costas, sob os braços e a planta dos pés, que a fez estremecer com cócegas.

Entretanto, não podia rir por isso. Estava muito encadeada por esse beijo para inclusive considerá-lo. Sua boca era como um demandante incêndio úmido, a aveludada língua atravessando os dentes, exigindo reciprocidade, deixando mais chama deslizando-se devido ao movimento. Tinha pensado alguma vez que os lábios de Elijah eram quase femininos? Ele não era nada não ser masculino, a forma desses lábios habilidosos e agressivos e muito, muito masculinos em sabor e força. Ele estava bebendo de sua boca em compridas e satisfatórias peregrinações, até que Siena apenas podia tomar fôlego. Sentia que seu corpo se dobrava para trás. Estava sendo sustentada tão estreitamente, que seu corpo se forçava a encaixar na agressiva união desse abraço. O cabelo atravessando a água, as pontas retrocedendo pelo contraste entre a fria água e todo esse calor. O mesmo frio que tinha estado desfrutando fazia alguns segundos.

Elijah não sabia o que era o que lhe impulsionava a fazer o que estava fazendo, e por esse momento de gozo não lhe importava. Essa doce boca, o feminino corpo, o calor incrementando-se; tudo os completava com inexplicável precisão. Ela a princípio esteve passiva pela surpresa, mas isso se desvaneceu rapidamente enquanto os sentidos e sensualidade despertavam em atenção encantada por suas ações. Era só questão de um minuto antes que os compridos e magros dedos estivessem serpenteando profundamente em seu cabelo, criando calafrios de reconhecimento erótico pela coluna enquanto ela sustentava a ele pela boca e começava sua própria agressiva busca.

A língua de Siena deslizou sobre a sua, lhe lambendo as papilas gustativas e dentro da boca com uma feminina demanda abrasiva. Só era tão curiosa e dominante em sua natureza, como ele. O guerreiro grunhiu enquanto o doce e erótico sabor enchia seus sentidos, a atrevida, e serpenteante língua esticando cada nervo de seu corpo, para uma forçada clareza de sensação. Tinha sabor de canela e mel, especiaria e doce. Era uma guloseima de sabor e sensação que não podia recordar haver conhecido antes ou, sequer, imaginar voltar a senti-la. Ela fez um pequeno som, depois outro agressivo que soava como um grunhido e se

estendia sobre seus lábios. O que esse simples som fez em seu corpo foi puramente indescritível. Como ferro derretido queimou através dele, lhe abrasando, uma agonia, um calor de dor e prazer que endureceu cada músculo, cada plano de seu corpo.

Subitamente as mãos de Elijah estiveram rodeando seu rosto, tomando-o entre as palmas enquanto a separava da boca. Levou-lhe um minuto inteiro perceber a separação, a delícia dessa boca impossível de apartar, parecia como se fosse parte de si mesmo. As bocas brilhavam pelo apaixonado intercâmbio de sabores, cada um agora residindo no sentido do gosto do outro, pelo que pareceu uma eternidade. Quando finalmente pôde olhar o rosto, o som da rápida respiração e observar a ruborizada pele era incrível. Mas não era nada comparado com o dourado desejo líquido nos olhos dilatados. Nunca lhe tinha olhado da maneira como estava fazendo nesse momento, poderia haver se convencido de que estava preparado para separar-se dela. Foi uma decepção sem importar como se visse, entretanto, seu corpo estava totalmente rígido pelos desejos opostos, e nenhum deles tentava ir a qualquer direção que não fosse para ela.

Permaneceram separados de tudo durante uns quantos pulsar de coração, depois a arrastou de novo contra sua boca e dentro dos dominantes planos do duro corpo, igual a que fez enquanto lhe aproximava mais para apanhar com suas próprias necessidades. Lançou um daqueles sons primitivos que fizeram que seu sangue fervesse nas veias, amassando com as mãos seu flexível traseiro para selá-la a ele tão forte como a lambida de uma língua sela um envelope.

Elijah a sentiu em tantos níveis. Seu corpo, tão viçoso e acordado, apertado forte contra ele até que pôde sentir cada curva, cada pulsar do coração e cada suspiro do peito enquanto se esforçava para respirar. Seus olhos estavam totalmente abertos, descarados, valentes e hipnotizantes quando se enfocaram sobre ele. Nunca tinha compreendido o excitante e cativante que poderia ser algo tão simples. Ela era a forma de arte mais pura de coragem, claramente coberta pelo temor e o prazer, enquanto absorvia seu gosto, aroma, e a pressão do corpo urgente, endurecido. As pontas dos dedos deslizavam sedosamente com elegância sobre a longitude das costas, ao redor dos ombros, até a borda da toalha pendurada ao redor dos quadris. A viagem de volta por cima das costas lhe saturou de sensações, e um eixo de calor sobressaltou brutalmente sob o ventre, para a virilha.

Elijah afastou a boca, ofegando com tanta força como ela, rompendo aquele momento, mas então foi arrastado contra seu corpo por suas mãos, seu joelho, enganchando-se sobre seu quadril em agressão sensual, sua machucada e formosa boca já aberta para ele, entendendo que ela não estava com ânimo para tolerar sua dúvida, se ele em realidade tivesse alguma mais.

la mais à frente o fato que ela sentia tão bem, tão doce. Era como se com audácia acariciasse e jogasse com ele. Era a maneira como sua essência parecia marcar-se sobre ele. Também entendeu claramente que era exatamente igual para ela. De algum modo, ele era tão perfeito para Siena, como ela era perfeita para ele. De todas aquelas maneiras, e em muitas, muitas mais.

Elijah devastou essa boca cheia, como um homem sedento de fôlego depois de quase afogar-se. Libertou todo seu beijo profundamente dentro dele, sentindo-o queimar-se através de seu corpo, como um rastro de pólvora.

Era completamente uma loucura.

Siena deveria ser a última mulher sobre a terra que deveria tocar. Deveria ter sacudido o inferno sangrento nele, como sabia que poderia. Pelo contrário, tinha penetrado no fogo disposta, seu ardor lambendo sobre e através dele, até que pensou que se converteria em cinzas em suas mãos. Cinzas que ela poderia soprar com o mais doce fôlego de canela. Elijah aprendeu a sentir um completamente novo nível de excitação. Estava duro e pesado com isso, a sensação, uma demanda furiosa que não suportaria nenhuma negação, nenhum rechaço. Sentiu a mensagem urgentemente. Havia só uma maneira de ser satisfeito, só uma mulher que poderia obtê-lo, um só refugio que seria seu lar na aflita fome que lhe rasgava. Elijah sabia que ela estava consciente do estado de seu apetite. Movia-se como líquida necessidade de si mesmo, esfregando o corpo contra sua rígida sugestão. Recordou-lhe sua nudez, a quente cercania, que fácil seria fazer com que nenhuma barreira entre eles o impedisse de encontrar seu céu profundo, OH, tão profundo dentro dela.

Elijah podia sentir o cabelo frisando-se contra o pulso e antebraço, os eróticos e vivos fios lhe acariciando como milhares de pequenas mãos. Suas mãos estavam deslizando sobre a superfície do peito, os ombros... Sob as costas e sobre os músculos do traseiro. A carícia lhe fez estremecer contra ela, e sentiu os sons de satisfação vibrando na boca. Ela deslizou esses dedos curiosos sob as pernas, logo retornou sobre o traseiro, esta vez por baixo da pesada e úmida toalha pendurada tão descuidadamente ao redor dos quadris.

Esta vez só escutou um grunhido primário, acompanhado de um brusco movimento. O guerreiro rompeu o beijo e a levantou da água com um braço ao redor da cintura. Escutou a pequena e delicada risada, um convite puramente sexual. Ela envolveu suas mãos ao redor da parte posterior da cabeça, enquanto que ao levantá-la, aproximava o peito à altura de sua boca.

—Sim — disse, a palavra em um vaio cheio de demanda e urgência.

Ele sorriu fracamente com sua própria satisfação dominante, antes de tocar com a língua um rígido mamilo. Ela jogou a cabeça para trás, gritando com mais força, quase lhe rogando com os sons necessitados e seus estremecimentos. Ao final, Elijah desenhrou o

encrespado bico do mamilo com a calidez da boca. O fogo queimava sobre a língua, contra a pele, riscando entre ambos os corpos com uma rajada exigente. Siena se arqueou grosseiramente em resposta, enquanto a lavava e sugava os gemidos ecoando na caverna de uma maneira que satisfazia ferozmente ao animal dentro dele. Era um Demônio. Era elementar na terra em que agora se refugiava. Era o puro fôlego de vida, cada ofego de paixão, cada grunhido de prazer. Vento. Fôlego. Tempestade. Todos eles. E a fazia sentir, seus pensamentos introduzindo-se em um intento quase violento, como a fúria de uma tormenta da natureza.

Os dedos cravavam compulsivamente em seu cabelo, apertando de uma forma que poderia ter sido dolorosa em outras circunstâncias, mas que só servia para aprofundar a paixão necessitada que flutuava tão violentamente entre eles. Ele a provou e a acariciou sem piedade ou moderação, sustentando-a contra si mesmo com um só braço, para poder sentir o peito oposto moldando-se contra sua palma. O vento entrou na caverna, como se tratasse de apagar o fogo que tinha sido aceso dentro do lago. O cabelo de Siena formava redemoinhos contra ambos, combinando-se com o dele enquanto as longas e soltas ondas flutuavam para a exigente brisa.

Siena estava cega pelo prazer de suas carícias e essa língua enviava estremecimentos através de seu cérebro. A caverna parecia como se estivesse girando inteira, loucamente a seu redor. Poderia um toque verdadeiramente provocar esta sensação? Como poderia alguém agüentar tanto disso, sem voltar-se completamente louca? Se não estivesse experimentando de primeira mão, não poderia ter acreditado. Inclusive, perguntava-se se não tinha perdido a cabeça por completo, se isto não era certo, talvez fosse sozinho uma formosa e fantástica alucinação.

Sentia a si mesma deslizando sobre sua pele, a transpiração que os unia os convertia em uma suja, molhada parte de carne e umidade. De algum jeito, ele se arrumou para sustentá-la contra si mesmo com a facilidade de sua impressionante força e, ainda assim, fazê-la sentir como se estivesse alagada de carícias. As hábeis mãos e sua busca determinada a rodeava tanto que, cada momento, era uma nova experiência de louco arrebatamento, e irreprimíveis sons de prazer.

As pernas de Siena se uniram ao redor de sua cintura e Elijah podia sentir a umidade e o calor urgente do corpo pressionado debaixo do umbigo. Captou a embriagadora e preciosa essência dela, enquanto a levantava mais, a boca em um desfile de beijos e lambidas descendo por seu peito, até o estômago plano. Estava sobressaltado por seu enorme desejo. A cabeça cheia das necessidades de ambos. O que podia escutar era quase como um pensamento, rogando por um certo toque dele, mais pressão dessa sugante boca, a urgência de lhe sentir intimamente entre as ofegantes pernas.

Era muito para suportar e Elijah estava urgentemente necessitado de responder a isso. Girou-a completamente, levantando-a da água para colocá-la sobre seu traseiro na borda da piscina. Ela exalou pela frieza da pedra, logo fogo, o toque de suas mãos enquanto as conduzia pela parte interna das pernas, sobre os quadris, cintura e seios para depois reverter o padrão.

Siena sentiu como lhe sujeitou o quadril, deslizando-a para ele sobre o chão escorregadio. Os batimentos do coração, de seu coração, uma violenta combinação de desejo e medo natural. Não tinha conhecido a intimidade como a que estava experimentando neste momento. De fato, tinha passado sua vida evitando tudo o que pudesse inclusive remotamente levar seus pensamentos a esse ponto, nunca importava o corpo. Não esperava descobrir isto. Nunca tinha suspeitado que pudesse ser desta maneira. Seu toque era enlouquecedor, cheio de intenção, atacando o plano estômago, os quadris, através dos suaves cachos dourados que nunca, nunca tinham conhecido o toque de um homem.

Ele se dobrou sobre ela, a mão pressionada sobre a pedra para suportar seu peso brandamente, enquanto sua divina boca deslizava sobre o umbigo, lambendo, um suave rastro que ecoou na parte onde tinha deixado a mão. Siena sentiu a sedosa invasão de seu hábil dedo, acariciando, abrindo a carne feminina que logo que podia entender por que rogava tanto por um toque. Escutou-o suspirar discordante contra sua pele enquanto procurava gentilmente... o que, não podia adivinhá-lo nesse glorioso momento. Estranhamente, imaginou que conhecia seus pensamentos nesse instante. Ele estava aturdido por seu calor. Selvagem por saber quão fácil deslizou sua carícia sobre a flexível e expectante carne. Siena soltou um soluço quando seu contato evocou outra sensação que não parecida com nada que tivesse conhecido antes. Era estranha e forte, profunda e ligeira, todas essas sensações de uma vez. Mas sobre tudo, era puro prazer.

Por esse único e ensurdecador momento de nada a não ser assustadora consciência, Siena entendeu que desejava este poderoso homem com cada fibra de seu ser. Desejava sentir a pressão de rocha de seu musculoso corpo sobre o seu, desejava esculpir com as mãos os férreos tendões que tinha formado em séculos de batalhas. Cada instinto nela gritava que agarrasse seus quadris, que lhe guiasse para cima, até onde se queimava tão perversamente por ele. As pernas doíam por lhe embalar; seu vazio corpo sofria por ele inclusive mais. Apesar de que seu corpo estava muito mais adiantado, sua mente por fim compreendia o que estava passando. Estava a uns momentos de distância de um emparelhamento que prometia ser muito mais do que tivesse imaginado, e sabia que nunca tinha desejado nada mais em toda sua vida.

Essa foi à mesma consciência que um momento depois, fê-la gritar com um som de puro e inalterado medo. De repente o pânico a sobressaltou, rompendo através da neblina em que se encontrava desde que Elijah a tocou pela primeira vez. O terror era virginal e primário,

disparando cada instinto defensivo dentro dela. Antes que Siena pudesse compreendê-lo de tudo, estava trocando subitamente a gata montês. Gritou com sua miséria e dor, parecendo o som de uma mulher angustiada, terminando com o grunhido de um jaguar atormentado.

O guerreiro Demônio de repente encontrou a si mesmo tocando suave pele e descansando no centro de agudas e retráteis garras. Elijah deu um passo atrás com o repentino sentimento dos tendões felinos, sua surpresa explodindo em um sinal vocalizado tão alto como o dela, enquanto se precavia do que tinha passado. Caiu para trás na água fria enquanto perdia o equilíbrio, mas ressurgiu rapidamente sacudindo a água do cabelo com um só e agudo movimento de mãos e cabeça.

A gata dourada girou para ficar em pé, as garras soando perturbadamente contra a suave superfície de pedra, enquanto se dirigia a uma escura esquina da caverna, deixando marca brancas de arranhões em sua fuga. Elijah podia vê-la escondendo-se, encurvada sobre si mesma, claramente aterrorizada em todos os sentidos. A magnífica criatura tremia de medo com tal violência que não podia sequer distinguir o movimento dos bigodes.

Colocou as mãos no chão de pedra, sacudindo a cabeça enquanto respirava profundamente tratando de se liberar da escalada sexual na qual tinha estado tão cego, escalada que inclusive seu rude mergulho de cabeça na água fria não tinha aplacado. Estava tratando de forçar a si mesmo, para raciocinar com ela e consigo mesmo. Depois de um doloroso momento na água fria, endireitou-se para sair do pouco profundo reservatório, situando-se sobre seus pés lentamente, enquanto mantinha o olhar no fabuloso felino cuja pele estava arrepiada em todas as direções, da nuca até a ponta da cauda. Agora podia ver que seus bigodes estavam totalmente para trás, as orelhas colocadas para trás tão planas como era possível, os enormes olhos abertos e alerta, as pupilas ovais dilatadas na escuridão da esquina.

Elijah deslizou uma pensativa mão sobre o cabelo úmido da nuca, recordando tudo o que conhecia sobre ela e sua raça, enquanto pensava no que a tinha assustado. Não estava do todo seguro a respeito do último, só adivinhando o que tinha feito que voltasse para seus cabais quando ele não tinha feito. Mas sua maneira lhe disse que neste momento estava mais perto de seu instinto animal, do que do de mulher e, tinha sido a melhor eleição do curso da ação, ou teria suposto um brutal inferno pagar por isso.

Não havia nada mais mortal que um gato encurralado e ele seria o primeiro a admitir que não tivesse sobrevivido a um ataque em sua presente condição. Se a besta lhe atacava em um ataque de ira, iria justo sobre a recente ferida no peito, finalizando o trabalho de rasgar seu coração.

Elijah caiu lentamente sobre um joelho, tudo esquecido exceto o desejo de retificar a situação do momento. Começou a olhar para baixo, às patas, e não diretamente a seus

grandes olhos. Agachada brindava um convite aberto para lhe atacar, mas esperava que sua seguinte ação pudesse atrasar esse recurso.

O guerreiro piscou muito lentamente e baixou a cabeça em um movimento de submissão. Precaveu-se nesse doloroso instante que seu orgulho significava muito pouco à vista de uma criatura tão feroz saída subitamente de sua coragem, sua graça e seu formoso espírito. Não a tinha visto em todas as vitórias do mundo e se sentia desgraçado. Era uma empatia da que não se deu conta de ser capaz, até esse momento.

Elijah não a estava olhando diretamente, assim tinha que utilizar os outros sentidos para entender suas reações. Podia cheirar o alto nível de medo, sentir na pele a cautela, a coceira de adrenalina. Podia escutar seu movimento, inclusive o menor, e fazia com que o coração desse um tombo de antecipação. Suas garras arranhavam a pedra enquanto se colocava sobre o ventre, o primeiro movimento da dança que seguiria.

A gata montês passou um minuto nessa posição, simulando estar relaxada quando em lugar disso estava bastante alerta. O seguinte passo no ritual seria quando ficasse a quatro patas e caminhasse longe lentamente. Quão máximo pretendia não era importante, quanto mais atrevida se voltasse. Era uma dança perigosa, por todas as posturas envoltas; o momento mais mortal seria quando se colocasse a distância. Ela poderia tomar a decisão de cortar a cabeça de seus ombros com o fio de uma poderosa garra, ou escolher uma forma diferente de agressão para lhe colocar em seu lugar. Para quando chegou tão perto dele, Elijah estava coberto de suor e lutando contra a séria fadiga. O ritual tinha tomado muito de um homem ainda convalescente. Mas ainda assim não se rendeu, desejando com cada fibra de seu ser reparar algo que tivesse sido causado por seu comportamento irrefletido.

A leoa da montanha estava agora tão perto, que podia sentir a calidez de seu fôlego e ver o brilho do colar pela esquina de um olho. Ela estendeu uma pata em uma tentativa aproximação. As garras estavam retraídas, o que significava um calmante indício. Ainda assim, ele não podia mover-se. Não tinha terminado de lhe julgar.

Ela saltou tão repentinamente que Elijah se esticou involuntariamente. Usou cada onça de controle que possuía para não proteger-se, em seu lugar, encetou-se com ela enquanto as poderosas mandíbulas se cravavam em seu pescoço. O peito pesado com seu fôlego entrecortado, mas lhe deixou continuar. Tudo o que precisava era apertar seu agarre uns milímetros, e cravaria a artéria carótida ou lhe romperia o pescoço.

Mas o agarre era só para mandar uma mensagem. Este era seu território e ela estava a cargo. Não deveria assustá-la de novo, o agarre lhe comunicava que se não o fazia, a dentada que tinha no pescoço não seria tão inocente a próxima vez.

Siena o soltou depois de um comprido minuto, sentando-se sobre as patas posteriores, enquanto as pupilas se arredondavam de novo. O grande gato assentiu e começou a trocar

para mulher uma vez mais. Elijah se sentou lentamente, uma vez que trocou completamente. Siena continuou sentada com as pernas cruzadas ante ele, quem estava em seus quatro, lhe olhando cautelosamente. O cabelo estava a seu redor protetoramente, rodeando o corpo nu em um gesto defensivo. Isso lhe incomodou porque sabia que os Licántropos eram rara vez tímidos. A idéia que a tinha aterrorizado, tanto ao grau de pensar duas vezes seu costume, não lhe sentou bem no estômago. Não culpava a ela, entretanto.

Siena olhou o Demônio com os olhos muito abertos e cautelosos, tratando de que tudo o que estava sentindo tivesse sentido. Ele finalmente encontrou seu olhar, mas permaneceu tão silencioso como uma tumba. Os olhos eram uma combinação de vários tons de verde, o caos de cor que refletia o que estava sentindo.

Como tinha permitido que passasse isto? Por que aconteceu? Os Demônios e os Licántropos eram tão diferentes como os cães e os gatos. Pelo menos, isso era a visão comum em ambas as sociedades. Se isso fosse certo, então como tinha acontecido isto? Eles não deveriam ser quimicamente compatíveis, sem importar que mentalmente fossem de alguma forma mais que compatíveis, quimicamente era outra coisa. Seu corpo ainda, depois de todo este tempo, queimava com a lembrança de seu toque e a profundidade de sua paixão. Ainda mais, ardia em reciprocidade a isso, da clara mensagem perturbada pelos desejos insatisfeitos dele. Sentia-se vazia, sentia-se como se tivesse esvaziado sua alma quando a tinha forçado a sair em sua defesa.

A rainha ficou em pé, lhe dando as costas e dirigindo-se rapidamente a seguinte habitação. Sentir-se-ia melhor uma vez que colocasse um desses vestidos baby-doll sobre a cabeça, este era um tão verde como seus olhos quando a tinha beijado. Esfregou a parte de atrás dos dedos sobre sua boca, sentindo as marcas e as provocadoras dores dos lábios. Percebeu que se aproximava os pensamentos girando com uma confusão que ela sentia e o que imaginava que ele estava sentindo. Sentiu-se agradecida quando não se deteve para falar com ela, pelo contrário se retirou a sua habitação. Quando se foi, afundou-se no assento mais próximo e exalou em silêncio.

Siena não podia acreditar o que quase tinha feito. Se as coisas tivessem ido muito mais longe, sua vida inteira teria trocado dramaticamente, vendo-o em perspectiva, depois de tal engano de incompreensíveis proporções. Ela era a regente de seu povo, sem casal, sem meninos e nunca tinha desejado nenhum. A classe regente de sua raça tinha um trato distintivo e por isso, quando se emparelhava, devia ser por toda a vida. Havia muitas espécies que tinham este costume, como lobos e cisnes, igual havia animais polígamos, como cavalos e veados que trocavam de casal não só de ano em ano, mas sim em ocasiões, de momento a momento.

Mas não importava a forma que tomasse o monarca, ele ou ela eram aconselhados a emparelhar-se uma vez e para sempre. Um casal para toda a vida. Historicamente se acreditava que era para assegurar a fidelidade e pureza da linha real. O casal real também sucumbiria a esta fidelidade monogâmica. Como acontecia, ninguém sabia com certeza. Suspeitavam que fosse um vírus genético, de algum tipo como o que fazia com que um Demônio provocasse o nascimento de poder em um Druida específico. Talvez algum dia eles soubessem com segurança.

Esta era a razão pela qual Siena tinha elegido permanecer absolutamente celibatária, sem permitir que nenhum macho estivesse perto dela, de uma maneira que a tentasse. Não desejava um casal, e se recusava absolutamente a compartilhar seu reino com um homem que se converteria seu igual na monarquia, só porque lhe tinha levado a cama. De fato, desprezava veementemente a noção de emparelhar-se com um macho que, na hora de sua morte, pudesse potencialmente ganhar seu trono.

Se Elijah tivesse tomado seu corpo nesse momento selvagem, poderia ter escrito sua sentença de morte. Quatorze anos de paz não era base suficiente para converter a um Demônio em rei Licântropo. Tão adorada e apreciada como era, as possibilidades de rebelião e atirar pela amurada seu reino deveria ser um risco insolvável e indesculpável.

Sua seguinte prioridade deveria ser a idéia de estar forçada a passar o resto de sua vida como parte de um casal. Parte de um casal que incluía um macho que não confiava nela. Já era suficientemente mau ser forçada a suportar uma vida inteira com qualquer homem, mas este guerreiro Demônio? Tinha levado a morte a muita de sua gente durante a guerra de seu pai, e inclusive, quando tinha aprendido a ser mais ardilosa que seus familiares varões, as famílias desses guerreiros massacrados a marcariam como traidora a sua raça, procurando em sua bagagem se havia alguma marca da província Russa original que tinham eliminado por atrever-se a tal abominação.

Como tinha terminado em seus braços? Por que a tinha seguido? Na verdade, nunca tinham se enfrentado pessoalmente, mas eram os mais fortes representantes de sua gente, tinham-no sido por séculos. A idéia de lhe beijar, de desejar a um homem de qualquer maneira?

O que nos nove infernos tinha entrado nela? Nele?

E por que não podia apagar o sentimento dele, não só da frente de sua mente, mas também de seu corpo completo, por dentro e por fora? Sua pele estava ofegante inclusive agora. Também, podia sentir algo mais profundamente em seu corpo e em seus pensamentos, que não tinha sabido que existia. Agora podia nomear este vazio, a sensação que atravessava o desejo existente. Que não tinha estado pondo atenção a seus próprios pensamentos? Era uma completa loucura seguir sentindo isso por um segundo mais! Deveria estar envergonhada de que tivesse permitido tais intimidades com seu corpo, não continuar as desejando.

A rainha ficou em pé, incapaz de continuar quieta. Ausente esfregou a palma sobre o plano estômago, enquanto começava a passear através da habitação. Sentia-se como se de algum jeito, tivesse forçado sua presença nela, marcando-a permanentemente. Não estavam vinculados, então, por que sentia como se sua essência estivesse nadando dentro de sua matriz? Estava confundida, ultrapassada pela essência em seu corpo, lutando com as lembranças humanas e felinas, dos dias passados em sua presença.

Apesar de si mesma, estava impressionada pela forma como tinha dirigido à gata assustada. Estava consciente disso agora, agora que tinha trocado, mas nesses momentos não tinha sido mais que o puma, mais tentada a lhe partir o pescoço em dois, que em outra coisa. Claramente, deveria ter estado tão ameaçada por ele para lhe estripar no momento. Mas em seu lugar, o gato tinha deslocado. Escondido. Igual ao que os leões em liberdade teriam feito quando se sentiam ameaçados por algo mais poderoso que eles.

Mas então aproximar-se dele uma vez mais, e usar o modo de agressão baixa de castigo por assustá-la e obrigá-la a trocar?

Siena levantou o olhar para as escadas enquanto as emoções ameaçavam sobressaltando, fugindo tão longe dele como pudesse sem sair da caverna. Entretanto, não era melhor nesse lugar tão próximo à piscina. A habitação estava cheia de feromonas e essência de excitação sexual. A própria e a dele. Parecia que não importava onde estivesse não podia escapar dele. E a luz exterior do sol brilhando através das árvores a acautelava de refugiar-se no conforto do bosque.

A rainha conteve um soluço, retorcendo as mãos juntas violentamente e mordendo com força o lábio inferior. Não fazia estas coisas débeis e femininas chamadas lágrimas. Nunca tinha chorado em toda sua vida, e se condenaria antes de fazê-lo por um macho Demônio. Ainda assim, não podia escapar do sentimento de fechamento que se elevava sobre ela, a emoção candente, a confusão de pensamentos que pareciam permanentemente gravados com sua marca.

Siena de repente, cega, caminhou para a entrada da caverna. A menos de dois metros do sol, o braço de Elijah se enganchou ao redor da cintura e a empurrou contra seu rígido corpo. Ela gritou chutando e lutando contra seu agarre. Poderia ter feito impossível que ele a retivesse, ao não ser pelo rápido efeito do sol em sua fisiologia.

A luz entrou nela com impressionante velocidade. Nesse momento era suscetível a ela de uma maneira que nunca tinha experimentado antes. O que tinha trocado nela? Perguntava-se com desespero enquanto a tomava em braços e a devolvia ao refúgio. No momento que esteve a salvo na caverna, já sentia náuseas por sua exposição. Levou-a diretamente à habitação e a colocou sobre a cama, pressionando uma mão fria contra o rosto ardente.

—Esta louca? —Perguntou brandamente, a frase sem a recriação que devia ter tido. Era a premente preocupação na pergunta e seu toque o que finalmente a rompeu.

Soluçou uma vez, duramente, depois irrompeu em pranto. Envergonhada, tratou de girar a cabeça, mas ele manteve a bochecha em sua palma e a impediu de fazê-lo. Elijah, o indômito guerreiro Demônio, procedeu a agarrar todas e cada uma das lágrimas com os dedos calosos, acalmando-a brandamente com seu fôlego, tratando de sustentar sua mão na sua.

—Siena, por favor — suplicou brandamente, os dedos movendo-se rapidamente de uma bochecha a outra para tomar a pena salgada.

— Sinto tanto. Muito mais do que imaginaria. Não quis te machucar desta forma. Por favor, gatinha, está me matando. Por favor, detenha.

Mas quanto mais gentil era ele, mais parecia doer a ela. E não tinha idéia de por que. Depois de um momento, rendeu-se de conter as lágrimas fora do cabelo e com um forte puxão de sua mão cativa, envolveu-a em um cômodo abraço. Pressionou a mão em sua nuca, lhe sustentando o rosto na curva do pescoço, a bochecha embalada no largo ombro. Ela sentiu como a mão se movia para suas costas, esfregando gentilmente, acariciando, em uma direção somente.

Como soube qual era a maneira mais gentil de tocá-la? Como um gato quem só podia suportar que sua pele fosse acariciada em uma só direção, alagou-a uma poderosa sensação de comodidade e relaxamento. Sentiu o trocar para seu redor, como se a cheirasse perfeitamente.

—Siena, me escute — disse brandamente.

— Terminaste aqui. Seu dever a meu Rei foi satisfeito. Retorna à escuridão, deixarei este lugar e retornarei a casa. Não me verá de novo. Juro-o...

—Não. Ainda não está bem de tudo — protestou, afastando-se para lhe olhar diretamente aos olhos.

— Me encomendei mesma o seu cuidado e o farei até o final. Eu... Eu só estou... —Siena agitou a cabeça, incapaz de encontrar palavras enquanto afastava os últimos vestígios de suas lágrimas de debilidade.

—Tem que te dar conta do que há detrás de tudo isto. —a urgiu brandamente, acariciando com os dedos do queixo até os olhos.

— Samhain está a uma semana de distância. Sua espécie se vê afetada por isso, igual que minha. Os Demônios estão malditos pela lua deste mês para não desejar nada mais que emparelhar-se, tão mal imaginado como pudesse ser com qualquer formoso humanóide que vejam.

Elijah livrou um profundo fôlego, afastando o olhar desses olhos dourados, e a líquida luxúria contida neles que ainda lhe tentava. Por mais que forçasse a si mesmo a acreditar sua

própria explicação, não podia escapar do caçador sentimento no centro de seu ser que sussurrava com sinistro encanto que era muito mais que isso.

—Sim — concordou Siena, tomando a explicação com gratidão.

— Sim, tem razão. Tinha esquecido como afeta a sua espécie. O efeito não é o mesmo em minha gente. Não exatamente. Mas nossos lados animais se voltam dominantes durante este tempo. Instintos como o emparelhamento são tão assustadores que... Rompem o bom julgamento normal.

—Então entende que se não for, isto provavelmente passaria de novo? —Perguntou.

—Talvez. Talvez não agora que somos conscientes disso. A parte deste... este problema, não pode ir. Conheço suficiente aos Demônios para saber que não pode trocar de forma, enquanto esteja tão ferido sem arriscar a vida. Não deixarei que arruíne todos meus esforços para te curar.

Sentindo-se aliviada e exausta ao mesmo tempo, Siena se recostou nos travesseiros da cama, ignorando a urgência de esfregar a bochecha sobre o travesseiro que tinha tão pesada essência dele.

Elijah podia ver que estava doente, apesar do fato de que estava tratando de atuar como sua enfermeira. Sua carreira no brilhante sol de outono, apesar de estar bloqueado pelos ramos das árvores, tinha causado bastante dano. Os Licántropos o chamavam envenenamento pelo sol. Havendo visto antes de perto, os efeitos eram a prova de enganos. Estava pálida, a pele pálida sem o brilho dourado usual, e seu cabelo usualmente revoltado, pendurava murcho a seu redor.

—Está sangrando de novo — murmurou, levantando a mão para tocar a vendagem sobre o peito ferido.

— A água danificou os selos da vendagem.

—Secará, não se preocupe — Elijah se estendeu e agarrou sua mão, incapaz de liberá-la uma vez que a teve em sua palma de novo.

Forçou a si mesmo a deixá-la ir, levantando-se e caminhando fora da habitação. Retornou rapidamente com um copo de água, mas tinha dormido cansada durante o tempo que demorou. Sentou-se no lado oposto do colchão, exalando larga e lentamente. Girava o copo ao redor das mãos tratando de manter-se ocupado enquanto tratava de esclarecer pensamentos.

Siena talvez não soubesse, mas Elijah tinha quebrado muitas leis no momento que pôs as mãos sobre ela. As leis dos Demônios eram muito específicas sobre certas coisas. Francamente, estava maravilhado de que o Executor não estivesse descendo sobre ele nesse momento, determinado a lhe ver castigado como deveria. Só tinha sido sorte que a única vez

que necessitasse essa intervenção, Jacob estivesse ocupado com sua esposa e seu recém-nascido.

Todo o corpo de Elijah doía. E, precaveu-se, não era de tudo pela dor de suas feridas sanando. De algum jeito ela tinha entrado sob sua pele, essa atormentadora criatura formosa. Estaria mentindo a si mesmo se tratava de convencer-se de que tudo era físico. Havia algo em seu espírito, em suas maneiras, que impregnava nele. Tinha estado fazendo desde o dia em que se conheceram, fazia seis meses.

Nunca tinha acreditado no plano de Gideon de capturar a si mesmo na corte do Licântropos, que se voltaria em algo mais que intercâmbio médico. Mas os resultados lhe tinham surpreendido inclusive enquanto continuava sem confiar nele. Inclusive depois que a Rainha tivesse declarado o final da guerra, tinha estado rondando com outros pretextos. O pretexto que lhe mandaria de novo à guerra, justo quando começavam a relaxar. Entretanto, desde que a tinha conhecido, sabia que era diferente a qualquer cambiante que encontrou antes. Inclusive tinha começado a sentir-se mais crédulo nesta paz que ela tinha negociado tão habilmente com sua agressiva gente.

Exausto, Elijah colocou o copo a um lado e se deixou cair no travesseiro junto ao outro em que descansava a rainha. Girou a cabeça para olhá-la. Tudo o que viu foram delicados troncos de pestanas douradas contra as pálidas bochechas. Por alguma razão, fixou-se nesse elegante detalhe, encontrando-se curioso sobre quão frágil parecia. Como se pudesse quebrar sob o mais ligeiro toque. Nunca tinha pensado nela como algo delicado ou frágil. Era uma mulher de formidável força e, seria um idiota se pensasse de qualquer outra forma. Mas ainda tinha uma inocência escondida.

Não tinha nada que ver com o fato de que era consciente de que ela não tinha tomado um amante. Sabia a condição que vinha com isso, e sabia que era pelo que tinha estado tão aterrorizada do que quase passou entre eles. Mas era algo mais profundo que só o estado virginal de seu corpo.

Talvez por uma parte, entenderia o que tinha pensado e sentido, mas era algo que nunca passaria. Uma vez que se fossem desse lugar, o único tempo juntos no qual se veriam seria durante as audições na corte de Noah que a incluíram. Se ele tinha algo que dizer sobre isso, não se veriam nem nesse momento. Estava decidido a manter a distância a partir desse momento. Era um guerreiro, treinado nas formas mais extremas de disciplina e poderia facilmente fazer isso.

Os olhos do Elijah se fechavam, lhe fazendo mais consciente do aroma de sua essência. O que lhe atraía mais pensou enquanto deslizava ao sono, era o bem que mesclava com a sua própria.

CAPÍTULO 4

Noah empurrou um dos poeirentos livros da grande biblioteca Demônio, um arquivo de sua vasta história e profecias que se encontrava nas masmorras de seu castelo natal. Havia três enormes livros esperando sua atenção, mas os ignorou e começou a passear pelo Grande Salão, sinal da agitação que sentia e se vinha repetindo com muita frequência nos dois últimos dias.

Dizer que estava preocupado teria sido ficar curto. Apesar do fato de que o Capitão de seus exércitos estava desaparecido e sem haver dito uma palavra a ninguém de onde estava, algo nada usual nele, teria que saber depois de todos os anos que conhecia Elijah, que era bastante capaz de cuidar de si mesmo. Mas eram tempos imprevisíveis. Inimigos e profecias, os Druidas tinham sido redescobertos e tinham nascido meninos híbridos com potenciais habilidades novas e poderosas. Homem e mulheres de repente se vinculavam com uma frequência que sua raça não tinha desfrutado desde mil anos, se é que alguma vez o tinham feito.

Por isso, estava procurando volumes de conhecimento, história e profecia que tinham em cima o pó de épocas. Alguns não abertos em milênios, escondendo segredos e pensamentos que nem sequer Gideon, com seus mil anos, conhecia. Esperava encontrar neles a claridade em todo este caos. Em qualquer caso, a natureza arcaica da antiga língua Demônio fazia com que a tarefa fosse lenta e difícil.

A melhor erudita para esta tarefa seria Isabella, a mulher Executora. Entretanto, apesar de que os poderes Druídicos lhe permitiam traduzir facilmente a língua Demônio em todas suas formas desde épocas antigas, simplesmente não era possível para uma mãe recente dedicar-se a um estudo tão intensivo tendo dado a luz fazia tão pouco tempo.

Os eruditos como o Rei, estavam procurando respostas aos problemas do presente nos trabalhos e profecias do passado. O Destino era um assunto importante para os Demônios, tanto como indivíduos como sociedade. Era muito parecido a uma experiência religiosa seguir o mais puro dos caminhos para seu destino, procurando que as profecias se cumprissem no presente, transformando-se em uma história maravilhosa.

Tinha sido isto o que tinha feito com que a traição de Ruth e Mary a sua gente fosse tão dura. Virtualmente era algo desconhecido. Deu-se conta, entretanto, que as mulheres traidoras tinham causado dor e confusão, embora, em sua distorcida percepção, seus caminhos estavam tão predestinados como os de outros. E Noah supunha que era certo. Não

todos os caminhos estavam destinados a ser corretamente morais e claros. Se esse fosse o caso, não haveria guerras nem violência.

Na mente dos traidores, estes atos de vingança contra seus próprios irmãos estavam justificados, inclusive eram justos. Em Maio passado, justo antes do Beltane, tinha tido princípio um brutal ato de castigo contra Jacob o Executor, mas depois se estendeu como um veneno tóxico que incluiu toda a raça Demônio. Após, os Demônios tinham sofrido repetidamente nas mãos desses renegados, vítimas de táticas daninhas de guerrilhas sem nenhuma razão aparente. Se os últimos seis meses lhes tinham ensinado algo era que os inimigos estavam por toda parte, alguns mais perto do que esperavam.

Tudo isto fazia com que se preocupasse em perder camaradas pelos quais o rei normalmente nunca se inquietou.

Soou um pranto perto da chaminé no outro lado do Grande Salão e imediatamente esqueceu seus voláteis pensamentos e se aproximou com urgência do delicado berço de onde tinha vindo o pranto. De dentro do berço tirou um bebê diminuto em suas grandes mãos e parou um momento para colocar à menina no oco do braço com uma manta rodeando-a calidamente.

—Bom carinho — disse com familiaridade. — Tem algo que dizer?

A menina, de pouco mais de duas semanas e que nem sequer podia manter a cabeça erguida muito tempo, franziu o cenho mais do que o normal, fazendo com que o Rei Demônio risse.

—Acredito que vais ser como seus pais. Será minha Executora algum dia, carinho? Caçará Demônios caprichosos e os trará ante mim para que recebam o castigo que mereçam?

Noah moveu o corpo para deixar cair em sua poltrona favorita ante o fogo. Levantou a mão e de forma brincalhona começou a acender os dedos, fazendo saltar a chama de um dedo a outro com tal velocidade que a menina abriu os olhos como pratos. Agitou os braços e as pernas com excitação, alargando as mãozinhas para ele, mas se assegurou que as luzes brincalhonas estivessem fora de seu alcance. Chiou com frustração infantil.

—Shhh — sussurrou.

— Se sua mãe soubesse me arrancaria à cabeça.

Sorriu e extinguiu as chamas com a mesma facilidade com que as tinha acendido. O Demônio de Fogo aproximou então os quentes dedos à sedosa massa de cachos negros da cabecinha.

—Estou bastante aborrecido de que seus pais tenham elegido a Elijah para ser seu Siddah antes que a mim. Embora entenda que têm previsto que seria muito para um homem ocupado em governar toda uma raça. E não — continuou estirando as largas pernas e as cruzando nos tornozelos—, certamente não aprecio o gesto de sua mãe ao pensar que para

então, tenha minha própria família. Parece que se deleita grandemente vendo como um macho Demônio atrás de outro caírem sob o ardiloso feitiço de vocês, as fêmeas.

A menina o olhou piscando com os olhos azuis de recém-nascida, depois agarrou um dos grossos dedos com assombrosa força e o meteu na boca.

—Me alegre de que veja do mesmo modo que eu — riu.

— Estou começando a me arrepender de ter empurrado seu pai aos braços de sua mãe. Não é que tivesse podido evitá-lo. Mas desde que essa mulher entrou no castelo, as coisas não foram às mesmas. Se isto seguir assim, Elijah vai entrar por essa porta transbordando sonetos de amor e com seus próprios meninos. Já é bastante mau que minha irmã...

Perdeu o fio e o bom humor se desvaneceu ao lembrar-se do guerreiro desaparecido. Francamente, teria sido muito bom que aparecesse pela porta, sem importar em que circunstâncias. Não era próprio de ele desaparecer e não dizer a ninguém onde poderiam encontrá-lo. Especialmente com o perigo abatendo-se sobre eles.

Elijah tinha estado se comportando como um louco os últimos meses, trabalhando sem descanso, tentando encontrar tudo o que podia sobre o culto de mulheres humanas que conspiravam contra os Demônios e outras raças Nightwalker. Chegava literalmente ao esgotamento caçando aos Demônios traidores embora se metesse na jurisdição de Jacob. Não sabia que Noah estava atento ao fato de que tinha solicitado muitas vezes os serviços curativos dos Demônios Corpóreos para seus soldados. Vários destes soldados se dirigiram a contra gosto ao Rei, cheios de lealdade para Elijah e sem querer saltar a linha de mando, mas temerosos de que o Capitão estivesse expondo-se a um sério dano. Cada um deles tinha tentado minimizar a seriedade da situação, mas os olhos lhe haviam dito o que não queriam revelar. Por isso, tinha convocado a entrevista de ontem.

Elijah nunca teria deixado de ir a tal entrevista. Era correto até não poder mais quando se tratava dos protocolos de Noah e nunca ignorava as convocatórias embora estivesse à beira da morte e tivesse que arrastar-se fora da cama. Apesar das maneiras informais, era ferozmente leal e se notava.

Suspirou tentando acalmar os pensamentos e voltou à atenção ao bebê em seus braços.

—Parece que tem fome, coração. Sua mamãe deveria vir a te alimentar antes que me remoa os dedos.

A menina lhe ignorou e continuou mordiscando.

—Não acredito que um bebê sem dentes possa te morder muito.

Levantou os olhos, surpreso ao dar-se conta de que tinha estado tão distraído em seus pensamentos que não se deu conta da chegada do Executor. Os olhos foram imediatamente ao sério semblante de Jacob enquanto Isabella se inclinava para recolher de seus braços a sua

filha. Soube no instante em que olhou os escuros olhos, que as notícias do Executor não iriam ser boas.

—Nada? —Perguntou, e as turbulentas emoções transpareceram claramente na interrogação.

Assim que Bela teve nos braços à menina e se apartou arrulhando-a, Noah levantou da cadeira e se aproximou de Jacob que dava as costas a sua família. Os Executores tinham estado procurando algum sinal de Elijah. Claro sinal de que Jacob estava tão preocupado como Noah, era que Bela tinha deixado a sua filha recém-nascida para ir com Jacob e ele tinha permitido sem protestar. É obvio, poderia dizer-se que tinha protestado não lhe importava um nada a Druida com a que estava casado. Bela era uma mulher bastante independente e moderna com uma atitude atrevida e vontade própria e, podia-se dizer, que desfrutava pondo seu marido contra as cordas tanto como ele desfrutava que fizesse.

Voltou para escritório que tinha deixado minutos antes com seu Executor seguindo de perto com os braços cruzados sobre o atlético peito e a cabeça escura tão baixa como a voz.

—Não entendo Noah. Deveria ter sido capaz de rastreá-lo em qualquer lugar. É o que tenho feito toda a vida. Especialmente durante o Samhain. Sabe que meus poderes estão ao máximo nesta época. Mas o segui até Washington e depois o perdi completamente.

—Ali chove muito, Jacob e levava todo um dia de vantagem quando começou. É compreensível.

Fez um som que transmitiu ao Rei que não perdoava tão facilmente a falha como o monarca. Mas assim era Jacob. Era e sempre seria extremamente duro consigo mesmo com respeito às falhas. Não importava que cometesse poucas e muito de vez em quando. Quão único importava para a alta moralidade do Demônio da Terra era que uma falha implicava muitos falhas.

—Isabella não pode tirar-se de cima a sensação de que está em perigo — disse Jacob tenso, passando a mão pelo cabelo comprido e escuro.

— Esteve tendo tantas premonições uma detrás de outra desde que perdemos o rastro que acreditei que ia desmaiar pela sobrecarga.

Isto fez com que Noah levantasse o olhar para a Executora com rapidez e se deu conta pela primeira vez do aspecto gasto e a forma como embalava a sua filha como se estivesse desesperada pela calidez e o afeto. Tinha sido uma dilaceradora tarefa e os ambíguos resultados tinham cobrado gastos aos amigos do Elijah.

—Que classe de premonições? —obrigou-se a perguntar o Rei.

—Batalha. Dor. Seguia dizendo que estava cega pelo sangue. Inclusive sem essa informação não tinha que me dizer que estava segura de que algo mal ia passar ou já tinha passado. Podia-o sentir eu mesmo. O único bom é que nem ela nem eu podíamos estar

seguros se estava vivo ou morto. Não estava convencida de que tivesse sido Convocado. Noah sabe Ruth o nome de poder de Elijah? Pode haver o facilitado a algum Nigromante que o tenha Convocado e aprisionado? —A mão se fechou em um punho.

— Te juro pela alma de minha filha, Noah... que se essa cadela me forçar a ter que matar a Elijah não descansarei até que tenha sua negra alma na palma da mão.

Noah entendia a raiva e o medo do Executor. Se Elijah tinha sido Convocado, a pior das sortes conhecidas na raça Demônio, provavelmente já teria corrompido transformando-se em um escuro monstro sem alma que seria um perigo com grande poder para qualquer criatura a seu alcance. Os usuários de magia utilizavam pentagramas desenhados e embebidos de poder por sua vil magia para aprisionar ao Demônio cujo nome de poder tinha obtido. Uma vez que o Demônio caía na armadilha, era quase impossível salvá-los. Era o doloroso dever de Jacob e Bela destruir esses monstros. Mas se Elijah se converteu em tal criatura, a dor que os Executores sofreriam ao ser forçados a matar ao Demônio que tinham eleito para criar a sua filha durante o Fostering seria inimaginável.

Elijah significava tanto para eles como para o Rei e muitíssimos outros. A moral de todas as forças armadas de Noah, tão fortes, tão dirigidas e avivadas pela poderosa presença ia passar maus tempos recuperando-se de uma tragédia de tal magnitude. A perda de um Demônio tão poderoso e brilhante devastaria à raça inteira, sem mencionar a ferida aberta que ficaria em dúzias de corações, incluído o do Rei.

Doía-lhe a cabeça e esfregou as têmporas pulsantes. A tensão se concentrou em ambos os pontos desde que se deu conta pela primeira vez de que algo passava. E aí estavam, dois dos seres mais poderosos de sua raça. E estavam perdidos? Que triste comentário para o futuro de sua gente! Pensou em um excepcional e amargo momento de fatalismo.

Apartou os sentimentos e a dor de cabeça sentindo aproximar a energia da Isabella. Estava esgotada e o suficientemente preocupada sem ter que vê-lo e ao Jacob totalmente derrotados. É obvio, tinha lido a mente e os sentimentos de seu marido tão facilmente como podia ler os próprios, mas Noah era farinha de outro saco. Supunha-se que era à força de sua gente.

Voltou-se para olhar a ela e a sua filha com um sorriso.

—Né, como está a mais recente de meus súditos? —Perguntou.

—Faminta, como notaste — disse rindo-se.

— Tenho que alimentá-la. Quero que vocês dois relaxem, tomem uma taça e esperem a que volte antes que coloquem a pata. Também sou sua Executora, e não vou deixar que me mime como a um frágil passarinho. Está claro?

Lançou-lhes um olhar sensato que lhes fez afirmar com a cabeça obedientes.

—Vale. Se forem encontrar ao Elijah, parece-me que vão necessitar-me para...

Parou de repente e todo o corpo se voltou de um cinza aterrador enquanto os olhos lhe punham frágeis. Jacob reagiu um instante antes que Noah, agarrando o corpo enfraquecido com o braço enquanto tentava agarrar à menina com o outro. As arrumou bastante bem fazendo que as mãos de Noah parecessem desnecessárias quando se aproximou para ajudá-lo. Logo que a teve em uma cadeira, Jacob entregou sua filha a Noah e se inclinou sobre sua esposa para comprovar o pulso e a pele úmida.

— Isto é muito. Recentemente que teve à menina para que siga passando isto — soltou enquanto olhava a sua amada companheira sucumbir à outra dilaceradora visão muito provavelmente sobre Elijah e o destino que confrontava.

— Acredito que devemos chamar Gideon. A gravidez já foi o bastante mau com o ataque da Ruth e todo o resto. De verdade eu não gosto da cor que tem e o coração pulsa a um ritmo louco.

— Legna já não está aqui — lhe recordou Noah.

— A única forma que posso chamar sua atenção seria incendiar algo que estivesse perto dele e não é algo que eu goste de fazer nem sequer com minhas habilidades.

— Bom, tampouco posso fazer que cresça uma árvore sob seus pés. — grunhiu Jacob sem dar-se conta de seu tom com a preocupação.

— E estou muito esgotado para arrastá-lo até este lugar em forma de pó, inclusive embora não estivesse a milhares de quilômetros. Ponha à menina no berço e vá procurar a um Demônio Mental que possa contatar com Legna para que possa teletransporta-los a ambos ou que possa teletransportar ele mesmo.

Ambos olharam Isabella quando soltou uma frase rouca e incompreensível. Embora houvesse uma estrutura que Noah pareceu reconhecer. Bela tinha uma facilidade para as línguas que chegou com seus poderes Druidas assim não lhe surpreendeu que uma língua estrangeira formasse parte de suas visões.

Posto que nenhum dos dois a reconheceu no momento, não significava nada até que ela voltasse do transe e pudesse explicar-lhes. No suposto de que pudesse fazê-lo. A visão de Bela freqüentemente era mais que crítica.

— Voltam-se mais e mais fortes e ela mais débil. Do que serve este poder infernal? — Perguntou amargamente seu medroso marido.

— Algumas vezes — disse roucamente — desejaria não havê-la tocado nunca. Não estaria sofrendo assim se...

— Jacob, deixa-o — disse Noah com dureza.

— Não o sente e sabe. Estaria perdido sem ela e não teria esta menina tão formosa. Juro-te que vou declarar fora da lei essa culpabilidade com que te castiga constantemente. E Isabella estará encantada de fazer lhe cumprir isso.

Noah cruzou a habitação para deixar à menina no berço. Voltou-se uma coluna de fumaça um momento depois deixando os Executores atrás enquanto saía pela janela em busca de ajuda.

Magdelegna se sentou de repente saindo do sonho com um grito alto e apavorado. Instintivamente, levou as mãos ao ventre ligeiramente volumoso como protegendo o bebê que levava dentro do que fosse que a tinha perturbado. Era consciente de que Gideon despertou sentando-se e voltando-se protetor para ela. Seu marido a apertou contra si imediatamente, confortando-a com a pele nua e o corpo masculino e musculoso ao rodeá-la com os braços.

—O que passa Neliss? —Perguntou docemente pressionando os lábios suaves contra a curva do pescoço.

—Um sonho... acredito — disse.

Gideon a soltou e entrelaçou o olhar chapeado com o dela, com as sobrancelhas igualmente chapeadas franzidas com concentração.

—Segue tendo esses pesadelos. Estou começando a me perguntar se isto não é uma forma de premonição como as de Bela. Estivemos esperando que troquem algumas de suas habilidades e possivelmente esteve aí todo o tempo — Gideon alargou a mão para passar os dedos lentamente pelo cabelo cor café da Legna.

— Me diga com que sonhava Nelissuna.

—Era sobre Elijah. Algo vai muito mal. Não recordo os detalhes. Doce Destino, como odeio isso - disse cansada, apertando as têmporas.

— Se isto for o que suspeita, agora compreendo por que a Bela desgosta tanto esta habilidade em particular.

Gideon passou os dedos brandamente pela fronte de Legna, fechou os olhos um momento lhe enviando uma sensação de calma e energia curativa. Aliviou a tensão imediatamente e ela sorriu com um sorriso suave e tácito.

Durou um segundo, depois ofegou brutalmente quase lhe dando a seu marido na cabeça com a sua ao sentar-se outra vez com os olhos muito abertos e a mão na fronte esmurrando-se com dolorosos gritos de angústia.

—Noah!

—Vale. Não é um sonho — disse Gideon sombrio, saltando sobre ela para sair da cama e pô-la em pé.

— O que está passando?

—Não sei. Temos que ir. Já.

—Está bem. Embora te recomendaria que te vestisse antes de teletransportar-nos.

O gesto era o que necessitava e a fez rir brandamente aliviando a tensão. Vestiram-se rapidamente e, uns minutos depois, Legna os teletransportava pela longa distância até a casa de seu irmão.

Elijah foi o primeiro a despertar depois que tivesse caído à noite.

Abriu os olhos e se deu conta em seguida do que o rodeava.

O primeiro que notou foi que estava apanhado sob o peso de uma fêmea Licántropo dormida, bastante pesada. Doía-lhe o peito e a ferida recém curada lhe atirava por como estava ela esparramada em cima, mas quase nem não notou. Em vez disso, estava fascinado por como se arrastavam as mechas suaves do cabelo pela pele.

Estava completamente enredado entre seu cabelo e seus membros, mas era o toque desses dedos vivos de cabelo o que o mantinham quieto. As mechas estavam trancadas em cordões acetinados lhe serpenteando pelo peito, ao redor dos bíceps, sobre os quadris e as coxas com uma sensualidade inconsciente que tirava o fôlego. Conhecia os desafios do cabelo vivente, único em suas espécies, desde fazia séculos, mas só com o propósito de derrotá-los. Se o cabelo estava amarrado, o Licántropo não podia trocar de forma. Literalmente se voltariam loucos se lhes deixavam assim durante uma semana. Também sabia que se o cortavam podia ocasionar uma severa perda de sangue que inclusive podia matá-los imediatamente. Cortá-lo seria letal para eles, quão mesmo as queimaduras de terceiro grau sobre uma grande percentagem do corpo seriam para um humano.

Nunca tinha pensado. Entretanto, esta sedosa carícia podia excitar a um homem dos pés à cabeça com o sensual toque. Era muito consciente da agonizante resposta de seu corpo e de que parecia provir do toque coquete das mechas frisadas. Grunhiu suave enquanto a carícia fantasmal roçava eroticamente o endurecido aço de seu excitado corpo. Sentiu o batimento do coração doloroso de seu próprio pulso baixo aquela carícia travessa e envolvente. Não podia nem pensar, não tinha esperança de encontrar uma maneira de parar esta tortura devastadoramente perfeita.

Siena ronronou literalmente em sonhos. Uma ressonante vibração irradiava de todo seu torso, pulsando como uma massagem suave por todo o flanco do corpo contra o que se aconchegava. A perna deslizava incansável pela dele, a panturrilha deslizava para a coxa levando o joelho entre suas pernas. Elijah fechou os olhos com força, como se preparando para um impacto perigoso, mas não tinha medo de que lhe fizesse mal físico. Alargou a mão para deter o joelho que deslizava. Já era bastante mau que o cabelo o estivesse pondo a cem, não precisava sentir a pele contra a sua.

Não importava quanto o desejava.

Tentou tomar fôlego para se tranquilizar, mas o que conseguiu foi encher os pulmões com o aroma doce e tentador. Por causa de sua espécie, tinha a temperatura uns graus mais

alta que ele, mas pareciam muitíssimos mais, enquanto, no sonho, a fronte úmida se esfregava incansável contra ele. Cheirava aos aromas combinados, quão mesmo ele e não pôde deixar de notar quão erótica e sensual era a fragrância. Seu corpo pulsava profundamente com quebras de onda de necessidade, com uma inexplicável urgência de lhe dar a volta e pô-la sob seu corpo. Fantasias gráficas se desdobraram a partir desse ponto, incluindo o sabor, o toque e quão quente a sentia. Foi agonizantemente fácil compreender como sentiria esse calor quando estivesse dentro dela.

O coração começou a pulsar em dupla velocidade ao dar-se conta de que devia afastar-se tanto como pudesse antes que seu corpo despreparado sofresse outro ataque induzido pelo Samhain. Logo observou que desenredar do cabelo não ia ser possível sem sua cooperação. Não, a menos que trocasse de forma e, como havia assinalado antes, isso não era o mais judicioso que podia fazer. As feridas se reabririam e piorariam se não se curavam adequadamente antes de tentar tal mudança. Todas as feridas estavam curadas salvo as causadas pelo ferro e essas quatro sofreriam bastante dano. A de seu peito já estava totalmente restabelecida.

A única opção era despertá-la.

É obvio, ia ser incrivelmente embaraçoso para ela. Se algo podia dizer que sabia, definitivamente era isso.

Teve uma idéia repentina.

Fechou os olhos e se concentrou cuidadosamente no ar da habitação. Tinha que ter muito cuidado. Lentamente fez descender o nível de oxigênio. Ao diminuir o ar respirável, o corpo de Siena reagiu com o reflexo natural da tosse. Ofegou ligeiramente, redirecionando inconscientemente o que fosse que guiava o serpenteante cabelo para um instinto de autoconservação.

Tinha apostado nesses instintos e ganhou.

Afastou-se e o cabelo o liberou enrolando-se a seu redor em espirais protetoras. Tossiu a sério, mas, surpreendentemente, não despertou. Agora que estava livre, com o orgulho de ambos intacto, consciente ou inconsciente disso, Elijah lançou uma brisa fresca na habitação trazendo-a da parte dianteira da cova. Imediatamente, Siena respirou fundo várias vezes e o suor de sua fronte se evaporou em um minuto.

Lançou-se fora da cama no momento em que foi capaz e se afastou como se fosse uma espécie de ameaça biológica. Embora, de alguma forma, era. O guerreiro encontrou uma toalha limpa para secar-se, tomando nota mentalmente de conseguir algo que parecessem roupas verdadeiras logo que fosse possível. Passou à outra habitação rapidamente passando as mãos pelo cabelo enredado. Os movimentos fizeram com que se desse conta do fato de que levava sua fragrância por todo o corpo. Amaldiçoou solene enquanto se dirigia para o

mordente frio da piscina de águas minerais. Isso poria a tom imediatamente. Deixando a “roupa” saltou à piscina e se inundou totalmente ao frio extraordinário. Sendo um ente do ar, era um perito em manipular a necessidade de oxigênio. Permaneceu submerso vários minutos sacudindo o fato de que tinha um rastro de água e sangue deslizando-se pelo ventre. Valia a pena para tirar-se de cima a fragrância hipnotizadora de Siena que o perseguia aonde ia.

Tinha que partir dali tão rápido como pudesse.

Isa se pôr pior à medida que se aproximassem do Samhain estando juntos sob a influência da lua cheia. Certamente, quando despertasse, Siena coincidiria em sair deste desolado lugar e tomar distintos caminhos.

Isso se encontrava melhor.

Mas se lhe perguntavam, juraria que parecia estar condenadamente sã.

Legna sentou no regaço de seu marido com um suspiro, apoiou a cabeça sobre o ombro, procurando consolo. A mão do Gideon posou nas costas e a acariciou com suavidade.

—Está tão pálida — murmurou.

Gideon voltou os olhos para a mulher que dormia de forma irregular na cama próxima. Legna estava certa. Isabella estava mais que pálida. De fato, estava anêmica. Era uma doença corrente nas mulheres humanas depois de dar a luz. E tinha se agravado pelos esforços que tinha realizado após. Era algo que não podia curar. A anemia nos humanos, inclusive nos híbridos de humano e Druida, vinha produzida pela falta de ferro na corrente sangüínea. O ferro era a única coisa que não podia tocar. Não sem ficar realmente muito doente. Não podia permitir-se adoecer quando sua esposa estava grávida e o dia a dia na corte dos Licântropos era potencialmente perigoso ainda.

Poderia ter levado a cabo uma transfusão com sua irmã Corrine em circunstâncias normais. Mas no momento não podiam encontrar a Corrine e Kane, seu marido. Jacob tinha tentado contatar com seu irmão através do vínculo telepático pessoal, mas o jovem Demônio Mental não tinha respondido. Para começar, o vínculo não era muito forte, sendo suportado pelas habilidades telepáticas do Kane e aparentemente, estava muito longe ou muito ocupado para notar a pequena súplica que pedia atenção no fundo de sua cabeça. Se tivesse notado, haver-se-ia tele transportado imediatamente a casa do Noah. Embora fosse de esperar este tipo de coisas em um novato. Kane estava perto da maturidade, ao redor de seu centésimo aniversário, mas apesar da fortaleza tinha também muitas debilidades que superar.

—Jacob está trazendo comida com muito ferro e proteínas. Ajudará muito. —assegurou a sua esposa, sabendo que sentia profundamente a enfermidade de sua amiga.

As habilidades empáticas de Legna se intensificaram dramaticamente desde sua união, resultado de como a Vinculação de dois Demônios unia profundamente os poderes do macho e a fêmea tanto como os corações e as almas. Sendo um Ancião, a supremacia da energia do

Gideon era fenomenal e nada que Legna tivesse esperado. Ainda estava se ajustando à assustadora fonte seis meses depois.

Como resultado, freqüentemente se via assaltada pelos sentimentos amplificados daqueles que amava. Estava aprendendo a controlar a intensidade deste crescente potencial, mas não tinha feito progressos suficientes para manter-se a salvo de ser ultrapassada pela pena ou o regozijo de outros.

—Sinto-me como uma completa novata — se queixou, lendo os pensamentos diretamente da mente. Embora não era telepática pela natureza de seu sexo, compartilhavam um vínculo especial que os mantinha constantemente dentro dos pensamentos do outro. Era o mesmo que acontecia com Jacob e Bela e a todos os demais casais vinculados.

—É muito dura contigo mesma, Neliss — a acalmou posando um beijo na fronte.

— Te aproxima perigosamente a falar como Jacob — brincou sabendo que as constantes autocríticas do Jacob tinham a mania de meter-se sob a pele.

—Por favor, não faça que vomite as bolachas — disse com ironia.

—Vomitare as bolachas? —riu da frase.

—Sei, sei, falo como Bela — Legna riu bobamente apesar de si mesma.

— Não posso evitá-lo. Utilizou essa expressão durante toda a gravidez pegou-se.

—Já vejo — murmurou cobrindo o ventre com a ampla mão. Os dedos pareciam elegantes, dessa maneira tão dela, curvando-se sobre o bebê escondido com ternura e afeto.

Nesse momento Noah entrou na habitação.

Gideon se alegrou de que sua esposa não se movesse ou reagisse de maneira nenhuma. Tinha o terrível costume de saltar afastando-se no momento em que seu irmão aparecia. Mas como Noah seguia aceitando a união parecia mais relaxada.

—Simplesmente estou muito cansada para me mover — lhe sussurrou desafiante.

—Então, por uma vez, me alegro de seu estado de extenuação — lhe sussurrou.

—Olá — saudou quedamente aproximando-se de sua irmã e seu cunhado para não incomodar a paciente.

— Como está?

—Débil — disse Gideon.

— E piorando. Pu-la em um sono profundo, mas parece que ainda tem visões.

Noah se voltou para olhar a Bela e parecia preocupado quando a viu retorcer-se sem parar.

—Há dito algo que possa nos ser útil? Sabem por que seu próprio poder a está golpeando a morte? Nunca vi que as faculdades de alguém lhe causem tanto dano.

—Acredito que terei que chamar um Demônio Mental como último recurso. A empatia da Legna não é suficiente para acalmá-la. Possivelmente um telépata completo seja capaz de apartar-la dessas visões.

—Isso vai pôr Jacob contra a parede. Um Demônio Mental macho certamente deverá usar técnicas que incluam pôr as mãos em cima e já sabe como reage quando outros homens tocam a Bela.

—Acredito que melhorou nestes meses — disse Legna.

— A verdade é que chegou a um ponto em que não se preocupa tão quando Gideon vem para lhe fazer as verificações.

—Isso é porque sabe que um Demônio Vinculado não supõe uma ameaça — disse Gideon secamente.

— Sou completa, total e absolutamente teu, carinho e não poderia olhar a outra embora o tentasse.

—É verdade — Legna lançou uma risada fechando os olhos e aconchegando-se ainda mais contra seu companheiro.

Noah viu a ternura entre eles com uma mescla de alegria e dor. Estava feliz de ver sua irmã pequena tão contente e tão cuidada. Não havia ninguém tão poderoso como o antigo Demônio Corpóreo que a sustentava tão perto e a protegeria até o último fôlego se dava o caso. Isto alegrava profundamente ao Rei. Não se teria separado de Magdalegna tão repentinamente sem haver se assegurado de que estava a salvo.

Sobrepôs-se bastante à ausência. Tinha vivido com ele quase trezentos anos. Tinha a criado desde que era uma menina pequena depois da morte de seus pais assim que sentia falta dela terrivelmente quando o deixou. Mas estava se adaptando melhor do que tinha esperado.

Então, por que se sentia tão vazio quando via Legna e Gideon juntos?

A princípio não tinha gostado da eleição de companheiro que o Destino tinha dito para sua irmã por muitas razões, mas agora não teria querido a nenhum outro para ela, depois de ver quanto a amava Gideon. Assim não podia culpar o médico dos vazios de seu coração.

Sacudiu os sombrios sentimentos da alma antes que sua irmã os notasse e a inquietassem. Já tinha muitos preocupações sem lhe acrescentar as suas. Desculpou-se e voltou para salão onde poderia ruminar nos livros nos que provavelmente não encontraria nenhuma sinceridade enquanto esperava que Jacob voltasse.

—Anyá, se preocupa muito. Siena sempre faz o mesmo. Especialmente no outono.

Anyá se voltou para sua companheira com uma piscada de seus olhos tão escuros, que quase poderia dizer que eram negros. Syreena não se alterou o mínimo pelo olhar, e cruzou as magras pernas com despreocupação para enfatizar as maneiras.

Anya era uma mestiça Licántropo, resultado do que acontecia quando um humano e um Licántropo tinham filhos. Ao contrário da sociedade Demônio, emparelhar-se com humanos não estava proibido e não se castigava quando acontecia. Mas normalmente não era muito bem visto porque necessitava ser uma pessoa muito especial que fosse capaz de integrar-se nos costumes e deveriam comprometer-se totalmente ou não fazê-lo absolutamente, porque o risco de ver-se exposto era muito grande. Já era suficientemente mau com os caçadores e os usuários de magia perseguindo sua existência. Era horrível pensar o que poderia acontecer se a raça humana, em sua totalidade, compreendesse que os mitos e lendas freqüentemente eram mais verdade que mentira.

Um mestiço Licántropo não podia trocar de forma, mas sim mantinha a forma humana com todos os rasgos invisíveis do animal em que tivesse podido trocar se fosse de todo Licántropo. No caso de Anya, era parte raposa. Tinha nos rasgos a elegância e a graça de uma raposa, uma delicadeza formosa que a fazia parecer enganosamente frágil. Era ruiva embora a cor do cabelo trocasse em cada estação, do acobreado brilhante ao vermelho amarronzado e outros tons. Nesse momento era de uma miríade de marrons e vermelhos que vinham com o outono.

Era magra, miúda e uma das fiéis companheiras de Siena. Era para a Rainha o que Elijah era para Noah. A cabeça de seus exércitos, sua assassina chefe, uma infiltrada e a pessoa que a tirava do sério e podia fazê-la rir ao mesmo tempo. Era uma distinção que nenhum outro mestiço tinha tido nunca na corte Licántropo nem na família real.

A segunda fêmea era Syreena, a irmã menor de Siena e a herdeira do trono no caso de que Siena não tivesse filhos. Tinham-na chamado a casa e a tinham elevado à posição de conselheira quando sua irmã subiu ao trono por razões óbvias. Primeiro, porque era uma conselheira sábia, advogada dos desejos de sua irmã que não tinha medo de nada e única que podia contradizer à Rainha sem preocupar-se que a desterrassem da corte. Mas o que a fazia verdadeiramente única, uma dos mais únicos Licántropos vivos, era o fato de que era a única Licántropo viva que podia transformar-se em cinco formas diferentes.

Cada Licántropo tinha três formas. A humana, a Licántropo e a do animal sendo criaturas Were, meio humanas meio animais, como Siena era Mulher Gata.

Syreena tinha duas formas were mais.

Era crença generalizada que esta anormalidade tinha sido causada por uma enfermidade quase mortal que tinha sofrido durante a adolescência. Esta misteriosa enfermidade quase a tinha matado, mas ao sobreviver, tinha mudado de algum jeito. Uma vez que foi capaz de trocar de forma se deu conta de que tinha acesso a dois gêneros mais. Jocosamente se referiam a isso como a forma Licántropo de dupla personalidade. Esta descrição não estava muito longe da realidade em muitos níveis.

Para começar, as duas formas animais não podiam ser mais opostas entre si. A primeira era um falcão peregrino, um caçador de agudo olhar quando voava. A segunda era um golfinho de focinho de garrafa, uma criatura aquática brincalhona e com uma inteligência inconcebível. As características de ambas as criaturas eram visíveis em sua forma humana, um julgamento agudo e sua natureza predadora sem medo de nada, era a peculiar natureza de ter duas formas tão opostas de formas Were o que a fazia de alguma forma imprevisível.

Como humana Syreena era magra e leviana, parecia-se muito a um pássaro delicado, mas se movia com a graça elegante e a velocidade de sua metade golfinho. Levava o cabelo dividido em duas partes, uma metade marrom formoso e suave como as plumas e a outra de um elegante cinza aço. Tinha os olhos também de duas cores, mas, como o harlequim, o olho cinza estava no lado do cabelo marrom e o olho marrom na posição contrária. Embora parecesse extremo, de alguma forma a fazia parecer ainda mais exótica e única na aparência. A impressão geral era um formoso reflexo da natureza.

Syreena não era normal, mas era preciosa. Os que a consideravam perfeita, acudiam constantemente a ela. Ter uma forma tão elegante e maravilhosa era suficiente para que seu código genético fora desejável, mas possuir dois? O poder que a estirpe poderia ostentar era algo muito cobiçado sempre que os filhos pudessem herdar a mutação. Embora fosse uma possibilidade que muitos estavam desejosos de tomar.

Syreena se sentia incomodada pelas ambiciosas olhadas que recebia e como conseqüência se inundou completamente no trabalho como conselheira de sua irmã. Converteu-se em alguém tão irreprovável como Siena embora por razões diferentes. Syreena realmente desejava um companheiro e uma família, mas não confiava nos motivos ou nas intenções dos Licántropos. Não podia estar certa de que às pessoas formosas e acomodadas não tivessem motivos ocultos para fazerem-se seus amigos.

—Siena não desapareceria sem deixar rastro — continuou Anya dirigindo-se à conselheira.

— Se tivesse querido passar algum tempo a sós, haver-me-ia isso dito. Só está começando a conhecer de novo a sua irmã. Eu conheço a Rainha de toda a vida e não está acostumada a fazer isto.

—Estou na corte desde que terminou a guerra — disse Syreena e o tom refletia que não apreciava que a mestiça pudesse considerar-se mais irmã do que era a Princesa e herdeira.

— Acredito que pode dizer-se que nos últimos quatorze anos conheço minha irmã o suficiente.

—Não pretendia lhe insultar — se desculpou com solenidade.

—Perdoe- me. É que estou preocupada.

—Se preocupa tanto, por que não manda alguém da Elite procurá-la?

—Deveria fazê-lo — duvidou Anya.

— Mas se o que busca for solidão e a interrompo, ficará lívida e me encontrarei encadeada ao trono.

Isso fez com que Syreena risse. A Princesa apartou o cabelo bicolor e sorriu a Anya.

—Vá o que parecemos. Não reconheceríamos umas férias se nos mordesse o rabo. O que deveríamos estar fazendo é preparar o festival de Samhain.

—O que vais fazer no festival? Cruzar de braços e ser uma espectadora? — aporrinhou-a Anya.

O festival de Samhain sempre terminava com centenas de corpos entrelaçados repartindo depois as árvores e arbustos do bosque depois do castelo e o povo. Syreena não tinha companheiro e devido às mesmas restrições que sofria Siena, só podia ter um amante para toda a vida.

—Sabe? É afortunada de que nossa Rainha te adore — ameaçou Syreena com olhos faiscantes.

— Se não te encadearia ao trono eu mesma — a Princesa ficou séria com rapidez.

—Agora me preocupaste. Acredito que deveríamos jogar uma olhada ao território.

Syreena levantou e colocou o cabelo de maneira que a parte cinza estava enterrada sob a parte marrom. O cabelo marrom começou a deslizar-se por seu corpo imediatamente. Plumas e asas substituíram às formas humanas e em um brilho de velocidade que tirava o fôlego, Anya não pôde menos que admirá-la, Syreena voou através dos tetos abovedados da habitação.

Planejou até sair do castelo subterrâneo, deixando Anya só com suas preocupações. Nesse momento, tudo o que podia fazer era maravilhar-se das habilidades da Princesa. Não havia Licântropo vivo que pudesse trocar tão depressa. Possivelmente Siena, mas teria que trabalhar extremamente ou se sobressaltaria no meio da mudança.

Invejava e não invejava aqueles meninos puro sangue. Por uma parte, a maioria podia trocar de forma a vontade. Era uma destreza muito útil para o General dos Exércitos da Rainha dos Licântropos. E, além disso, parecia muito mais divertido ser capaz de experimentar o mundo como um animal.

Na lista de coisas contra estava à tendência dos Licântropos para os comportamentos animais menos controláveis. Embora aqueles que, como Siena e Syreena, podiam controlar a maioria desses impulsos, a maior parte da população tendia a ser menos firmes sobre as mais baixas naturezas. Desfrutava dos instintos com os que tinha nascido. Faziam-na ser uma lutadora determinada e uma excelente estrategista. Mas odiaria estar sob o impulso dos instintos. O controle era tudo para ela.

Nesse momento, controle significava tomar a iniciativa. Syreena lhe tinha dado uma idéia. Podia mandar aqueles da Elite que pudessem voar. Em forma de pássaro poderiam sobrevoar rapidamente as terras e informar imediatamente. Siena poderia senti-los passar, mas enquanto seguissem seu caminho não a incomodariam se era solidão o que a tinha afastado.

Se for outra coisa, Anya não seria capaz de perdoar-se por não ter atuado. Siena era realmente sua irmã e também uma amiga. Seria negligente se não pensasse no amparo da Rainha em todo momento. E sobre tudo nestes tempos.

Era uma líder excepcional com uma destreza sem igual. Embora Syreena pudesse ocupar o lugar em caso de necessidade, a Princesa não tinha a mesma afinidade com o povo que tinha Siena. Syreena tinha vivido grande parte de sua vida no recinto monacal do The Pride. Com todos esses grandes e sábios professores, sabia mais de estudos que de relacionar-se com a gente. Isto se notava durante as reuniões e fazia com que os outros se sentissem tão incômodos como ela. Siena era o líder que os Licântropos necessitavam nesta época. Não podia haver substituto, não especialmente a anti-social Princesa. Possivelmente chegasse seu momento algum dia, oxalá dentro de muito tempo, muito depois de que a influência de paz e sabedoria de Siena tivesse apagado o legado de sede de sangue que seu pai tinha deixado.

O comentário de preparar-se para o Samhain tinha sido uma brincadeira. A Syreena não a encontraria nunca perto das festividades e a maciça multidão da celebração. Siena tinha tentado atraí-la este ano tanto como pôde e por isso a ausência sentava tão mal a Anya. Não tinha sido capaz de convencer sua irmã de unir-se à festa se ela não estava ali e era virtualmente o único falava fazia semanas.

Não.

Algo ia mal.

Anya saiu da sala do trono para procurar sua Elite e ver se podia fazer com que essa sensação má se voltasse uma boa.

CAPÍTULO 5

Elijah saiu da habitação traseira vestido mais apropriadamente com um par de calças de correr que eram um pouco pequenas para ele, mas muito melhor que andar rondando por aí envolto em uma toalha. Eram o suficientemente folgadas para serem cômodas e serviam a seu propósito.

—Bastante perto — remarcou Siena enquanto lhe observava atentamente.

— Nunca me fixei que Jinaeri tivesse roupas de homem aqui, algo me diz que esteve ocultando alguns segredos.

—E você ordena que seus súditos lhe contem seus assuntos?

Elijah sabia que estava brincando com ela, mas ela sorriu e foi sentar no sofá com os pés enroscados debaixo dela. Entretanto se via um pouco melhor, possivelmente um pouco cansada pelos nervos. Elijah uniu-se a ela sentando no sofá a sua frente, cruzando um tornozelo sobre o joelho de maneira casual.

—Não, mas sim requeiro que as damas solteiras o façam, Jinaeri é uma de minhas ajudantes mais próximas, perto de mim só conservo ajudantes sem ataduras.

—Por quê?

—Porque meus sentidos são muito poderosos e é muito fácil para eu detectar o aroma de um companheiro nelas.

—E, por que isso seria tão mau? —pressionou-a Elijah. Suspeitava a resposta, mas queria a escutar dizer.

—É uma... distração, e me mantenho afastada dessas distrações. Não as castigaria ou condenaria por isso, simplesmente as substituiria e lhes daria outra posição.

—Refere a um isolamento. Com razão está indisposta em lhe dizer isso.

—Não é um isolamento.

—Passar de ser uma ajuda para a Rainha ao que seja? Não considera isso um isolamento?
—Elijah riu em curto, soprando com incredulidade.

— Aposto o que queira que Jinaeri crê.

—Talvez — concedeu Siena.

—E por quê? Por ter um amante? Isso sonha algo discriminatório, Sua Majestade, Tudo porque não quer te sentir incômoda com pensamentos sobre um companheiro ou sobre sexo?

—Não espero que compreenda — espetou ela de repente, com o corpo ficando rígido pela irritação.

— É bem sabido que vocês, Demônios, canalizarão o que seja que lhes ajuste pelo tempo suficiente.

—Ah, de verdade? É um fato tão bem conhecido como o do assunto do sangue Licântropo está danificado?

Ele tinha um ponto, estava claro. Podia-o dizer pela cor que avermelhava suas bochechas, mas para sua surpresa, uma vez mais ela reconheceu.

—Talvez esteja certo, temo que alguns de meus prejuízos se notasse de tanto em tanto, apesar de meus esforços. Desculpo-me pela crítica.

—Não me preocuparia por isso — disse Elijah tranqüilamente, sentindo-se um pouco mal por brincar com ela.

— Ultimamente te disse coisas suficientes e grosseiras para compensar.

— Isso também é verdade — assinalou ela, elevando uma sobrancelha divertidamente enquanto brilhavam os olhos.

— Sabe — Elijah levantou uma mão e sacudiu um dedo frente a ela.

— Tem um problema de atitude.

— Certamente, sua atitude é um problema para mim.

— OH, muito graciosa — respondeu o sarcasmo transbordando seus lábios.

Mas apesar de si mesmo, estava desfrutando do inofensivo enfrentamento, era rápida, pronta e ardilosa. Isto não lhe surpreendia, já havia visto algumas evidências disso. Ainda assim, era um atributo agradável. Tinha estado rodeado de fortes e brilhantes mulheres toda sua vida, e esta era a razão pela qual a achava atraente.

— Tem fome? Preciso caçar para dois se formos comer — disse ela.

— Não parece que esteja pronta para caçar ainda — advertiu ele.

— E nunca estarei se começarmos a morrer de fome. Não se preocupe guerreiro, ainda não houve um coelho que me tire o fôlego.

Ficou em pé, a saia de um desses pequenos vestidos caiu em seu lugar só para dar uma olhada ao guerreiro do tentador traseiro com curvas. Adiantando-se para a entrada da cova, Siena era alheia a sua reação. Quando a seguiu alguns minutos depois, encontrou o vestido atirado no chão perto da abertura. Incapaz de conter-se recolheu o objeto e pondo-o sob o nariz, aspirou profundamente sua essência.

Estava fazendo mais e mais difícil resistir esta atração que ela tão inocentemente deixava; já seja que lua fosse, ou simplesmente hormônios passados de moda altamente ativos, tinha que sair dali. Deixou cair o vestido no chão e girou abruptamente de retorno ao pequeno salão.

Ainda estava caminhando em frente à chaminé quando apareceu de súbito no início das curtas escadas, Elijah a olhou e ficou imóvel imediatamente, estava ruborizada, sem fôlego e formosa. Fresca pela caça e, poderia jurar pela vida do Noah, que cheirava cem vezes mais provocante que quando se foi.

Elijah ficou quieto enquanto ela baixava lentamente por volta do quarto, passando frente a ele para deixar alguns coelhos recém mortos. Retornou para onde ele estava, para ir à piscina, tentar lavar o sangue que lhe manchava as mãos. Siena não estava cega à absorta atenção do guerreiro, e o que não podia ver diretamente, certamente o sentia. Tinha uma afinidade com todos os animais, uma telepatia que lhe dizia que ações, desejos e sensações experimentava uma criatura. Funcionava com humanóides também, quando as emoções e sensações vinham de seu lado mais selvagem.

E a luxúria era certamente um aspecto selvagem.

Lavou as mãos lentamente, atrasando-se de propósito porque não queria retornar a essa parte da caverna e sentir o peso desses vívidos olhos verdes e o claro desejo que queimava por igual atrás deles. Não era imune a sua própria consciência dele e as coisas sobre ele que a atraíam em seus agudos sentidos.

Fosse Demônio ou de outra espécie, era um homem notável, física e quimicamente. Siena abandonou esses estreitos pensamentos, não podia permitir-se admitir que pudesse haver algo mais pessoalmente atrativo que só o físico. Não queria sentir essas coisas, mas eram incessantes. Não importava quão forte o tentasse, não podia apartar esses pensamentos que só serviriam para lhe atrair para ela, esperava que ao menos aceitando este aspecto de sua atração para ele, eliminaria a intocável tentação que representava.

Siena salpicou água sobre o rosto e pescoço, esperando que o vigoroso frio refrescasse os especulativos pensamentos, ficou em pé e retornou lentamente à habitação próxima. Para seu alívio, ele tinha ido de volta ao dormitório, não era muita distância, mas ajudava. Imediatamente se ocupou da preparação de outra caçarola de guisado, usando o que ficava do fornecimento de ervas, limpando o forte aroma dela em suas mãos as esfregando sobre a saia do vestido. Seus pensamentos se dirigiram ao dormitório, perguntando-se o que estaria fazendo. Alcançou a sentir seus movimentos de qualquer maneira possível.

Foi um engano.

Sentia-lhe muito bem. Podia lhe ver vividamente em sua mente, sentado na cama, as mãos enlaçadas sem cuidado entre os joelhos e a cabeça inclinada, como se estivesse lutando consigo mesmo. Sentiu, nesse próximo momento, tudo o que ele sentia. Ele também esperava que pondo um quarto de distancia entre eles, diminuiria a afiada dor desta inexplicável atração que sentia por ela, estava zumbindo com os nervos tensos e o audível desejo de jogar-se no próximo vento forte. Tinha que escapar tinha que voar, mas não podia fazê-lo e esperar sobreviver; não só pelas feridas, sentia admiti-lo, mas também porque quando pensava em que nunca voltaria a vê-la, pondo uma grande distancia entre eles, começava a sufocar.

Siena apertou ambas as mãos sobre o balcão, a cabeça inclinada enquanto tratava de respirar, enquanto tratava de recordar que era ele quem estava lutando no limite da claustrofobia, não ela. Tratou também de convencer-se de que seus apaixonados sentimentos não eram a razão pela qual seu coração começou a palpitar. Que a faiscante sensação que apertava seu peito, não tinha nada que ver com o que significava ser querida finalmente por ela mesma. Não por ser da realeza, ou herdeira, ou irmã, mas sim pela mulher como um todo.

Querida como todas essas coisas, assim como também por ser a guerreira, a justiceira, A rainha e a serva das necessidades de seu ofegante corpo. Para o guerreiro na habitação do lado, ela era dourada e suave, de formas perfeitas para suas mãos e seu corpo, exsudando o perfeito aroma que o atraía a ela; tinha sangue quente, nobres pensamentos, e uma astúcia

como uma caixa de tesouros que quando a abria não podia evitar sentir a riqueza e bem-estar de sua presença.

Ainda quando ele pensava tudo isto, era consciente do peso da excitação em seu aroma que crescia com cada pensamento que lhe dirigia. Sentiu o palpitar de seu coração diretamente através das têmporas, e soltou uma suave e atordoada risada quando sentiu o assombrado calor que pulsava forte e baixo em um corpo que parecia estar permanentemente endurecido de necessidade por ela. Siena tragou uma profunda pausa, tratando de cortar sua conexão com ele, mas estava de longe, muito fascinada pela pureza disso para realmente deixá-lo ir. Nunca tinha combinado com um ser tão perfeitamente, nunca tinha sentido dentro de seu próprio corpo o que outro ser sentia. Agitou-se, incontrolavelmente, enquanto deslizava uma mão através do ventre, como se de repente encontrasse seu sexo trocado, permitindo-se tocar o masculino embate de incômodo e tenso calor sob o V de seus quadris. As lágrimas apareceram em seus olhos, a dor e a luta tão insuportável como a dele.

OH, mas sim pôde sentir a honra, a determinação de nunca render-se a seus impulsos, não importava quanto lhe mortificasse. Isto foi o que lhe cravou através e em meio dela. Dar-se conta que, apesar de que era uma notável tentação, embora estivesse proibida para ele pelas leis naturais e as escritas por seu povo, embora ele pudesse condenar-se a castigos que iam além de sua compreensão, não era nenhuma destas razões as que lhe freava.

Havia uma só coisa que o ancoraria em sua honra, e era o entendimento que nunca poderia machucá-la, que preferia ver-se morto que vê-la alguma vez chorar, ou lhe temer, ou alguma outra coisa igual de negativa como a dor.

Em toda sua vida adulta como realeza, tinha sido corajosamente protegida de um sem-fim de coisas, mas nunca tinha sido ansiada de tal maneira. Como podia ser que tão resistente inimigo pudesse demonstrar tal sentido da honra a alguém que representava tudo o que tinha desprezado durante três séculos?

A rainha distraidamente colocou a caçarola do guisado no gancho da chaminé, pendurando-a sobre as chamas. Logo vacilou antes de entrar no dormitório, escutou a rápida e pesada queda de sua própria respiração, observou com os punhos apertados como se movia dentro e fora de seu peito, enquanto dizia a si mesma que girasse e tomasse a outra direção.

Distância precisava pôr distância entre eles.

Mas em vez disso, seguiu o caminho, não entendia que a impulsionava por volta do quarto, mas seguiu este poder até que finalmente foi capaz de deter-se, justo quando ele a olhou. Observou-lhe com uma fascinação que não podia compreender, enquanto as relaxadas mãos dele se convertiam em punhos tensos. A respiração acelerou ainda mais, quando se deu conta que significava que seu controle estivesse posto a prova só com sua presença na habitação, por que isto lhe emocionava tanto? O aumento do calor e a excitação a fizeram

tremer com antecipação. Havia um poder aqui, disse-se, um com o que tinha jogado toda sua vida, uma vez que tinha descoberto a paquera de seu corpo enquanto se convertia em mulher. Tinha aprendido a utilizá-lo para acalmar e tranquilizar, para encantar e ganhar, para convocar e negar. Era sempre algo vivaz, mas aqui jazia um caminho tão perigoso que sua vida inteira poderia explodir por isso. Mas mover-se diretamente ao longo deste caminho podia estabelecer certos desastres, certo prazer, certa debilidade de poder sobre o homem mais poderoso que tivesse conhecido. Aproximou-se e ele se levantou e a enfrentou, seu rosto, uma tormenta de emoções à luz das chamas que piscavam entre eles.

—Siena — advertiu ele, seu nome quebrando-se em suas cordas vocais.

—Elijah.

Foi a primeira vez que ela disse seu nome, e foi um assombroso impacto em ambos os lados. Para ela, fê-la rir com inesperada delícia, não tinha sentido, logicamente, mas ali dava igual. Para Elijah, a simples palavra golpeou cada defesa que tinha tratado de erigir para proteger-se de sua atração. Seu nome nesses lábios, passando através do rico tom da sedutora voz, cravou-se em sua libido como uma faca quente em manteiga. Apartou a cabeça, amaldiçoando baixo enquanto se forçava a ficar quieto e não aproximar-se.

Siena fez um esforço inútil, com um especulativo olhar nos olhos dourados, começou a caminhar para ele, a cabeça se tornou para trás, os ferozes olhos percorrendo completamente seu corpo, do momento em que ela deu seu primeiro passo. Podia escutar o roçar de seus pés nus enquanto se movia, revolvendo a areia e o pó contra a pedra polida, o arco dos pés e as pernas flexionadas tão tensamente, que os talões nunca tocavam o chão. As mãos estavam enlaçadas por detrás, permitindo que a coquete saia de seu vestido se estirasse e balançasse com o natural rebolado de seu corpo.

Elijah se forçou a recordar como esse perfeito e sensual corpo se sentia contra o seu. Cada plano de veludo, cada exaltada cercania, cada onda de doce e ardente almíscar que se elevava de sua pele. Viu-se obrigado a recordar ainda mais vividamente à medida que se aproximava dele e podia sentir seu calor corporal.

—Siena — disse com voz rouca.

— Não, não me toque, ou juro que... não posso... terei que...

Ela elevou o olhar a seus olhos, luzindo tão tentadora enquanto fazia que imaginasse que podia ler seus atrevidos pensamentos sexuais. As palavras lhe abandonaram quando baixou o olhar a esses eloqüentes olhos dourados; embora não disse nada por um comprido minuto, expressou quentes pensamentos com esses olhos famintos. Observou o bater das delicadas pestanas, enquanto obviamente lhe avaliava, fazendo-o tão claramente como uma mulher interessada em avaliar a um homem. Mas, como pediu, não lhe tocou. As mãos se

mantinham enlaçadas às costas e se deteve justo o necessário para não fazer contato com sua pele.

—Responderia uma pergunta? —brandamente lhe perguntou, os olhos foram à deriva por seu rosto, seu peito, descendo por seu musculoso abdômen.

—Siena.

—Sim ou não — interrompeu com firmeza. Quando resistiu a responder, elevou uma mão posando-a sobre seu músculo peitoral direito. A ameaça foi terrível e clara.

—Sim ou não?

—Sim — cedeu rapidamente, quebrando-se de repente ante uma ameaçadora tortura que nunca tinha antecipado em sua carreira como guerreiro.

Ela voltou com sua mão para o flanco e sorriu. Elijah se deu conta de que desfrutava de cada batalha que ganhava, não importava quanto teria que pagar no processo. Ela era, em essência, exatamente como ele.

—Me diga o que se sente ao ter sexo.

Elijah retrocedeu pelo impacto da pergunta, mas ela continuou sem piedade, até que as largas costas estiveram tocando a imóvel pedra, o que não lhe daria nem um centímetro para escapar.

—Por que me pergunta isso? —demandou, tratando por tudo o que valia a pena não ceder ante os milhares de impulsos que lhe percorriam como espetadas.

—Porque você sabe — respondeu simplesmente.

—Siena, tem que ir. Não quer saber isto e não quer estar perto de mim, sabe.

—Talvez, mas me ocorreu que já que não somos da mesma espécie, certas regras não se aplicam.

—Um risco que não posso acreditar que queira tomar, Siena, esta não é você...

—E como é que presume conhecer quem sou? —Respondeu de repente.

— Ninguém me conhece, ninguém conhece esta parte de mim, nem nunca o fará! Tem idéia de quanto me enfurece isso? Sou metade gato, guerreiro, e cada instinto natural em mim que pertence ao gato é um de sensual facilidade e de amarga e aguda necessidade. Algumas vezes quero gritar com a intensidade da dor de me negar o que tais prazeres me causam! — Siena tragou uma profunda pausa, sua voz e olhos rugiram com a paixão das emoções.

— É como um animal em zelo encerrado em uma jaula, não há liberdade nem há escapatória, nada facilita. Assim que lhe pergunto isso com a esperança que, de algum jeito, sua resposta me brinde com quietude, odeia-me tanto que me negará isto? Ainda quando te salvei a vida?

—Não te odeio Siena! De toda sua gente, é a que menos motivos me deu para odiar, não importa quanto tratei que fazê-lo! Estou tratando de te proteger...

—Não necessito seu amparo! Necessito sua resposta — se inclinou ainda mais perto dele, o rosto a um fôlego do dele, enquanto seu olhar se engastava com o dele, seu fôlego de doce canela caía a correntes, apaixonado e entrecortadamente. Ela estremecia e irradiava necessidade, profundo em seus olhos, viu a dor, viu cento e cinquenta anos de negação e sacrifício.

—Por que não toma um companheiro, Siena? —perguntou o tom suave e inegavelmente tenro. Então, em vez do ressurgir irracional de ciúmes que a sugestão provocava com uma dolorosa marca, cada célula de seu corpo gritava em possessividade e predador protesto.

— Nada te obriga a ser machucada assim — disse roucamente, apenas capaz de falar devido a suas emoções.

—Porque a última vez que uma fêmea se emparelhou, foi com um bastardo sangrento que quase destrói seu povo depois de que ela morreu e lhe deixou ao mando de tudo! —a mão de Siena se converteu em um punho enquanto a raiva contra seu pai ardia.

— Trezentos anos desperdiçados em guerra e tudo o que suporta. Milhares de ambos os povos massacrados, E por quê? Para que? Uma insignificante ilusão? Um ego masculino ligeiramente ferido? Não, preferiria morrer antes de submeter a minha gente a tal tortura outra vez.

—Siena, nem todo homem é assim—argumentou Elijah.

Siena riu ante tal conceito, aproximou-se e lhe tocou de repente, ambas as mãos deslizando pelas costelas superiores, lhe fazendo encolher-se com um agudo bufo.

—Certamente não fala por você mesmo, é o mais experiente guerreiro de sua raça, estes músculos se definiram no campo de batalha.

—Porque é como tinha que ser não porque desfrute com isso — disse firmemente, reprimindo o gemido que se formava sob seu curioso toque.

—E não obtive prazer assassinando meu pai? —perguntou a acusação sussurrada acaloradamente.

—Tive tanto prazer fazendo-o, como você presenciando-o.

—OH sim — murmurou distraidamente, as mãos percorrendo seus flancos lentamente.

— Foi como um favor para mim o que fez, não é certo? Liberou-me para liberar meu povo.

—Fiz o que tinha que fazer para deter a matança.

—Tão nobre — indicou, suas mãos levantaram um pouco, enquanto as pontas dos dedos examinavam a pele, riscando graciosamente, perfilando a definição de seu peito, definido os peitorais, costelas e os pontos sobressalentes do abdômen.

—Siena, detenha — ordenou lhe agarrando as mãos com as suas, as forçando a ficar quietas, assim não lhe desestabilizariam com a tentação de seu toque.

— Se quer me odiar, então faz por como são as coisas. Não estabeleça mais raciocínio para me desprezar, temos suficiente ódio entre nossa gente.

—Mas tampouco te odeio Elijah — insistiu lhe golpeando de novo com o som de seu próprio nome. Não podia compreender por que lhe afetava do modo como fazia.

É obvio sua proximidade e magnetismo não ajudavam muito.

—Então, por que está atuando assim?

Ela se deteve enquanto parecia pensar nisso, a língua apareceu para lambear lentamente os lábios, essa erótica hipótese brilhando em seus olhos outra vez.

—Porque nunca em minha vida senti isto... este desejo que sinto neste momento. Quero entender o que é Elijah.

Elijah não esperava que se inclinasse tão de repente, o nariz percorrendo sua pele enquanto tomava uma profunda pausa.

—Por que seu aroma me atrai como nenhum outro?

Elijah não pôde responder. A besta de sua necessidade por ela estava ressurgindo violentamente através dele, emocionando-se pela maneira como ela roçava seu corpo enquanto aspirava seu aroma. Antes que pudesse controlar o impulso, inclinou a cabeça para a garganta, onde se curvava no ombro, e repetiu a ação sem vacilação. Seu aroma era divino, ambrósia, estava fortemente excitada, refletido pela pesada dose de almíscar feminino que lhe percorria como um veneno erótico. Ia queimando através de cada veia, cada nervo, liberando endorfinas e sangue ao longo de seu corpo, ambos esperavam com antecipação seu próximo movimento.

Não resistiu quando ela soltou as mãos de seu agarre, o movimento enviou às inertes mãos a deslizar-se por seus antebraços enquanto se aproximava dele. Ao princípio, tudo o que fez foi delinear inquietantes carícias pelo nascimento do cabelo, frente, nariz, bochechas e queixo. Sem lhe tocar verdadeiramente, embalou a cabeça entre suas mãos, as pontas dos dedos flutuando como asas de mariposa perto das orelhas, ao tempo que suas mãos tremiam com violência pelas necessidades contidas. Aproximou-se com a boca, seus lábios e fôlego lhe roçaram com sensações vivas e inexistentes ao mesmo tempo. Elijah fez um antecipado som de agonia, grave em seu peito, um conflito doloroso explorando através das pupilas quando lhe olhou com aguda claridade em seu propósito, ele temia, ansiava ambos com cada fibra de sua alma.

—Siena, por favor — suplicou, uma inútil última vez.

Então sua boca esteve contra a sua e todo protesto se desvaneceu em um nada. Ela era perfeita, completamente perfeita.

Nenhuma mulher podia ser tão insuportavelmente perfeita...

Elijah pensou isto com ferocidade e ainda quando se convencia do contrário, só se inclinava a satisfazer a exuberante carícia dessa boca. Retirou-se com força para tomar uma pausa que levasse um pouco de oxigênio, e assim o fez com o respaldo de seu aroma e o sabor elaborado de canela. Seus lábios eram ardentes contra os dele e flexíveis além da razão. Elijah rodeou sua cabeça com as mãos, aproximando-a e apertando-os mais no beijo que ela tinha começado, lhe mostrando exatamente com o que estava jogando.

Parte dele esperava que a intensidade disto não a assustasse como tinha acontecido no dia anterior.

E outra parte dele não.

Sua boca acendeu em fogo a dela, as poderosas mãos pressionavam as pontas dos dedos em seu couro cabeludo enquanto a agarrava com força, suas mãos tremiam com ímpeto igual às dela, e pôde sentir a vibração da cabeça aos pés. Tratou-a com violência, tratou de atemorizá-la com a arruda e lacerante intensidade de seu beijo, esmagando-a sob sua boca, inclusive indo mais longe ao liberar um predador grunhido de advertência e perigo. Feriu-a e machucou um pouco de ambos, como se ameaçasse, devorando-a como uma presa, rasgando a suave e vulnerável pele com fome e intensidade.

Siena lhe negou qualquer possibilidade de salvação, fechando de repente as mãos contra seu peito, investindo com seu peso, lhe pressionando agressivamente contra a parede de pedra detrás dele, liberando sua boca o suficiente para inclinar a cabeça na direção contrária e lhe capturar uma vez mais. Alcançou com audácia a carícia de sua língua, precipitando-se dentro de sua boca com urgente necessidade, de uma maneira que fez com que cada nervo de seu corpo cantasse de prazer. Não era nenhuma senhorita virginal que aceitava pacientemente o que ele orquestrava, dirigiria tanto como ele fazia, e a idéia disso lhe suavizou. Com essa mudança de agressão, e com a honestidade da reação que se forjou nele, ela soltou um som de deleite e estímulo.

O desalento foi afastado enquanto ele se queimava com a pressão de seu corpo e o apetite dessa boca, ela meneou seu corpo contra o seu, as suaves curvas estendidas nas duras planícies dos músculos. Encaixava a perfeição, tão alta e elegantemente formada, não a abrangia, e ele achou isso atraente além da razão. Suas mãos foram à deriva pelo pescoço e garganta, escorregando por debaixo do pesado cabelo para encontrar seu calor, inclusive o colar que levava se esquentou com o ardor de seu corpo. Antes que se desse conta do que tentava fazer, já tinha desatado o intrincado colar, fazendo-o escorregar pela frente de seu corpo.

Siena tornou para trás de repente assombrada quando sentiu o colar abandonar seu corpo para ser substituído por essas mãos, agarrou o colar antes que deslizesse pelo pescoço e logo olhou a ele e ao colar com completa incredulidade.

—Isto não é possível — sussurrou, estremecendo enquanto ele se aproximava para roçar o pescoço nu com a boca, as calmantes mãos a sustentavam, embora estivesse tratando de conservar um equilíbrio básico de seu corpo, gemendo ante a assombrosa sensibilidade da área. Durante toda sua vida, esta não tinha sido exposta a toque algum, salvo o do ouro e pedra de lua.

—Deixa-o a um lado — a urgiu ele, a língua riscando sua artéria carótida com o passar do pescoço de uma forma que converteu suas pernas em gelatina. Ela ofegou com prazer, os olhos fechados, enquanto ele repetia o circuito na direção oposta, acrescentando uma estimulante raspagem com os dentes até que a teve tremendo com calafrios. Siena sentiu como se seu corpo inteiro estivesse fora de controle, como se seu mundo carecesse de um eixo.

—Elijah, o colar... — tratou de lhe explicar, as palavras meros ofegos suaves.

—Deixa-o a um lado — ordenou de novo, articulando cada palavra com firmeza.

Imediatamente, Siena deixou que caísse de repente dos nervosos dedos e endireitou a cabeça com o que ele aumentou o acesso ao pescoço e garganta. Fez um som de masculina aprovação, que cantou através dela com eficaz deleite. Um momento depois a apertou com as bandas de aço de seus braços e a levantou sobre a ponta dos pés encerrou sua boca e a beijou até um estado de total falta de fôlego e intumescimento de pensamento. Sentiu-se leve e profundamente feminina; podia fazê-la esquecer sua força tão facilmente com suas grandes mãos e seu demandante corpo masculino.

Elijah a levantou do chão e a balançou ao redor com facilidade até que os pés tocaram a cama. Ela riu quando se encontrou em pé sobre ela, olhando abaixo para seus olhos. A risada se desvaneceu quando se deu conta o acesso que sua nova posição lhe permitia a seus seios, os lábios se torceram em um diabólico sorriso enquanto elevava os nódulos e roçava um mamilo e logo o outro, jogando com eles até que não pôde suportar a sensação. Estava fascinada com a imediata resposta de seu corpo, o impulso refletido exibindo-se erótico, inclusive para ela, enquanto observava diverti-la com seu toque.

Logo que pôde tomar uma pausa, enquanto se inclinava para ela e mordiscava o tecido do vestido, o sedoso material parecia nada quando atraiu um dos pontos dentro de sua boca, chupando até que pensou que ia paralisar de intenso prazer. Levantou a cabeça o suficiente para apanhar a tira do vestido com o mindinho, deslizando para baixo a seda umedecida até que não foi mais uma barreira para sua boca.

Gritou emocionada quando, tão cheia de fogo líquido, rodeou-a uma vez mais, atraindo a profundamente à boca e logo a liberando através dos dentes estimulantemente. Esta vez seus joelhos cederam, mas a sustentou como se não pesasse mais que seu vestido.

Elijah se deleitou com o sabor dela, a plenitude feminina dos seios, a sensibilidade do ponto de ouro e rosa do mamilo enquanto esfregava a língua sobre ele, até que soltou outro desses sexys pequenos gemidos de inconfundível prazer. Ele a aspirou profundamente na boca enquanto o emitia, e ela tombou pesadamente contra seu corpo, ele sentiu as mãos agarrando sua cabeça e ombros, o amalucado abraço de uma mulher perdida em seu prazer, investindo através dele em ondas de tensa necessidade.

Enquanto a atormentava com sua sensação, ela deslizou contra seu corpo, sentindo cada contorno dos músculos tecidos como se fosse de cordas de aço sobre sua figura, os pés assentaram com firmeza, a planta inteira dura como uma rocha e rigidamente fixada como uma grande estatua de pedra. Quando ela agarrou os braços com firmes dedos, deixou uma impressão em sua pele. Destilava paixão, igual ao poder, injustificadamente e dominantemente, este não era um homem que gostasse de segundos pensamentos, preferia entreter-se com habilidade e conhecimento, assim, quando o momento chegasse, poderia reagir com foto instantânea resolução. Isso era o que tinha feito na piscina mineral, tinha observado esperado e atuado. Então se forçou a meditar o que tinha chego tão naturalmente a ele nessa sucessão de minutos.

Assim agora estava de volta em seu elemento, em um cem por cem, empurrando-se de cheio no que desde o começo havia sentido correto. Devorou-a com uma boca voraz e apaixonada, e ao mesmo tempo, tocava seu comprido corpo com briosas e indagadoras carícias das mãos. Estava descendendo pelas costas para baixo um minuto e no outro se sepultando sob a prega do vestido para estender seus inquisidores dedos na parte traseira da coxa. Acariciou para cima sua pele acetinada, o traseiro nu como sempre sob o vestido, a pele encaixando na palma enquanto a movia sobre o arco das costas baixando ao redor do ventre e do peito.

Havia tanta sensação alagando-a em tantos lugares de uma vez que imediatamente se aturdiu no prazer e excitação. Explorava seu corpo com as mãos, as mechas do cabelo se uniram com impaciência à exploração, rodeando seus sentidos com a sensação dele, enterrando o rosto nos cachos loiros; os músculos ondulavam sob as mãos, tremendo enquanto ela deslizava sobre eles com sensual e curioso toque.

A abrasadora boca retornou à sua enquanto as estimulantes carícias elevavam a temperatura corporal até o céu. Foi soltando pouco a pouco, assim ia deslizando por seu corpo até a cama, seguiu-a cada centímetro do caminho, a boca aderida à sua enquanto bebia profundamente esse ardente sabor de canela tão único. As mãos reforçaram o peso em cima

dela quando se moveu sobre seu corpo. Quando sentiu colocar-se contra ela, ronronou com deleite e provocação, o som lhe golpeou exatamente como antes, só que desta vez ia atuar livremente sobre estas sensações.

Elijah, imediatamente, colocou as mãos sob seu vestido, despojando-a dele com um só movimento, incluindo o descuidado lançamento mais à frente na habitação, a tórrida velocidade da exposição fez com que Siena arqueasse contra seu corpo, com incrível sensualidade.

OH, como recordava a sensação ferosa dessa pele, como tinha ansiado uma repetição do que originalmente tinha ocorrido, inclusive então, ela tinha estado gelada pela água do lago, tão pálida em comparação a como estava agora. Era uma folha de sedutor cetim debaixo dele, lhe envolvendo em uma estranha pureza de flexibilidade e riqueza que só podia provir de uma fonte tão perfeita. As pernas deslizaram desde abaixo dele até que as coxas emolduraram os quadris lascivamente, afixando-o mais profundamente em seu ser, encaixando-os juntos como a fechadura e a chave.

Elijah se agarrou as mantas quando sentiu acomodar-se no berço de seus quadris, só sua roupa era um obstáculo entre eles, um obstáculo que sentia como nada, como muito vento; os dedos agarraram com tal prazerosa agonia que se cravaram na grossura do colchão, ainda sem o reflexo crescimento de afiadas garras. Estes se atrasaram um segundo, quando ela percorreu com mãos ansiosas a espinha dorsal e sobre os duros músculos das costas, lhe aferrando a ela, para poder mover os quadris e esfregar seu calor contra a rígida extensão de seu sexo.

—Siena!

Seu nome foi um grunhido na garganta, mas sentiu a sacudida de seu corpo enquanto procurava moderação e controle, enquanto enfrentava sua vulnerabilidade a esses métodos de estimular sua excitação.

Em troca, ela moveu a boca até a orelha, os lábios esfregando-se alentadamente até que ele se estremeceu, então lentamente, brandamente, pronunciou seu nome, um ofego gutural se enganchou na simples palavra, enquanto sentia mover-se com intimidade contra ela.

—Gatinha — grunhiu do fundo de sua alma atormentada. — Doce Destino, gatinha, sente-se como o paraíso. Meu paraíso.

Siena respondeu com um sorriso contra seu pescoço, ao mesmo tempo em que começou a lhe explorar com impecável intimidade, esfregou os fortes e elegantes dedos nos ombros em uma carícia selada tensamente sobre a úmida pele. Moveu-se ao redor do peito, pelos flancos uma vez mais, onde fez uma pausa para sentir sua rápida respiração, os dedos deslizaram para baixo pelos flancos, e logo por debaixo do cinto das calças, sentiu os definidos músculos do traseiro esticarem-se sob o toque sedutor, mas não estava satisfeita com apenas

essa reação. Abriu as pernas um pouco mais, permitindo às mãos a liberdade de escorregar pelos quadris e dentro do calor e a dureza que descansava tão perto dela.

Elijah tinha estado esfregando a língua contra o vital palpitar do pulso em seu pescoço, quando as pontas dos dedos roçaram essa parte sensível de seu corpo. Deixou de degustar seu sabor, as costas arqueando-se reflexivamente, enquanto jurava veemente baixo. Siena não se incomodou de maneira nenhuma por isso, nunca havia tocado a um homem deste modo antes, e não estava disposta renunciar à experiência muito cedo. Envolheu os dedos de seda ao redor dele, sentindo com fascinação como palpitava contra sua palma, ele estremeceu da cabeça aos pés, enquanto lhe acariciava em toda sua longitude lentamente, aprendendo a forma, peso, e especialmente, a sensibilidade. Nunca teria acreditado que a carne podia ficar tão dura, havia um ardor tão intenso que quase queimava as pontas dos deslizantes dedos e o mais importante, cada toque, ligeiro ou firme, tinha-lhe virtualmente retorcendo-se de prazer, parecendo bordear muito de perto a dor. Uma vez mais, chegou a compreender uma simples verdade, poder, o poder de lhe voltar louco somente com as habilidades e intenções de suas mãos.

A carreira de excitação que seguiu a essa compreensão foi dela, não dele. Siena ofegou com força quando a alagou com ouro fundido, um líquido precioso que queimava através dela e logo se derramou eficientemente no centro de seu corpo. Entendeu, de repente, que havia um só caminho a seu próprio prazer, e esse era mergulhar nele. Era uma dessas revelações que poderiam trocar tudo, ainda quando parecia um pequeno detalhe, sabia, sabia do fundo de sua alma. Quando as pontas dos dedos foram à deriva sobre a úmida ponta de sua excitação, um detrás de outro, delineando sedosamente através da umidade e a pele altamente sensível, aprendeu uma completa e nova descrição de estimulação.

Elijah exalou um baixo e rude som de êxtase, a mandíbula apertou quando cegamente investiu os quadris contra essas malvadas mãos pequenas, ela recebeu a mensagem, a reação a incitou a repetir a carícia, só que desta vez mais lentamente. Elijah não pôde pensar coerentemente desde esse momento, não que fosse antes se dedicou muito a pensar em algo que não se centrasse sobre a deliciosa sensação desse corpo e essa pele contra a sua. Siena foi implacável em sua curiosidade sobre seu corpo, e ele estava profundamente atordoado sob suas cada vez mais audazes carícias, antes de dar-se conta, estava sobre as costas e ela o estava despindo rapidamente.

Então ela e deslizou em cima de seu corpo e lhe buscou a boca, beijou-lhe, acariciou-lhe, tratando de superar-se primeiro em uma coisa e logo na outra. Deleitou-se no abandono de suas reações, dos sons que lhe escapavam, podia fazer com que cada rígido músculo se retorcesse e flexionasse, usando o ardente veludo dos lábios e língua para fazê-lo. As mãos

dele se enterraram desesperadamente em seu cabelo, esmagando as sensíveis mechas sob os dedos.

Siena nunca teria pensado que esse agarre com tal força pudesse sentir tão bem, era uma parte do corpo tão sensível como qualquer outra e, seu toque foi tão grosseiramente mágico quando a agarrou com tanta paixão, que foi uma instantânea zona erógena, e sentiu compreendê-lo quando começou a arrastar os dedos através das largas tiras.

—Ah! —gritou ela pesadamente, o corpo levantando-se sobre o seu e arqueando-se como uma sedosa píton, sentou-se escarranchado sobre o estômago, as mãos apoiadas sobre o peito, a cabeça arremessada para trás enquanto os fortes dedos fluíam pelo denso e escorregadio cabelo.

Elijah se liberou da hera de ouro que frisava ao redor de seu corpo, um sorriso levantou uma das esquinas dos lábios, a posição sobre seu corpo a deixava vulnerável a um totalmente diferente assalto de sensações, as mãos arrastaram rudes toques para o centro do torso, sobre os seios, costelas, ventre e quadris. Logo foi procurando o calor e a umidade que o tinha chamado sem trégua, os dedos escorregaram por um enredo de cachos de ouro e tocaram a carne mais à frente, ela estava suave e avivada pela estimulação que as manipulações de seu prazer tinham causado a seu próprio corpo. Siena chiou quando mil impulsos, pensamentos e sensações se apinharam para expressar-se e Elijah enterrou uma mão livre em seu cabelo e a arrastou para seu beijo. Ela ofegou dentro da boca quando a invasão do toque se registrou nas terminações nervosas com violento erotismo, ele encontrou o sensitivo nó que responderia eloqüentemente à carícia de seus dedos e o apanhou com um coquete e perito roçar.

Nunca tinha suspeitado quão sem fôlego podia deixá-la uma aparentemente simples carícia. Ele a estava tocando a sério agora, forçando-a a sentir-se débil e selvagem com a estranha e crescente sensação que fluía para o exterior desde esse pequeno ponto, não pôde concentrar-se mais no que estava fazendo, assim que suas mãos escorregaram frouxas pelo corpo.

Elijah a girou sobre suas costas, tomando de novo o controle, enquanto ela gemia com incrível intensidade dentro de sua boca. Foi uma feitoria de chamativos sons de prazer desse momento em diante, o estímulo auditivo enviou uma urgente necessidade que se engastou na alma de Elijah. Deixou sua boca rapidamente, o que produziu desatados gritos dentro da habitação, mas se entreteve degustando a garganta, clavícula, e seios uma vez mais. Sentiu-a estremecer, aproximando-se da liberação que queria que necessitava tão desesperadamente. Os dedos ficaram quietos sobre ela, fazendo-a soluçar com um som de protesto.

—Elijah, por favor — gritou, a cabeça girava de lado a lado enquanto a mente e o corpo procuravam o que faltava.

Ele não cedeu ante suas súplicas imediatamente, tinha planejado algo melhor, seu exótico aroma o tinha burlado por um longo tempo. Esse foi o único pensamento quando se aproximou para substituir o toque dos dedos com as carícias da boca.

Siena elevou os quadris e gritou tão forte que o som ecoou na caverna. Elijah capturou os desafiantes quadris entre as mãos impacientes e a sustentou contra sua saboreadora língua. Ela era puro afrodisíaco, sabor e essência combinados juntos com a perfeição dos morangos e nata. Estremecia com tal força em seu agarre, enquanto seu prazer se enrolava mais e mais apertado em seu interior, que podia predizer o poder de sua liberação só por isso.

Siena, subitamente, foi surgindo de um estupor além da mera sorte, seu corpo bloqueou inclusive enquanto gozava, escutou-se gritando grosseiramente, mas dificilmente se reconheceu no desenfreado som; pulsações de um prazer culminante a montaram como ondas de choque, e sua língua ainda seguia acariciando-a, empurrando-a mais e mais à frente do extraordinário abismo do alívio e deleite.

Apenas tinha se recostado no colchão antes que deslizasse sobre seu corpo e compartilhasse a guloseima de sua doçura com ela na forma de um beijo que lhe queimou a alma. Ele estava tão duro e pesado pela necessidade dela, que ficou um pouco louco. Seu orgasmo lhe tinha empurrado fora de seus limites, e precisava estar dentro dela com um desespero do que nunca acreditou capaz, as coxas se abriram para ele com facilidade enquanto se assentava entre elas e descansava contra a carne cheia com um quente e intrigante movimento.

Seus olhos se abriram de repente comocionados ante quão surpreendentemente estimulante era a sensação. Ele baixou o olhar para aqueles recursos dourados, olhando profundamente dentro de sua alma, passando a bruma de desejo e a necessidade sem fim, para ser quem era ela nesse momento.

—Me diga o que escolhe — disse com veemência contra os lábios inchados.

— Tenho que te ouvir...

Quebrou-se quando ela levantou os quadris, lhe atraindo diretamente para a soleira que tão desesperadamente precisava cruzar, ela tragou um gemido gulosamente, fazendo estragos em sua boca com uma intensidade sem precedentes.

Elijah chegou até a garganta, rodeando-a para lhe impedir de seguir quando se separou do beijo, lhe custava respirar, os olhos abertos pedindo que a deixasse ir, dela, de suas dúvidas, de tudo.

—Siena — ofegou, quando ela deslizou contra seu corpo uma vez mais.

— Preciso escutá-lo.

—É obvio — lhe sussurrou sedutoramente, capturando outra vez nesse perfeitamente preparado ponto, onde com um simples embate ele se enterraria nela.

—Elijah, quero isto — Ihe suspirou.

—Você me aceita? —Perguntou-Ihe Elijah, agarrando-a tão forte que foi um milagre que não se quebrasse.

— Me escolhe?

—Sim — ofegou, seu corpo gemendo pela cercania que ele mantinha com ela.

— Te aceito, desejo-te, a você, Elijah...

Ele soltou seu controle com um selvagem grito, levantou-se para diante, empurrando dentro de seu corpo com uma simples e dilaceradora investida, Siena gritou, mas não por qualquer tipo de dor, pôde senti-lo com cada fibra de seu ser. Sua virgindade cedeu com facilidade, Ihe deixando enterrar-se em um ardente e acolhedor céu.

Calor, estreiteza, escorregadio mel Ihe rodeando, era uma vagem ardente de incomensurável dita e, ao fim, estava profundamente rodeado por ela, nisto era mais à frente que perfeita, ajustava-se a ele como se tivesse sido criada a sua medida. Elijah estava cego com a beleza e a maravilha disso, era tão apertada a seu redor, que sentia como se fosse impossível mover-se, assim por um comprido minuto não o fez. Siena se aferrou a ele, as mãos nos ombros, parecendo como se seu corpo estivesse permanentemente arqueado para o seu. Ela ofegou e ofegou, os olhos muito abertos quando elevou o olhar com comoção e assombro, enquanto se mantinha embebido nela; estava guardando profundamente a lembrança desse momento em seu cérebro. Nunca esqueceria isto e se asseguraria que ela tampouco o esquecesse, mas era sedosa, escorregadia e incrivelmente tentadora, assim só poderia suportá-lo por uns quantos segundos mais, necessitava mais dela, precisava entregar-se a ela, começou a retirar-se e ela enterrou as unhas em seus ombros.

—Elijah — ofegou desamparadamente, os olhos dourados selvagens com a confusão de saber algo instintivamente, ainda sem entender completamente o método de sua aparente loucura.

—Ah — brincou com suavidade.

— Não vou a nenhuma parte.

Acariciou-a por dentro profundamente, fazendo-a gemer até que o viçoso som ressonou ao redor deles, amou o som, amou a crua paixão. A emoção disso percorreu através dele, Ihe endurecendo ainda mais até que se sentiu incrivelmente grosso dentro do corpo estremecido. Soube que ela sentiu uma nova quebra de onda de calor, porque ronronou com uma potente e retumbante vibração, o som Ihe animou, ainda quando não necessitava nenhum estímulo, levou só um momento encontrar o ritmo perfeito para ambos. Ela encontrou seus possantes quadris com uma facilidade natural depois de um incômodo segundo, guiou-a com uma mão no esbelto quadril e a outra apanhada nas mechas emaranhadas do cabelo, sentiu as unhas cravar-se em suas costas e se elevou para frente com o contragolpe do prazer resultante.

—Siena — grunhiu.

— Gatinha, sente-se condenadamente perfeita.

—Elijah...

Isso foi tudo o que disse seu nome, uma e outra vez, com urgência crescente, até que o esteve soluçando como um cântico. Elijah não pôde a não ser enterrar o rosto na curva do pescoço e enviá-los a ambos em uma espiral para uma escandalosa liberação; isto ia ser tórrido e rápido, violento e enlevado, e simplesmente se entregou a isso. Seu nome estalando da garganta era a coisa mais erótica que tivesse experiente em sua larga vida. Conectou-se dentro da sedosa doçura de seu corpo uma e outra vez, até que sentiu que se quebraria com o prazer. Siena sentiu que o mundo se acendia em calor e chamas, o corpo queimando e queimando pela necessidade de explodir. Já estava gritando sua liberação quando ele finalmente rompeu na sua própria, acrescentando combustível ao já incontável fogo, esmagou-a em seu abraço enquanto se impulsionava dentro dela com ondas violentas de um clímax implacável.

É tudo o que pôde dirigir tratar de não esmagá-la com o débil colapso de seu esgotado corpo, aconchegou-a contra o peito e logo rodou com ela até que a teve estendida sobre seu corpo, sentiu a separação dos corpos e isto lhe deixou uma sensação de privação, sustentou-a junto a ele com um de seus grandes braços, os dedos envoltos possessivamente ao redor dos ombros.

—Obrigado — murmurou ela, uns minutos depois de que suas respirações se normalizaram.

—Por quê? —riu, inclinando o queixo até o peito para assim poder ver seu rosto, enquanto apartava a meia tonelada de cabelo que a ocultava.

—Por responder minha pergunta.

Ele recordou a pergunta e voltou o olhar para cima, às formações do teto.

—Espero que tenha sido uma boa resposta — disse brandamente, não querendo sentir a agitação que tratava de arrastar-se sobre ele.

—Muito adequada — respondeu.

—Adequada? —O término beliscando seu ego, afastando imediatamente qualquer ameaça de preocupação.

— Te importaria matizar isso?

—Devo? —perguntou ela girando o rosto para ele enquanto elevava a cabeça.

Elijah viu a diversão brilhar nesses travessos olhos e pensamentos, dirigiu-lhe um venenoso olhar e ela começou a rir. Siena não era muito de risadas tolas, observou com satisfação, tinha uma ardilosa e sexy risada que se atrevia a contradizer seu humor. Esta tinha a habilidade de expor sua libido com absoluta facilidade.

O guerreiro a fez rodar fora de seu corpo tão abruptamente que riu ainda mais forte. Quando a apanhou sobre seu ventre, debaixo dele, ficou quase histérica.

—Cheguei a mencionar o muito que essa sexy risada sua tende a me afetar? — perguntou sedosamente, lhe mostrando exatamente o que queria dizer elevando os quadris.

Siena parou de rir, levantando a cabeça para olhar sobre o ombro, dando-se conta que era um esforço inútil, apoiou a bochecha no lençol e sorriu.

—Em realidade, não mencionaste nada desse tipo — lhe informou.

—Então, me permita explicar — murmurou.

Elijah fez amor com Siena sem piedade. Quando ela se queixava do abuso de suas lesões, ele a exortava sobre as qualidades curativas de seu deleitável corpo, o sermão era comprido e minucioso, lhe falando através da pele e dirigindo-se dentro de seu corpo.

Depois disso, não voltou a se queixar outra vez.

Ao menos não sobre isso, descobriu que gostava dos sermões, e descobriu outros temas que podiam discutir profundamente. Siena nunca tinha estado perto de suspeitar que classe de intimidade a faria sentir, tinha expressado uma e outra vez que não queria ser parte disso e que não sentiria saudades absolutamente. Tinha mantido que não havia caminho algum de enriquecimento em tais coisas, tinha pensado que sua vida não podia ser melhor do que tinha sido antes de entrar nessa caverna.

Quão tola e equivocada tinha estado. A arrogância da ignorância! Era a Rainha de sua espécie, mas verdadeiramente não tinha conhecido o mundo até que ascendeu, sua protegida e limitada vida a tinha privado de muita informação prática. O que tinha elegido permitir ao guerreiro Demônio poderia trocar isso para sempre.

Trocá-la para sempre.

Além desse pensamento, apartou todas as realidades entre eles a um lado, o que fosse que o manhã trouxesse, queria seguir o mais longe que pudesse. Não era só a complementação física o que a atraía para este sentimento, admitia a si mesma. Elijah tinha um engenho natural, fazendo-a rir sem preocupações de uma maneira que raramente tinha conhecido, enquanto crescia como descendente de um chefe militar real.

Havia algo nele, sobre sua confiança e surpreendente inteligência por detrás de todos esses músculos e dureza de batalha, nunca teria suspeitado desta maneira, como um ser multidimensional, isto a tinha surpreendido, quando se conheceram a primeira vez, sua lealdade e evidente sensibilidade a respeito das necessidades das pessoas que amava.

No lar de sua infância, os guerreiros não amavam, os afetos eram debilidades. Como poderia um homem como Elijah, ter suportado cara a cara ao chefe militar que tinha reinado antes dela e sair vencedor, quando era tão suscetível a todas essas coisas que seu pai tinha aclamado como inconvenientes para um guerreiro?

Siena já sabia a resposta a isso, tinha descoberto por si mesma ao ficar mais velha e mais sábia. Ironicamente, a frieza e falta de atenção de seu pai a tinham impulsionado a converter-se no contrário do que ele era a única razão pela que era uma poderosa lutadora por direito próprio, era porque foi a única habilidade que ele tinha ordenado e fiscalizado por si mesmo, ela não tinha se atrevido a falhar para lhe impressionar, e se estivesse satisfeito, tivesse a deixado comodamente reinar em seu lugar enquanto ele combatia.

Assim sabia o que era combinar essas aparentemente incongruentes parte da gente mesmo. Ele estava tão cômodo consigo mesmo como estava ela, tão arrogantes, tão sábios, quando se tratava do que deixavam ou não ver outros, mas ambos tinham baixado suas formidáveis defesas a fim de permitir esta união, era tão fora de caráter, tão escandalosamente perigosa, e ao mesmo tempo incompreensível em origem.

Era tão magnífico e tão revelador.

Siena nunca tinha duvidado de sua feminilidade ou do fato de ser mulher, sempre um claro produto de sua confiança, mas sua sexualidade tinha sido um pouco mais que uma ferramenta de intriga e manipulação, de outra maneira, devia ser negada. Aqui, separada do mundo, centrando-se no corpo dele e em suas mãos, entendeu muito mais o que sempre tinha suspeitado.

Agora entendia o que parecia aquele alongamento de suas costas, o que o bater de umas pestanas sobre olhos misteriosos podia verdadeiramente fazer e o poder que residia no menor e suave som que saía de sua garganta. Começou realmente compreender o que, com cada encolhimento de ombros, cada movimento, cada suave e curvado deslizamento podia ganhar.

Baixando o olhar para Elijah, observou-lhe entre as pestanas, os olhos de âmbar ardendo com todo o reflexo de sua necessidade, tudo o que tinha desejado e determinada a obter dele nesse momento. Estava sentada escarranchado sobre seus quadris, sabendo que para ele, luzia audaz e formosa enquanto o tinha apanhado dentro de seu corpo. Ele, em realidade, tinha os braços dobrados sob a cabeça, como se estivessem discutindo sobre o tempo, pretendendo que a forma como ela se movia sobre seu corpo rígido tinha pouco efeito, em um intento de mofar-se dela.

Siena não se deixou enganar, sentia esses ardentes olhos de esmeralda sobre o balanço de seus seios enquanto se movia, sentia o pulso e a grossura do duro eixo dentro de seu corpo cada vez que fechava os músculos ao redor dele como uma rosca, sabia que a mandíbula estava espremida porque os dentes estavam apertados pelo prazer que o fazia sentir. Ela tinha pernas poderosas, com flexibilidade sem par, e era tão obstinada como o inferno; ele perderia esta luta de vontades, embora no final fossem os dois ganhadores.

Apoiou as mãos na cama em ambos os lados dos ombros, inclinando-se sobre ele de tal maneira que os mamilos roçassem o peito com cada amostra de habilidade ondulante de sua coluna vertebral. Mergulhou para seu corpo, esfregando os seios contra os lábios e nariz, consentindo a tentação do sabor e o aroma almiscarado que revestiam sua pele. Sabia o louco que se voltava pelo doce e sexy que cheirava sua pele, ainda mais louco por seu sabor. Pouco depois, as distantes mãos estavam sobre seu corpo, moldando e embalando a carne cheia dos seios, atraindo-a para a boca até que se sentiu torturada, igual que o estava ele por sua libido sedutora. Ele gemia sob a implacável ondulação dos quadris, mas ainda assim incapaz de afogar os sexys grunhidos e ofegos que ela fazia enquanto sentia prazer com seu corpo, não tocou ou dirigiu o trabalho de sua pélvis, ela tinha demonstrado aprender rápido, e sem inibição. Não tinha reparos ao percorrer seu caminho sobre ele, também demonstrou pouca piedade quando esteve pronta para lhe arrastar dentro de seu mundo de clímax, falou baixo, suave, sexy, contemplando verbalmente como poderia lhe fazer perder o controle. Elijah podia haver dito que o controle tinha saído pela janela fazia muito tempo, mas teria arruinado as malévolas maquinações e ele seria o último em fazer chover sobre seu próprio telhado.

Entretanto, estava levando-o perto da loucura, estava tão quente, e estava aprendendo como lhe queimar sem demora. Os dedos estavam sempre explorando seu corpo, procurando aqueles lugares que eram eroticamente sensíveis a seu toque. Quando isto não funcionava, ou não funcionava rápido o suficientemente para seu gosto, usava a língua ardente, desenhando úmidos mapas sobre o peito, riscando caminho sobre os mamilos para evitar a vendagem do cabelo viajando para o pescoço e garganta. Deslizou ao longo da mandíbula até que chegou a devorar a boca, quadris, mãos e lábios combinados em uma ditosa barreira de sensações, sentiu sua crescente tortura e como ecoou nela. Ainda assim, ofegou ardentes sussurros de necessidade e sentimento em sua boca. A explícita sensação de como se sentia enquanto lhe montava tão sem piedade, cegou-a com seu próprio prazer. Siena gritou dentro de sua boca, elevando um segundo depois e arqueando-se, jogando seu cabelo para trás, fazendo com que caísse pesadamente sobre as coxas. Agora foi ele quem agarrou as coxas, sustentando-a ao ritmo, enquanto convulsionava a seu redor. Empurrou e empurrou até que ela esteve gritando e ele mesmo esteve demolido pela ardente conjunção desses sedosos músculos, uniram-se na liberação com um rugido de agonizante satisfação.

Quando finalmente caiu sobre seu peito tratando desesperadamente de tomar uma pausa, e relaxar no resplendor crepuscular de seu incrível nível de prazer, Elijah foi consciente do fato de que estava em um grande problema, sabia que ela tinha a intenção de separar seus caminhos uma vez que deixassem esse lugar, tinha planejado confrontar a condição de sua coroa que considerava uma maldição, esta condição declarava que tomaria um só companheiro em sua vida, quem reinaria como seu igual em um trono pelo qual tinha sofrido

e lutado para manter. Estava dando tudo o que tinha no momento, porque não pensava dedicar nada ao futuro; mas a pesar de que ele mesmo estivesse repetidamente quebrando um milhão de leis naturais, Elijah sentiu uma desesperada sensação no ventre que lhe advertia que não seria tão fácil desenredar-se de seu abraço de ouro. Sentia-se vinculado com ela em um caminho que era mais intrincado que os cachos emaranhados de seu indômito cabelo. Também sabia que se fazia o mínimo comentário sobre isso, ela se fecharia e tudo seria em um final estelar.

Fez retroceder a nuvem negra que vinha com seus pensamentos só por um momento mais. Com um simples movimento, levantou-os fora da cama, ela se queixou e riu ao mesmo tempo, mas obediente abraçou o pescoço com os braços e os quadris com as pernas, ele caminhou até a piscina mineral e tratou de persuadi-la a entrar nela.

—Não, está fria — comentou.

Elijah sorriu amplamente e lançou seu peso de lado a lado da borda. Siena estava gritando quando golpearam a água fria, separou-se dele, saltando com o choque da água, quando ele apareceu rindo, deu-lhe um muito forte empurrão que o enviou de volta ao fundo.

—Maldito seja! —vaiou, apressando-se a sair da profunda piscina tão rápido como podia para chegar a um lado, mas é obvio, ele a agarrou com um braço e a arrastou de costas para seu corpo antes que pudesse sair.

—Qual é o problema, gatinha? Você não gosta da água?

—Isso é baixo, inclusive para você, guerreiro — respondeu bruscamente.

Suas adagas verbais caíram em ouvidos surdos, ele estava mordiscando um lado de seu pescoço de uma maneira que sabia a derretia por completo, antes que se desse conta, suas mãos estavam enterradas no cabelo e suas bocas profundamente enlaçadas.

Levou quase um minuto inteiro escutar o distinto som de uma garganta clareando, Siena volteou repentinamente, quase golpeando a Elijah no caminho, para sua consternação e completo desespero. Sua irmã estava em pé na entrada da cova, apoiando as costas casualmente contra ela e arqueando uma muito curiosa sobrancelha ante o casal da piscina.

Sentiu o impulso de Elijah de posar as mãos na comodidade de sua cintura e lhe deixou estabilizar-se, enquanto seu mundo começava a girar.

—Sua Alteza. —lhes saudou Syreena educadamente.

CAPÍTULO 6

—Olá, pequena flor. Vê-te melhor — Jacob saudou sua esposa enquanto descia pela escada de caracol central, sua camisola de noite se arrastava prazerosamente detrás de si.

Ela sorriu, no momento em que seus pés tocaram o chão onde ele se encontrava, foi a seus braços.

Legna e um Demônio Mental adulto chamado Amos, foram atrás. Amos tinha sido o estabilizador necessário que Isabella necessitava para recuperar a respiração e sanar. Mas estava claro, que a experiência tinha cobrado seu preço no Demônio. Via-se exausto e se desculpou rapidamente depois de entregar o cuidado de Isabella a seu marido e seus amigos. Legna continuaria monitorando a Bela e notificaria se fosse necessário trazer mais ajuda, mas de momento, a pequena companheira de Jacob se via vistosa e saudável. Mais do que tinha estado em meses.

—Encontra-se bem? —Perguntou Jacob emoldurando seu rosto com as mãos, inspecionando-a pela milésima vez desde que tinha recuperado a consciência e lucidez fazia um dia.

—Estou agora — insistiu ela, aproximando-se para seu beijo e lhe fazer sentir o muito que tinha sentido saudades estar perto dele.

Ela sempre o sacudia tão facilmente. Beijos e contato corporal, estas coisas distraíam sua atenção a tantos níveis. Entretanto, tudo o que tinha que fazer era olhá-lo com esses olhos violeta maravilhosamente alegres e instantaneamente estava sob seu feitiço. É obvio, a resposta à sensação de seu toque elegante e a intensidade de suas emoções por ela, deixava-a igualmente com os joelhos debilitados.

Não tinham intimidade durante muito tempo por causa de sua gravidez e enfermidade. A tensão da crescente lua do Samhain começava a notar em quão profundamente pressionou os dedos em sua tenra carne e na força com que enredou ela os dedos em seu cabelo.

Tudo isto era parte da Vinculação entre ambos. Suas almas estavam enlaçadas profundamente para sempre. E por isso, tudo entre eles acontecia com grande intensidade. Nunca trocaria, e apesar dos momentos em que se arrependia de ter aberto o perigo e a intriga em sua vida, Jacob se sentia agradecido pelo precioso presente que era ela, cada dia, do primeiro instante em que a tocou. Aliviava seu coração. Era a única que podia aliviar o peso que freqüentemente carregava em sua alma.

Por exemplo, não fazia muito, justo depois da morte acidental do companheiro da filha de Ruth, Mary. Jacob realmente não culpava a ninguém por não ter entendido a natureza desta até que foi muito tarde. Mas era homem de uma consciência particular. Tomando tal alegria de sua companheira, a primeira Druidisa em fazer-se conhecida para qualquer deles, sentiu o potencial perdido e fanático de Mary.

Entretanto, nunca poderia ser capaz de converter esse incidente em uma razão para os brutais atos de decepção e violência que ambas as mulheres perpetraram contra sua própria gente. Especialmente não depois que Isabella se converteu no alvo de um de seus ataques, quase perdendo sua vida e assim como a vida de sua filha.

Tinha sido o amor de sua esposa e suas suaves palavras que o tinham ajudado fazer frente a sua consciência neste assunto. Ela sempre esteve aí para detê-lo quando tratava de reverter esses sentimentos de responsabilidade e culpa. Jacob não podia recordar como tinha sido sua vida sem seu apoio e o modo que fazia sentir quando ela procurava seu apoio em troca.

De todos os modos, temia os riscos da segurança de sua família que vinham sendo um Executor. Tendia a esquecer que sua companheira estava dotada de um notável poder, habilidades de luta e uma singular astúcia que vinha de sua humanidade e da vida que havia deixando antes de converter-se a sua forma Druida. Jacob sabia que sua desproporcionada percepção das habilidades de Bela se devia à debilidade e o machuco às que tinha sido submetida no término de sua gravidez. Tinha sido um comprido e angustiante tempo de preocupação e tinha esquecido como de forte podia ser.

Mas o rubor de sua tez, a calidez de seu corpo e a robusta energia de seu abraço o aliviavam fazendo entender sua rápida recuperação. Ela logo seria capaz de ocupar-se das necessidades de sua família e as demandas de suas tarefas, justo como sabia que queria, com um entusiasmo cantante através dos pensamentos de uma maneira que o fazia rir em voz alta.

Bela escapou de seu abraço, seus pensamentos girando ao redor de sua infante filha. Dirigiu-se até o berço que se assentava sob a mão do Noah e desceu o olhar para sua filha, que finalmente dormia depois de que a tivesse amamentado com satisfação, algo que tinha tido saudades. Bela sorriu ao Rei, inclinando-se para lhe dar um beijo na bochecha, ignorando a tensa mão de seu marido na cintura.

—Ela te adora, Noah — disse brandamente, olhando como a enorme mão do Rei cobria as costas do bebê com segurança.

—O sentimento é mais que mútuo, lhe asseguro — disse.

—Adora estar perto do fogo. Uma garota que vai atrás de meu coração.

—Já o vejo, Noah. Tenho notícias para você.

—Sim — suspirou o Rei.

— Jacob disse que as teria. Suponho que são concernentes a Elijah, não?

—Sim — Bela se moveu para sentar na cadeira mais próxima ao monarca.

— Acredito que foi gravemente ferido em batalha. Uma armadilha que não esperava. Mas antes de ir mais à frente, quero dizer que começo a entender por que algumas visões me afetam tão intensamente e outras não — levantou a vista até seu marido e os outros se

juntaram a seu redor. Legna chegou a colocar-se ao lado de Gideon que se manteve em pé com sua habitual eficácia perto da chaminé. Entretanto, o médico relaxou quando sua esposa o abraçou.

— Em realidade, Amos me ajudou a compreendê-lo. Acredito que depende de quão próxima fui à pessoa que é sujeito dessa visão.

— Como próxima? Em emoções ou proximidade?

— Não posso estar cem por cento segura, é obvio, mas acredito que é a proximidade. Uma classe de proximidade muito específica. Meu poder para amortecer e logo absorver os poderes de outros Nightwalkers, para ser exatos. Absorvi os poderes de Elijah repetidamente durante o ano passado, de certo modo, porque me sinto conectada com ele. Quase como se sua parte permanecesse vivendo dentro de mim. O mesmo é certo no caso da Legna, e Jacob, e também você, Noah. Antes de aprender a controlar esta habilidade como o faço agora, acidentalmente tomei essa parte de você dentro de mim mesma. Acredito que a razão pela que as visões me afligiram enquanto estava procurando Elijah era porque estava igualmente aflito pelas lesões e a dor.

— É uma forma de empatia — remarcou Legna, sua própria empatia a fazia uma perita.

— Sim, assim é. E embora Amos fosse de grande ajuda me estabilizando da dura realidade das exaustivas visões, à medida que o tempo foi avançando, isto tem feito menos necessário. Acredito, com todo meu ser, que Elijah foi levado a um lugar seguro e está sendo curado todo este tempo, me permitindo estar mais tranqüila e relaxada à medida que a urgência vai passando. Também sinto que retornará a nós logo.

— Obrigado, Destino — exalou Noah subitamente, um peso de proporções prementes que finalmente se descarregava de seus ombros.

— Bela, estou tão contente de escutar isso.

— Penso que no futuro — falou Gideon — e até que esteja mais forte e experimentada, precisa limitar os casos de absorver os poderes de outros. Não podemos trocar o que ocorreu, mas há muito que não sabemos sobre os humanos/Druidas híbridos, Isabella. Não é como nenhum dos Druidas que conheci ha milênios. Você e sua irmã o mesmo. Os poderes da Corrine...

— O que acontece eles?

Reunidos ante a chaminé levantaram o olhar para ver exatamente à ruiva em questão em pé no centro do corredor, as mãos nos quadris, seu marido Kane detrás dela. Foi aproximadamente no mesmo momento em que o familiar aroma do sulfureto e a fumaça, resíduo usual que um jovem Demônio Mental deixava atrás quando se teletransportava de um lugar a outro, chegou até o grupo. Bela se aproximou para abanar e afastar o aroma do bebê dormido, desejando que Elijah já estivesse aí para que desvanecesse os vapores com uma brisa.

—Que não são como deveriam ser — terminou Gideon. Kane estava ficando melhor na tele transportação, refletiu.

Era estranho que sendo tão jovem pudesse escapular em um grupo de adultos Demônios altamente experientes.

—Vá, vá, olhem o que arrastou a fumaça — os saudou com ironia Noah.

— Onde estavam os dois?

Imediatamente Corrine ficou de um vermelho brilhante, passando a reação a seu companheiro, que também se ruborizou sob seu bronzeado natural.

—Chama-se uma atrasada lua de mel — explicou envergonhado Kane.

—Houve tanto das bodas, com a busca da Ruth e Mary e lutando nos esporádicos ataques contra nós, que pedi a Elijah que nos desse uns dias livres. Disse que podíamos.

—Isso explica por que vocês não se preocupam tanto em escutar minha convocatória — se burlou Jacob, sentindo-se afável sobre isso agora que Bela estava a salvo e saudável de novo.

—Assim, para que nos necessitam? E por que estamos falando de minhas faculdades? — Perguntou Corrine, dirigindo-se para eles, seu marido seguindo-a. Conduziu-o até uma cadeira onde se sentou obediente e encontrou assento em seu regaço.

—É uma longa história. Basta dizer, —disse Gideon— que há alguns inconvenientes nas faculdades Druidas que saem de minha experiência.

—Ah, grandioso — disse Corrine secamente.

— Finalmente começo a me fazer com as minhas, e agora me diz que vai haver ramificações?

—Em primeiro lugar, Corrine, não acredito que tenhamos visto todas suas habilidades ainda. Não acredito que a habilidade de procurar companheiros Druidas seja tudo o que há em você. —Gideon livrou assento e cruzou as pernas casualmente.

— E os dois Druidas que recentemente encontraram são um bom exemplo da diversidade de híbridos que parecem ter sido dotados com isso. Um dele pode voltar-se invisível, caminhando através das paredes e de todo objeto sólido. O outro não só tem o dom do vôo, mas também a estranha habilidade de detectar a presença de outros Nightwalkers.

—Penso que seria sábio para todos os Druidas serem cuidadosos em como usam suas habilidades. Se Bela tiver uma desvantagem, podemos apostar que o resto de vocês a terá — Noah levantou a mão do bebê de Bela ao fim, esfregando ambas distraidamente.

— A verdade, tem sentido. A natureza sempre provê uma medida de equilíbrio. Dotou-lhes com a imortalidade e uma rápida cura, assim como uma variedade de poderes. É sua maneira de equilibrar isto, compensando-o com uma debilidade.

—Assim como nossos poderes e imortalidade são vulneráveis à presença do ferro — acrescentou Jacob.

—Quer dizer que cada herói e heroína têm sua kryptonita — disse Bela.

—Exatamente — concordou Legna.

— Os Licântropos têm a prata. Os Dwellers têm a luz. Para os Mistral é a agorafobia.

—Os Vampiros têm o sol — acrescentou Kane.

—Sim. Mas todos o entendem e são conseqüentes com essas debilidades, e aprendem a adaptar-se para evitá-las e o perigo que representam. Até que saibamos especificamente, todos os Druidas devem ser cautelosos, estão em um perigo razoável — Gideon se assegurou de manter nivelado o olhar nas duas Druidisas presente.

— Fiquem perto de seus companheiros, senhoras. Serão os que potencialmente estarão mais perto de lhes proteger.

—Esperem um minuto — se queixou Corrine.

— Acreditava que nossa kryptonita era o fato que precisamos nos manter expostas à energia de nossos companheiros regularmente. É pelo que eu quase morro, não? É pelo que o companheiro da Mary morreu. Porque não nos demos conta que já exposto, igual que eu tinha estado exposta ao Kane. É pelo que comecei a morrer de inanição. Por causa da carência dessa energia necessária. Vocês apenas me encontraram a tempo e me livrou todo este tempo recuperar o que perdi. Segundo você, ainda continuo me recuperando.

—Tem razão — assinalou Kane.

—Sim. Mas deveria recordar que os Vampiros também podem ser envenenados com o sangue dos usuários de magia. E que os Licântropos não podem suportar que lhes agarrem pelo cabelo — Legna se inclinou para frente enquanto explicava.

— Não há absolutos, Corrine. Se atuássemos como se os houvesse, machucaremos-nos à larga.

—Sim. É obvio — Corrine se ruborizou até que quase emparelhou a cor de seu enrolado cabelo comprido. Agitou uma mão.

— Não me façam conta. Só estive no planeta trinta anos, o que sei eu sobre isto?

—Era um bom ponto, querida — lhe assegurou Kane.

— Só aprende fazendo perguntas.

—Não posso acreditar, — falou Jacob de repente, rindo com surpresa.

— Meu irmãozinho acaba de repetir algo que passei um século tratando de lhe colocar no cérebro, não?

—Acredito que sim o fez — especulou Noah com um zumbido de interesse.

—Acredito que deveria ir de “lua de mel” mais freqüentemente — tirou sarro Bela, gargalhando quando o par se ruborizou intensamente uma vez mais.

Instintivamente, Siena levou as mãos à garganta ao sentir de repente a falta do distintivo de seu cargo. Aquela peça de joalheria significava muito mais que seu reino.

—Elijah — disse brandamente sem apartar os olhos da expressão de ironia dificilmente reprimida de sua irmã.

Nem sequer tinha que dizer seu nome. O guerreiro já sabia o que queria. Duvidou durante um segundo, assaltado pela relutância a deixá-la ir que não podia compreender. Lentamente, soltou as mãos ao redor de sua cintura, apartou-se e, com um só movimento ágil, colocou-se na borda da piscina. Imediatamente abandonou a área da piscina e avançou com pernadas para as habitações traseiras da cova. Syreena lhe olhou partir com as sobrancelhas levantadas tanto de curiosidade como de agradecimento enquanto examinava o corpo nu.

Depois enfocou suas franzidas sobrancelhas para sua irmã.

Siena já tinha saído também da água e o líquido fazia que seu corpo desprendesse vapor ao aproximar-se de sua irmã com hostil rapidez.

—Siena — advertiu Syreena levantando instintivamente uma mão para proteger-se.

Siena se aproximou tanto que estavam quase nariz contra nariz e tinha as mãos apertadas em punhos.

—Me preste cuidadosa atenção, Conselheira — sussurrou em uma intensa advertência com os olhos dourados flamejando com humor como lava fundida.

— Não dê meu título a ninguém até que lhe de licença para fazê-lo. Não vou tolerar essa insolência, nem sequer da minha irmã.

—Se não queria compartilhar o título, Siena, então não deveria ter dormido com ele.

—O que aconteceu aqui é meu assunto e só meu. Eu estabelecerei as ramificações de minhas ações, Syreena. Nem você nem ninguém vão impor-me suas opiniões.

—Certamente que não, Sua Alteza — Syreena inclinou a cabeça em uma reverência completamente formal de reconhecimento.

— Sua autoridade está, é obvio, por cima de qualquer outra. Nada mais longe de minha intenção que lhe contradizer.

—Sempre me contradiz — disse Siena, suspirando pesadamente enquanto passava a mão pelo cabelo empapado.

— Vem. Jinaeri deixou roupa na habitação de trás. Faz muito frio para ficar aqui discutindo nua.

Syreena assentiu e seguiu a sua irmã para o fundo da cova. Não se via o Demônio por nenhuma parte mas Syreena podia lhe sentir na habitação justo detrás da chaminé. Siena estava inusitadamente nervosa enquanto estendia um dos vestidos de Jinaeri a sua irmã e colocava outro. Syreena se sentou em um extremo do sofá tentando ser o menos intrometida possível.

Para sua surpresa, o guerreiro não seguiu escondido na habitação traseira. Fez uma limpa aparição, vestido um pouco mais apropriadamente com umas calças.

Elijah olhou Siena e depois à outra fêmea com olhos perspicazes. Nunca tinha visto uma Licántropo como a mulher que tinha irrompido em sua intimidade. O cabelo bicolor era suficiente para inspirar curiosidade. Tinha-o tão longo como Siena, mas mais espesso e liso caindo por seu corpo. Tendo aprendido um pouco mais sobre a importância do cabelo dos Licántropos, Elijah soube que esta intrusa era algo extraordinário.

Voltou sua atenção a Siena. A saia do vestido que acabava de colocar fazia frufu ao aproximar-se do fogo e do balcão. Sentiu profundamente sua angústia e a luta interna para serenar-se. Estava preparando o jantar como se fossem ter uma festa informal em vez de... em vez do que queira que estivesse passando.

Um momento para fazer um cálculo a olho.

No momento em que cometeu o engano de passar perto dele, agarrou-a pelo braço e a aproximou a ele.

—Teria um momento? —Perguntou-lhe, com o olhar desafiando-a a discutir. Assentiu e lhe deixou que a levasse a habitação de atrás.

No momento em que estiveram fora da vista de sua inesperada visitante, pô-la de costas contra a parede e a apanhou com uma mão a cada lado dos ombros.

—Sei o que está pensando, gatinha — disse brandamente, com os olhos cor de jade metendo-se profundamente em sua alma.

— Está pensando que vamos fazer como se isto não tivesse passado. Que vais escapar com sua pequena confidente de volta a seu mundo e eu não serei mais que uma lembrança fascinante.

—Como pode presumir que sabe o que estou pensando? — Perguntou com a respiração aguda e rápida. Embora o rubor de sua pele a delatasse com bastante efetividade.

— E que alternativa propõe? Que me apaixone por você e me faça sua noiva? —riu brandamente, sem fôlego e o som era desdenhoso e cru.

— Não tenho a mínima intenção de levá-lo além desta cova e sei que o entenderá.

—Sim que o entendo — reconheceu.

— Mas não recordo ter concordado. Perguntei a você o que era que queria, Siena e me pôs isso completamente claro. E até que deixe de me desejar, isto não terminará.

—Me acredite, guerreiro, meu desejo por você terminará no momento em que cruzarmos a soleira desta cova.

Elijah não discutiu com ela. Só lhe acariciou a bochecha. Ela apartou a cabeça, mas havia pânico em seus olhos. Seguiu-a com facilidade e posou os dedos sobre a bochecha avermelhada. Com intenção resolvida, as pontas dos dedos deslizaram sob sua orelha e depois

iniciaram um percurso pelo pescoço que tão facilmente a excitava. Sentiu como se ruborizava e se enchia a um nível puramente espiritual. Quando a carícia voltou para seu rosto se voltou contra sua palma e seus lábios mordicaram as calosidades enquanto fechava os olhos.

—Elijah — sussurrou e seu fôlego se condensava na palma que a acariciava.

— Meus sentimentos, meus desejos —se corrigiu—, são irrelevantes —olhou nos olhos com o peso de suas responsabilidades brilhando nas pupilas douradas.

— Você é um Demônio. Eu sou a Rainha de uma raça que ainda sente a mordida de sua espada. Logo encontrará a outra com a que estar que seja mais apropriado. Isto... — Siena se apartou de repente, tentando ignorar os sentimentos de perda conseguintes.

— Isto acaba aqui.

Escapuliu-se de seu abraço, mas era tão rápido como ela e a voltou a ter contra si na demora de um batimento do coração. Sujeitou-a pelo cabelo para lhe manter a cabeça quieta enquanto a beijava e a outra mão encerrava seu antebraço contra o peito.

Siena sentiu um pânico intenso deslizar pelo centro de seu ser quando abriu a boca cedendo a sua demanda, à marca decidida dele que queimava profundamente sua alma. A mensagem era violentamente clara. O que havia entre eles não terminou e ele ia demonstrar de qualquer forma que fosse necessária. Não importava que custo supusesse para ambos.

Deixou-a ir devagar, primeiro as mãos, logo os lábios. Tinha os olhos escuros e sérios quando se apartou, levantou os braços e se converteu em uma brisa outonal fresca e fria com um simples pensamento. Passou sobre ela, através dela, fazendo-a inalar com súbita surpresa quando seu aroma deslizou sobre o cabelo e a pele.

Quão único ficava dele eram as calças emprestadas e o anel de cabelo que tinha selado a ferida de seu peito todo este tempo.

Elijah vivia nos Estados Unidos, assim forçosamente, tinha que terminar a viagem em uma localização próxima ao bosque russo que acaba de deixar. A casa de Noah na Inglaterra era o lugar mais próximo em que podia pensar assim que se dirigiu a um dos dormitórios de cima, onde se solidificou tomando sua forma biológica, derrubando-se e caindo de joelhos, apertando a ferida sangrenta de seu peito.

Quase não notou a mordida do chão de pedra nos joelhos. Noah sentiria sua energia a qualquer momento e lhe encontraria. Antes que isso passasse, necessitava água e sabão para desfazer do aroma da Rainha dos Licântropos.

Odiava ter que fazê-lo. Embora ficasse em pé e se dirigisse ao quarto de banho próximo, podia sentir o pranto persistente daquela parte profundamente em seu interior a que Siena tinha engenhado para chegar. O lugar que necessitava seu aroma pendurado dele até que pudesse encontrar uma forma de convencê-la a que voltasse para seus braços.

Levava sob a ducha menos de cinco minutos quando ouviu abrir a porta da habitação. Para então, estava tão fraco pela perda de sangue que teve que sentar-se em um rincão da ducha. Com a água deslizando pelo cabelo, tentou enfocar na porta que se abria.

Para sua surpresa, não tinha sido Noah quem sentiu sua presença e tinha subido para lhe buscar.

Era Isabella.

Ofegou com assombro quando lhe viu e viu todo o sangue correndo pelo ralo da ducha. Apressou-se a aproximar-se, mas de repente se parou com uma sacudida, com a mão sobre a frente, como se estivesse sofrendo um assalto mental.

— Bom então, sobe aqui! —grunhiu com ferocidade ao interlocutor invisível.

— E traga Gideon.

Sem demora, ignorou o que, claramente, tinha sido uma queixa volúvel de seu marido notoriamente possessivo e se aproximou de Elijah. Fechou os grifos e, sem preocupar-se com a sorte de seu formoso vestido branco, ajoelhou-se a seu lado no atoleiro de água e sangue que ainda ficava no chão da ducha.

—Né — a saudou com um lânguido sorriso—, Jacob vai te matar.

—Sim, bom, terá que subir para fazê-lo e é o único que me importa neste momento — agarrou uma toalha do lado da ducha e a apertou contra a ferida, pressionando com todo seu peso. Era uma coisinha tão pequena dos pés a cabeça que Elijah apenas a sentia.

— Estivemos tão preocupados com você, — sussurrou, inclinando-se para lhe beijar na fronte enquanto lhe tirava dos olhos o cabelo empapado.

—É que um homem não pode agarrar umas pequenas férias? —Brincou, encolhendo-se de dor quando a porta do banho se abriu bruscamente, ricocheteou para trás e quase se estrelou contra a cabeça de Jacob.

—Merda, Bela!

—Por favor, poderia deixá-lo estar, Jacob? —respondeu-lhe.

— Quando vai meter nessa cabeça tão dura que estou tão Vinculada neste matrimônio como você? Estou começando a me cansar.

Jacob nunca tinha sido o receptor do temperamento de sua esposa em todo o ano que tinha passado desde que se conheceram. Deixou-lhe consternado que Gideon tivesse que lhe apartar fisicamente para poder aproximar-se de seu paciente.

Bela se apartou para que o médico pudesse passar sobre ela e ficar de cócoras ao lado de Elijah.

—Bom, parece como se a gata te tivesse miserável — disse, pondo uma mão sobre a fronte do guerreiro e fechando os olhos para identificar os danos causados ao corpo maltratado do lutador.

Gideon não compreendia por que Elijah encontrava seu comentário tão terrivelmente divertido, mas o guerreiro ria tão forte que Bela lhe beliscou no braço para que parasse.

—Não posso manter a pressão na ferida se seu peito segue subindo e baixando. Além disso, Gideon nunca foi tão gracioso— disse ela, lhe lançando um burlesco olhar.

-O que te levou a tomar uma ducha, Elijah? Isso poderia ter esperado.

Gideon moveu a cabeça perplexo, apartando Bela para poder inspecionar a pior ferida.
—Jogando com ferro outra vez, pelo que vejo.

—Bom, sim, os outros meninos não jogavam limpo — murmurou o guerreiro.

Gideon olhou a Jacob, que estava em pé torpe em meio da habitação.

—Bom, vais desafiar ele a um duelo ou te importa de doar um pouco de sangue? — Perguntou Gideon.

Bela se levantou saindo do meio do caminho de seu marido, jogando um olhar que poderia lhe haver feito pedacinhos. Jacob se aproximou de seus amigos e se deixou cair sobre o joelho. Estendeu o pulso para o médico que o sujeitou com uma mão e com a outra sujeitou a do Elijah.

—Sinto — murmurou Jacob ao Capitão. E estava claro que dizia sinceramente.

—Economize isso para sua esposa, amigo. Está mais preocupada que eu. Foi um imbecil cabeção durante toda minha vida. Estou acostumado. Ela não.

A cor voltou para a pele de Elijah enquanto que a de seu doador empalidecia. Em que pese a seu ressentimento, ali estava Bela para ajudar a sentar-se na cama seu débil companheiro. Uma vez que seu paciente esteve fora de perigo de morte iminente por sangramento, Gideon começou a sanar a ferida. Tinha as mãos apertadas contra a carne rasgada e estava completamente absorto em seu trabalho. Elijah sentia o estiramento peculiar que suportava a cicatrização das malhas profundamente no interior de seu peito.

—Vais ter que me dizer exatamente como conseguiste sobreviver tanto tempo com esta classe de ferida. Está meio curada. A gente pensaria que teria o sentido comum de ficar quieto até...

Gideon se deteve de repente, franzindo as sobrancelhas chapeadas até que se converteram em uma linha enquanto inclinava a cabeça e tentava analisar o que estava experimentando. Quando aqueles olhos agudos da cor do mercúrio se afundaram nos de Elijah, o guerreiro soube sem dúvida nenhuma que o Antigo, de algum jeito, tinha uma idéia do que tinha passado os últimos dias. Mas, para seu alívio, o médico se limitou a subir uma sobrancelha com curiosidade.

Isso foi tudo.

Gideon voltou para seu trabalho sem dizer nenhuma palavra mais.

CAPÍTULO 7

Siena caminhava ao longo da sala do trono com os braços cruzados sobre o peito, mordiscando o lábio inferior enquanto dava voltas a tudo o que tinha passado ultimamente. Qualquer esperança que tivesse tido de manter um ar de normalidade se foi pela janela no momento em que começou a aproximar-se da sala de recepções anexa ao salão do trono que estava lotada de gente. Sabia que não poderia sobreviver a semelhante escrutínio, que se voltaria louca tentando manter este repentino segredo, se via forçada a enfrentar o tumulto de seus súditos. Assim tinha que fazer uso de uma rota para sua habitação menos conhecida e muitos menos transitada. Posto que sua volta não tivesse sido anunciada como sempre o era, ninguém a esperava. Era-lhe possível vestir-se discretamente e tomar outras disposições enfocadas à discrição.

O salão do trono e as salas de recibo anexas tinham sido desalojadas seguindo suas ordens, as mesmas que se viram reforçadas por um grunhido baixo de aborrecimento quando lhe perguntaram pelo incomum disto. Siena também sabia que a indumentária que levava um caftán cor aguamarina de seda, era observada com olhos inquisitórios. A brilhante indumentária era de certa maneira conservadora para ela, levava capuz e chegava aos tornozelos.

Mas era a Rainha e estava muito claro que não tolerava perguntas nem dúvidas ante suas ordens. Tinha despedido todas suas damas e companheiras, e todos os pajens e conselheiros, deixando que permanecessem em sua esfera só as duas fêmeas que permaneciam nas escuras sombras observando seus movimentos. Era altamente consciente de sua curiosidade e podia sentir seus olhares sobre ela. Siena permitia amplas licenças em sua corte e seu posto. Não era próprio de ela pedir solidão tão absoluta. Inclusive seu guarda pessoal permanecia fora.

Syreena a olhava passear de um lado a outro com os rasgos bicolores atormentada pela mesma expressão confusa e aturdida que a tinha acochado no momento em que tinha surpreendido à Rainha no mais comprometedor abraço, de todos os seres do mundo, o muito mesmo Açougueiro Demônio. O homem que tinha matado a seu pai. Syreena podia certamente apreciar que o guerreiro lhe tinha feito um favor igual a sua irmã e outros tantos tinham feito, mas um bom trabalho em uma morte não equilibrava a balança com os milhares de outras mortes ao longo dos séculos. Não havia nenhuma espécie entre eles que não tivesse perdido a alguém próximo sob a espada do Açougueiro Demônio. Siena devia ter perdido completamente a cabeça para escolher um homem como esse por companheiro.

Só o fato de que tivesse se emparelhado já era por si assombroso. Embora houvesse muitas coisas que Syreena não sabia sobre sua irmã depois de ter vivido durante cento e trinta anos no Monastério do “The Pride”, sabia que Siena era uma mulher que se orgulhava não só de seu férreo controle sobre todas as coisas, mas também principalmente de seu controle sobre a monarquia. Tinha ouvido Siena pregar contra as maldades e os horrores dos machos hostis e agressivos e seu ódio de sua própria mãe por escolher um homem dessas características e permitir lhes arrastar à guerra durante três escuros séculos. Tinha jurado que antes permaneceria virgem e deixaria seu trono a uma herdeira que emparelhar-se com um macho quem codiciosamente agarraria a metade de sua monarquia.

De qualquer modo, Syreena não tinha dúvidas de que Siena tinha quebrado todas suas promessas e o tinha feito com gloriosa ironia. Syreena os havia visto nus um nos braços do outro, a rainha teimosa e fria e o guerreiro cruel e destruidor, beijando-se com remarcável ardor e ambos marcados clara e mutuamente com os sinais do que, sem dúvida, tinha sido um apaixonado encontro amoroso. Syreena ainda não podia conciliar a imagem com o que sabia que era sua irmã, com tudo o que sua irmã tinha destrambelhado durante esses quatorze anos referente a mesclar a monarquia e certas maldades masculinas.

Possivelmente Anya pudesse discernir melhor todo este assunto, mas Syreena tinha jurado não revelar nada de tudo isto, nem sequer a quão mestiça conhecia até o rincão mais secreto da mente e o coração da Rainha. Assim, a Princesa se via relegada ao inútil balbúcio de seus pensamentos, tentando conciliar tantas coisas que tinham passado em tão pouco tempo. É óbvio que Syreena sempre tinha feito caso omisso dos prejuízos de sua irmã contra os homens e era a irmã que de verdade desejava um marido, um lar e uns filhos. Sabia de onde vinha essa ira e sabia que Siena se veria forçada a reavaliar suas opiniões quando fosse mais sábia... ou estivesse mais sozinha, mas a Princesa nunca teria suspeitado que uma situação tão explosiva fosse a que fizesse luz em Siena e mandasse ao diabo todas suas teorias. A piedade se mesclava com a diversão e se retirou mais para as sombras para que sua irmã não pudesse sentir nem seus pensamentos nem seus sentimentos e se encolerizasse com ela.

Anya escutou a Syreena movendo-se, mas manteve os olhos fixos na imagem da fêmea real que passeava lentamente pelo salão abraçando-se com os braços, como se necessitasse consolo. O silêncio incomum a preocupava e a fazia estar inquieta e alerta.

— Isto não é próprio dela... — Anya tentou pôr em palavras seus pensamentos e olhou a Syreena em busca de ajuda.

— Te retire — suplicou Syreena.

— Está acostumada vir a nós diretamente quando algo a confunde ou a aborrece.

— O que crê que passou? — Sussurrou Anya.

— Não posso nem imaginar mentiu Syreena com facilidade.

— Está pálida. Se não me equivocar, deu-lhe enfermidade do sol.

—A Siena? —Anya soltou um bufo de incredulidade.

— A Siena não afeta o sol como ao resto de nós.

—Nem a mim. Mas isso não nos faz imunes. Inclusive os que demoramos mais em adoecer pelo sol, temos sintomas sem nos expormos muito tempo—disse a Princesa baixo.

Syrenna cruzou os braços sobre o peito e olhou o chão de pedra sob seus pés como se estivesse estudando o desenho gravado à mão.

—É muito estranho que passou só tanto tempo para voltar tão inquieta — disse Anya.

— Algo passou para pô-la assim.

—Eu não começaria a especular. Acredito que nos contará isso a seu tempo.

Anya olhou à outra mulher estreitando os olhos intensos como os de uma raposa.

—Não viu nada quando a encontrou?

Syrenna se voltou para a mestiça seus olhos de duas cores.

—Como o que?

—Não sei. —murmurou a meio bruxa.

—É que tenho a sensação de que me escapa algo. Siena não... cheira bem.

—Se disser algo assim alto, no final te encontrará atada ao final de uma correia — sussurrou a Princesa fazendo com que a outra mulher risse.Só podemos esperar que em seu momento venha a nós para discutir o que for que lhe aconteça —acrescentou Syrenna.

No momento, não penso tomar parte nas fofocas que tanto lhe agradam.

—Minhas fofocas foram muito úteis a corte em muitas ocasiões — replicou Anya. Depois riu baixinho.

—Mas te vou dizer isto, no que respeita à busca de confiança da Rainha, me alegro de não ser conselheira da corte nem Conselheira Real. A julgar pela forma em que despediu da corte, o que queira que a inquieta deva ser uma questão de política e a deixa bastante aborrecida. As ofensas políticas entram em seu âmbito, sendo conselheira. O meu se limita ao pessoal e a suas habilidades na luta. E por uma vez, estou agradecida de que não tenha outra vida pessoal fora de te fazer à vida impossível.

—Tê-lo-ei em conta — disse Syrenna com secura.

Siena era consciente de que suas duas mais ameadas delegadas estavam cochichando com as cabeças juntas, sem dúvida estavam refletindo sobre seu comportamento. Sabia que Syrenna não romperia o voto de silêncio que a tinha obrigado a jurar, assim por esse lado não estava preocupada. Ainda não estava preparada para discutir sobre o assunto com ninguém. Logo que estava preparada para enfrentar seus próprios pensamentos.

A rainha continuou passeando acima e abaixo do salão enorme, esfregando as mãos de quando em quando, em um intento de esquentar a sensação de frio que lhe chegava à alma.

Estava metida em uma confusão. Deixava-o muito claro.

Para começar, o tema do colar perdido.

O colar era um trabalho de magia e lenda. Material das histórias com as que se criou a totalidade da sociedade Licántropo da infância. Todos os membros da família real possuíam colares místicos, cada um de diferente forma e estilo em virtude da linhagem e a importância do proprietário, do nascimento até a morte. Estas intrincadas peças de joalheria eram umas complexas séries de adivinhações, desenhadas de determinada forma por razões específicas. Cresciam e minguavam de tamanho quando o portador trocava de forma e nunca saíam do pescoço, sempre transmitiam o status de seu dono.

Os mistérios legendários foram ainda mais à frente. Em primeiro lugar, só os membros do The Pride podiam levar um colar. Só os membros do The Pride conheciam quão segredos permitiam unir os complexos elos. Devia-se que desta forma, as insígnias reais não se podiam duplicar nem forjar nem ser usadas mais que pelos legítimos herdeiros ao trono. Embora fossem de ouro, estavam encantados, o que os fazia indestrutíveis e, portanto não podiam ser arrebatados por inimigos, ladrões ou os mesmos monarcas pela razão que for. E para mais segurança, não se podia tirar de nenhum membro do The Pride, as adivinhações nunca funcionavam em sentido contrário e era impossível revelar seus segredos.

Siena tinha escutado toda sua vida que seu colar só se podia tirar de duas formas.

Ou o portador era decapitado...

...ou pelo toque do verdadeiro companheiro do portador.

Os místicos asseguravam que só o tato do companheiro perfeito de uma alma da realeza podia liberar o colar. O macho ou a fêmea que o conseguisse estava destinado a casar-se com o proprietário, não havia volta. O que outro poderia desvelar a impossível adivinhação com que os sábios levavam lutando sem êxito há quatrocentos anos? Só um. O único perfeito. Uma alma tão real e complementar como a do proprietário do colar.

A idéia fez com que o estômago de Siena se retorcesse de náuseas e de um medo que nunca antes tinha conhecido. Agora que tinham tirado o colar, só poderia voltar para o pescoço da rainha pelas mãos de um membro do The Pride ou, se as lendas eram verdade, pela mão do amante que o tinha tirado. A adivinhação estava fora do conhecimento de Siena e era assim a propósito para impedir que o governante que o levava fizesse exatamente o que Siena tentava fazer... ocultar o fato de que tinha tomado companheiro.

Seu verdadeiro companheiro, se as lendas tinham razão.

—Isto é de loucos — vaiou Siena baixo girando para voltar a caminhar acima e abaixo do salão.

Um Demônio o companheiro predestinado de uma Licántropo? O que importava que fossem tão... compatíveis? Deixando de lado a química e a sexualidade, necessitava-se muito

mais que a habilidade de ter bom sexo para reger a milhares de pessoas. Colocou a mão no bolso de seu caftán, fechando-a com força sobre os elos do colar. Subiu os degraus até o trono e se sentou lançando um duro olhar durante um comprido minuto às mulheres que cochichavam ante ela.

Syrenna saberia como devolver o colar a seu legítimo lugar. Tinha vivido entre o The Pride mais de um século. Possivelmente tivesse aprendido o segredo durante sua estadia. Mas Siena sabia que não podia pedir a Syrenna que traísse os seus mentores. Fazê-lo seria como se alguém pedisse a ela que reiniciasse a guerra. E agora mais que nunca, tinha uma razão para desprezar tão abominável idéia.

Não! Gritou em sua mente. Não há mais razão agora do que havia antes! Isso significaria que albergava certos sentimentos por... e não é assim.

A rainha ficou em pé e depois do tempo que dura um batimento do coração, voltou passear.

Necessitava uma solução a este interrogatório e necessitava já. De maneira nenhuma ia apresentar em sua corte o macho Demônio de infame renome, lhe nomear rei e sentá-lo a seu lado. A tal guerreiro. A idéia ia contra cada boa intenção que albergava para que sua gente tivesse um futuro mais brilhante e pacífico. Tinha tido a intenção de reger em solidão até o dia de sua morte e, de algum jeito, ia encontrar a forma de levar a cabo seu plano. Antes se enforcaria que tomar parte em semelhante abominação que ia contra tudo aquilo no que acreditava. E maldita fosse se voltava a levar para cama a esse homem.

Siena se deteve em seus passeios quando uma aguda agonia a percorreu ante a mera idéia. Quase não podia respirar pela dor e apertou os punhos sobre seu útero, onde doía com mais intensidade. Sentia-se tão vazia, tão privada de vida e prudência quando pensava em abandonar a Elijah para sempre. Tinha-lhe prometido que não seria o fim e, que a Deusa a ajudasse, cada molécula de seu corpo uivava para que ele cumprisse sua promessa.

Siena se deixou cair ao chão com um soluço, dobrando-se pela dor e a náusea da traição a si mesma. Sabia que lhe desejava, sabia que suas células gritavam pelo alimento que supunha seu corpo duro e agressivo a seu redor e em seu interior. Tinha-a levado a cotas incríveis, a prazeres inimagináveis e, como se fosse uma drogada, a idéia de não voltar a lhe ter era quase insuportável.

Mas tinha que encontrar a maneira de suportá-lo. Tinha que romper o feitiço, desafiar a magia da lenda que proclamava que era perfeito para ela. Tinha muito mais que considerar que seu próprio corpo. Havia milhares de pessoas que contavam que fizesse as eleições mais sábias e consideradas que pudesse para assegurar seu bem-estar.

Isso era algo que não tinha feito quando caiu nos braços de Elijah. Infelizmente, fazia uns dias tinha elegido salvar a vida de um homem e, ao que parece, desde esse momento não tinha feito nada bem.

Siena estava decidida a trocar isso.

Tinham passado quase dois dias desde que se separaram. Mas ainda sentia sua presença pega a ela. Sabia que Anya suspeitava algo, inclusive sem que tivesse deixado que sua General mestiça se aproximasse o suficiente para cheirá-la. Embora fosse muito mais que isso. Era como se o guerreiro Demônio a seguisse a todas as partes. Às vezes imaginava que podia lhe sentir tocando-a. Em sua mente. Em seu corpo. Obcecava-a em uma mescla de lembranças e fantasias que sempre deixavam rios de calor correndo por seu sistema. Se esta obsessão era a natureza do emparelhamento não queria formar parte dela. Agora menos que nunca. Pensá-lo a voltava louca, tanto em mente como em temperamento.

Logo que se curasse da enfermidade do sol iria a corte Demônio e exigiria a Noah que resolvesse o problema fazendo que seu Capitão se mantivesse afastado dela.

Desprezou a idéia assim que pensou. Quão último precisava era estar em qualquer lugar onde Elijah pudesse encontrar-se. Ficavam poucos dias para o Samhain e, graças a Gideon, conhecia o suficiente dos Demônios para saber que estar em seu território durante esse breve espaço de tempo seria como soltar o gato no canil. Só lhe faltava ter que lutar contra o poder da paixão e a sedução irresistível do guerreiro Demônio magnificada pela Lua Sagrada até uma intensidade além do que tinha experimentado até agora.

Não confiava ter forças para resistir se chegasse a esse ponto.

Siena ficou em pé novamente, deslizando as mãos pelo estômago enquanto passeava, esfregando-o diante e atrás em um gesto calmante que era habitual nela quando estava tensa. Mas algo tinha trocado na sensação que lhe produzia, fazendo-a mais sensual que reconfortante como sempre tinha sido. De repente, deu-se conta que podia sentir seu toque no torso tão claramente como se fosse ele quem estivesse tocando-a. Os peitos, o ventre e os quadris pareciam arder com o rastro de suas mãos até o ponto de perguntar-se não estaria resplandecendo brilhantemente com os malditos rastros de suas mãos mostrando para que todos as vissem. Podia cheirar o almíscar masculino de seu aroma na pele e se perguntava se outros também podiam. Ou era só a loucura desta insustentável situação que a fazia acreditar em uma ilusão? Banhou-se mais de uma vez desde que se separaram, mas seu aroma não ia de seus sentidos.

Seguro, estava se voltando louca.

Siena cruzou o salão para o trono, outra vez. Mas não se sentou. Era o símbolo de tantas coisas que estavam em jogo. De maneira nenhuma podia ficar quieta, ali sentada. A rainha dos Licântropos reiniciou seus passeios sob o atento olhar de suas companheiras.

Isabella se inclinou sobre Elijah lhe apartando o cabelo da fronte e mordeu o lábio preocupada. O guerreiro tinha estado saindo e entrando do sonho intermitentemente até que no final tinha caído em um sono agitado. Um pouco inusitado em alguém sob os poderosos influxos do sono de Gideon. Normalmente o sono reparador era suave, tranqüilo e acalmado e permitia que a cura se levasse a cabo em menos tempo.

O guerreiro não tinha respondido nenhuma pergunta daqueles que estavam perplexos por suas feridas e pelas pistas que os transe visionários de Bela lhe tinham dado de suas atividades durante seu desaparecimento. A cura das feridas de Elijah tinha sido muito simples para o ancião médico. Gideon tinha sido muito meticuloso ao extrair o ferro, as bactérias e grande quantidade de outros resíduos prejudiciais para o processo de cura do corpo do guerreiro. Ainda assim, tinha tido a língua quieta quando outros lhe perguntaram sobre a natureza das feridas do guerreiro e sobre qualquer suspeita que tivesse sobre onde tinha estado o Demônio todo esse tempo. Tudo o que respondeu foi que teriam que perguntar a Elijah eles mesmos. Isto era o suficientemente crítico para que o resto dos homens estivesse dando voltas pelos chãos de mármore do Grande Salão.

Isabella não deveria estar ali, não depois da recente bronca que lhe tinha jogado Jacob. Possivelmente estava acabando a paciência passando tanto tempo junto ao leito do guerreiro. Não tinha tido intenção de perder os estribos, mas no final estava contente de havê-lo feito. Jacob era um homem brilhante, sofisticado e sábio com quase seiscentos anos de experiência nas suas costas. A gente poderia pensar que um homem assim estaria por cima de uma coisa tão mesquinha como o ciúme.

Tinha tentado compreender que Jacob, não tendo conhecido nunca antes o amor, tampouco conheceria o ciúmes. Não tinha experiência com isso e precisava aprender como qualquer outra pessoa. Mas com sua possessividade, avivada por uma natureza imbuída com o temperamento e as habilidades de todos os animais da terra, necessitaria provavelmente bastante tempo antes de poder dar rédea solta a suas voláteis emoções. Enquanto isso lhe estava tocando o punheteiro nariz na base do bem.

Posto que tivesse passado um milênio desde que o último Druida tinha vivido entre o Demônios, não havia ninguém salvo o idoso Gideon que soubesse algo sobre os Druidas. Inclusive Gideon era um menino naquele tempo, um juvenzinho com o conhecimento mínimo sobre os Druidas que seu povo tinha tentado destruir na guerra daqueles tempos. Havia reescrito grande quantidade da história após. A verdade estava enterrada na biblioteca dos Demônios e não tinham começado a desentranhar a história dos Druidas que ali se escondia.

Junto com a erradicação dos Druidas tinha chego a redução de petições de Vinculação. A Vinculação de dois Demônios, como a que Legna e Gideon acabavam de fazer, ocorria uma vez em um milhão. Agora se acreditava que do primeiro momento, o Destino tinha querido que os

Demônios encontrassem seus casais mais perfeitos entre os Druidas, as mesmas criaturas que tinham destruído sistematicamente fazia um milênio. Foi escrito em uma profecia que tinha estado perdida durante mil anos.

Sem Druidas não havia Vinculação.

Assim não havia manuais nesta geração de Demônios para o comportamento e as emoções com as que um Demônio devia lutar durante a Vinculação. E isto, infelizmente, significava que andavam às cegas, encontrando as respostas conforme vinham. Bela tentava compreendê-lo com todas suas forças. Jacob era forte e punha toda sua sensibilidade no que dizia a seu bem-estar. Aprenderia a lutar com isso como ela tinha aprendido. Não tinha dúvida de que aceitaria sua ajuda e o superaria. Não deveria ter perdido a paciência tão facilmente.

Isabella ouviu abrir a porta a suas costas e olhou por cima do ombro, vendo uma cabeça ruiva espionando a habitação. Bela colocou um dedo nos lábios e fez sinais ao visitante para que entrasse.

Corrine, a irmã de Bela e também, de forma bastante divertida, sua cunhada, entrou e aproximou uma cadeira a seu lado sem fazer ruído. Inclinou-se para diante de maneira que suas frentes quase se tocavam, como faziam durante toda sua infância quando compartilhavam segredos.

—Sabia que estaria aqui — disse Corr, agarrando um cacho de seu comprido cabelo vermelho para mordiscá-lo, um velho vício quando estava nervosa.

— Jacob vai te estrangular.

—Preocupa-se de seu marido que eu me preocuparei do meu — respondeu Bela com voz muito baixa, mas claramente divertida. Os olhos violetas dançam de irreverência.

— Além disso, o dia não está completo sem o sermão diário de Jacob. Sinceramente, espero que seu irmão seja mais tolerante.

—Bom Kane nasceu uns quinhentos anos depois que Jacob e não o criaram na Idade da Pedra — riu Corrine brandamente.

— Meu marido tende a ser um pouquinho mais moderno de pensamento que seu irmão.

Isabella sorriu e agarrou a mão de sua irmã impulsivamente, lhe dando um quente apertão. Sempre tinham estado muito unidas, mas depois de ter estado a ponto de perder Corrine fazia um ano, tinha forjado um vínculo ainda mais forte com sua irmã.

Como se mencionou antes a sua chegada ao Castelo, Corrine tinha se transformado de um ser humano normal a um híbrido de Druida e humano como sua irmã, depois de um breve encontro com seu companheiro Demônio destinado, Kane. O contato com um Demônio geneticamente apropriado era o disparador do nascimento do poder de um Druida. Inclusive de híbrido de Druida.

Embora ninguém soubesse que existiam os híbridos até que Isabella começou o lento processo depois de ter estado exposta a Jacob. Mas os Druidas necessitam constante exposição ao disparador Demônio do primeiro momento ou ficavam doentes e morriam de fome.

Corrine tinha começado assim até que se deram conta do que acontecia. Levou-lhe meses de exposição a Kane para recuperar-se. Da mesma forma que a vítima de um acidente grave tem que passar um comprido período de terapia, Corrine tinha sido forçada a fazê-lo bem mais lento do que o normal e tinha recuperado seu poder lentamente durante o ano passado.

Este roçar com a morte tinha sido o cimento que tinha forjado de novo a já forte união com sua irmã. Além disso, com frequência recorriam uma à outra enquanto ambas se adaptavam ao estilo de vida de uma raça Nightwalker de cultura tão complexa como os Demônios. Ajudaram-se uma à outra a descobrir formas novas de controlar e utilizar suas habilidades em florações.

—Sabe Kane que está aqui?

—Não — Corrine fez uma piscada conspiradora.

— Parece que nossos homens grandes e fortes estão dormindo. Uma das benções de ser meio humanas é que não nos vemos compelidas a dormir durante o dia de forma tão forte como eles. Que estranho deve ser sentir-se tão entorpecido que não tem mais remédio que dormir, queira ou não.

—O mesmo acontece com os humanos. Só que não limita às horas diurnas e às vezes podemos dilatar o inevitável. Acredito que Gideon chegou ao ponto em que pode permanecer acordado durante o dia sem sequer bocejar.

—É extremamente forte —assentiu Corr com o assombro patente em sua voz, — Tenta conseguir uma premonição ou só estas jogando de enfermeira?

—Um pouco das duas coisas — Bela voltou à cabeça carrancuda ante a forma adormecida de Elijah.

— Nunca lhe tinha visto tão débil. Não conseguimos que nos diga nada. Gideon disse a Jacob que as feridas não são recentes, que a ferida do peito tinha sido curada um par de dias antes que voltasse a abrir. Parecia como se a tivessem enfaixado e que quando Elijah se transformou, perdeu a vendagem sem dar-se conta e isso fez com que a ferida voltasse a abrir.

—Tem sorte de ter chegado aqui vivo. Mas é um engano que não esperaria que cometesse um Ancião — disse Corrine.

—Eu estava pensando o mesmo — disse Bela unindo de novo a cabeça com a de Corrine.

— Algo lhe passou.

—Sim, é óbvio. Não necessito uma premonição para saber que alguém lhe deu uma boa surra.

—Não — a contradisse Bela com suavidade.

— É algo mais. Algo que tem feito que atue... Com imprudência. Que cometa enganos. E não tenho nem idéia do que é. Sigo vendo estas imagens de olhos de gato. É o único que me chega quando lhe enfoco.

—Eu gostaria de poder te ajudar, mas meus poderes se limitam a procurar Demônios. Possivelmente possa localizar a sua companheira, mas pouco mais — sua irmã riu entre dentes.

—Por Deus, não o diga tão alto ou de verdade que ficará em coma! Elijah esteve se escondendo de você desde que souberam quais eram seus poderes.

—E Noah também — acrescentou Corrine fazendo com que Bela lançasse uma risadinha tola.

— Juro isso, ouvi sobre homens extremamente tímidos, mas estes dois levam a palma. Mas bom, posto que encontrei a Druida Miranda para o Conselheiro Simon e o Yuri para a médica Yoshabel, só dois Demônios me pediram uma busca. Dois de milhares que conhecem minhas habilidades.

—Alguns recordam muito bem as lições de história sobre a guerra com os Druidas. Levará tempo, mas se convencerão — Bela esfregou as mãos como se as tivesse frias.

— Eu gostaria de poder controlar quando me chegam às premonições. Agora é como jogar roleta russa com uma arma meio carregada. Levo meia hora disparando sobre vazio.

—Quando as necessita não as encontra de maneira nenhuma. E quando não as necessitamos, estão por toda parte. Recorda quando queria ficar com alguém — as ocorrências de Corrine as fez rir.

—Bom, mas vale que passe algo logo. Jacob despertará logo e se me encontrar aqui vai armar uma boa.

—Bell?

Bela e Corrine lançaram um grito suave e se voltaram para olhar o homem que jazia na cama. Ambas se ruborizaram ao dar-se conta de que quase tinham esquecido que estava ali.

Mas Bela se refez imediatamente e se sentou na eira da cama de Elijah lhe agarrando a mão enquanto se inclinava sobre ele.

—Né, você! Que demônios estiveste fazendo que nos deste um susto de morte a todos? —perguntou-lhe.

—Eu também me alegro de verte — disse Elijah com tom seco levantando a vista e vendo sua segunda visitante.

— Wow, duas formosas mulheres! Já tive esta fantasia em outras ocasiões.

—Ja! E certamente não só em sua imaginação, que te conheço — Bela tirou o sarro fazendo que o guerreiro risse com esse sorriso maroto e fanfarrão que tranqüilizou os corações preocupados das mulheres. Bela alargou a mão para lhe colocar uma mecha loira e notou que ainda estava pálido apesar da segunda transfusão de sangue que lhe tinham posto.

— Como te encontra?

—Depende. Paraste o avião que me atropelou ou segue correndo?

—Me tira o sarro? Quem queria preocupar a trezentos homens de negócios mal pagos e nada valorados de caminho a uma conferência larga e aborrecida?

Elijah riu agarrando a mão que tinha em seu cabelo. Beijou-lhe brevemente os dedos, refletidos em seus olhos esmeralda seu carinho e sua gratidão.

—Por certo, obrigado.

—Ora. É só que estava preocupada se por acaso minha filha ficava sem um Siddah perfeito se não salvava seu miserável traseiro.

—Então não celebrastes a cerimônia do nome sem mim?

—Elijah — arreganhou Bela.

— Já te vale! Por quem me tomaste? Nunca te faria uma coisa assim. Não enquanto estava desaparecido — voltou a colocar o cabelo com a mão livre, mas ele também a agarrou.

—Deixa de me tocar — disse.

— O único que me falta é que seu loucamente ciumento marido me de uma surra das que fazem época.

Elijah lhe pôs as mãos no regaço.

Bela apertou os punhos e os pôs nos quadris em um familiar gesto de exasperação.

—Sabe que estou acostumada a ser uma pessoa que cultiva suas amizades e afetuosa. Meu irracional e dominante marido tem que aprender a controlar-se, Elijah. Quão vão inteirar se de que faço o que quero, quando quero e que dêem a todos vocês se não gostarem?

—Acredito que nos dar tampouco seria uma boa idéia considerando o comportamento irracional, dominante e ciumento de seu marido.

—Oops! — sussurrou Corrine detrás de sua irmã ao voltá-los três para olhar ao marido em questão.

Jacob estava inclinado sobre o marco da porta, com os braços cruzados sobre o peito e os olhos escuros e sérios se iluminavam o bastante divertidos para que Bela suspirasse com alívio.

—Vá, desde quando me vigia dessa forma? — perguntou-lhe levantando-se e lançando-se para ele para poder pendurar-se de seu abraço.

“Obrigado por não ser uma besta, murmurou dentro de sua mente.”

“Obrigado por me perdoar que seja um idiota exímio, respondeu-lhe brandamente.”

Jacob abraçou a sua miúda esposa, levantando-a para enterrar o rosto no sedoso cabelo e riu. Os escuros olhos olharam a Elijah por cima do ombro de sua esposa, mostrando soberanamente quão aliviado se sentia de ver acordado a seu velho amigo.

Jacob soltou a sua esposa e se aproximou da cama de Elijah aproximando a cadeira que ela tinha abandonado para sentar-se. Cruzou o tornozelo sobre o joelho contrário. Bela ficou em pé detrás com os braços apoiados em seus ombros.

—Olá, velho amigo — lhe saudou.

— É estupendo verte acordado e alerta.

—Não faz idéia — suspirou Elijah sentando-se. Colocou uma mão no peito notando a nova pele rosada que tinha substituído à ferida.

—Pode nos dizer o que te passou? —Perguntou Jacob.

Elijah assentiu e nenhum dos três se deu conta de sua breve vacilação.

—Ruth, Mary e uns trinta nigromantes e caçadores me prenderam uma emboscada. Falando de que a fúria do inferno não é nada — brincadeiras aparte, os olhos de Elijah eram muito sérios para sua natureza.

—Quase me matam.

—Jacob, senhoras...

Todos voltaram sua atenção para a porta para ver Gideon transpassando a soleira.

—Não acredito ter autorizado as visitas — lhes fez notar.

Se algo sabia todo mundo era que não teria que contradizer Gideon com o bem-estar de seus pacientes. Todos se levantaram e saíram da habitação de Elijah com rapidez. Jacob estreitou brevemente as mãos de seu amigo e ambas as mulheres se inclinaram para lhe beijar e lhe dizer quão felizes estavam de que tivesse despertado. Apressaram-se fora do quarto, passando por diante de Gideon e Jacob fechou a porta atrás dele.

Gideon ficou apoiado na parede frente à cama de Elijah com a cabeça chapeada ligeiramente inclinada enquanto olhava como o guerreiro se sentava. Elijah não era idiota. Sabia que o Antigo Demônio tramava algo. Mas de maneira nenhuma ia jogar uma mão com isso. Deixaria que Gideon mostrasse primeiro suas cartas.

E Gideon era direto.

—Estará um pouco dolorido pelo menos dois dias mais — disse Gideon.

— Por que iniciou a metamorfose, arriscando sua vida para chegar aqui? Deveria haver ficado onde estava até estar mais forte.

—Não podia — Elijah desviou o olhar do médico o suficiente para captar sua atenção. Ajudou-lhe a confirmar algo que já tinha começado a suspeitar.

Elijah curvou a mão em um punho ao sentir o olhar do Antigo escorregando sobre ele com calma paciência. Tendo despertado de um sono tão longo, Elijah podia não ser consciente

de muitos detalhes dos dias passados, mas podia recordar o encontro com Siena. E se deu conta que levava a evidência em cima apesar de todos seus esforços por escondê-lo.

—Já sei que não é meu assunto, mas sou consciente da mudança de seu aroma e não pretenda ocultá-lo — disse Gideon quedamente.

— Também estou familiarizado com esse aroma. Tanto como estou familiarizado com o coquetel de sangue Licántropo quando o vejo em um corpo ao que não pertence.

—Alguém há...?

—Se se deram conta, não mencionaram. É possível que tenham feito vista grossa, mas não apostaria isso — Gideon fez uma longa pausa para sacudir pensativo a bolinha de pó invisível da perna da calça .

— O aroma da fêmea é o de Siena, verdade?

—Não jogue comigo, médico — disse Elijah com amargura.

— Sabe perfeitamente quem é e não necessito que me faça perguntas inúteis.

—Sei — admitiu Gideon.

— Por improvável que pareça.

—Me acredite, estou tão admirado como você — admitiu Elijah com um suspiro.

— E isto piora, Gideon — Elijah riu sem alegria.

— A formosa Rainha dos Licántropos não quer nada comigo. Assim se está pensando em mandar aos Executores por haver quebrado a lei ou vais soltar-me um sermão sobre a pureza, eu teria em consideração este fato, se fosse você.

A chapeada cabeça do Antigo não respondeu em seguida. Em vez disso, estudava a expressão do guerreiro notando o esforço de seus intentos por minimizar o muito que lhe afetava a situação em que se encontrava.

—Pode que Siena não tenha muita eleição no tema, Elijah — disse com suavidade.

—Perdoa? —Elijah não estava seguro de ter ouvido corretamente. Sentou-se um pouco mais para diante procurando o olhar firme do médico.

— Explique isso.

—Há muitas regras diferentes que governam o destino de Siena.

—Sim, já sei. Um só companheiro. Uma regra que ela pensa que não se aplica a um friável macho Demônio como eu — o sarcasmo na voz de Elijah era agudo, mas não se dirigia mais que a seu próprio ego maltratado.

—Não acredito que seja a que deva decidir. O Destino...

A risada cortante do Elijah fez que o Antigo se calasse.

O guerreiro saiu da cama apartando os lençóis e se dirigiu ao armário pelas calças e a camisa. Pelo menos estariam bem, posto que fossem dele. Tinha-os deixado nas habitações de

Noah devido à frequência com que lhe convidavam a ficar na casa e neste quarto. Voltou-se para Gideon enquanto colocava uma camisa branca de moaré acetinado.

—Não me fale do Destino, Gideon. Se me perguntar isso, neste momento me parece uma merda — Elijah meteu as abas da camisa por dentro das calças.

—De verdade não sabe o que passou? —perguntou Gideon lhe olhando assombrado.

O comentário deu uma pausa a Elijah. Deteve-se a metade de abotoar os punhos da camisa para olhar ao outro homem.

—Poderia me fazer o favor de manter ao mínimo os comentários críticos? —pediu Elijah ignorando o repentino e antecipatório tamborilo do coração.

—Elijah, deve ser o primeiro macho Demônio que conheço que não reconhece os efeitos da Vinculação pelo que são.

Agora sim que tinha conseguido captar a atenção do Capitão Guerreiro.

—Vinculação? Foi essa cabeça chapeada que tem? — De novo riu com essa risada amarga.

— Entre um Demônio e uma Licántropo?

—É tão improvável como faz uns anos nos parecia a Vinculação entre o Demônios e Druidas - refletia Gideon.

— E, entretanto, aqui estamos.

Elijah se forçou a reprimir a quebra de onda de excitação e esperança que inexplicavelmente, percorreu-lhe.

—Me explique por que crê que... Explique-me isso pediu.

—Quer dizer a parte de te dizer que o vejo tão claro como a luz na química de seu corpo? O que se Jacob ficasse um pouco mais teria notado que leva o aroma de uma mulher por todo seu corpo apesar dos esforços que tem feito para tirar isso ou possivelmente deveria mencionar o fato de que o cabelo mudou de cor?

Os olhos de Elijah se abriram como pratos. Voltou-se para o armário para olhar-se no espelho que pendurava na porta.

Certamente que o cabelo havia se tornado completamente dourado, de cor idêntica ao da mulher Licántropo a quem tinha feito amor fazia pouco. O assombrou que ninguém tivesse notado salvo Gideon. O assombrou e ponto.

—Tinha o cabelo molhado ao princípio. E, a verdade, é que estavam mais preocupados com sua saúde que pela cor de seu cabelo — lhe disse Gideon.

—Maldição. —sussurrou Elijah passando os dedos pelas ondas douradas de seu cabelo. Bela inclusive lhe tinha afastado o cabelo e não tinha notado.

— Eu pensava que a Vinculação trocava os olhos da mulher. Os olhos de Siena são tão dourados como sempre, asseguro-lhe isso.

—A Vinculação se compõe de três características diferentes, Elijah. A primeira é um desejo incontrolável entre o homem e a mulher. Um desejo que não pode resistir durante muito tempo e é absolutamente impossível de resistir durante a Lua Sagrada no Beltane e Samhain, às vezes inclusive nos Solstícios — o Demônio arqueou uma sobrancelha chapeada.

— Acredito que posso assegurar que você e Siena hão sentido esta característica.

—Sim — admitiu Elijah baixo.

—Quanto a seu segundo sinal, embora seja certo que a fêmea vinculada com frequência toma a cor dos olhos do macho que pretende, algumas vezes é a cor do cabelo ou inclusive os poderes do companheiro. E essa mudança pode sofrer o macho ou a fêmea. Que é exatamente seu caso, lhe asseguro - disse isso, assinalando o cabelo do guerreiro.

— Em meu caso, os olhos de Legna se voltaram de minha cor. Para os Executores e para o Kane e Corrine, em seus casos, o que desencadeia a Vinculação de um Demônio e uma Druidisa é o despertar dos poderes do Druida.

—E a terceira é a telepatia entre o casal — terminou Elijah.

— A habilidade de poder estar em constante contato mental com a outra pessoa — Elijah soltou um som de frustração, apertando a palma da mão contra a frente.

— Agora compreendo porque me parece que ainda posso ouvir sua voz. Por que sempre parece que podemos pensar ou sentir o que o outro sente sem dizer nada. Não sei por que não me dei conta por mim mesmo.

—Leva seu tempo até que se faz forte entre Druidas e Demônios. Talvez seja igual para as Vinculações entre espécies.

Elijah riu ante isso, mas o som era terrivelmente doloroso e Gideon sentiu a reposta reflexiva de sua esposa em sua mente. Embora tivesse tentado fortemente, não podia separar-se totalmente dele e sentia que queria lhes dar privacidade. Era uma de suas debilidades, essa noção da privacidade, que não ia entender em curto prazo. A privacidade não era um conceito Demônio. Era humano. Onde o tinha adquirido lhe ultrapassava.

“Não se preocupe, carinho, assegurou-lhe com suavidade. Recuperar-se-á do choque igual a você te recuperou quando descobriu que eu era seu companheiro.”

“Quem diz que me recuperei? “Tirou o sarro. Mas sentiu a tristeza depois do bom humor. “Vai ser muito duro para eles, por muitas razões.”

“Sempre é, assentiu meigamente.”

Gideon devolveu toda sua atenção ao guerreiro. Colocou-se junto à janela e estava olhando os terrenos bem cuidados do interior.

—Me corrija se me equivocar, mas tudo isto não vai contra a lei? —Perguntou com um sorrisinho irônico lhe elevando a comissura da boca.

—Isso não te freou na hora de levar ela à cama — respondeu Gideon.

Elijah amaldiçoou em voz baixa, apontando o áspero término à fria atitude do Gideon

—É que não há nada para o que não tenha resposta? —Soltou-lhe.

—Elijah, estou sendo direto por uma boa razão — disse Gideon.

— A Lua Sagrada do Samhain está a cinco dias. Não será capaz de te afastar dela essa noite. Entende-o, verdade?

A resposta de Elijah foi outro colorido rosário de epítetos. Deixou-se levar pelo temperamento e agarrou o objeto que tinha mais perto e o jogou através da habitação estrelando-o contra a parede de pedra.

—Maldição! Maldita seja!—Elijah se voltou para enfrentar o médico com os punhos apertados tão forte que lhe havia posto brancos.

— Vai odiar-me. Entende-o? Conhece-a melhor que qualquer de nós e sabe que vai odiar-me por isso.

—Só a princípio — lhe assegurou Gideon com surpreendente gentileza.

— E será resistência e temor, não ódio. Confia em mim.

Elijah compreendia o que o Antigo estava dizendo. Ele também tinha passado pela mesma situação. Tinha tido que conquistar a sua companheira vencendo a muitos níveis.

Ela. Seus amigos. Sua família.

Mas a diferença era que todos os amigos de Legna e sua família sabiam que a Vinculação era permanente e que era inútil resistir. Siena pode que soubesse algo a respeito pelo que tinha visto e ouvido de Gideon e Legna quando viveram em sua corte, mas experimentá-lo em primeira pessoa ia ser muito difícil e explicar a uma sociedade que não acreditava em semelhante costume ia ser quase impossível.

—Farei tudo o que possa para te ajudar, Elijah — lhe ofereceu magnánimamente Gideon. Era o que conhecia Siena desde fazia mais tempo, um fato pelo que Elijah tentava não sentir-se desprezado. Mas se alguém podia fazê-la ver a luz, esse era Gideon.

—Agradeço-lhe isso de verdade. E, Gideon, fá-lo logo. Preciso vê-la, falar com ela. Antes que irrompa em sua habitação com nada mais que luxúria animal na cabeça. Tem que entendê-lo. Se não... —Elijah voltou para a janela e suspirou apoiando a fronte no cristal.

— Se não o entender, a seu modo de ver estarei tomando-a contra sua vontade.

Gideon o compreendia melhor do que Elijah pensava. Siena era material de orgulho e obstinação. Quanto mais resistisse ao inevitável, qualquer movimento que fizesse Elijah para ela seria visto como um ato hostil. E quantas mais vezes passassem, mais difícil seria recuperar o terreno perdido e conectá-los. O pior resultado inicial da Vinculação era que normalmente ocorria nas proximidades dos dias sagrados. Era como se a natureza lhes desse uns dias para preparar-se, mas ao final seria o que a natureza ditava. E esse final poderia chegar muito rápido.

—Encontrou-me no bosque, me ocultando de meus atacantes antes que pudessem me rematar. Deu-me refúgio, curou minhas feridas, alimentou-me e me cuidou... —Elijah fez uma pausa para fixar seu olhar esmeralda no médico.

— E então pôs as pernas acima em toda minha existência. Ótima forma de merda de lhe agradecer sua hospitalidade—voltou a deter-se, esfregando o dedo por uma mancha da janela.

— E o que acontece Jacob? Com o Noah? Com a lei? Recorda? “O cão não jaz com o gato. O gato não jaz com o camundongo”. E esta é só uma de uma dúzia das leis da pureza contra as que vai tudo isto.

—A Vinculação não é algo que possa resistir ou evitar-se, assim se for o que te passou, ninguém pode te culpar — assinalou Gideon.

— Se te lembrar há um grande número de leis que precisamos revisar depois do ano passado. Se algo aprendemos durante este ano, é que nossos ancestrais tendiam a interpretar as profecias da forma que queriam as interpretar.

Possivelmente não sejamos os cães para seus gatos, Elijah. Ela é uma poderosa fêmea Nightwalker. É inteligente e justa, propensa a sucumbir a seus instintos animais como nós. Pode que resulte que já não somos tão diferentes uns dos outros como nós mesmos nos permitamos ser.

—Mas Jacob...

—Se mal não recordar, uma noite faz perto de um ano, impediu que Jacob cometesse por lei o que era um enorme equívoco. Essa lei foi trocada. Elijah, nosso mundo tal como o conhecemos, está em processo de mudança. Nenhum dos que nos chamamos seus amigos lhe criticaremos. Este é um tempo de natureza e mudança. Um tempo dos destinos especiais. Faria bem em recordá-lo.

Gideon inclinou a cabeça e a comissura da boca se elevou com um sorriso quando a bênção de sua esposa por sua tolerância pouco comum lhe chegou à mente.

—De todas as formas, o primeiro que faria seria falar com Noah o quanto antes possível - acrescentou.

— Seria melhor que soubesse por você logo que possa... Antes que alguém o averigüe.

Elijah se voltou a olhar ao Antigo. Depois de um momento, simplesmente assentiu.

CAPÍTULO 8

Gideon se aproximou das portas fechadas do santuário interior da Rainha, lançando aos guardas um sorriso que lhes desafiava a lhe negar a entrada. Os Minotauros tinham brigado

antes com o Gideon, mas não com todas suas forças embora sim o bastante para que entendessem que não só não deviam meter-se com o Demônio, mas que também tinha privilégios com a Rainha que ninguém mais se atreveu a assumir. E ainda mais, o médico podia projetar-se astralmente na câmara se assim o quera. Seria como tentar capturar a um fantasma.

Gideon golpeou a porta com os nódulos e esperou resposta. Ignorou a voz de sua esposa na cabeça lhe arrulhando enquanto lhe contava quão agradada estava vendo que, ao menos, tinha aprendido o conceito de chamar antes de entrar.

“As pessoas não podem fazer outra coisa quando a realeza está envolta, acrescentou com secura.”

‘Ah, e só a realeza merece essa cortesia?’, “respondeu ela.”

“Realeza estrangeira, acrescentou Gideon.”

“Ah, já. O sentido da privacidade não é um costume Demônio, mofou-se dele com uma de suas risadas formosas e ligeiras.”

—Adiante — ouviu a resignada chamada do interior. Os ferrolhos caíram ao abri-los alguém dentro.

Gideon fez um lado o jogo argumental na mente com sua companheira e se centrou na tarefa que tinha entre as mãos.

Siena estava sentada ante o tear. As hábeis mãos moviam a lançadeira adiante e atrás com a rapidez e precisão que só alguém com reflexos sobrenaturais poderia fazer. Não olhou e Gideon suspeitou que soubesse por quê. Havia duas damas de companhia na habitação embora se visse claramente que lhes tinham ordenado manter-se a distância da deprimida Rainha e que estavam mais que felizes de obedecer.

—Nos deixem —disse a Rainha sem olhar. Os serventes saíram correndo para o vestíbulo quando Gideon fechou a porta.

— Te parece prudente entrar na câmara da Rainha à vista de todos seus súditos, médico?

—É melhor fazê-lo abertamente que em forma astral. Seguro que as más línguas começariam a murmurar e não estou muito seguro de que minha esposa fizesse ornamento de sua significativa paciência durante muito tempo se lhe chegassem tais fofocas. Embaixador ou não, um insulto desta classe para você também seria um insulto para mim e certamente não o agüentaria.

—Sim — Siena assentiu.

—Cheguei a conhecer muito bem Legna. Não é das que suportam em silêncio uma injustiça. Seria uma boa embaixatriz de sua gente e sua paciência a faria boa para a minha. Você e ela têm feito trocar de parecer com muitas mentes teimosas nestes meses de residência entre nós — a lançadeira da Rainha seguia voando entre os fios.

— Mas imagino que não vieste discutir as fofocas de moda de sua esposa ou da corte.

—Não. Não vim a isso.

—Então fala médico.

—Antes eu gostaria de perguntar em que ponto passei de “Gideon” a “médico” — perguntou Gideon malicioso.

A lançadeira se deteve na mão da Rainha durante um momento comprido e pensativo.

—Aceita minhas desculpas — disse com suavidade, apartando o tear e voltando-se para lhe olhar.

Ao aproximar-se, entretanto, baixou o olhar ao chão a sua direita e sua mão amontoou o tecido do pescoço de seu vestido na garganta.

—Siena meus poderes têm muito pouco efeito em você, mas tenho olhos no rosto e um sentido do olfato tão bom como o de sua raça. Conheço o aroma do homem que leva tão bem como conheço o meu e quando estive lhe curando faz três dias reconheci sua marca sobre ele. Não faz falta ser um gênio para dar-se conta de como te esconde sob todas essas roupas, te rodeando de donzelas Licántropos mestiças cujos sentidos não incluem o do olfato muito agudo.

—É muito perspicaz, med... Gideon — disse com a voz claramente rouca.

— Espero que o bastante ardiloso para me dizer como sair deste apuro.

Siena lhe olhou, soltando o agarre por sua roupa e Gideon soltou devagar o fôlego consternado. Não tinha esperado ver descoberta a garganta de Siena. Nunca a tinha visto sem o colar de seu cargo e tinha vivido na corte o suficiente para conhecer o significado da lenda e o misticismo que acompanhavam à pesada peça de joalheria.

Tinha razão no momento em que tinha abrigado a idéia desta Vinculação pouco corrente mas uma coisa era suspeitá-lo e outra ver a evidência crescendo a grandes passos diante de seus próprios olhos. Um Demônio vinculado com uma Licántropo? Deveria ser impossível, mas aí estava claro como a luz, piscando com emoção entre as douradas pestanas da Rainha.

Gideon avançou para ela, procurando com seus poderes o melhor que podia, revisando sua estranha psicologia. Não podia influir sobre ela exceto no que concernia a sua habilidade de sanar. Mas tinha vivido na corte dos Licántropos durante cinco anos e em todo esse tempo tinha aprendido a observar o suficiente para distinguir o normal do anômalo.

A estampagem de Elijah estava nela. Estar separados durante esses três dias cobrou seu preço na formosa Rainha, ao igual que no guerreiro que tinha voltado para casa. Estava mais pálida do normal, claramente desanimada e, embora lutasse contra isso, desejava claramente sua inconcebível pretensão.

—Gideon, se me deve algo pelo trato amável que te dispensei quando meu pai te teve prisioneiro todos àqueles anos, pode me pagar detendo isto.

A petição era tão desesperada como incontável era o tom de sua voz.

—Sou poderoso, Siena — disse brandamente—, mas ninguém é tão poderoso para derrotar o destino. Pelo que vi do Elijah e agora de você, a eleição parece e simplesmente temos que aceitá-la.

—Simplesmente? —A rainha ficou em pé e começou a passear de um lado a outro fazendo que a seda do comprido vestido ondulasse ao redor das panturrilhas e os pés descalços.

— Nada há singelo em tudo isto e sabe tão bem como eu. Um embaixador Demônio é uma coisa e isso foi bastante difícil de aceitar para minha gente. Mas um Rei Demônio no trono dos Licântropos? Matarão a Elijah e a mim no momento que ousemos lhes forçar a uma união entre raças tão abominável. Isso sem mencionar o fato de que sei que também violaria ao menos meia dúzia das leis de sua gente. E nem sequer posso começar a expressar minha própria indignação sobre todo este caos ou cairei morta de um ataque.

—O que não chega a entender, Siena, é que toda regra tem sua exceção. Para minha gente, a Vinculação substitui todo o resto porque é um mandato da natureza em sua forma mais pura, não aberta a interpretações.

—Vinculação? —A rainha parou soltando uma risada intumescida ao levar a mão ao pescoço nu.

— Uma Licântropo? A Vinculação é um estado dos Demônios. Um inferno Demônio, se quer saber minha opinião. Não te ofenda, Gideon, mas antes passaria o resto de minha vida como um cogumelo que ser parte de outro ser de forma tão completa.

—O que te nega a compreender, Siena, é que não tem eleição na matéria.

—Já, enquanto tenha fôlego no corpo, tenho eleição — soltou a Rainha carregando sobre o Gideon com fogo nos olhos brilhantes.

— Pode que para vocês Demônios seja irresistível, mas eu sou uma Licântropo de incríveis poderes e usarei todos os poderes de que disponho para lutar contra esta coisa. Vinculação? Ja! Dava melhor encarceramento. Vi-lhes a você e a sua companheira, Gideon. Como pode suportar essa necessidade constante que têm de estar na presença um do outro?

Siena se deteve com as bochechas flamejantes enquanto se esfregava o estômago com a mão de maneira inconscientemente. O tecido azul do traje lhe enredava nas pernas ao voltar a passear saindo de seu confinamento.

—Estive sozinha desde o dia em que nasci — disse, já sem dirigir seus comentários a Gideon. Olhava o teto e parecia como se estivesse gritando a sua Deusa com raiva.

—Meu pai não queria ter nada que ver com pirralhos. A guerra era seu legado. De pequena, minha irmã estava doente tão freqüentemente que não me permitiam estar com ela. Depois de que o vírus genético a alterasse, enviaram-na ao The Pride para que a treinassem. Minha vida foi esta corte. Depois de morrer minha mãe, deixaram-me para que atendesse a corte enquanto meu Pai chutava o mundo caçando a sua gente e brigando com eles. Nunca soube por que. Só ódio e prejuízo. Assim que minha vida foi um constante ir e vir de milhares de pessoas, mas ninguém próximo a mim. Cada minuto de cada dia desde que era menina foi assim. Esta corte e cada alma que passou por ela. Já era a Rainha incluso quando só era Princesa. Assim, em certo sentido, regi a minha gente sozinha durante cento e cinquenta anos. Nunca tomarei companheiro, não importa o que você e sua Vinculação pensem me forçar a fazer. Nunca forcarei a meu povo a aceitar um insulto tão blasfemo para nosso trono. Inclusive se pudessem aceitar a um Demônio por Rei, crê que aceitaria ao homem a que chamam o Açougueiro Demônio? A paz pela que trabalhamos tão duramente se destruiria em um instante. Francamente, meu povo não gostaria, hipoteticamente falando, que sua Rainha vá à cama com um Demônio. E certamente não o aceitariam, literalmente.

—Está absolutamente segura? Tem certeza de que o que te assusta é a reação de seu povo?

—O que me assusta? —Siena se deteve, voltou-se e lhe jogou um furioso olhar.

— Vem a minha casa, a minhas habitações e agora me insulta?

—Se quer vê-lo assim... De qualquer forma, seus esforços para me afastar são desnecessários. Só tem que me pedir isso e me retirarei.

Gideon olhou à furiosa Rainha mais de perto, consciente em sua mente de que a atenção da Legna estava preparada. Os dedos de Siena se curvavam formando punhos e tremia literalmente com as emoções. Legna, capaz de vê-los e ouvir tudo através dos olhos de seu companheiro, era consciente de quão volátil era a situação.

—Sua condescendência não tem outro propósito que me irritar, médico. Quer te retirar? Considera-o feito. Você e sua intrometida companheira podem se considerar desterrados desta corte até que diga o contrário.

—Siena — advertiu Gideon com suavidade.

— Dentro de uns dias se sentirá como uma idiota por isso.

—Fora! —O selvagem grito de Siena fez que os guardas irrompessem pela porta.

—Te largue! Não vou tolerar tudo isto.

Os guardas, vendo sua Rainha tão alterada e fora de si, não se preocuparam de que Gideon era um lutador assombrosamente hábil que os tivesse vencido em alguma ocasião. Defenderiam a honra e os desejos de sua Rainha até o último fôlego. Dizia-o claramente sua postura enquanto a pelagem se arrepiava e as janelas dilatadas de seus narizes se acendiam.

Gideon escutou a suave voz feminina em sua cabeça, a destreza de sua diplomacia era única e efetiva. Suas maneiras diretas frequentemente alteravam as pessoas e possivelmente se equivocou ao não utilizar o toque mais suave de Legna. Mas nunca tinha visto a Rainha atuar irracionalmente, assim não lhe tinha ocorrido que pudesse necessitá-lo. Fez caso das súplicas da Legna e dedicou à Rainha uma reverência lenta e respeitosa.

—Como deseja — disse com suavidade um momento antes de sua esposa o tirasse da habitação com o som do tele transporte, antes que pudesse fazer algo com o que ficava de temperamento do que se arrependesse depois.

Siena se voltou para os guardas.

—Dentro de uma hora levem um contingente a suas habitações e lhes assegure de que partam. Se não for assim, apressar-lhes-ão a levá-los fora daqui, mas não devem lhes fazer dano. Não lhes tocarão nem um fio de cabelo, entendeste-me? Isto não deve ser considerado como uma separação hostil, mas sim como um mero distanciamento temporário até que consiga me concentrar nos assuntos de estado sem que a presença dos Demônios interfira.

—Majestade — assentiram os guardas inclinando-se antes de sair e voltar para seu posto ao outro lado das portas.

Acabavam das fechar quando as abriu tão de repente que ricochetearam e se fecharam assim que passou por elas.

—Syreena! Anya! Compareçam imediatamente! —O grito da Rainha ecoou no corredor fazendo que os serventes se sobressaltassem.

A Princesa e a Comandante de Elite apresentaram-se imediatamente aparecendo detrás de Siena e se dirigiram à sala interior do trono, mais tranqüila e fresca, que Siena seguia mantendo vazia. Assim que as comportas se fecharam se voltou para elas. Sua única família. Pela primeira vez em vários dias, olhou aos curiosos olhos fazendo que ambas reagissem com a surpresa que esperava.

—Sem comentários — disse Siena com rudeza.

Tirando a sobreveste, soltou um suspiro de alívio e se sacudiu o cabelo, ajustando o singelo vestido que levava debaixo.

Syreena estava esperando suas confidências, mas ao ver a garganta de Siena nua, os olhos de Anya se abriram como pratos. Parecia que estava tentando que não caísse a mandíbula e, em sua defesa, terá que dizer que resistiu o impulso.

Siena lhes pôs ao dia do que tinha ocorrido com rapidez. As três passeavam pela habitação com a energia agudizada dos que estavam ansioso por brigar. É obvio tudo era em benefício da Anya. Syreena mantinha uma contenção neutra, inclusive quando os olhos negros da mestiça se estreitaram suspeitando.

—Decidi lutar com esta, lhe chamemos, inevitabilidade. Syreena te reúna com o The Pride. Certamente, todos esses grandes estudiosos poderão encontrar a forma de reverter os efeitos. Deixando a um lado as Lendas e a Vinculação, tudo isto não pode cair em mãos dos narradores de histórias nem desse Destino do que tão orgulhosos estão os Demônios. Diga-lhes que têm só quatro dias. Deixe claro que preferiria uma cura a estas alturas dos acontecimentos. Imagino que estarão mais que dispostos a aceitar quando se derem conta de quem será seu Rei exatamente se falharem. Não volte até que tenha espremido seus cérebros.

—Any, seu encargo é encontrar à fêmea Mistral chamada Windsong e me trazer ela. Vive em um subúrbio de Paris que se chama Brise Lumineuse. Poderá a encontrar ali. É um pouquinho xenófoba e não vai querer sair de sua terra, mas deve lhe rogar em meu nome que venha. Virá por mim.

A rainha duvidou o suficiente para esfregar as têmporas. Estava claro que a confusão em que se debatia lhe causava grande quantidade de estresse, um estado com o que, claramente, não estava acostumada a lutar. Siena sempre tinha dirigido seu reino com a facilidade que dá a segura confiança e a clareza instintiva. O estresse e a dúvida nunca tinham formado parte de suas decisões.

Até agora.

—Não o entendo — disse Any. A confusão se gravava em seus rasgos.

— Para que necessita a uma estrangeira? O que pode fazer com tudo isto uma Mistral? Siena voltou os olhos dourados e frios para sua General de Elite.

—Não tem que perguntar por que, Elite. Só tem que me obedecer sem perguntar. Vai, vai já ou escolherei a outro mais capaz para executar minhas ordens.

Any nunca tinha escutado um tom tão duro da Rainha, em toda sua vida. Se não tivesse estado treinada em obedecer a ordens automaticamente, poderia ter duvidado e ter prejudicado sua carreira. Mas saiu imediatamente para cumprir as ordens da Rainha sem nenhuma outra pergunta na cabeça. Deixava para a Syreena dirigir a Siena. Era a única que não podia ser desterrada da corte por um capricho temperamental.

Syreena se voltou para sua irmã assim que a outra mulher saiu.

—Siena, não preciso acudir ao The Pride e sabe tão bem como eu. Quaisquer que sejam as circunstâncias, não quebrarão a confiança de milhares de anos no que guardam.

—Pode ser, mas irá e tentará.

—E quando o fizer, saberão o que tem feito. Depois de que se neguem, exigirão que eleve ao trono a seu companheiro sem lhes importar quem é. Está ficando sem tempo.

—Se não resolver isto antes do Samhain, ficarei sem tempo de todas as formas.

De repente, Siena pareceu desinflar-se; cobriu o rosto com as mãos e tentou tirar a ferroada de emoção dos olhos piscando. Tentou tomar fôlego profundamente, com

respirações firmes. Foi rapidamente para o trono e se sentou porque não podia suportá-lo nem um minuto mais.

—Doce Deusa, o que tenho feito? —Disse rouca pondo ambas as mãos entre os joelhos.

— Syreena, não posso fazê-lo. Não posso me deixar dominar por um homem. E que homem! É um guerreiro até a medula! Todo seu mundo é só a batalha e a intriga.

—Como com Anya — assinalou Syreena.

— E ainda assim tem um lugar especial em sua vida, sua confiança e seu coração.

Siena riu sem humor, cabeceando sua aprovação enquanto uma lágrima solitária deslizava por seu rosto.

—E pensa por um segundo que poderei encontrar tais coisas nos braços de um Demônio? Foi meu trato com Anya que ajudava a eliminar o estigma que arrastavam os mestiços. Seria o mesmo se colocar ao guerreiro a minha cama e possivelmente em meu coração? Tomará isto — disse tirando o colar do bolso—, por mim a decisão de quem devo amar? Serão o ouro e as pedras de lua e as maldições mágicas os que decidam quem tem que reger esta terra se eu morrer? Teria querido que fosse você, Syreena. Uma mulher. O coração de uma mulher deve conduzir a esta sociedade para o futuro. Sempre devia ser assim. É por isso que o trono passa à filha maior, não ao filho maior.

—Nenhuma mulher pode saber tudo o que necessita para reger um país se não saber o que é amar. Cuidar de um menino. Honrar a um companheiro como a seu igual.

—Tenho-o feito bem até agora — saltou Siena.

—Você crê? Tem alguma coisa especial quando trata de leis e a corte. Amaldiçoa a nosso Pai por sua intolerância, condena a nossa gente pelo mesmo comportamento, mas não vê que você faz o mesmo?

Syreena se aproximou para sentar-se aos pés de sua irmã, agarrando de entre seus joelhos as frias mãos as sujeitando entre as suas mais cálidas.

—Vi sua parcialidade nos tribunais, quando se inclina mais pelo argumento de uma mulher que pelo de um homem. Quando há dois homens envolvidos, não é tão paciente e não está tão atenta. Tenta-o. Sei que o tenta — a acalmou quando Siena apartou os olhos, incapaz de suportar a verdade nos olhos de sua irmã.

— Sua necessidade de justiça é tão poderosa. Mas é o produto de sua vida, como o somos o resto de nós. É, a falta de um termo melhor, só humana.

De alguma forma, isso fez rir a Siena.

—Às vezes eu gostaria que isso fosse certo. Sabe Syreena, que às vezes invejo Anya. Ela é o verdadeiro significado da mescla entre o animal e a mulher. Não luta contra suas duas metades... Três metades... —riu outra vez quando sua irmã o fez.

—Cinco metades? —Disse Syreena.

—Sim — assentiu Siena inclinando-se para sua irmã e atraindo suas mãos unidas para os lábios.

— Sim, é verdade. Queixo-me muito neste momento, mas é verdade o dito de que sempre é um problema pior que o teu o que aflige a outros. Suportaste-o toda sua vida, dividida entre os lados multifaces de você mesma.

—Suportei-o em uma casa de cristal, Siena. O monastério não é o mundo. Você vivia no mundo, esquivando a nosso pai e todas as coisas que aborrecia ele, incluído o intento de te assassinar quando soube de seus sentimentos para os Demônios e quanto diferiam dos seus. Não posso dizer qual das duas teve uma vida mais dura. É como comparar maçãs e laranjas.

—Ou cães e gatos — disse Siena.

—Demônios e Licántropos — apertou Syreena.

— Embora suspeite pelo que ouvi de seus próprios lábios que não somos tão diferentes como esperávamos ser. E se houver uma pessoa que pode fechar esse abismo, essa é você. Adoram-lhe, irmã minha. Recorda-o. Nunca guardaste em segredo sua amplitude nem sua atitude para a gente do guerreiro. O melhor de sua gente surpreende com o nível de aceitação do que estão dispostos a aceitar no que a você concerne.

—É possível. Se fosse capaz de aceitar a mim mesma... Se for tão difícil para mim...

—Para você é mais que a raça de seu potencial companheiro, Siena. Muito mais.

Siena assentiu muito honesta para mentir a alguém que não fosse ela mesma.

—Tem razão, é obvio. Far-me-ia um favor, Syreena?

—O que procure a Anya e lhe faça participar de suas mais efusivas desculpas?

Siena riu, assentindo.

—E o embaixador Demônio?

—OH, merda...

—Não tema, minha Rainha. Ocupar-me-ei disso também. E os guardas não fofocarão. Não são dessa classe.

—Seguiram minhas ordens, não crê?

—Não me surpreenderia que tomassem seu tempo esperando que sua soberana inusitadamente temperamental voltasse a ser a de sempre. Embora seja o primeiro que comprove. Acredito que Anya está tomando seu tempo em fazer a bagagem à espera dos acontecimentos.

Syreena se levantou e se inclinou para beijar a sua irmã, grandemente mais tranqüila, na bochecha antes de lhe soltar as mãos.

—Encontraremos uma solução para tudo isto, Siena. — prometeu — Nós três juntas. Igual à trindade da Deusa. Sabedoria, Força e Natureza juntas em harmonia.

A Princesa se voltou dirigindo-se a suas obrigações e deixou Siena na solidão da sala do trono para que tentasse reconciliar-se com tudo o que tinha acreditado ser correto até o momento.

—Muito bem, Elijah, se isto for uma de suas brincadeiras será melhor que o diga aqui imediatamente.

Elijah levantou os olhos escuros, inocentes e verdes para seu Rei o fazendo saber que não era nenhuma brincadeira com um simples olhar.

—Temia que não fosse dizer-me que era — Noah suspirou se sentando e esfregando as têmporas, que voltavam a palpitar.

— Siena. De todas as mulheres no longo mundo, tinha que ser Siena.

—Que graça, é o mesmo que eu penso. —assinalou o guerreiro deixando a taça de exótico leite de tigre sobre a mesa.

Voltou-se para olhar o fogo como tinha visto fazer Noah durante horas quando procurava esclarecer-se.

—Se fizer isto quebrara uma meia dúzia de leis.

—Está pensando em me entregar a Jacob?

—Não. Mas terei que dizer, respondeu o Rei.

— E terei que dizer ao Concílio.

—Já sabia que foste dizer isso — disse Elijah com um suspiro.

—Adoro a idéia de que minha vida pessoal seja um assunto de discussão do Concílio.

—Dá obrigado que tenha muitos amigos no Conselho. E com Jacob, Gideon e eu em seu bando, as coisas não se desandarão. Entende que se fizesse a eleição sozinho, poderia considerar seu favoritismo e assim não terei mais Conselheiros me curvando sobre o tema dos que terá você mesmo — Noah lançou ao guerreiro um meio sorriso.

— E se souber de Siena no pouco tempo que a conheço, é que é bastante obstinada nos grandes empenhos. Você, meu amigo, tem uma batalha imponente entre mãos.

—Então, suponho que é bom que seja um guerreiro muito capacitado, não? —Elijah se voltou com um sorriso lupino na boca.

—Sabe? Tenho o pressentimento de que vais desfrutar com tudo isto — disse Noah suspeitando.

—Sabe? Acredito que tem razão — respondeu Elijah.

— E em mais sentidos dos que nunca saberá Noah.

—Vale, não me cabe a mais mínima dúvida. Ela é... uma fêmea extraordinária.

Noah não disse nada mais. Se tivesse feito, teria arriscado sua cabeça potencialmente por fazer uma suposição muito atrevida sobre a companheira de outro homem. Se algo tinha aprendido no ano passado, era a poderosamente possessiva natureza que às vezes ia unida à

Vinculação. E fosse ou não seu amigo, Elijah era um homem cujo lado mau não queria ver nem em pintura.

—Bom — acrescentou com rapidez.

— Discutamos o tema dessas marotas mulheres e o que é exatamente que pretende fazer sobre isso.

—Eu? É Jacob o que nos vigia. Jacob e Bela.

Noah não se deixou enganar pela forma despreocupada em que evadiu a pergunta.

—E suponho que não te ocorreu à idéia de lhes devolver o favor pelo que lhe fizeram verdade? —perguntou o Rei.

—Bom, agora que o diz...

CAPÍTULO 9

Siena passeava devagar pelos salões de seu castelo. Os muros de pedra e os tetos subterrâneos gravados com filigranas a seu redor levavam séculos ali. Cada novo monarca escolhia uma ala nova e a imortalizava com o trabalho dos artistas que os representavam a eles e a sua rainha. Completar todo o processo lhes levava uma vida, mas era fascinante ver como avançava a gravura com o passo dos anos.

Era um costume gratificante. Significava não ter que dormir nas mesmas habitações que tinham visto a morte de sua mãe e os sonhos retorcidos de seu pai. Tampouco é que ele tivesse passado muito tempo nas habitações.

Agora era ela a que tentava escapar de seus sonhos.

Sonhos do guerreiro loiro que de algum jeito, tinham marcado seu corpo, sua mente e sua alma com seu toque.

Fazia dois dias que tinha estalado ante seus amigos, sua família e seus confidentes de forma pouco usual. Ainda tinha que passar nas dependências de Gideon e Legna para desculpar-se por seu comportamento. Nem sequer podia concentrar-se no minuto que lhe levaria formular uma desculpa adequada.

Não. Isso a punha doente.

Doente era a única palavra que a satisfazia para descrever a forma como se sentia. Ela estava vindo abaixo, estava entorpecida. Tinha sensações tão estranhas que a faziam sentir-se enjoada. E esses eram os sintomas que queria reconhecer.

O que se negava a reconhecer era o ardor sob a pele, as esporádicas ascensões de adrenalina que a assaltavam e às que seguiam uns loucos impulsos de correr. Correr e correr

até que se encontrasse envolta em braços de aço, balançada por mãos calosas. E cada minuto se voltava pior. Syreena lhe havia dito que era porque não podia estar separada de seu companheiro durante muito tempo, mas Siena se negava a acreditar capaz de tais necessidades comportamentais.

E, de alguma forma, sentia como se ele estivesse murmurando constantemente em sua cabeça.

Recordava que Gideon e Magdelegna compartilhavam um vínculo mental e que Gideon lhe havia dito que essa intimidade era habitual nos casais vinculados. Mas a idéia de que alguém tivesse conhecimento de todos seus pensamentos lhe resultava atroz.

Atroz e irritante.

Encontrou-se a si mesma lhe avisando zangada em sua cabeça, se por acaso estivesse ali. E algumas vezes pensava que podia ouvir a maldita cadência masculina segura de si mesmo de sua risada respondendo-a em sua mente.

Faltavam duas noites para o Samhain.

E sentia deslizar-se até a última molécula de seu corpo.

Tocou a garganta. O consolo do colar que voltava a estar onde devia, era o único que acalmava sua alma. É obvio que havia o sacrifício de fazer frente ao The Pride e arejar seus trapos sujos sexuais. Tinham acessado a voltar a unir os elos de adivinhações de seu colar e também tinham acessado a tomar seu tempo para considerar as ramificações do que estava ocorrendo antes de pô-lo a debate ante o público.

Embora Siena já soubesse o que opinariam do assunto.

O colar lhes tinha provado que, tão estranho como parecia, o guerreiro Demônio era na verdade o verdadeiro companheiro de Siena. De outro modo, não haveria sentido sexualmente atraída por ele. Não teria entregue sua virgindade. E, certamente, ele não teria podido romper os encantamentos do colar se não fosse o companheiro para o que tinha sido destinada.

Siena apoiou seu peso em uma das “janelas” subterrâneas escavadas na sala pela que passeava. Dizia-se que o castelo se estendia por quilômetros ao largo e tinha mais habitações, cubos e passadiços dos que se pudessem percorrer em uma vida. Era muito dizer considerando quão idosa estava acostumada ser sua espécie. Não podia contar às vezes que se perdeu pelos salões quando era menina.

Essas janelas sem cristais, mas bem arcos gravados que outra coisa olhavam as histórias que se desenvolviam nas casas extramuros do castelo. Essas casas também estavam cobertas pelo cavernoso teto cujos ecos chegavam aos habitantes da parte inferior. Tinha sido a única maneira de lhes pedir ajuda. Mas uma vez que aprendeu a trocar e a usar seu sentido do olfato para seguir seu próprio rastro, nunca voltou a perder-se.

Bom, não literalmente. Figurativamente falando, não podia estar mais perdida.

Percorreu-a uma brisa subterrânea, gelando a pele. Estremeceu e esfregou as mãos pelos braços, começando a passear de novo para entrar em calor.

Afastou-se muito pelos salões e levava horas sem ver ninguém. Tinha despedido de seu guarda e a suas sempre vigilantes companheiras que tinham permanecido disponíveis para ela a qualquer hora que pudesse as necessitar para lhes confiar seus sentimentos. Anya e Syreena eram verdadeiramente criaturas excepcionais e seriam recompensadas logo que arrumasse o apuro em que estava colocada.

A verdade é que estava sozinha e surpreendentemente, consolava-a sabê-lo.

O frio da brisa a percorreu de novo desde atrás, movendo a saia curta de seu vestido e lhe sacudindo o cabelo. Rodeou-a inundando-a e forçando-a a deter-se quando uns braços musculosos rodearam sua cintura.

Siena conteve o fôlego surpreendida enquanto o frio se desvanecia substituído pela calidez e o calor de um conhecido corpo masculino. Sustentou-a contra seu peito com as mãos estendidas sobre o plano ventre, apoiando-a mais profundamente contra os duros planos de seu corpo.

—Elijah. —Sussurrou com os olhos fechados enquanto uma sensação de incrível alívio se derramava por todo seu corpo. Cada nervo e cada hormônio voltaram para a vida pelo simples feito de ser abraçada. Ia à cabeça com o poder que sentia.

Pôs-lhe as mãos nos quadris e deu totalmente à volta até que estiveram cara a cara. O guerreiro a apertou contra seu corpo tomando sua boca com fome selvagem ao mesmo tempo em que ela procurava seu beijo. Não podia evitá-lo. Não podia depois de todos esses dias que tinha passado faminta. Embora esta debilidade ainda lhe resultasse muito dolorosa e lhe deixava lágrimas de frustração nos olhos.

Tudo era como o recordava. As lembranças de suas carícias e seus beijos eram tão vívidos como os de agora. Tudo era calor e almíscar, o delicioso sabor de sua boca atrevida e exigente. As mãos em suas costas a apertavam contra seu corpo em um movimento que somente podia qualificar como desespero.

Elijah não queria havê-la atacado dessa maneira, mas no momento que a sentiu perto e cheirou o perfume de sua pele e seu cabelo, não pôde fazer outra coisa. Devorava sem descanso o sabor a canela de sua boca, grunhindo de alívio e de prazer quando suas mãos se curvaram sobre a malha de sua camisa e seu incrível corpo encaixou a perfeição com o seu. Apertou os quadris contra os seus deixando claro quão forte e rápido era o efeito que tinha sobre ele. Sentiu-a ondular com a avalanche de seu corpo apertando-a, seus beijos inflexíveis.

Tudo era perfeito. De principio a fim e levava tanto tempo faminto sem ela. E sabia que ela tinha estado igual sem ele.

Foi a primeira que se separou um pouco, apartando-se de sua boca e deixando pendurar a cabeça para trás para tomar fôlego com força, rapidamente.

—Ai, não — grunhiu roucamente sacudindo a cabeça e fazendo que o cabelo acariciasse os braços que lhe rodeavam a cintura.

Inclusive as mechas a traíam, deslizando-se ansiosamente para enroscar-se nos pulsos e os antebraços dele, atando-o a ela de maneira segura em caso que escandalosamente queria apartar-se. Levantou a cabeça e abriu os olhos com as profundidades douradas cheias de desejo e de angústia.

—Não quero isto — lhe sussurrou deixando cair a fronte sobre seu peito quando o calor de seus olhos se voltou muito intenso para suportá-lo.

—Por que não me deixa?

—Porque não posso — disse soltando uma mão de seu cabelo para poder lhe agarrar o queixo e forçá-la a lhe olhar. —Não mais do que pode você.

—Odeio tudo isto, — disse dolorida, piscando rapidamente para eliminar as lágrimas de frustração que lhe ardiam nos olhos.

—Odeio não ter controle sobre meu corpo. Sobre minha vontade. Se isto for o que significa estar Vinculado, se for esta debilidade vou me aborrecer até meu último fôlego.

E então se apartou, desafiando a cada nervo de seu corpo que lhe gritava que voltasse para seu abraço. Entretanto, só pôde retroceder um par de passos porque tinha o cabelo enredado em seus pulsos lhe aproximando dela. Como se não a tivesse seguido de todas as formas.

Quando quis dar-se conta de que tinha as costas contra a janela, sentiu pânico por um momento. Embora soubesse que não podiam vê-los, estavam a três andares sobre as casas e as gentes de abaixo.

—Chama-o debilidade e embora esteja tão afetado como você, eu chamo força.

A rica voz de barítono ressonava a seu redor fazendo com que parasse o coração alarmado. Agarrou-lhe o pulso e lhe atraiu para o salão onde as sombras os rodearam reduzindo o eco de suas vozes.

—Por que vieste? E não jogue a culpa no dia sagrado, não até dentro de dois dias.

—Não pretendo “jogar” a culpa a nada. Não acredito necessitar nenhuma desculpa para verte, Siena. —estendeu a mão para lhe tocar o rosto, mas ela se tornou para trás e lhe evitou.

— É pelo dia sagrado de dentro de dois dias pelo que estou aqui. Necessitamos um pouquinho de compromisso entre nós antes que chegue essa noite, Siena.

—Não necessito compromissos. Se você os necessitar, terá que arrumar isso sozinho.

Deu-se a volta para afastar-se dele esquecendo de que era tão rápido como ela. Ninguém pode adiantar ao vento. Sua mão se fechou sobre seu antebraço atraindo-a para ele...

e quebrou o temperamento e a dor que tinha estado mantendo sob um tênue controle durante dias.

Deixou escapar o grito de um animal ferido e voou para ele. Ele viu um brilho de garras e sentiu uma aguda ardência quando lhe alcançaram o rosto. Durante um segundo ficou assombrado pelo ataque mas reagiu por instinto. Agarrou-a pelo cabelo no que dura um batimento do coração, enredando-o no punho com um só movimento e a voltou de costas com as garras apontando em uma direção mais segura. Ela grunhia com suavidade e depois gritou de frustração quando se encontrou de cara contra o muro gravado.

Seu enorme corpo se alinhou imediatamente com suas costas, assegurando-a contra a parede sem dó enquanto lhe agarrava uma mão e a apertava também contra o muro.

—Me solte! —retorceu-se em vão, incapaz de mover-se nem um milímetro em qualquer direção.

— Terá as mãos cheias de arranhões de puma raivoso se não me soltar neste mesmo instante.

—Permita que duvide — ronronou em seu ouvido. Sua boca lhe acariciava o lóbulo da orelha de uma forma que fazia com que estremecesse involuntariamente.

— Tenho seu cabelo enroscado no pulso e, se não me equivocar, isso é mais que suficiente para que não possa te transformar em outra coisa. O que acredito, não é mais perigoso que uma menina malcriada. — Sua resposta foi chamá-lo algo com o que não estava familiarizado, mas deu uma boa idéia do que significava.

— Pois deixa a manha de criança porque não pode te sair com a sua gatinha. —Disse-lhe tranqüilamente enquanto sua boca deslizava lentamente por um lado do pescoço.

— Vim antes do Samhain porque não quero te fazer dano, Siena. Se não te reconciliar com o inevitável antes que chegue o dia, acabarei fazendo isso e, embora não acredite nisso, é o último que quero fazer.

Siena fechou os olhos tentando não escutar suas palavras nem o tom paciente e cometido com os que as dizia. Apertou os dentes contra os rios de fogo que corriam por suas veias com a carícia de sua ardilosa boca. Não queria que a dominasse tão facilmente. Podia chamá-lo manha de criança ou o que quisesse, mas era sua independência o que estava em jogo. E não ia render sem lutar.

—Não estou aqui para te roubar sua independência, gatinha. —Disse brandamente fazendo-a suspirar de frustração pela facilidade com que estava começando a ler seus pensamentos.

— De fato, sua independência, sua luta e todos esses instintos que guardas tão perto do coração são os que lhe fazem perfeita a meus olhos. E me fazem perfeito para você.

—Como que lhe fazem perfeito para mim? —Perguntou cortante.

— É por que pode fazer que meu corpo te responda? Essa é sua idéia de perfeição?

—É um começo. —mofou-se, rindo entre dentes contra seu pulso.

— Mas há muito mais e não acredito que necessite que lhe diga isso. —aproximou-se de sua orelha outra vez, sussurrando as seguintes palavras com o mais suave dos fôlegos.

— Que melhor companheiro para uma guerreira que um guerreiro que leva o aroma de sua presa na brisa? Quem melhor para ser o companheiro de uma gata sensual que o macho que alguma vez terá bastante de seu aroma, seus movimentos, seu sabor e seu tato? E a quem preferiria por cima do único que pode inclinar a cabeça ante o poder de seu agarre sobre sua garganta? Esqueceste tudo isso, gatinha? Apagaste a lembrança de quão facilmente aceitei suas afirmações naquele momento e de todos os momentos que compartilhamos na cama?

—Surpreende-me que seu ego sobrevivesse a tais feridas. —Disse com pesada e amarga tristeza tentando ignorar as verdades que não queria ouvir.

—Meu ego está satisfeito te abraçando. Sentindo seu corpo contra o meu sabendo que estará assim sempre. Estaria satisfeito tão somente com verte caçar, atender as audiências na corte, dormir... — Elijah pôs a boca em sua têmpora.

— E eu gostaria que olhasse em meu interior e soubesse o que significa dizer tais coisas para um homem como eu.

Elijah lhe soltou o cabelo retrocedendo.

Ela se livrou um momento antes de apartar-se da parede e voltar-se para lhe olhar. Levou-lhe um momento levantar os dourados olhos para ele.

—Por que deixaria que alguém fizesse algo assim? Invadir seus pensamentos? — estremeceu de tal forma que ele sentiu em todos os pêlos do corpo.

—Porque cresci em uma sociedade onde essas coisas são correntes. Estamos muito adiantados em pensamentos e sentimentos. Compartilhamo-los entre nós com facilidade. É algo que te parecerá liberador algum dia.

—Já me parece isso. Falo com liberdade com Syreena e Anya. Meus pensamentos estão tão abertos para elas como o estariam para as sondas de seus Demônios Mentais. A diferença é que eu escolho fazê-lo. A eleição não me arrebatava sem permissão.

Elijah apoiou as costas na parede frente a ela e cruzou os braços sobre o amplo peito. O movimento fez que tomasse consciência de que esta era a primeira vez que lhe via em perfeito estado de saúde do último Beltane. Emanava saúde. Era uma maré de poder, uma corrente de força letal e uma sensualidade elementar que faziam que tremesse sob a pele. Como seria fazer o amor com ele agora que estava completo de novo?

Ele sorriu. Um sorriso malicioso e divertido que lhe fez recordar que estava conectado com o que ela pensava. Fez um som de selvagem frustração e lhe olhou resolvida aos olhos negando-se a atuar como uma menina.

—Minha gente acredita que no momento em que uma fêmea aceita a Vinculação — disse o guerreiro com enganosa neutralidade—, tem permitido ser parte de tudo o que isso significa. A telepatia está incluída.

—Eu não dei minha permissão para tudo isto! E você sabe!

—Não é certo. A permissão se deu no momento em que estive em meus braços por vontade própria. O momento em que me disse que me desejava e me aceitou.

—Desejaria não haver dito essas malditas palavras — soltou veemente.

— Me estiveste jogando isso na cara após, até o ponto de que eu gostaria que lhe engasgassem.

Siena se deu conta de que tinha ido muito longe um segundo antes que tivesse terminado de soltar as duras palavras. Os olhos de Elijah flamejaram de fogo verde fazendo que o fôlego congelasse nos pulmões quando se separou da parede e a agarrou pelos braços com incrível força. Não havia sentido nunca nada como o poder das mãos que a agarravam. De repente se deu conta exatamente do muito que tinha estado retendo-se com ela. Sentindo seu poder agora entendia a enormidade de sua gentileza.

Estava tão perto dele que podia ver as estrias que tinham deixado as garras em suas bochechas. Só tinha sido um golpe de soslaio, as marcas só tinham ocasionado gotinhas de sangue que pareciam como se alguém tivesse pegado um código Morse sobre sua pele.

—Não pode desfazer o que foi feito por suas próprias ações, não importa quanto o deseje. —Disse chiando os dentes. Sacudiu-a com força uma só vez.

— Não diga algo do que possa te arrepender depois, gatinha. Podemos fazê-lo fácil ou podemos fazê-lo difícil. A eleição é tua e tem dois dias para tomá-la.

—Primeiro terá que me encontrar! —vaiou sem pensar.

—Muito bem — disse com frieza, soltando-a tão de repente que cambaleou para trás.

— Se assim o quiser só poderá culpar a você mesma.

Elijah levantou os braços e com uma piscada se retorceu em um nada do vento.

E outra vez se equilibrou sobre ela, açoitando seu vestido e seu cabelo violentamente sufocando-a com suas emoções de uma dúzia de maneiras de uma vez.

Quando esteve segura de que estava sozinha, Siena sentiu que os joelhos cediam.

Lentamente se deixou cair ao chão deslizando as costas pelos intrincados relevos de um par de cisnes com os pescoço entrelaçados de tal maneira que era impossível dizer que cabeça pertencia a que pássaro.

Isabella levantou a cabeça do berço da menina para ouvir o vento sacudindo as cobertas. Não havia vento, assim suspeitou que não se tratasse de um fenômeno natural. Beijou-se os dedos rapidamente e os pôs sobre a cabeça da menina dormida antes de fechar a porta da creche e baixar depressa a escada.

Parou na metade de caminho ao salão ao ver Elijah passeando de cima abaixo passando as mãos pelo cabelo uma e outra vez. Agora que sabia, Isabella notou a mudança de cor que anteriormente lhe tinha escapado e pôs os olhos em branco.

Valente Executora parece, recriminou-se mentalmente.

Elijah levantou os olhos nesse momento e pareceu aliviado ao vê-la. Correu para ela subindo os degraus de dois em dois, arrastando-a virtualmente para a sala de estar. Deu-lhe um empurrãozinho que a mandou ricocheteando sentar-se no sofá.

—Preciso falar contigo. —Disse-lhe inquieto, retomando seus passeios agitados sobre o tapete.

—Já imagino — respondeu secamente.

—Não sei o que fazer com esta fêmea louca e cabeçuda. —Disse “fêmea” como se dissesse “arma nuclear”.

— Está decidida a tirar as unhas, a dar patadas e a arranhar cada centímetro do caminho. Obrigar-me-á a fazer algo precipitado e doloroso e a só idéia me queima no centro do peito — disse quase sem parar a respirar.

— As armas de ferro não são nada comparadas com isto, juro-lhe isso, Bela. Por isso é precisamente pelo que alguma vez procurei companheira, sabe, não? Sabia que só ia me dar problemas.

—Sim, sabia que foste sentir assim.

O sarcasmo lhe passou completamente despercebido.

—Tudo o que tinha que fazer era ver como Jacob se voltava maluco por você e soube que isso não era para mim — parou e a olhou com uma espécie de vergonha repentina.

— É obvio, não digo que fosse culpa tua.

—É obvio — respondeu irônica.

—Olhe a forma como que teve que lhe dizer que se apartasse quando tentava me ajudar. Não é são, não há razão para pensar e comportar-se assim. Acredito que começo a compreender por que Siena está tão assustada. Está-me parecendo que é como... como...

—Como uma enfermidade? —perguntou Isabella.

—Exatamente! É como uma enfermidade e ela é a única cura. Ela! A maior teimosa, obstinada, irracional, teimosa...

—Isso já o há dito.

—... mulher do mundo —terminou acentuando cada palavra com um duro gesto da mão.

—Tenho tempo para isto? De verdade, tenho tempo? Há duas mulheres Demônios psicóticas soltas por aí e necessito cada grama de minha atenção concentrado nisso se for ser de ajuda para Noah e Jacob. Qualquer de nós poderia cair em outra das armadilhas da Ruth em qualquer momento. Ou ser Convocado porque conhece muitos nomes de poder. Adoece-

me pensar que está solta por aí com tais conhecimentos. Sua próxima vítima pode que não tenha tanta sorte como eu.

—Sim. Depois de tudo não há uma Rainha dos Licántropos em cada bosque — acrescentou Bela.

—Exatamente! —Elijah pareceu aliviado ao ver que parecia que lhe entendia. Ignorava totalmente a risada que escondeu rapidamente atrás dos dedos.

— E por outro lado, está sua filha, a pobrezinha, sem seus nomes por tudo o que passou. A estas alturas acabará chamando-a “Né, você” o resto de sua vida.

Isabella mordeu o lábio inferior, agüentando a urgência de cair na tentação que jazia sob o ardiloso comentário.

—E não falemos de nigromantes e caçadores.

—Nem me ocorreria — lhe assegurou.

—Vê-o? Vê o duro que resulta? Entende-o, verdade? Utiliza uma lógica simples. Um e um, dois. Não há outra resposta, não varia não importa quanto o tente. Assim que a única opção é aceitar o inevitável e seguir adiante. Em que pese a todos os problemas que me está ocasionando, estou disposto a fazê-lo — riscou um caminho invisível frente a ele.

— O aceito como é e olho o futuro. Mas ela se nega a fazê-lo.

Ao final Elijah ficou sem fôlego. Deixou-se cair no sofá ao lado de Isabella tão forte que ela ricocheteou. Ele suspirou derrotado e frustrado fechando os olhos e deixando cair para trás a cabeça.

—Dói-me a cabeça — se queixou.

— Que classe do Demônio tem dor de cabeça?

—Um muito tenso? —respondeu Isabella.

—Exatamente! —Suspirou de novo.

— Estou tão contente de que possamos falar disto. Não há muita gente em que confie, mas confio em você, Bela. Significamais para mim que outros. Sua atitude, seu senso de humor... a total falta de respeito que tem por toda esta porcaria que tomamos tão a sério.

Elijah ficou de novo em pé, inclinando-se para lhe dar um breve beijo na bochecha.

—Passarei por aqui mais tarde. Vou ver se chaleiro algum nigromante e solto um pouco de vapor.

Em um instante não ficava mais que uma brisa soprando pela janela aberta pela que tinha entrado não fazia nem cinco minutos.

De que diabos ia todo isso? Perguntou o exasperado marido da Isabella em sua mente.

Bom, eu diria que problemas de saias.

Bom, pequena flor, diria que sei exatamente como se sente...

Exceto que lhe matarão quando voltar a casa.

Exatamente.

CAPÍTULO 10

Jacob flutuou brandamente descendo do céu, manipulando a gravidade com uma perfeição das habilidades do Demônio de Terra sem precedente entre os de seu tipo. De fato, extensamente se acreditava que Jacob seria o primeiro de seu elemento em mais de mil anos em alcançar o nível de Antigo.

Não era reconfortante, entretanto, quando a gente entendia que era porque o resto deles simplesmente não tinham vivido o tempo suficiente até chegar à idade de 700 anos, o momento em que essa distinção tinha lugar.

Os pés de Jacob descansaram ligeiramente em um grosso ramo da árvore e descendeu até abaixar-se, de maneira que suas mãos também tocassem a casca do velho carvalho.

O Executor poderia muito bem ser considerado a coisa mais próxima a um Licántropo que seu povo tinha. Podia caçar, cheirar, camuflar-se e atuar da mesma forma que se comportavam todas as bestas da Terra. Não muita de sua gente conhecia isto, mas ele não só podia encantar aos animais, mas também imitá-los tomando sua forma.

Mas isto não era como os Licántropos, entretanto. Era mais bem como uma fotocópia da constituição física e suas habilidades. Os Cambiantes eram tanto pessoas como animais em si. Jacob necessitaria vários séculos mais com sua relativamente nova habilidade antes que pudesse desfrutar de uma perfeição de sua emulação, a qual poderia ser considerada ao mesmo tempo com a metamorfose natural dos Licántropos.

Neste momento estava em sua forma normal e procurando através da noite e as árvores com sua misteriosamente aguda visão. Tinha estado rastreando ao Demônio durante algum tempo, encontrando fácil mascarar-se de seu alvo, apesar da habilidade do outro. Isto só provava o muito distraído e resolvido estava o Demônio em seu curso de ação.

O vento soprou severamente através dos rangentes ramos das árvores do bosque, arrastando em espiral as últimas folhas mortas que se uniriam às outras em repouso no chão do bosque. Jacob jogou uma olhada para cima, à próxima lua cheia e voltando a examinar sua posição viu como um torvelinho de folhas estalavam apartando-se para unir-se na forma natural do Elijah.

O Demônio do Vento se agachou no chão do bosque, imitando a mesma posição em que Jacob estava, enquanto deixava que sua mão flutuasse através das ensangüentadas folhas e pequenos matagais do bosque. Aproximou-se então dos corpos de suas vítimas desse dia não

tão distante e tocou cada um brevemente, pulverizando os restos ao vento com pouco mais que um pensamento.

Sabendo quão brutalmente distraído podia ser o tempo da Vinculação, Jacob estava mais que um pouco impressionado de que Elijah tivesse recordado vir e fazer esta classe de limpeza. Era, claro, importante tirar toda a evidência de tais batalhas e dos seres que se supõe não existiam. Claramente, os nigromantes e caçadores que tinham perdido a seus compatriotas na batalha não sentiam a mesma necessidade de cobrir seus rastros.

Mas o segredo era uma necessidade incluso para quão mortais pensavam viver como Nightwalkers. A sociedade humana era muito cética a respeito da magia e, de longe, muito afeiçoada nos prejuízos religiosos para que os usuários mágicos se arriscassem expondo-se. E tão volúveis como os caçadores poderiam querer ser, inclusive eles tinham que ocultar-se pelo medo de etiquetar-se como insanos... ou inclusive homicidas. Era bastante gracioso, sua própria classe -os mortais podiam ser mais perigosos para estes desencaminhados humanos do que os Nightwalkers em realidade eram.

Jacob tinha decidido seguir a Elijah porque o caráter do guerreiro estava claramente fora de sua linha e, depois de seu comentário de despedida a Bela, o Executor se preocupou que o outro Demônio não estivesse o suficientemente bem para enfrentar o tipo de problema que estava procurando. Não tinha sido o suficientemente forte para enfrentá-lo somente a primeira vez. O que fazia Elijah pensar que teria melhor sorte esta vez estava completamente além da compreensão do Demônio de Terra.

Elijah se endireitou depois de dispor dos restos dos mortais e separou seus pés com firmeza, equilibrando seu considerável peso entre eles, um velho hábito que era reconhecível como o distintivo do guerreiro.

Ambos os Demônios voltaram suas cabeças de repente quando ouviram algo que seus instintos lhes disseram que estava fora do normal no bosque. Ocorreu a Jacob que nunca tinha averiguado o que tinha atraído Elijah a este território em particular, o território dos Licántropos, em busca de problemas em primeiro lugar.

Jacob estalou em pó, montando as correntes do vento natural até que, um segundo depois, estava unindo-se ao lado do guerreiro. O Capitão não parecia surpreso ao vê-lo.

—Supus que Bela ia enviar-te detrás de mim — sussurrou ele saudando o Demônio de Terra.

Juntos voltaram para sua posição perto da terra. Jacob fechou seus olhos, estendendo uma capa de camuflagem sobre ambos.

Jacob não afirmou nem negou a especulação de seu amigo. Estava concentrando-se nos movimentos do bosque que eram naturais e antinaturais.

—Me ocorreu que possivelmente não fui emboscado depois de tudo. Que talvez me encaminhasse para algo que nem sequer sabia, e isso é difícil de admitir.

—Estou de acordo — confirmou Jacob.

— Encontro estranho que tenha sido atraído ao território dos Licántropos a propósito. Muitas variáveis.

—Assim que a pergunta é, por que estas mulheres estão escondendo-se no território dos Licántropos?

—E minha resposta seria que os Demônios não são os únicos em sua lista negra. Já sabíamos.

—Sim, mas por que Ruth e Mary uniriam forças desta maneira? Francamente, é a você, a Bela e ao resto de nós a quem elas guardam rancor.

—Possivelmente — esteve de acordo Jacob quietamente.

— Mas já que os Vampiros e os Licántropos nos ajudaram a derrotar a suas tropas durante a Batalha do Beltane, elas podem havê-los feito parte dessa vingança.

Elijah esteve calado por um momento e então recordou algo que Siena lhe havia dito quando recuperou a consciência a primeira vez que esteve a seu cuidado.

—Espera um minuto. Ela disse... nem sequer o relacionei!

—O que?

—Siena. Siena me disse, comportando-se como uma sabichona nesse momento, que tinha que salvar meu pescoço porque não estava disposta a danificar anos de relações pacíficas permitindo que nosso povo me encontrasse morto em território do Licántropos.

Os olhos de Jacob se alargaram ligeiramente em compreensão.

—Já vejo. Que melhor maneira de dissolver qualquer relação útil entre os Licántropos e os Demônios que pôr a suspeita em sua porta pela morte de um Demônio! E não de qualquer Demônio...

—Eu? Então isso significa que fui emboscado.

—Pôde ser assim. —Os olhos do Jacob se estreitaram quando olhou atentamente as árvores.

— É seu trabalho s rastrear e Ruth sabe. Assim deixaram um atalho óbvio. E quando o perdeu...

—Ficaram esperando a que devesse investigar. Você e Bela... e inclusive Noah. Elas ainda estão aqui.

Elijah fez uma pausa para escutar ao vento um momento, marcando onde soprava ao redor de um objetivo ou outro, e diferenciando quais desse eram de sangue quente.

—Siena as afugentou pelo que não se deram conta que foi resgatado. Têm guardas situados, esperando informar de qualquer que entrasse no bosque procurando seu corpo.

—O que significa que estamos em problemas.

—Diria que sim — concordou Jacob, sentindo a súbita vida que pululava para eles através das árvores.

— Maldita seja! Como mascarou a tantos deles?

—Levam-me os demônios. Melhor sairmos daqui.

Jacob assentiu e se moveu para trocar sua forma a pó, em que não podia ser machucado, assim como tampouco na forma de vento de Elijah. Mas este de repente se esticou e agarrou o braço do Executor. Jacob ficou quieto e dirigiu sua atenção aonde o olhar do guerreiro estava enfocado.

O brilho de ouro à luz da lua piscou os olhos na linha das árvores frente a eles. Um falcão apareceu entre as árvores e girou em um círculo preguiçoso em cima do claro, despreparado dos Demônios camuflados que estavam sentados na maleza debaixo dele.

O olhar do guerreiro estava cravado na linha das árvores, sabendo exatamente o que ia ver inclusive antes que a gata dourada saltasse dentro do claro. Não era uma coincidência que Siena estivesse ali, deu-se conta Elijah de repente. Ela não fez a não ser esconder suas intenções para investigar a cena de sua próxima morte se por acaso mesma.

Ele a tinha levado aí.

Jacob sentiu o corpo de Elijah que se esticava a seu lado e alcançou a sujeitar ao guerreiro.

—Não te mova — lhe vaiou.

—Por que ela não pode cheirá-los? —demandou Elijah em voz baixa.

—Eu tampouco posso cheirá-los — informou Jacob.

— É um encanto poderoso.

Elijah olhou com desespero como o falcão oscilou em cima da terra e se metamorfoseou no ar a fim de que o Licántropo com o cabelo bicolor, que se tinha encontrado na caverna, deslocasse-se em carreira ligeira. Ela se deteve e se voltou, procurando a sua irmã.

Sua irmã.

Syreena.

Elijah soube de repente quem era ela exatamente e quão importante era para Siena. Quando Siena trocou de forma, meio prado longe da outra mulher, Elijah fechou seus olhos e tentou exercer sua conexão com ela com mais força da nunca tivesse tentado.

Jacob viu a Rainha ficar quieta, agachando-se instintivamente.

Siena tratou de tirar-se de cima o estranho estremecimento que percorria seu couro cabeludo. Sentiu uma inexplicável sensação de pânico e advertência, mas não eram seus próprios instintos os que ela estava sentindo. Franziu o sobrecenho e empurrou a intrusão, assumindo que era o intrometido guerreiro em sua mente que protestava por suas ações. Bem,

que se condenasse se lhe permitia dizer o que podia e não podia fazer. Investigar o incidente que os tinha reunido era sua responsabilidade e devia fazer para proteger a segurança daqueles que vagavam por esta parte de seu território. Era seu dever proteger a seu povo e ele não ia ordenar lhe nada.

Elijah sacudiu a Jacob e ficou em pé. Com uma só pernada saiu correndo da influência da camuflagem de Jacob e correu para a teimosa Rainha. Ela o farejou antes que o visse e ficou em pé de um salto quando ele apareceu de nenhuma parte e correu para ela. Foi tão rápido, que o sentiu impactar contra ela entre uma respiração e a seguinte. Ao segundo seguinte sentiu as moléculas de seu corpo desintegrar-se literalmente nas dele.

De repente soube o que se sentia ser como o vento. Por um momento, sentiu como se não pudesse respirar, embora tudo fosse ar. Mas sua presença a rodeou quando voaram juntos na noite, ao passar roçando os ramos das árvores nuas, as agulhas do pinheiro e os paus.

A Terra passou tão rapidamente abaixo deles que Siena deu voltas a cabeça e ficou um pouco enjoada. Não tinha voz para reclamar por seu tratamento arbitrário, pelo que não teve nenhuma eleição a não ser simplesmente aferrar-se à essência do ar que era ele.

Foi apenas um minuto depois, que a Terra se equilibrasse para eles.

Era de novo tão sólida de repente que, se ele não a tivesse sustentado tão hermeticamente, teria caído de cara na terra. Depois de um momento de confusão, deu-se conta que reconhecia onde estavam. Em pé na entrada da cova de Jinaeri, onde tudo isto tinha começado.

Siena se empurrou longe dele no minuto em que ajustou seu equilíbrio, lhe enfrentando com ultraje e fogo.

—O que é que crê que está fazendo? —demandou ela.

—Salvando suas mimada costas — lhe devolveu no ato.

Foi então quando se deu conta de que ele estava zangado. Não só um pouco aborrecido, mas também positivamente furioso. Havia chamas em seus olhos, o verde deles estava tão escuro que pareciam quase negros. De repente se sentiu vulnerável e em desvantagem. Instintivamente, seu cabelo se atou hermeticamente ao redor de seu corpo nu.

Vários segundos depois, outras duas pessoas se uniram a eles de uma ducha de pó nas formas do Demônio Executor e sua irmã Syreena. Syreena estava acostumada a voar, pelo que ela não estava tão desorientada como Siena. Sem dúvida, ser de repente desmolecularizado era perturbador para qualquer que não tivesse experiência no fato, assim ainda estava um pouco mais que pálida pelo incidente.

—Era uma armadilha! —replicou Elijah a Siena, atraindo sua sobressaltada atenção para ele.

— Havia perto de cem nigromantes e caçadores nos rodeando!

—Impossível! —Respondeu-lhe ela no ato, suas magras mãos as fechando em punhos.

— Os teria cheirado. Sabe como eu que os usuários de magia são as criaturas aromáticas mais vis no planeta para nós, Nightwalkers. Não há maneira...

—Ao que parece há — interrompeu Elijah, agachando-se tão estreitamente sobre ela que teve que retroceder instintivamente.

— Não só está tratando com humanos desalinhados, Siena. Há Demônios ali que têm o poder para te enganar de maneiras que nem sequer poderia conceber. Há uma razão pela que seu pai nunca ganhou uma batalha contra nós, não importa quão duro o tentou. E me acredite quando te digo que, ainda quando todo seu povo me considera um açougueiro, poderia lhes fazer muito mais dano do que qualquer deles imaginaria!

—Uma Demônio Mental do calibre de Ruth pode te fazer ver, cheirar e ouvir algo que ela queira. Não só nos pode fazer isso, sua própria gente, que somos conscientes disso, mas também certamente pode fazer isso a você. A única maneira que Jacob e eu pudemos ver através do encanto foi porque pudemos usar habilidades alternadas para sentir o calor de seu corpo.

—Está dizendo a verdade, Siena — disse Jacob mais brandamente, sabendo que Elijah não estava sendo muito diplomático neste momento. Jacob sabia que o terror de olhar a sua companheira estando perto do perigo e a morte faria a sua personalidade e a seu coração.

—Ambas teriam sido massacradas em questão de minutos se Elijah não as tivesse visto. Asseguro-te que em todo este tempo elas se prepararam para a possibilidade de um Licántropo. Sou sensível a todos os metais da Terra, e te juro que elas tinham suficiente prata para matar a muito mais que duas cambiantes despreparadas.

—Não vi nada — disse Syreena céptica.

— Deliberadamente rodeei o bosque e o claro várias vezes antes que assinalasse a Siena que tudo estava espaçoso.

Mas estava claro que a mulher com o cabelo bicolor não estava discutindo o ponto que Jacob e Elijah tinham tentado fazer. Ela estava mais que assombrada.

—Se necessitar provas, estaria feliz de retornar e te atirar dentro desse claro para que lhe chutem o traseiro — ameaçou Elijah.

—Como te atreve a me falar dessa forma!

Jacob se agitou quando a segunda mulher se voltou e pôs seus olhos em branco para ele. Foi então quando também notou que esta mulher levava delicados elos de ouro e pedras de lua ao redor de seu pescoço. Esta jóia era só pouco menos de um centímetro e meio de espessura, a diferença dos mais de cinco centímetros do colar da Rainha. Jacob suspeitou que

esta outra mulher também fosse um membro da casa real, embora nunca tivesse ouvido falar de uma segunda Princesa na corte nos informe do Gideon durante seu tempo ali.

Os colares eram notáveis, refletiu Jacob. Devia haver algum tipo de encantamento sobre eles que lhes permitiam ampliar-se e contrair-se quando seu usuário trocasse de forma. Ir do falcão ao humanóide constituía uma diferença significativa em redondo, ainda quando a Princesa era pequena, com os ossos finos. Não poderia ter mais de um metro e meio. Como sua irmã, sua presença era bastante impressionante para fazê-la parecer um pouco maior que sua estatura. E o cabelo de harlequim e seus olhos eram formosos, mas também intimidantes.

Jacob, com cuidado, livrou o braço da Princesa e a levou vários passos longe do par em disputa.

—Sou Jacob, o Executor do Rei Demônio. Desculpo-me por te agarrar sem advertência, mas ambas estavam em perigo.

—Acredito — lhe assegurou ela, aproximando-se para tomar sua mão estendida.

— Sou Syreena, Conselheira da Rainha e sua irmã.

Jacob observou que ela olhava para trás para vigiar sua irmã.

—É minha idéia ou somos tão inúteis como buracos em um guarda-chuva neste momento? —perguntou ela, levantando ligeiramente a sobrancelha cinza sobre a marrom.

—Está sugerindo que abandonemos a sua Rainha e a meu Capitão a seus destinos? — sorriu Jacob vagamente.

— Isso seria incrivelmente grosseiro.

—Sei — riu ela—, mas não tiveste que viver na corte com ela nestes últimos dias.

—Me acredite, ele não esteve muito melhor.

Intercambiaram um último olhar antes de trocar para pó e falcão, ambos voando sem que seus acompanhantes advertissem.

—Aqui não sou a teimosa — insistiu Siena, a irritação rompendo-se em seus olhos dourados.

— Se tivesse afastado de mim, nada disto teria passado!

—Eu gostaria realmente saber como calcula — Elijah exigiu.

—Se não tivesse estado me intimidando antes...

—Te intimidando? —interrompeu-a.

— Eu não tenho feito nada mais que tratar de te convencer de quão estúpido é te torturar por resistir ao inevitável. Estou tratando de te proteger de...

—Nunca pedi seu amparo, e juro pela Deusa neste mesmo minuto que nunca o farei!

—Muito tarde! —recordou-lhe ele com um cruel olhar de satisfação.

— Melhor ser cuidadosa com o que jura ou pagará o preço a sua conta.

—E o que, ir ao inferno, onde todos os Demônios vivem? Acredito que já estou ali, muito obrigado por sua preocupação.

Voltou-se para afastar-se dele, não querendo nada mais que entrar correndo no bosque e ir-se tão longe dele tudo o que pudesse. Esta vez ela antecipou seu agarre por seu cabelo e o esquivou brandamente, um grito de triunfo em seus lábios enquanto saltava atrás e ria dele. Trocou-se tão rápido de humana a Mulher Gato que Elijah logo que teve tempo de piscar.

Isto era outra coisa completamente diferente, compreendeu Elijah, tomando um prudente passo atrás. Quando olhou fixamente as ovais pupilas, descobriu as garras e uma cauda que se retorcia com desafio. Ela acabava de fazer-se três vezes mais forte do era, melhorando cada instinto felino que já tinha.

Esta não era uma forma com a que ele queria brigar.

Ele não queria lutar com qualquer de suas formas. Estava cansado de lutar contra ela, de tentar fazê-la entender o que ela se negava a ver. Assim ignorou seu desafio e, com um suspiro resignado, deu-lhe as costas e se afastou vários passos. Trocou de forma aproximadamente a cinco metros dela, desaparecendo na proximidade da madrugada.

Siena estava surpreendida por sua retirada, voltando automaticamente para sua forma humana por sua confusão. Deu um olhar a seu redor, sentindo o aligeração do bosque agudamente. Dissuadiu-se de tratar de entender o que o Demônio queria esta vez, transformando-se em puma e começou a viajar rapidamente para seu lar.

A sua máxima velocidade, ela voltaria para seu castelo só uma hora depois do amanhecer.

Nem sequer notou a coberta de nuvens que pareciam segui-la todo seu caminho.

—Sem dúvida eles agora sabem que não está morto, estendido sobre o chão do bosque — assinalou Noah.

— E que descobriu sua armadilha.

Noah esperou uma resposta, mas quando esta não veio elevou a vista do pergaminho que tratava meticulosamente de decifrar. Elijah se apoiava contra seu escritório com suas costas nele, os braços cruzados fortemente sobre seu peito, pernas cruzadas nos tornozelos. Entretanto, apesar da relaxada posição do corpo do guerreiro, era evidente que estava fortemente envolto em tensos pensamentos e emoções.

—Elijah?

O Capitão olhou para o Rei com uma sobrancelha levantada pela surpresa.

—Sinto muito, disse algo?

—Disse que há só um noite mais até o Samhain. Tiveste algum progresso com Siena?

—Não. Ela está tão obstinada como sempre. — Elijah lhe deu um sombrio sorriso de sarcasmo.

— Entretanto, ela aprendeu um único uso para o desenvolvimento de nossa telepatia. Sabe quantos nomes depreciativos há no idioma Licântropo?

—Não, mas tenho o pressentimento de que você sim.

—OH, sim — Elijah forçou um sorriso e uma atitude de sarcástico prazer—, e os golpes logo que seguem vindo.

—Olhe o lado bom. Saberá seu idioma antes do tempo a este ritmo.

—Sim, mas não acredito que vá ser um vocabulário que me afeiçoará com sua preconceituosa população mais do que já sou.

—Bom ponto — disse Noah em acordo.

— Por que não pede ao Gideon que fale com ela?

—Depois do que aconteceu a última vez? Não crê que o desenvolvimento da guerra com os ilegais mortais seja suficiente?

—Elijah, parece-me difícil de acreditar que Siena seja tão irracional. Ela sempre demonstrou ser uma mulher de estranha sabedoria e notável clareza de propósito.

—E é — concordou o guerreiro.

— E sua sabedoria e a clareza dos objetivos são dirigidas plenamente contra mim. Como ela se deleita em me dizer —se tocou sua fronte em indicação— há uma grande variedade de animais de granja aos que preferiria fazer seu Rei.

Noah estremeceu, fazendo retroceder com cuidado o humor desse comentário para não amassar ao guerreiro mais do que já estava. Siena era de verdade preparada. Ela perseguia o ponto mais vulnerável de Elijah, seu ego. Mas havia uma falta decidida de sabedoria em seu abuso. Só faria as coisas mais difícil para ela a próxima noite. Assim como ia, Noah podia ver a tensão sob a que estava Elijah com esse tempo tão próximo a ele. Siena não tinha nenhuma idéia da moderação a que se estava forçando. Não tinha nenhuma pista sobre quão duramente ele estava tentando protegê-la de si mesmo, não importava quão irritante era sua conduta.

Amanhã tudo isso seria um ponto discutível. Se só usasse sua conexão para procurar as intenções verdadeiras de Elijah para ela, possivelmente o veria um pouco mais amavelmente. Para o Rei que tinha conhecido o guerreiro toda sua vida, Elijah estava a caminho de estar completamente apaixonado pela Rainha casca-grossa. De fato, o caráter que tanto o chateava era, sem dúvida, uma grande parte de sua atração por ela. Elijah era guerreiro até a medula e nada lhe satisfazia mais que um desafio. Uma batalha para ser ganha. Uma vitória difícil de conquistar.

Entretanto, Elijah poderia considerar os acontecimentos a passar durante o Samhain brutalmente rudes e por debaixo de seu sentido de honra.

Siena não tinha nenhuma idéia o que isso lhe faria.

—Pensei que estaria instruindo os guerreiros esta noite.

—Nisso estou — disse Elijah, apartando do escritório.

— Quis te contar rapidamente o que aconteceu ontem à noite. Estava dormindo quando eu retornei.

—Bem, mantém a todos preparados e em movimento. Se assegure de que todos seus guerreiros entendem a importância de não aventurar-se fora por sua conta. — Noah fez uma pausa um momento, girando para examinar o fogo através do corredor.

— E me informe de mais desaparecimentos o mais breve possível.

Elijah assentiu, entendendo bastante bem o que quis dizer. O conhecimento de Ruth dos nomes de poder dos Demônios estava passando fatura. Um por um, eles estavam sendo Convocados no pentagrama de magia negra. Ruth era uma Anciã que tinha adotado a muitos Demônios ao longo dos séculos. Ela tinha sido uma opção popular para Siddah. Agora cada pai que tinha crêdulo nela com o nome de poder de seu menino estava de luto e sentia a agonia do terror pelas vidas de seus meninos. Ruth subministrava seus nomes aos vis nigromantes e eles estavam sendo Convocados um por um para fazer sua luta. Não havia maneira de detê-lo. Nenhum amparo para eles.

O único Demônio que tinha podido evitar o destino do pentagrama tinha sido Legna, e isso tinha sido de pura sorte. Todos os outros já seriam os insanos monstros que, no futuro, Bela e Jacob teriam que encontrar e destruir antes que pudessem causar dano. Durante os meses passados Jacob tinha estado fazendo pouco mais que a tentativa de detectar às lamentáveis criaturas e seus captores. Agora que Isabella estava quase completamente bem, ela finalmente seria capaz de lhe ajudar a levar aquela carga. Era seu Destino fazê-lo.

—O emparelhamento também aliviará as responsabilidades habituais do Samhain de Jacob — disse Elijah.

— Haverá menos possibilidades de tentativas dos marotos de seduzir a seres humanos e a outros se os fiscalizarmos entre si.

Noah diria que Elijah só desejava que um pouco tão fácil lhe ajudasse a resistir o instinto de emparelhamento que o curvaria no Samhain. Os Demônios que dirigem erradamente seus instintos de união com os humanos no Samhain eram uma coisa e o dever do Jacob era contê-los porque isto devia deter-se. Elijah estava Vinculado e nada poderia detê-lo. Nada exceto a morte.

O guerreiro se dissolveu no ar uns momentos mais tarde e Noah viu o redemoinho da brisa em que se converteu quando se dirigiu pela frente da chaminé para o exterior por uma janela aberta.

Um momento depois, a forma astral de Gideon se solidificou frente à Noah.

—Há algo que possa fazer por ele? —perguntou o Rei.

—Não. Elijah não é um ser irracional. A culpa é de Siena.

—Sei. Mas tampouco posso culpá-la. Ela não entende nossos costumes, com exceção do que aprendeu de você. Isto é muito diferente que crescer sabendo o que se espera em uma situação como esta.

—Mas ela se opõe ainda às tradições com as que ela cresceu — lhe informou Gideon seriamente.

— A tradição do colar que ela leva é muito clara. No minuto em que Elijah o tirou, ela se tornou dele. Acredito que Elijah nem sequer sabe isto. Não o hei dito eu mesmo porque não vejo nenhuma necessidade de lhe causar ainda mais dor. Saber que ela preferiu desafiar suas próprias tradições a tomá-lo como companheiro seria tremendamente doloroso.

—Tem que haver algo que possamos fazer.

—Há. Podemos permitir que a lua Sagrada do Samhain venha e deixar que a natureza siga seu curso com os dois. A natureza não faz que estas compulsões venham a nós sem nenhuma razão. É um truque muito inteligente, se pensar.

—Para forçar uma violação? É assim como Siena o receberá. Se não tivesse ganhado a Legna a tempo, não seria o mesmo?

—Possivelmente sim. Possivelmente não. Legna teria entendido que não teria tido nenhuma opção. Ela teria sido, portanto compelida... Não acredito que seja diferente para Siena. Não é diferente para Bela ou Corrine ou qualquer dos outros Druidas. Se cruzar essas espécies, a compulsão com muita probabilidade cruzaria também a esta. Vi Siena ultimamente. Está pálida e claramente desejando o que está tentando resistir.

—Não estou seguro de entendê-la, Gideon. Se houvesse alguém que aceitasse um Demônio em sua sociedade com os braços abertos, seria ela. Tal como ela lhes deu a bem-vinda a você e a Legna.

—Não somos uma ameaça para seu Reinado e seu sentido de independência.

—Elijah não poderia preocupar-se menos por compartilhar seu trono. Tudo o que ele quer é a ela. E de forma voluntária. Ele quer que ela venha de boa vontade. Sua independência é vital para que isso aconteça.

Uma das sobancelhas chapeadas de Gideon se elevou em súbita contemplação.

—Possivelmente este é um ponto importante—, respondeu ao Rei especulando.

— Siena valora seu trono tão altamente... Noah, penso que posso ser capaz de ajudar a nosso Capitão depois de tudo.

Gideon desapareceu com um pestanejo de luz chapeada, deixando ao Rei sem explicação.

“Dê-me um momento a sós antes que nos una.”

‘Está seguro? Só levou um momento a ela perder seu temperamento a ultima vez. ‘

“Você saberá quando vir. Confio em você, doce.”

Legna acolheu esse comentário com prazer. Flutuou ligeiramente nos pensamentos de seu marido quando ele se aproximou do quarto do trono.

Siena tinha dado a bem-vinda com satisfação a seu corte de volta nos quartos do trono internos e externos pouco a pouco, pelo que havia muitas pessoas ali e os guardas lhe permitiram passar facilmente. Eles não foram testemunhas da explosão de Siena fazia poucos dias, pelo que não tinham nenhuma razão para duvidar em fazê-lo. Legna estava na mesma habitação, em um rincão longínquo e fora da vista da Rainha, falando com um grupo de cavaleiros Licántropos que encontravam formosa à mulher Demônio, uma delícia para os olhos e seu intelecto.

A diferença de Jacob, Gideon não se perturbou no mais mínimo por isso. Seu sorriso e sua risada eram abundantes e formosas de ver e ouvir. Isto lhe dava uma notável sensação de orgulho, vê-la envolver os membros anteriormente obstinados desta espécie ao redor de seus bonitos dedos. Seu estado de gravidez só ampliava sua impaciência para satisfazer qualquer desejo que ela pudesse expressar. Mas ele sabia que no final da noite, quando o amanhecer chegasse, ela procuraria sua cama e a ninguém mais pelo resto da eternidade.

Podia sentir seus olhos nele quando algumas das mulheres da corte se aproximaram com igual simpatia a saudá-lo. Ele não era tão social e diplomático como sua esposa, mas de algum modo isto contribuiu a fazê-lo mais cobiçado depois.

Tinha estado perplexo por esta indesejada atenção durante meses antes que sua esposa se dignou explicar-lhe que eles o consideraram "misterioso." E isto, por alguma razão, era atrativo.

Gideon estava com sua usual tranquilidade e direta forma de ser quando se moveu através de seus admiradores. Sentiu a atenção da Rainha no minuto em que ela o notou. A companhia se apartou quando ela se levantou de seu trono onde tinha estado em uma discussão com suas ajudantes, Anya e Syreena.

Parecia terrivelmente pálida e estava claro que não estava dormindo apropriadamente. De fato, absolutamente, pensou ele quando mediu sua fisiologia com seus agudos sentidos. Ela desceu os passos à plataforma do trono e continuou na plataforma ao chão principal. Estava vestida em um traje cerimonioso de tecido de ouro. A guerreira era de uso bolero, intrinsecamente bordada, que deixava seu estômago, custados e costas completamente nuas. A larga e ligeira saia que fazia jogo estava assentada muito baixa em seus quadris e estava composto por uma meia dúzia de retângulos de tecido que se agitavam detrás dela enquanto se movia para ele.

Aproximou-se com ambas as mãos estendidas, as fitas de ouro e de diamante ao redor de seu braço superior esquerdo brilhando nos abajures do teto. Ele levou as oferecidas mãos

nas suas e inclinou sua cabeça em uma elegante reverência. Ela alcançou a pôr um beijo estranho de público afeto em sua bochecha e lhe sussurrou quando a multidão ao redor deles murmurou com especulação e surpresa.

—Alguna vez poderá me perdoar? Comportei-me como uma menina — disse ela.

—Seguro. Estava desgostada e sou capaz de compreender por que.

Seu beijo era uma honra distintiva nesta corte. Conferindo somente a ele, ela tinha trocado sua posição e, por associação, a posição de sua esposa na corte. Já não eram mais que só uma fascinação, uma curiosidade e embaixadores estrangeiros. Eles eram, desde esse momento em diante, uns dos mais íntimos amigos pessoais de Sua Majestade.

—Desejas influir na demanda de seu Capitão Guerreiro, suponho-, ela disse astutamente, depois de tomar um momento para medi-lo.

—Acredito que poderia estar interessada no que vim dizer. Recomendo-te que escute tudo o que tenho que comentar.

—Ao parecer minhas conselheiras estão de acordo — assinalou ela, elevando uma mão para indicar a Syreena e Anya que tinham suas cabeças próximas e juntas em discussão enquanto os olhavam.

Siena enlaçou seu braço com o do Gideon e caminhou com ele enquanto sua gente se apartava para lhes permitir passar.

—Viu ao Myriad quando estava visitando seu Rei? — perguntou ela interativamente, fazendo um pequeno bate-papo enquanto podiam ser ouvidos por outros.

—Sua embaixatriz vem freqüentemente ao castelo. Eu acredito que ela e Noah formaram uma relação antagônica em cima do tabuleiro de xadrez.

Siena riu, o som pareceu iluminar sua aparência.

—Myriad é uma teimosa criatura. Ela não se renderá até que o derrote — informou ela.

—Rogo-te perdões — Gideon disse facilmente—, mas acredito que é Noah quem está tentando golpear a sua pequena mestiça.

—De verdade? —Siena riu de novo, seus olhos dourados brilhando com entretenimento.

— Coisa inteligente. Sabia que ela era a opção apropriada para enviar a sua corte. Eu só posso rezar para que ela não consiga ofender a Noah tanto que ele declare a guerra de novo.

Gideon sorriu quando ela o tirou das áreas povoadas do quarto do trono e seus vestíbulos e passeou com ele nos arredores mais longínquos da interminável estrutura. Ela foi primeira em romper o afável silêncio que tinham formado.

—Se estiver aqui para me recordar quão fútil é minha resistência a esta Vinculação, posso te assegurar que já estou entendendo a situação. Não sou eu mesma, e sei que se nota.

Ela fez uma pausa e Gideon lhe deu tempo para decidir o que ela desejava compartilhar com ele.

— Não entendo como você e sua companheira desfrutam tanto esta coisa. Sempre que a vejo, ela está brilhando, bonita e sorridente. Sua inteligência é a primeira coisa da que pude desfrutar desde que retornei a corte.

—Quando Legna e eu nos Vinculamos pela primeira vez um ao outro —começou o médico— não fomos o que alguém poderia considerar os melhores amigos. Em realidade, nós tínhamos sido hostis um por volta do outro durante quase uma década devido a um incidente que tinha ferido seu orgulho. Um no qual eu infringi completamente as regras devido a meu deturpado sentido do correto e incorreto. O momento em que nos Vinculamos, entretanto, sempre entendemos que era inevitável que nos voltássemos amantes. Que estaríamos emparelhados pelo resto de nossas vidas. Entendemos isto porque como Demônios é parte de nossa história e fisiologia, embora até muito recentemente fosse uma situação muito estranha. Felizmente, o que pudemos controlar foi o tempo que tomamos para resolver os problemas entre nós, para conseguir saber um do outro antes que Beltane nos obrigasse. Essa preparação foi vital e preciosa, Siena. Sem ela, estou seguro que teria tomado mais tempo para nós encontrar o coração do outro.

—Samhain forçará a você e Elijah entre si. Garanto-lhe isso. Eu vejo a compulsão que se constrói dentro de você enquanto o tempo se aproxima. Também se reflete no Elijah. As ramificações estão nos dois lados de nossas sociedades, asseguro-te que apesar de suas resistências, encontrar-te-á despertando ao lado dele a manhã depois do Samhain.

—Diz-me que à parte a minha sociedade quando essa é a única coisa que não posso fazer. O que me afeta, afeta a meu povo. — Siena mordeu seus lábios brandamente.

— Não sou uma mulher Demônio. Você nunca viu este particular cruzamento nas espécies antes. Diz que não posso lutar, mas eu não sou nenhum ser ordinário.

—Nem eu — lhe recordou o Antigo Demônio com um frio e leve tom quando seu olhar de tonalidades chapeadas caiu na dourada dela.

— Siena, aprendeste depois de um árduo e comprido conhecimento a confiar na verdade de minhas palavras. Conhecendo-me estes vinte e cinco anos, escolhe duvidar de mim agora? Depois que pôs o destino de seu trono e todo seu povo em minha palavra e meus ensinamentos a respeito do que seus chamados bárbaros inimigos tinham razão?

Olhou-a enquanto ela pressionava uma palma sobre sua fronte, seu passo ao lado dele nunca trocou. Ele sentia sua dor, podia ver a tensão da dor golpeando em sua cabeça. Perturbava-lhe não saber ainda como manipular a fisiologia do Licântropo o bastante bem para ser de utilidade a ela... Ele tinha passado esses cinco anos de cativo aprendendo e a metade deste ano passado redesenhando os elementos essenciais sobre sua fisiologia. Mas demoraria outros poucos anos de estudo antes que ele começasse a fazer progressos sanando a esta complexa espécie. Os humanos e os Demônios eram uma coisa, mas as complexidades

da química dos cambiantes, o DNA e a alterabilidade de seus corpos inteiros, fazia a arte de curar o desafio mais difícil que o experiente médico tinha encontrado em toda sua longa vida.

A única coisa que ele poderia lhe oferecer eram palavras. Esperançosamente as corretas que a ajudariam a entender que estava adoecendo sobre algo que simplesmente não podia trocar, inclusive com todo o poder no mundo. Este era um ato de supremacia mais à frente e superior a qualquer deles, não importa quão poderosa se voltassem.

“Meu amor...”

“Sim, doce? Perguntou a suave e luminosa presença em sua mente.”

“Deve lhe dizer algo que ela queira escutar, disse Legna prudentemente Não é o teu ser indireto. Ela não responde às ordens. Só responderá às possíveis soluções. Siena não pode separar a mulher da Rainha. Ela reprimiu sua feminilidade grosseiramente e, além do medo de obrigar-se a compartilhar seu trono, está o medo de perder o controle de seu entorno. Isto é pelo que ela está tão aterrada agora...”

Gideon sabia que Legna entendia o assunto melhor que qualquer outro. Como Demônio Mental, Legna tinha um assombroso conhecimento de psicologia que tinha crescido exponencialmente desde que eles se emparelharam, compartilhando seu poder entre si.

—Diga a sua companheira que se ocupe de seus próprios assuntos — comentou a Rainha secamente.

— Sinto sua presença zumbindo ao teu redor, Gideon.

Siena tinha telepatia com outros animais, inclusive Licántropos em suas formas de animais, mas não estava lendo a mente de Gideon. Ela, entretanto, sentia a presença de Legna em sua mente e tinha um sexto sentido que lhe permitia ter uma vaga idéia de onde seus pensamentos e discussões estavam tendendo. Era mais bem como a habilidade de um predador de intuir o seguinte movimento que faria uma presa.

—Ela me disse que te informe que seu bem-estar é seu trabalho — Gideon retransmitiu.

— E te recorda que nós somos seus amigos, não seus inimigos.

—Todos são meus inimigos — disse a Rainha amargamente, seu ritmo finalmente retardado quando o peso de suas tristes emoções a inquietaram.

— Ou eles logo o serão. Agora, o que acontecerá a nossa paz, velho amigo?

Siena sentiu o revelador estalo no ar que anunciava a tele-transportação de Legna. Ela a tinha esperado, assim como esperou as confortáveis mãos que a companheira de Gideon pôs em seus ombros. Siena finalmente parou de mover-se, voltando-se para procurar nos luminosos olhos chapeados de Legna, absolutamente idênticos aos de seu marido.

—Não deve te incomodar com Gideon. Sabe que ele é de longe muito direto para seu bem—, Legna disse meigamente, jogando um pestanejo a seu companheiro fora da vista de Siena.

Gideon sentia um aumento de orgulho em seu peito quando olhou a sua encantadora companheira obrandando seu próprio estilo de magia. Deveria ter sabido que devia trazê-la com ele desde o começo. O Antigo ainda estava aprendendo a ser parte de um dueto e às vezes tinha estes enganos, mas era de esperar-se depois de viver uma existência principalmente solitária durante uns mil anos. Alguns hábitos demorariam muito mais que seis meses para romper-se.

—Entendo seus sentimentos neste momento, Siena — disse Legna seriamente.

— Posso te ajudar a imaginar como me senti quando me dava conta que ia estar amarrada com este velho pelo resto de minha vida?

Siena não pôde evitar sorrir quando ela examinou cuidadosamente ao bonito “velho” de Legna.

—Apesar do que ele diz, eu não estava tão ansiosa de aceitar como gostaria de pensar, e também posso te assegurar que realmente me perturbei com a perspectiva de dizer a Noah. Mas nós acreditamos no Destino e no futuro, como sabe, e está claro que era inevitável. E deve sê-lo inclusive para você.

—Isso não o faz mais fácil — argumentou Siena.

—Não. Eu sei isso. Mas escuta tudo o que tem que dizer Gideon. Ele pode ser capaz de te ajudar.

—Já ouvi todos seus argumentos.

—Eu não ofereço um argumento, a não ser uma solução.

Gideon pegou uma mão de cada mulher e as levou a um banco em um oco onde elas se sentaram obedientes. Legna recolheu a mão da Rainha imediatamente, apertando-a entre as suas em silencioso apoio.

—Sabe que deve te dar a você e a seu povo tempo para ajustar-se a isto. Há-me dito que eles não aceitarão um Demônio como seu Rei, correto?

—Sim. Estou segura disso.

—Então não lhe faça Rei, Siena.

—Mas você diz que não posso resistir a esta Vinculação...

—Eu disse que não lhe faça Rei. Não tem mais opção a não ser tomá-lo como companheiro e você sabe isso em seu coração e sua alma, quer e necessita Elijah perto de você.

Gideon se agachou, descansando uma mão no joelho da Rainha quando ele olhava seus olhos perplexos.

—Recorda o dia que te pedi que me contasse a história de sua monarquia? As tradições e como eles cresceram e trocaram durante os séculos?

—Sim — sorriu ela.

— Você me manteve ocupada com a discussão durante vinte horas. Eu nunca desfrutei mais de um discurso.

—Então pensa, por um momento, sobre essas tradições. Não me disse que, antes que você permitisse que os varões fossem iguais em sua sociedade, não havia tal coisa como um Rei? Que tinha trocado como exemplo faz aproximadamente novecentos anos quando...

—... quando a Rainha Colein elevou a seu Consorte para igualá-la em nível — ela proporcionou quando ele procurou os nomes das pessoas envolvidas.

—Sim. Alexzander. O primeiro Rei em sua história.

—Não entendo seu ponto.

—Siena — falou Legna, sua voz suave e urgente. — Elijah não quer ser seu igual em sua monarquia, só em seu coração, alma e corpo. Ele está satisfeito com sua vida e seus deveres com Noah. Você não entende isto?

—Você o vê como uma ameaça a seu trono. Assim que eu ofereço a solução de tirar a ameaça até o momento em que você ache que seja de outra forma — insistiu Gideon.

— Faça seu Consorte, Siena, não seu Rei. Se um dia escolher elevá-lo como seu igual político, então será sua eleição fazer isso e de ninguém mais. Não há nenhuma lei do Licántropos que te exija lhe fazer seu igual no trono, só que lhe faça seu companheiro. Invoca uma tradição velha, guarda seu poder em cima de seu povo e deixa de castigar a Elijah e a você mesma com seus próprios medos.

—Sabe o que está pedindo? —Perguntou Siena com voz rouca, sua cabeça dando voltas quando a esperança e o alívio trataram de curvá-la.

— Está me pedindo que o trate publicamente de uma forma... de uma maneira que nenhum homem de seu ego poderia tolerar.

—Estamos te pedindo que faça o que sempre tem feito. Fazer o melhor para seu povo. Isso é tão natural para você como respirar, Siena.

—Não conhece tão bem a Elijah como pensa — adicionou Legna.

— Por você, eu acredito que ele faria qualquer sacrifício. Ele não precisa impressionar a sua corte. Só a você. Sua posição com Noah é mais que suficiente para ele. E te direi isto, ainda quando machucasse seu ego, Elijah ainda te levaria em seu coração sob qualquer condição.

—Mas...

—Siena —disse Gideon com um suspiro— nada ganha sem entrar no risco.

CAPÍTULO 11

Elijah despertou a noite seguinte com um sobressalto.

Sentou-se na cama de repente fazendo com que seu corpo protestasse pelo movimento brusco. Tomou fôlego levando para trás a mão para massagear os músculos doloridos dos ombros. Forçou-se a si mesmo e a suas tropas até mais à frente do limite a noite anterior, esperando que, em algum momento, a extenuação total lhes fizesse algum bem considerando a proximidade do Samhain.

Elijah não sabia exatamente o que é o que esperava, mas de momento se sentia bastante normal. Vale tão normal como levava sentindo-os últimos dias.

O que basicamente significava que andava arrastando os pés sentia-se imensamente triste e, total e completamente de saco cheio com certa fêmea Licántropo.

Tinha dormido na casa de Noah com a esperança de que permanecer perto do Rei, de algum modo, servir-lhe-ia de pára-choque contra o primitivo impulso de atacar Siena, o qual se supunha tinha que estar sentindo. E agora, ao despertar sem sentir outra coisa que não fossem seus pensamentos e desejos habituais, sentia-se ridiculamente aliviado.

Jogou para baixo os lençóis e se dirigiu ao armário. Pôs toda sua intenção em escolher o par de jeans usados mais cômodos e uma camisa branca Lisa com botões do mais normal. Era o que considerava roupa de trabalho. Nada especial, nem sequer seda, um aviso de seu passado elevado quando tinha predileção pelas malhas das camisas. Não ia fazer nada que pudesse interpretar mal de nenhuma forma como se estivesse preparando para ver ou seduzir a uma mulher.

Dobrou-se os punhos a metade dos antebraços e sorriu de verdade ante o informal reflexo do espelho. O guerreiro levou um momento para passar as mãos pelo cabelo, ainda parecia estranha a mudança de cor. Tinha sido loiro platino a maior parte de sua vida. Ainda resultava estranho ver as mechas douradas em lugar de chapeados.

Perguntava-se se era um aviso feito a propósito para que não esquecesse com quem se supunha que tinha que emparelhar-se. Cada vez que o olhava, pensava onde se originou a cor. Seguro que para Legna foi igual quando viu no espelho que lhe tinha trocado a cor dos olhos, o prata distintivo do Gideon.

Elijah saiu da habitação e se dirigiu ao Grande Salão. Duvidou a metade do caminho na escada central quando viu Noah sentado junto à chaminé, quase na mesma posição em que Elijah lhe tinha visto quando foi à cama. Olhou para o escritório do Noah de passada, vendo que o montão de notas e traduções tinha crescido durante o dia.

—Dormiste hoje? —perguntou ao Rei diretamente.

—Pois claro — mentiu o Rei sem separar os olhos das chamas a que, ultimamente, parecia olhar muito.

—Vai tudo bem, Noah? —insistiu Elijah.

Noah finalmente lhe olhou, lhe tranquilizando com um meio sorriso.

—Não seria eu o que tem que perguntar isso a você?

—Estou bem. De fato, melhor que bem. Estou começando a me perguntar se Gideon tiver claro tudo o que isto suporta.

—Não te confie, amigo meu — lhe advertiu Noah com suavidade. — Gideon rara vez se equivoca.

—Obrigado pelo voto de confiança — disse Elijah. — Noah, perdoa que lhe diga isso, mas em que planeta está ultimamente? Não é o de sempre.

—Sabe? Dei-me conta de que a gente freqüentemente pensa assim quando tenta evitar falar de si mesmo. Preocupa-se de você mesmo, guerreiro. Estou como sempre.

Elijah não quis insistir. Noah não conservava seus conselheiros muito tempo. Falaria quando quisesse, nem um minuto antes. No momento, o Rei estava no certo. Tinha seus próprios problemas dos que preocupar-se esta noite.

—Acredito que vou dar uma mão ao Jacob — disse voltando-se. — Estando Bela ainda...

Elijah se freou ao sentir a mão do Noah lhe rodeando o braço. Deu a volta e viu o Rei em pé, detrás dele, com uma sobancelha levantada.

—Não lhe recomendo isso. Jacob as concerta sozinho.

—Mas...

—Elijah, tenho que soletrar? Jacob e Bela estão Vinculados e estamos no Samhain. Asseguro-te que se te deixa cair por ali sem te anunciar, não será bem-vindo.

Elijah levantou as sobancelhas ao compreender o significado do que Noah lhe dizia.

“Macho idiota.”

Elijah estava quase acostumado ao nome que lhe veio à cabeça, mas era a primeira vez que o ouvia em resposta a algo que acontecia sua própria vida. Estava tão distraído escutando a voz cantarina e a risada que a seguia que se esqueceu de Noah e se transformou em um vento rápido que disparou para a janela mais próxima.

Noah ficou agarrando... um nada com uma expressão perplexa no rosto.

A primeira parada de Elijah foi ao campo de treinamento.

Parou no centro do campo ouvindo só o rangido dos manequins de madeira e os alvos. Era realmente estranho quão abandonado estava. Normalmente bulia de atividade de sol a sol. Mas era um dia sagrado e não pedia a ninguém que estivesse ali. Entretanto, no passado tinha havido alguém trabalhando, tentando reenfocar as energias que poderiam ser perigosas se dirigiam mal. Parecia que Elijah lhes tinha feito trabalhar um pouquinho muito duro enquanto tentava esgotar-se e ninguém estava de humor para aproximar-se do Capitão ou ao campo de treinamento.

Assim foram dois golpes. Caminhou lentamente pelo campo pensando em que outra coisa podia fazer para passar o tempo.

“Possivelmente deveria lhe fazer um sacrifício à Deusa.”

Elijah ficou parado.

“Depois de tudo, é um dia sagrado — continuou a voz. “

—Sabe? Escolheste um dia perfeito para te pôr faladora — soltou com a voz ressonando através do campo vazio.

Elijah respirou fundo e afastou seus pensamentos da forma como a voz dela, sensual inclusive na mente, parecia percorrer sua espinha dorsal pondo de ponta cada nervo de seu corpo. Amaldiçoando em voz baixa se transformou em um vento diabólico que levantou o pó do campo de práticas ao partir.

Uma hora depois Elijah se materializou em sua própria casa ao meio mundo de distância dos territórios russos.

Por fim contente, começou a acender vela e tirou o pó de sua poltrona favorita antes de afundar-se nela com um suspiro. Inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos tentando liberar-se na quietude da noite. Sua casa em realidade era uma cabana moderna. Embora tivesse todos os serviços incorporados em uma casa moderna, não lhes dava uso. A eletricidade e tudo isso não funcionava para ele nem para nenhum dos de sua espécie. Sua irmandade com as forças da natureza fazia com que a tecnologia e a maioria dos aparelhos elétricos reagissem de forma adversa com sua bioquímica Demônio.

“Sei. Tive que utilizar como último recurso o sistema de iluminação a gás no castelo desde que Legna e Gideon chegaram à corte.”

Elijah se sentou rígido de repente.

Por que soava como se estivesse mais perto que antes?

Maldita seja, tinha escolhido um momento asqueroso para burlar-se dele. Era como se estivesse fazendo perder a cabeça completamente e lhe obrigando a ir procurá-la. E se julgava corretamente a tensão que surgia nele e as ânsias que a seguiram, ia conseguir muito depressa se seguia com isto.

“Não tenho medo, sussurrou.”

“Pois deveria, advertiu-lhe iniciando a conexão ele mesmo pela primeira vez.”

“Primeiro terá que me encontrar.”

Sua ameaça inicial. Estava burlando, sem dúvida porque acreditava que poderia esconder-se dele. Acreditava que possuía habilidades superiores e por isso não tinha nada que temer.

Era um desafio tolo e Elijah tinha acreditado que fosse mais pronta que tudo isso. Ficou frustrado e preocupado enquanto levantava e começava a passear de um lado a outro.

“Siena, está jogando com fogo. Não quer fazer isto.”

“Não deveria ser eu quem o julgasse?”

“Maldita seja”

Elijah tentou tira-la de sua mente correndo para a escuridão em busca de algo, o que fosse, que ocupasse seus pensamentos. Para evitar que pensasse nela e as lembranças dela. Quanto mais falava com esse sussurro suave e sensual, mais recordava esse mesmo murmúrio em seu ouvido ronronando e lhe urgindo a meter-se mais fundo em seu doce corpo. Recordava perfeitamente o tato de seus dedos no cabelo e suas unhas lhe arranhando as costas.

Elijah entrou na biblioteca e, com rapidez, prendeu um fósforo e acendeu duas lanternas sobre a mesa. Neste século não estava muito pela leitura, tendia a concentrar-se em suas habilidades para a luta e a estratégia. No século passado tinha estado aperfeiçoando suas habilidades como artesão de armas. Quando a biblioteca se iluminou, a prova disto reluziu em cada parede. Havia perto de vinte espadas de diferentes variedades e cada uma delas tinha sido feita por suas mãos, do punho à vagem. Inclusive os suportes onde se mostravam tinham sido trabalhados dolorosamente por suas mãos.

Não só eram peças de exibição. Tinha praticado com elas e tinha usado mais da metade em batalhas reais. Examinou-as lentamente, esperando ver qual delas lhe falava mais alto.

A katana lhe chamou a atenção.

A folha estava colocada escuramente em uma vagem de prata pura e a luz do farol piscava contra ela de maneira que parecia que as gravuras estavam vivas. Tendeu a mão para ela, duvidou e baixou a mão. Tentou não recordar a última vez que a tinha utilizado, sabendo que Siena estava em sua mente.

“A folha que matou a meu pai.”

Elijah estremeceu sem dar-se conta de que o tom era especulativo, não acusador.

“Sinto muito, Siena.”

“Não o sinta, Guerreiro. Trocou nossos dois mundos para melhor com o golpe dessa folha.”

Elijah se afastou da folha aflito e se deixou cair com estupidez na cadeira mais próxima.

—O que quer de mim, Siena? —perguntou em voz alta com a voz rouca enquanto tentava filtrar suas emoções.

“Quero saber o que quer de mim.”

—Nada — sussurrou.

— Não quero nada de você—. Fez uma pausa que durou dois fortes batimentos do coração de seu coração.

—Exceto você. —disse ao fim.

Ficou em pé e se aproximou das portas de cristal que levavam ao balcão que rodeava a metade da casa. Saiu e aspirou profundamente o ar noturno inclinando-se sobre o corrimão de madeira.

“Seu tato, sua risada, seus formosos olhos, Siena. Seu temperamento, o brilho de sua pele e sua mente. Quero despertar pela manhã envolto em seu cabelo e olhando seus olhos. Quero aprender o que realmente significa te conhecer.”

Elijah fechou os olhos sentindo uma dor física correndo por cada fibra de seu corpo.

“Não sou tão misteriosa, Elijah. Só sou a mulher que não quer mais que conduzir seu povo a uma era de paz e tranquilidade.”

“Nada mais, Siena?” Elijah levantou a mão até a fronte e esfregou as rugas de recriação.

“Há outra coisa que quero.”

“E isso é...? ‘

‘Quero que me veja Elijah. ‘

Elijah se endireitou apartando-se do corrimão quando ela disse isso. O coração saltava erradicamente com uma súbita quebra de onda de esperança. Entrecerrou os olhos e esquadrinhou a escuridão. A brisa noturna soprava sobre ele e as nuvens se moviam pelo rosto da lua crescente.

Chegou-lhe um aroma débil e familiar e sentiu que cada célula de seu corpo corria a diferentes parte lhe deixando um pouco enjoado pelas seqüelas.

E então viu o raio de lua dourado.

Agarrando-se ao corrimão, Elijah saltou sobre ela caindo ao chão dois andares mais abaixo. Pôs-se a correr, mas parou quando o débil aroma desapareceu. Olhou a seu redor procurando a fonte do raio dourado e de repente viu algo pendurando dos ramos de uma árvore. Alargou a mão, soltou-o e lhe deu a volta na palma da mão. Era um bracelete feito de ouro e pedras de lua com um desenho tão intrincado como o colar de Siena.

“Diga-me o que significa isto, Siena, pediu-lhe.

“É o bracelete do Consorte da Rainha, Elijah.”

Não disse nada mais, não houve mais explicação. Sabia que não era necessário. Elijah era um homem familiarizado com os detalhes da monarquia. Sabia mais que de sobra o que significava ser o Consorte Real.

O coração de Elijah pulsava tão forte que quase não podia ouvi-la. Nesse momento, tudo pareceu trocar. Os sentimentos entristecedores eram irresistíveis, ofegantes, ansiosos e possivelmente um pouco exasperantes.

—Me diga onde está, Siena. Diga-me isso já.

“Estou em casa, Elijah. E estou esperando sua decisão.”

Siena se ajoelhou ante o formoso altar e acendeu o incenso natural feito em casa que Anya lhe tinha presenteado no último Beltane. Sentou-se sobre os talões, fechou os olhos e tentou concentrar-se em suas preces. Mas era difícil porque lhe sentia chegando com mais que o coração, a alma e definitivamente com o corpo. O que era exatamente não podia decifrá-lo nesse momento. Não obstante, era tão impossível de ignorar como de explicá-lo.

Estava ainda a um oceano de distância, mas já arrepiava os braços, os ombros, subia-lhe pelo pescoço e a sensação se estendia pelo couro cabeludo fazendo que lhe pusessem os cabelos de pé.

A habitação estava cheia do aroma do incenso. Tinha estado ardendo todo o dia, de acordo com a tradição, preparando a noite que se aproximava. Também de acordo com a tradição, Siena tinha passado todo o dia sem fazer outra coisa que dormir, banhar-se, perfumando-se, lavando o cabelo e dando-se toda classe de azeites e loções para fazer que a pele estivesse total e perfeitamente suave.

Tinha sido Princesa antes que Rainha, toda sua vida tinha transcorrido na corte. Todo o alvoroço, o tratamento e a atenção da que era objeto, era exatamente ao que estava acostumada. E precisamente o que desfrutava. De fato, somente a familiaridade de tudo isso a ajudava a permanecer tranqüila, relaxada e concentrada em quase todos os níveis. Como resultado, não havia um só ponto de seu corpo que não fosse suave e não estivesse delicadamente perfumado e ainda podia manter uma imagem de dignidade e calma enquanto esperava.

Assim mesmo, Siena tinha tido sorte.

Elijah tinha estado dormindo até tarde a noite antes, até fazia quase uma hora. Se tivesse despertado antes não teria podido camuflar suas atividades ou sua excitação enquanto se preparava para uma noite da que ele não tinha nem idéia. Embora sempre se controlasse, esta conexão que se fazia mais forte entre eles tinha o potencial para que se traísse. Podia esconder muito a outros, mas Elijah estava encravado em seu espírito e muito em breve, por fim o tinha compreendido, não haveria nada que pudesse lhe ocultar. E enquanto ele vinha a ela podia sentir o coração, o sangue, a adrenalina e todo o resto de endorfinas da bioquímica dele fluindo em seu sistema. Era como uma droga assombrosamente potente que fazia que lhe dava voltas a cabeça como se estivesse nadando em estimulantes.

Tecnicamente, deveria esperar que lhe desse a resposta apropriada a ser seu Consorte. Mas a tinha sentido no coração no mesmo minuto em que o guerreiro tinha compreendido o significado do bracelete e cada passo que dava para ela era uma aceitação.

Siena apoiou as palmas na pedra que estava fria contra a calidez de suas mãos e se levantou. Suas habitações estavam cheias de mulheres, ajudantes, guardas e damas de companhia. E, é obvio, Anya e Syreena estavam a seu lado.

Flanqueavam-lhe cada uma vestida com um traje cerimonioso específico. Os trajes eram soltos com mangas largas como asas de anjos. O de Anya era de um fino material verde, muito leve, de seda fina que somente os artesãos mais anciões e destros podiam fabricar. Tecido na mesma seda, de maneira que não se distinguia ao tato do material, levava a imagem de uma raposa cuja cauda se enredava no quadril da Anya e descia pela coxa.

O traje da Syreena era feito da mesma tênue seda, mas de cor azul cera. Retorcendo-se a seu redor havia um golfinho a um lado e ao outro, um falcão peregrino. Brilhos de diamantes se pulverizavam para criar as ondas do oceano e as estrelas do céu noturno.

Siena estendeu os braços com as palmas para cima e cada uma das ajudantes agarrou cada lado da bata de cetim e encaixe que levava sobre o traje. Devagar, os dedos alcançaram as fitas da frente de seu vestido e começaram a entrelaçar os de forma complicada, como se estivessem atando os cordões dos sapatos, salvo que cada uma delas usava uma só mão como se fossem uma só pessoa. Requeria-se concentração, coordenação e cooperação para obtê-lo e as melhores amigas de Siena, suas irmãs de alma, se não ambas de sangue, levaram-no a cabo impecavelmente.

Quando terminaram, Siena livrou as mãos de Anya entre as suas e as apertou com afeto.

—Foi minha mais querida companheira quase toda minha vida e me honra te ter a meu lado neste... evento do qual nenhuma de nós tivesse pensado tomar parte.

Siena aproximou as mãos de Anya até que as palmas se apoiaram contra seu coração.

— Mas, por tradição, não posso te escolher como portadora da adaga matrimonial. Essa honra pertence a minha irmã, Syreena, apesar de seus protestos.

O olhar dourado de Siena flamejou para sossegar os protestos nos lábios da Syreena. Syreena pensava que Anya merecia esse direito sem importar que sangue fosse o seu.

— É seu direito — continuou Siena com os olhos quentes e suaves olhando de uma à outra.— desejei honrá-la da maneira em que uma irmã honra a sua irmã. Porque, embora quase não me conhecesse quando começamos esta viagem de realeza, ganhou cada recompensa por sua indisputável lealdade.

—Sei, minha Rainha — disse brandamente Anya com expressão ligeiramente divertida, pois ambas sabiam que não era ela a que necessitava a tranquilidade de tal gesto. Apesar do rosto constante de independência e confiança, o coração da Syreena era muito social e necessitava aceitação e amor.

Anya soltou suas mãos e voltou a olhar Syreena. Os olhos da Princesa estavam fechados e a mestiça lhe deu um momento. Quando os olhos de duas cores se abriram, a umidade das pestanas brilhou como os diamantes de seu vestido.

Então a Princesa estendeu as mãos com as palmas para cima enquanto Anya tirava a adaga cerimoniosa da bainha, o afiado metal cantou até os altos tetos do dormitório. O som

teve seu eco na patada no chão do guarda ao ficar firme. Todos os guardas despiram suas espadas com o som de folhas bem afiadas, deixaram-nas cair com força com a ponta para baixo no chão de pedra. Saltaram faíscas quando a pedra se estilhaçou e o metal se dobrou.

Segundo a tradição, todos os guardas exceto dois, passariam a noite reparando as folhas. Supostamente, o calor da forja era uma bênção para o leito matrimonial e igualmente para poder moldar o futuro amparo do trono. Mas o simbolismo ia mais longe. Os guardas forjariam novas folhas para servir ao novo regime. O Consorte carecia de poder político e legal, mas lhe outorgavam todos os respeitos e cortesias de um Rei.

Igual em tudo... exceto em soberania.

Anya colocou a adaga nos dedos da Syreena. Syreena se inclinou com gentil respeito.

Nesse momento, uma rajada fria encheu a habitação. As cortinas da cama e as tapeçarias que penduravam por toda a habitação golpearam contra as paredes ao fazê-la brisa subterrânea mais e mais forte. Incapaz de conter-se, Siena começou a respirar mais depressa. Suas bochechas se coloriram contrastando agudamente com seu semblante inusualmente pálido. Mas só serviu para realçar sua beleza e como contraste ao vestido branco que levava.

Um ruído extraordinário, como o som de trovão, reverberou a seu redor. Todas as mulheres da habitação lançaram gritos sufocados. Não havia nada como o mau tempo em um castelo subterrâneo. Pareceu enaltecer a excitação pela próxima chegada de sua hóspede. A metade deles não sabia se se sentiam assustados, preocupados ou simplesmente curiosos.

O que sabiam seguro, em qualquer caso, é que a vida na corte e a vida em geral nunca voltariam a ser a mesma. O que significava que ninguém sabia, nem sequer a Rainha mesma. Mas o destino tinha falado e a Rainha e também The Pride tinham ordenado que acatassem a ordem. Deviam dar a bem-vinda a outro Demônio a corte.

Mas tal Demônio? O mesmo Açougueiro?

Os mais próximos à Rainha, é óbvio, aceitariam algo que lhes pedisse, mas temiam por sua vida e sua segurança. As histórias sobre a infâmia de Elijah faziam mal. Além disso, para qualquer Licántropo, um Demônio era tão estranho. Tão diferente. As mulheres que viam a Rainha preparar-se para tão pouco ortodoxas bodas estavam cheias de perguntas que inclusive agora circulava pela corte.

Assassiná-la-ia durante o sonho? A rainha era uma completa guerreira e o guerreiro Demônio não encontraria nela uma presa fácil, mas a Rainha estava verdadeiramente excitada com o que se aproximava e isso era o mais confuso de tudo. Verdade era que o macho Demônio da corte, o chamado Gideon, era uma criatura incrivelmente bonita e de mente fascinante, mas era um homem educado e de pouca comum inteligência e aptidões.

Logo que podia esperá-lo mesmo de um bárbaro que brandia uma espada e matava inimigos para ganhar a vida. Era o suficientemente atrativo para manter o interesse de uma

companheira que se transformava em uma vigorosa gata? Ver-se-ia afetado, em realidade, pelo compromisso da vinculação e se forçaria a permanecer só na cama da Rainha ou experimentariam em algum momento o primeiro escândalo real na história de sua raça?

Seria sua química o suficientemente compatível para prover de herdeiros ao trono? Esta era a pergunta mais importante. Inclusive embora a existência de mestiços entre espécies aparentemente era possível, não havia criaturas vivas em sua cultura que tivessem sido elaboradas em um coquetel de DNA tão volátil como o do Demônio e Licântropo. O que produziria uma mescla de animais e elementos se podia produzir algo?

Esta era a pergunta mais fascinante de todas. Os Licântropos encontravam a mutação interessante e excitante. Quanto mais poderosa, melhor. Por isso Syreena era tão ambicionada. Este podia ser o único aspecto das bodas que ganharia nos membros mais distantes de sua sociedade, os quais poderiam ser mais difíceis de agradar ou mais resistentes a obedecer.

A rainha tinha sido terminante quando anunciou suas intenções de tomar como companheiro a este homem. Era um dever, sim, mas não tinha chorado nem soluçado. Assegurou-se de que todos soubessem que era um compromisso ao que dava profundamente bem-vinda. Tinha confessado as dúvidas que tinham estado lhe dando voltas os últimos dias. E então lhes tinha devotado à solução. Seria somente seu Consorte não seu Rei, certamente não o Rei e não seria nada se não aceitava a condição.

Muitos pensavam que não aceitaria e com esse raciocínio pensavam que estavam a salvo de terminar com um Demônio perto do trono. O ego dos Demonios pensava, e especialmente o ego de tal homem, não seria capaz de suportar uma posição de poder tão baixa. Siena tinha recordado aqueles que expressaram posteriores protesto, as tradições e velhos costumes que incluíam matrimônios reais para terminar guerras e assegurar fronteiras. E embora já não estivesse em guerra com os Demônios, a Deusa em sua sabedoria, tinha elegido esta forma de assegurar a paz para sempre. E aqueles que insistiam obstinadamente em protestar com prejuízo, Siena lhes recordou que tinham sido em primeiro lugar os atos terroristas de seu pai que tinham forçado aos Demônios a recolher a luva e defender-se. Era um fato da história muito conveniente que se havia reescrito em muitas mentes com o passar do tempo.

Só tinha havido silêncio depois deste último broto.

Assim que as bodas ia se celebrar.

Os guardas abriram rapidamente as portas de suas habitações em bem-vinda e ela se voltou a lhes olhar com seus ajudantes a cada lado. As damas de companhia estavam alinhadas ao lado da cama. Siena fechou os olhos e deslizou as mãos nervosamente pelo estômago contendo o fôlego e sentindo que o vento a seu redor seguia crescendo.

Era tão poderoso!

Sabia que ainda estava a alguma distância, mas projetava grande quantidade de poder e energia antes de chegar, possivelmente inclusive sem dar-se conta. A carreira para ela estava elevando o nível de urgência frenética que sentia. Podia notá-lo em sua mente, na dela. A eletricidade estava por todo seu redor, dentro dela, lançando faíscas por seu cabelo com as cargas de estáticas que enviavam calafrios por sua espinha dorsal.

Todos os guardas salvo dois, saíram da habitação e se dirigiram ao salão para sua noite na forja. Os dois guardas que ficavam colocaram a cada lado da porta no vestíbulo. Quão único tinham que proteger, entretanto, era a privacidade da Rainha em sua noite de bodas. Dizer que estavam perfeitamente acalmados era escurecer os fatos. A entrada de Elijah estava lhes pondo crescentemente inquietos.

Entretanto, Siena tinha sido muito cuidadosa. Assegurou-se que os dois guardas que ficavam nunca tivessem entrado em batalha contra Elijah. Não havia possibilidade de que atuassem por impulsos que pudessem chegar a ser hostis ou frios. Siena não queria que nada danificasse sua noite.

Já tinham acontecido muitas coisas entre eles.

Nunca teria pensado que estaria tão excitada como estava, mas se deu conta de que não podia evitá-lo. Tanto como tinha temido tomar companheiro, encontrava que os benefícios e a antecipação que sentia com este em particular ultrapassavam as dúvidas, os medos e os temores. Ao menos agora que Gideon a havia provido com a solução que, embora não era perfeita, tinha permitido chegar até pelo menos a metade do caminho.

Tudo o que tinha que fazer Elijah era fazer o resto do caminho. As palavras de antes, tão poderosas e sinceras, fizeram-na sentir que estava vendo sua alma. Mas não podia ter a certeza e não a teria até que estivesse ante ela e lhe dissesse com sua própria boca, seus próprios olhos e todo ele que este compromisso era o que queria e aceitava.

O vento que era seu companheiro açoitava a seu redor fazendo que os finos vestidos das três mulheres estalassem a suas costas, ondeassem e se pegassem a cada curva de seus corpos. As damas de companhia, nervosas pela exibição de poder, agarravam-se pelas mãos. Foram cortando a distância entre seus corpos para proteger-se e quase estavam tão pegadas como um acordeão.

Isto fez que Siena sorrisse.

Um pouco depois soube a razão.

Elijah se fundiu em sua imponente forma com um giro impressionante, em pé tão perto dela que quase estavam nariz com nariz quando se fez sólido. Era tão alto e tão extraordinário que todas as damas da habitação, inclusive as que estavam junto ao Demônio, soltaram involuntários murmúrios de surpresa. Os murmúrios foram seguidos de suaves sussurros especulativos que não tinham capacidade no ritual. De todas as formas, Siena estava muito

ocupada olhando esses formosos e assombrosos olhos verdes. Olhos tão cheios de emoção, cuja imensidão nunca seria capaz de tocar no lapso de tão somente uns segundos. Surpreendeu-se a si mesma tragando com força embora toda sua boca e garganta estavam completamente secas.

Lentamente deixou que seus olhos percorressem toda a longitude de seu corpo. A incursão se desviou rapidamente quando advertiu um brilho de ouro e pedras de lua rodeando um bíceps flexionado e maciço.

—Como...?

Siena se deteve antes de fazer a pergunta. O bracelete estava fechado. Podia haver-se deslizado de seu braço quando se transformou em ar. Seria interessante ver se esta eleição tão pouco convencional de companheiro seria capaz de soltar ela as insígnia de seu cargo tão facilmente como a tinha posto. Mas Siena já não lhe invejava essa liberdade. O toque de seus dedos e a inteligente ou inadvertida manipulação que poderia liberar o colar de sua garganta podia passar em qualquer momento.

Siena olhou naqueles olhos outra vez, tão vívidos, tão verdes, tão claramente famintos dela.

Elijah flexionou o músculo sob o bracelete enquanto movia o ombro ligeiramente para ela. Levantou uma sobrancelha dourada.

—É esta a resposta que procurava? —perguntou com voz baixa, tão dura que o calor cantou por cada célula de seu sangue.

—Só se verdadeiramente compreende e aceita o que representa.

—Não me é desconhecido o que representa ser um Consorte Real, Siena. Diga-me só que significa que seremos iguais em tudo exceto no mando e minha resposta é sim— Elijah alargou a mão para tocar a curva de sua bochecha com os dedos, incapaz de conter-se apesar de todos os olhos que os observavam.

—Nunca quis seu reino, gatinha. Só a você. Só você.

Sua convicção era ressonante, inequívoca. O coração de Siena pulsava tão forte que nem sequer podia ouvir-se respirar.

—Eu gostaria que houvesse dito isso a primeira vez — sussurrou, e a borda de sua boca se elevou igualando a luz de seus olhos dourados.

—Me desculpe — sussurrou ele inclinando-se tanto que suas frentes quase se tocavam. —Não me dava conta de que havia mais de uma opção.

—Para ser honesta, a mim também escapou.

Syreena pigarreou brandamente atraindo a atenção da Rainha.

Siena compreendeu de repente a tira de química que suportava esta classe de emparelhamento. Sua gente se referiam a isso como “emparelhamento de por vida”, a dele a

chamavam Vinculação. Mas “a rosa não deixa de ser rosa com outro nome...” estava claro que eram mais parecidos do que acreditavam depois de tudo. Em todo momento, cada parte dela que jazia sob sua pele lhe desejava. Ela era o ímã e ele o norte magnético.

Siena deu um doloroso passo para trás permitindo que Syreena tivesse o espaço que necessitava para aproximar-se dele e lhe oferecer a adaga com a ponta dos dedos. Tinha as mãos firmes, o equilíbrio impecável. O qual era notável considerando quão pesada era a arma e quanto tempo levava sujeitando-a.

—Meu Senhor Elijah, Capitão Guerreiro do grande Rei dos Demônios, querido e respeitado pelo grande senhor que é nosso aliado, aceita a nossa Rainha como sua eterna companheira, elevando-a sobre todas as demais e sob ninguém pelo resto de sua vida?

Elijah ficou calado um momento comprido e Siena pôde sentir a breve revoadada de dúvida que marcava seu coração. Não lhe preocupou. Sua honestidade sempre a tinha impressionado.

—Em troca — disse em voz alta com tom forte e sincero.

— Juro que não te porei nunca em uma posição que esteja em conflito com sua lealdade para Noah. Não haverá guerra entre nossa gente enquanto eu viva e reine.

—Ele é meu Rei, Siena, mas você é minha companheira, minha esposa e sou incapaz de fazer nada que danifique seu coração ou sua alma. Tanto como esteja a seu lado, posto que seja um guerreiro nascido e criado para o conflito, não haverá necessidade de considerar a guerra entre nossa gente outra vez. E me esforçarei o resto de minha vida para ajudar às gerações vindouras para que compreendam o melhor de nossos dois mundos.

Elijah se deteve só o suficiente para deslizar dois fortes dedos sob a folha da adaga, justo sob o punho, levantando-a em perfeito equilíbrio das mãos da Syreena. Houve um reflexo de luz refletido no metal e moveu a folha com destreza por seus dedos ganhando a velocidade que voltaria o punho diretamente à palma de sua mão. A destreza do movimento, a confiança do mesmo, era cativante.

Syreena quase não teve tempo de apartar-se quando se aproximou de novo a sua companheira. Siena levantou o queixo ao inclinar ele a sua. Sua boca se aproximou da dela e sua mão livre se fechou sobre sua magra garganta.

—Desde este momento, gatinha, sou teu. Uma vez que complete a última missão do Noah, renunciarei a meu posto. Se este for ser meu lar, a terra onde mora meu coração e minha alma, meu corpo e minha destreza devem permanecer aqui também. Mas deve entender que não terei paz na consciência se deixo meus deveres sem terminar.

—Não esperava menos de você. —respondeu com tom firme e convencido.

A promessa era mais do que tinha desejado, mas logo que a fez, deu-se conta de que a sabedoria de seu gesto não era mais que outro passo para tranquilizar os cautelosos corações de sua gente. A magnitude de seu sacrifício não foi vã para a Rainha.

Siena alcançou a folha com a palma da mão curvando-se firmemente sobre as afiadas bordas. Quando voltou a mão, havia duas linhas ensangüentadas pela folha de duplo fio. Com um aviso mental de sua noiva, Elijah fez o mesmo. Depois, palma contra palma, entrelaçaram os dedos.

Anya levantou as mãos ao céu e lançou um grito de celebração que imediatamente foi feito coro por todas as mulheres da habitação. Terminou quase logo que tinha começado.

—Contemplem à Rainha e seu Consorte! Fomos bentas ao estar aqui neste extraordinário dia! Ninguém pode dizer que viu seu fim! —declarou Syreena.

—E agora a cerimônia da noite de bodas! —acrescentou Anya com risada atrevida e travessa. Todas as mulheres gritaram de novo, o medo e a dúvida varridos pelo entusiasmo das ajudantes. A alegria feminina era de ânimo.

Elijah levantou uma sobrancelha no que poderia descrever-se como uma mescla entre diversão e luxúria. Siena não era uma mulher tímida, mas não podia evitar o arrebatamento que tingia suas bochechas. Corriam por ela muita excitação e antecipação.

—Meu Senhor — sussurrou brandamente Anya.

— Deve cortar os cordões com a adaga.

—O que? —de novo esse sorriso e a sobrancelha levantada.

— Eu gosto como estão — refletiu forçando a sua Rainha a sufocar a risada apertando forte os lábios.

Elijah inspecionou os cordões entretecidos de cima abaixo na frente do vestido que poderiam muito bem não estar aí. Isso e o traje de debaixo, eram tão tênues que podia ver cada curva de seu corpo dos cachos dourados aos escuros mamilos.

Elijah subiu os atrevidos olhos esmeralda para seu olhar e a expressão sob suas pestanas a intrigou. Em um quarto de pulsado de coração, a luz da folha que sujeitava brilhou como uma supernova.

Foi o único sinal de movimento que nenhuma delas viu, mas os cordões da bata se abriram perfeitamente. Todas as damas ofegaram e desta vez Anya e Syreena estavam tão surpreendidas que se uniram ao surpreso murmúrio. Siena, entretanto, não ia atrás sorrindo quando seu companheiro sorriu de orelha a orelha dessa maneira tão fanfarrona dela.

A rainha se apartou e se aproximou da cama. As damas recordaram de repente seu dever e se apressaram a lhe tirar a bata dos ombros. Tiraram-lhe a segunda regata de seda e encaixe. Todas eram conscientes dos olhos ambiciosos do Demônio. As damas estavam orgulhosas da perfeição de sua Rainha e lhes agradou enormemente despi-la lentamente.

O sorriso de Elijah se desvaneceu rapidamente enquanto olhava. Não sabia que o som da seda e o encaixe pudesse ser tão nítido. Mas era. O magro material se deteve pendurando em seus túrgidos mamilos. Ao fim, ela se separou do traje, tornando-se lentamente o cabelo sobre o ombro, lhe oferecendo uma perfeita visão de sua esplêndida, pálida e dourada figura.

E nesse momento compreendeu finalmente o que significava ser um macho vinculado no Samhain.

CAPÍTULO 12

A atenção de Elijah trocou quando as mulheres ao redor da Rainha a ajudaram na cama. Siena foi colocada brandamente no centro da enorme extensão das amaciados travesseiros e aveludada roupa da cama branca e dourada. Sorriu quando ele ficou cada vez mais tenso. Ela estava agora mais perto de sua mente, assim sabia bastante bem o que ele estava pensando e sentindo nesse momento. E tudo era bastante primitivo. Mais ainda, deu-se conta, quando as damas de companhia orvalharam seu corpo com as pétalas dos girassóis da tardia temporada.

Syreena e Anya sentiam a tensão na habitação e, logo que deixaram pronta à Rainha, guiaram às mulheres jovens que riam bobamente fora do quarto. Elijah ignorou completamente sua curiosidade e especulação. Obviamente, não se davam conta de que os rápidos sussurros que emitiam eram facilmente audíveis para ele e seguiria sendo assim, a menos que esperassem até estar muito mais longe. Também notou que alguém, a irmã Syreena, com cabelo e olhos estranhos, tinha tomado a adaga de matrimônio de sua mão.

E esse momento foi todo o tempo que passou pensando nisso.

Ao momento seguinte, o estalo das portas ao fechar o motivaram a entrar em ação.

Siena observava com a respiração acelerada e antecipação enquanto ele se movia ao pé da cama. Ele estendeu a mão rapidamente, agarrando-a por ambos os tornozelos e deslizando-a completamente fora do colchão com um firme puxão. Riu quando a atraiu contra seu corpo, com um braço rodeando sua cintura, esmagando as pétalas cor açafraão entre eles.

—É minha — disse ele brandamente entre os apertados dentes.

Inclinou-se com um agressivo som masculino que retumbou de sua garganta. Siena fechou seus olhos quando procurou sua essência na curva de seu pescoço, aspirando-o profundamente em seus pulmões até suspirar de satisfação.

—Estive afastado de você muito tempo — anunciou ele, apartando-a justo de modo que pudesse devorar seu corpo com os olhos enquanto sua audaz mão se deslizava sobre seu ventre e costelas e embalasse seu seio com firme intensidade.

— Estou meio louco de desejo por você gatinha, e temo que não seja muito suave.

Ela não falou em voz alta, mas pelo contrário afundou os dedos profundamente em seu cabelo e atraiu sua cabeça e sua boca, mais perto dela. Seus lábios se separaram, roçando o de forma suave e cálida, lhe acariciando com seu sabor.

—É meu—disse ela, sentindo o calafrio de estimulação que sua voz e palavras enviaram precipitando-se por sobre sua pele, — e nunca —lambeu os lábios burlonamente, lhe fazendo gemer - nenhuma só vez, - seu corpo se contorceu eroticamente para ele, até que cada carícia de sua pele o alcançou profundamente— te pedirei para ser suave —terminou ela por fim.

Elijah capturou aquela enfeitiçada e zombadora boca com um ardor que machucou seus famintos lábios. Ela tinha enganado a si mesmo fazendo-se acreditar que tudo isto tinha ocorrido por suas opções e maquinações, um produto de sua robusta vontade, mas naquele segundo entendeu que jamais houve opção. Sempre lhe tinha querido com esta intensidade, ainda quando ele já tinha se enterrado profundamente em seu corpo. Sua carne avermelhou com a primeira verdadeira vida que tinha sentido da última vez que se separaram, e inclusive aquele encontro nas imediações do castelo tinha sido muito breve, muito agriçoce.

Suas mãos em sua pele eram um bálsamo para sua pálida alma. Eram enormes e calosas, a brutalidade delas a satisfaziam com suas arrasadoras carícias. Seus dedos apertaram a suave carne e lhe deu a bem-vinda à idéia de que deixasse sua marca atrás delas nesse momento.

Siena sentiu a repentina liberação de seu colar, a jóia pesou e caiu descuidadamente ao chão, quando ele se arrancou de seus lábios a fim de devorar a doce e pulsante pele de seu exposto pescoço. Sentiu-se tão branda de repente que acabou sustentada unicamente por suas potentes mãos e seu equilibrado corpo que embalava seu peso com descuidada facilidade. Era uma mulher de notável estatura, e ainda assim a fazia sentir-se como uma fada, uma insignificância, delicadamente feminina que não tinha pensado que poderia nascer no coração de uma guerreira amazona tal como ela mesma. Mas parecia adequado que tomasse a um forte guerreiro como Elijah conseguiu-lo.

—Elijah... - Sussurrou ela em seu ouvido, precisando dizer seu nome, precisando sentir as emoções que vinham com o conhecimento de que se estava permitindo fazê-lo sem remorso, sem culpa. Sua viagem tinha chegado muito longe, e estava longe de ser fácil, mas tinha feito sua eleição e o aceitaria tanto como se possivelmente se arrependesse disso. Estava permitindo ser esse alguém que nunca se permitiu acessar a si mesma, esse alguém que tinha vislumbrado aquelas outras vezes em seus braços.

A boca de Elijah era mágica, depositando feitiços onde quer que fosse sua fome por seu sabor estava patente tanto em suas ações como em seus pensamentos. Estar na mente deste homem, neste momento, era incompreensivelmente prazeroso. Sua necessidade dela era assustadora, tão consistente como voraz. Sentiu a maneira como bebia de seu calor através de

seus dedos e apaixonada boca, igual a um pajem, essa sede por ela não era como nada que houvesse no mundo.

Então o guerreiro começou a desvanecer-se atrás de suas ambiciosas mãos, o vento que era seu poder animando-a quando a acariciou passando através dela, materializando-se a sua costa, uma mão ao redor de sua cintura, a outra sobre sua garganta e queixo, lhe inclinando a cabeça para trás sobre seu ombro.

Siena riu um cruzamento entre desfrute e aliviado soluço. O calor de sua repentina pele nua era igual ao céu, e se deu conta que seus finos dedos estavam ainda enredados à camiseta que ele tinha abandonado com sua manobra. Deixou que esta caísse ao chão sobre o montão de outros descartados objetos e se estirou passando seus quadris, depois de si mesmo, até que suas poderosas coxas se tocaram abraçando-os.

Elijah a agasalhou no abraço de suas famintas mãos, sua suave pele sedosa, era perfeita ao tato para ele. Nunca teria suficiente acariciando-a. Foi dos quadris aos peitos uma e outra vez até que ela esteve fazendo esses sons de perdido engenho que o cativavam.

Como prometeu, não foi suave. Não queria marcá-la, mas não parecia poder evitá-lo. E tal como assegurou, ela só parecia responder mais a tudo isto. Encontrou a si mesmo resistindo a afundar os dentes sobre ela, marcando-a para si. Essa era a parte animal do ritual de emparelhamento e o que a noite lhe animava. Então recordou que ela mesma era inclusive mais animal e finalmente liberou suas restrições, sua boca se fechou possessivamente sobre a curva de seu pescoço. Siena se curvou sensualmente em suas mãos, deixando escapar um profundo e vibrante ronrono, até que esteve completamente alagado com a sensação de sua excitação.

Ele se inclinou ligeiramente para diante em seu entusiasmo, e os pés de Siena finalmente tocaram o chão. Ela reagiu instantaneamente, usando a oportunidade para mover sua altura de novo contra ele. Pego com a guarda baixo, viu-se obrigado a dar um passo atrás para recuperar-se. Ela utilizou a oportunidade para envolver-se a seu redor, saltando para trás dentro de seu abraço de uma maneira que o impulsionou de volta uns passos mais.

Entretanto, recuperou-se rapidamente, apesar de que seu contínuo ataque sobre sua boca o tinha feito já perder o equilíbrio. Ainda, um único braço rodeava seu selvagem corpo, o outro se estirava às cegas para apoiar-se. Tocou a suavidade da fria pedra e se inclinou para trás enquanto se estirava para sair ao encontro de seu violento ataque.

Siena esquivou sua boca, procurando a forte coluna de sua garganta com furiosos lábios e língua, fazendo o que o fazia a ela facilmente. Retorceu-se de modo que pudesse deslizar seu úmido corpo com o seu próprio, sua boca seguindo seu exemplo. Sua aveludada língua lhe lambeu a clavícula, seus dedos jogaram sobre suas costelas e ventre, precursor para sua exploração oral enquanto se deslizava descendo por sua longitude. Elijah ofegou em busca de

ar, sua cabeça caiu contra a pedra enquanto fechava os olhos. Tinha-lhe despojado de todo pensamento que não fosse à sensação de sua boca viajando e suas mãos ancorando-se profundamente em seu cabelo.

Sua aplicada língua deslizou sobre um escuro mamilo, seus lábios acariciando-o através dos finos cabelos de ouro enquanto procurava a forma para lhe dar a mesma atenção ao outro. Então sua voraz boca baixou lambendo os flancos de seu abdômen. Suas mãos rodearam seus quadris, suas fortes mãos massageando os músculos das costas e quadris enquanto continuava lhe torturando, seu progresso começou a voltar-se lento e mais lento até que esteve apertando os dentes com a suave agonia da antecipação.

Primeiro lhe tocou, a tão ligeira carícia de seus dedos, curiosamente experimentavam o duro calor de seu ruborizado corpo. Deslizou esses suaves e investigadores dedos sobre sua longitude, experimentando a tateante sensação da lisa e cálida pele e seu brilhante brilho. Mas foi quando sentiu a carícia de seus quentes lábios e respiração que agarrou seu cabelo com renovada intensidade e jurou com veemência, ambas amaldiçoando e rogando por força, controle ou inclusive o menor flash de civilização.

Então o calor úmido de seus lábios o rodeou diligentemente, o rápido de sua língua tão segura, tão quente, e muito impaciente para sua prudência. Tratou de empurrar, apartá-la... antes que perdesse completamente o julgamento. Era muito audaz, muito curiosa e ia destruir o pouco controle que poderia ter tido então. Seus impulsos e emoções eram muito primitivos quando era... à noite, a privação, e aproximação da lua cheia.

Mas não lhe daria quartel. Tinha-lhe saboreado como ele tinha saboreado a ela, e era tal a medicina para seus sentidos como ela o tinha sido para os seus. Sabia, sentia-o, e o ouviu no impaciente redemoinho de seus pensamentos. Burlou-se dele com o ataque de sua boca, desfrutando com o gemido que arrancava o movimento, sentindo o agarre e o tremor dos músculos com aquela satisfação felina que sempre se precipitava sobre ela quando experimentava uma sensacional vitória.

—Siena.

Pediu-lhe com voz rouca, tratando de adverti-la com seus pensamentos, mas ela cabeceou suas voláteis reações com o céu de sua acalorada boca explorando. Isto lhe deixou como uma vítima, indefeso, e perdido no puro êxtase disso.

Finalmente, liberou-lhe de sua talentosa armadilha, voltando sobre seus passos por seu corpo. Mas logo que tinha começado sua viagem quando as mãos dele a sujeitaram ao redor dos ombros e a atraíram de repente para ele. Liberou-se da parede enquanto devastava aqueles lábios pecadores com brutal paixão. Logo que a parte de trás de suas pernas tocaram o colchão, fê-la voltar uma vez mais a seu peito e a empurrou na cama. Ela se pôs a rir quando ricocheteou com força sobre seu rosto, conhecendo cada pensamento em sua mente com

deliciosa claridade, ouvindo cada maldição que lhe lançava por sua dissoluta indiferença a respeito de sua prudência.

Logo tinha as palmas abaixo dela antes que ele encerrasse seus quadris nas mãos e atirasse de suas costas para ele, elevando-a sobre seus joelhos enquanto colocava seu traseiro no berço de sua pélvis. Uma mão subiu para lhe sujeitar a parte de atrás do pescoço quando investiu em seu interior sem absolutamente nenhuma advertência, nem sequer um pensamento de antecipação que a preparasse para a divina invasão. Siena ofegou em sua risada, aflita pela maneira como parecia enchê-la além de sua capacidade. Estremeceu da cabeça aos pés, apertando involuntariamente ao redor dele, de modo que estiveram fazendo em coro sons de perda de felicidade um instante depois.

—Siena — gemeu ele.

Moveu-se para diante e sobre ela, suas mãos estirando-se para cobrir as suas, seus dedos enlaçados fortemente nos seus quando sua fronte tocou brevemente sua coluna entre as omoplatas.

Beijou-a brandamente naquele ponto, com uma ternura desconjurada na ferocidade de suas paixões. Tanto que ela o sentia inclusive mais pelo gesto de ternura que era.

Aí foi quando ela se deu conta de seus verdadeiros sentimentos. Ele os escondia sob a paixão animal e apenas que desatado selvageria de um macho dominante, mas se via no profundo de seu coração igual que via no mais profundo de sua mente.

Siena fechou os olhos quando seu corpo aceitou sua urgente invasão, sentindo-se intensamente viva e consciente, inclusive quando sentiu o intumescimento que estava começando a entender.

Elijah de repente desocupou seu corpo, fazendo-a ofegar de surpresa ao privá-la dele nesse momento e no momento em que suas mãos atiraram dela como se fosse tão leve como o ar.

—Tenho que verte — grunhiu em voz alta—, quero seus olhos sobre mim enquanto está perdida em seus pensamentos, gatinha.

Siena sentiu que seu peito se inchava com indescritível emoção, mais um pouco de medo, quando a cobriu com seu cálida força e se perdeu em seu olhar com a impecável vista que chamuscava em sua alma. Inundou-se nela mais devagar esta vez, decidido. Observando o prazer que cobria toda sua expressão quando o aceitava tão facilmente com seu corpo, e tão a contra gosto com seu perigoso coração.

—Sabe. Vejo-o, — disse ele pesadamente, sussurrando contra seus lábios.

— O sinto, Siena.

Siena sacudiu emudecida a cabeça, fechando os olhos de modo que pudesse esconder-se dele. Mas não havia onde ocultar-se de alguém que estava tão relacionado com ela.

Fisicamente, mentalmente, e tudo o que espiritualmente lhes tinha impedido de permanecer separados.

—Elijah, só... só... fica comigo — rogou ela.

— Só por agora.

E a causa do dia, devido à quão desesperadamente a necessitava, ele não tinha outra opção exceto obedecer. Isto uma vez lhe permitisse retirar-se depois dos últimos muros que ela usava para separá-los.

Ele sabia que ela tinha lido sua alma faz um momento, que agora entendia que estava apaixonado por ela e aquilo era mais do que ela podia confrontar. A dor de Elijah aprofundou nele naquele momento de entendimento, mas o apartou com severidade. Esperá-la-ia. Ainda se tomasse cada momento de cada dia durante o resto de sua existência, esperaria seu coração. E isso foi o único que impediu de romper-se emocionalmente diante dela.

Fez a um lado os sentimentos que o privavam de fôlego e voz, e se enfocou de novo em seu doce corpo. Se esta era a única maneira em que se permitiria lhe aceitar, então que assim seja. Ia tirar vantagem da intimidade. Por outra parte, não é que tivesse eleição.

O guerreiro permitiu a si mesmo perder-se na sensação física de seu rítmico abraço e rodeá-los um ao outro. Trocou seus pensamentos a uma pura necessidade sexual, eliminando o acesso a seu ofegante coração, lhe permitindo enterrar a cabeça sob a areia só um pouco mais.

Seu molesto medo se evaporou rapidamente quando ele manipulou seu corpo tão habilmente como manipulava seus ocultos pensamentos. Logo esteve perdido na escarpada sensação de quando lhe abraçava com mais e mais força, a tensão de sua crescente necessidade lhe estrangulando felizmente. A culminação que veio foi agridoce. Ela se acendeu com um som de completa satisfação, seu escuro corpo convulsionando-se e lhe arrastando sob seu feitiço momentos mais tarde.

Os olhos de Elijah vagaram sobre a esculpida pedra no teto em cima dele, o padrão se perdia através de ramificações de escarpada seda branca em um perdido X formando-se através do dossel.

A seu lado, apanhada em seu braço sob o peso de seu corpo, Siena permanecia profunda e pacificamente adormecida. Tinha a usado ao máximo, exorcizando suas emoções com uma paixão física que a tinha esgotado. Mas não estava até perto de tão relaxante repouso. Enquanto ela estava no único estado onde seus pensamentos estariam resguardados, tirou-os para examiná-los.

Liberou-se dela facilmente, ao menos no sentido físico, e se sentou na beira da cama, deixando o frio chão filtrar-se em seus pés nus quando passou os dedos pelo despenteado cabelo e o áspero crescimento de sua barba de sete horas.

Sete horas. E naquele tempo todo seu mundo se derrubou sobre si mesmo.

Elijah se levantou cuidadosamente, movendo-se devagar para que o retiro de seu peso não captasse sua inconsciente atenção. Recolheu a roupa rapidamente e se vestiu. Não deveria abandoná-la. Não deveria permitir que despertasse sem ele a seu lado. Mas necessitava este momento para si mesmo. Possivelmente voltasse para seu lado antes que notasse, mas não podia ficar ali nem um só momento mais, observando seu olhar tão malditamente formosa e contente quando ele estava em tal confusão.

Necessitava um ouvido sábio porque sabia que não tinha a sabedoria para esmiuçar tudo aquilo sozinho. Estava muito envolto, muito perto. E estava muito doído para ver com objetividade.

E por uma vez, deu-se conta de que era uma dor que não seria tão fácil de sobreviver como seria a de uma ferida física.

Não.

Morrer era muito menos doloroso que um coração ferido.

CAPÍTULO 13

Gideon abriu os olhos apenas vinte minutos depois de haver dormido. Os vidros tintos das janelas da habitação bloqueavam uma grande parte da luz do amanhecer, fazendo ver uma chuva de quentes cores, preferíveis a molesta luz branca, e se ajustou a ela em segundos.

Legna e ele tinham decidido passar o dia na antiga residência. A diferença da moradia na corte de Siena, aonde a gente ia e vinha constantemente durante as férias, ali estava assegurada uma absoluta e contínua privacidade durante a noite do Samhaim. Não tinham ficado muito nas acostumadas festividades do castelo com Noah e outros amigos, a urgência da noite atraindo-os rapidamente à cama, como tinha feito com Jacob, Bela e outros que estavam Vinculados e os que não.

Gideon tinha planejado dormir seguida e profundamente, fazendo amor a sua esposa, quem jazia em um profundo sonho. Legna estava estendida sobre ele, exatamente como sempre estava justamente de forma que fazia pulsar ao coração com emoções profundamente arraigadas por ela.

Mas algo o tinha despertado, e enquanto distraidamente acariciava o suave cabelo, procurou um pouco de clareza a respeito do que o tinha perturbado.

No momento em que se deu conta de quem se aproximava da casa, Gideon apartou a Legna rápida e bruscamente de seu corpo. Ignorou o protesto dormitado, sacudindo a colcha sobre ela enquanto tomava a bata.

O antigo médico se deteve em um momento característico de pouca indecisão. Logo alcançou a Legna e fechou a mão sobre a fronte. Inundou-se no corpo mentalmente, gastando energia rapidamente nela, enquanto a manipulava em uma forma em que nenhum outro podia fazê-lo. Uma vez que esteve completamente inundada fora do mundo o espírito dela, os pensamentos e sinais biológicos reprimidos, foram quase inexistentes, livrou nos braços e a arrastou a uma prateleira oscilante para livros que ocultava o quarto que tinha servido como habitação de meditação durante séculos. Colocando-a gentilmente no chão, dentro da habitação secreta, nem sequer dedicou tempo em beijá-la antes de apartar-se dela, embora fosse o que mais queria nesse momento, mais que algo.

Saiu do quarto e se apressou ao dormitório. Livrou o corrimão, saltou sobre ele e se deixou cair três pisos ao centro da escada em espiral.

Aterrissou sobre os pés, permanecendo em cócoras, inclinando a cabeça e alterando os sentidos até que foram mais agudos. Não tinha tempo e não tinha tido a possibilidade de projetar-se astralmente ao Noah e lhe dizer onde estava Legna em caso...

... só em caso.

—Sinto-te me esperando, médico.

A voz estava artificialmente aumentada nos pensamentos, lhe causando uma dor notável. Deu-se conta, então, exatamente quão poderosa se tornou o inimigo. Um Demônio que nunca antes se interessou pelas artes escuras além de um pentagrama. Gideon nunca tinha esperado que tivesse esse efeito, esse realce extraordinário de poder. Mas estava corrompido ao mesmo tempo, podia senti-lo, cheirá-lo, a escura mancha se estendia profundamente sobre a alma de Ruth enquanto piscava à existência com um brilho de uma estranha luz escura.

Gideon se elevou em toda sua altura, com os olhos entrecerrados sobre a audaz cadela que se atreveu a ameaçar seu lar e sua família. Mas conservou a calma, como sempre. Não tinha vivido mais de um milênio sem aprender que perder a cabeça com suas emoções quando se confrontava uma batalha, era uma maneira segura de assinar seu próprio certificado de falecimento.

—Ruth — saudou friamente.

— Nem sequer você pode ser assim tão louca.

Ruth não parecia estar prestando atenção. Estava inclinando a cabeça, elevando a vista ao teto com curiosidade.

—Dormindo sem sua esposa no Samhaim? —Fez um som de tosse. — Se supõe que devo acreditar que não está aqui? Tem razão não estou tão louca.

Os serenos olhos amarelos vagaram pensativamente sobre o antigo, o olhar claramente ambicioso. O exuberante corpo se curvou, convidando-o em uma forma que tinha sido alguma vez bastante sedutora, e ainda podia sê-lo se não tivesse escolhido o caminho ao que, nesse momento, aferrava-se tão avidamente. Mas era tão ondulante como um réptil venenoso, e claramente tão mortal como formosa.

—Alguma vez tive o mais terrível amor por você. — confessou, com semblante divertido.

— Foi tão poderoso. E arrumado. Bastante arrumado. —Deslizou uma mão sobre um dos suaves quadris, os movimentos óbvios e praticados.

— Sabe sua escondida esposa que estivemos juntos uma vez no Beltane?

—Isso faz trezentos anos — disse Gideon, em tom neutro como sempre. — E se lembre, as mulheres eram escassas em nossa população então.

Ruth se via como se tivesse sido esbofeteada, e em efeito tinha sido. Mas um segundo depois o rosto flamejou de indignação.

—Como te atreve! —vaiou. —Você desfrutou bastante naquele tempo! Nem sequer você pode negá-lo!

Gideon lhe deixou satisfazer-se na raiva. Tentava manter-se focado no poder que estava fora das paredes da casa, reunindo-se muito rápido, inclusive para sua comodidade e habilidades. Tinha estado certo em esconder Legna deles. Ruth nunca seria capaz de dar-se conta do que tinha feito com sua esposa, não era tão poderosa. Mas sua companheira estava vulnerável, deixada acima em um estado que simulava a morte a fim de mascarar sua presença. Se a condição não era transbordada em uma hora, ela e o bebê estariam em um terrível perigo. Mas para revivê-la do transe, tinha que permanecer vivo e protegê-la, sair vitorioso desse encontro.

As probabilidades diminuía com cada nova presença que sentia. Gideon era forte, mas não contra as possibilidades que se faziam menores com cada minuto que passava. Deveria havê-lo sabido melhor. Nunca devia ter levado Legna a um território que Ruth podia descobrir com um pouco de criatividade. Mas havia tempo para as recriminações depois.

—Ruth há algum propósito, detrás das visitas, além de um passeio pela vereda da memória a respeito de uma rápida queda atrás de algum arbusto ao azar faz muito tempo? — Estreitou os glaciais olhos chapeados sobre ela.

— Deve havê-la, porque não poderia ser tão estúpida para tratar de me atacar.

—Isso é exatamente o que pretendo fazer. Sou mais poderosa do que poderia imaginar Gideon. E não estou sozinha.

—Me perdoe por dizê-lo, mas não é como se não pudesse cheirar sua peste de um quilômetro. Está corrupta, Ruth. Deve ser consciente de que a fetidez de outros já não lhe afeta devido a isso.

Gideon estava alcançando mentalmente o corpo da Demônio, a fisiologia, preparando-se para manipulá-la para a morte em quanto pudesse. Mas a química era problemática, confusa. Estava-se transformando a níveis nos quais nem sequer era consciente. A fazia ilegível, um quebra-cabeças que tomaria muito tempo para decifrar.

Ruth dispensou aquele débil sorriso outra vez, a que alcançava muito a loucura em seus olhos. Era uma poderosa Demônio Mental e não havia dúvida que estava a par de seus intentos e de que estava entupido.

—Sabe Gideon — disse brandamente, se aproximando tanto que teve que lutar com a urgência de afastar do corrupto aroma.

— Pude ser um rápido encontro para você, mas sei que ela não é. Seu bebê e ela. E a encontrarei, inclusive se tiver que queimar a casa da base para fazê-lo.

—Terá que passar por cima de mim primeiro, traidora.

—Esse é exatamente meu plano — refletiu.

—Então melhor chamar a seus acólitos.

Gideon se moveu tão rapidamente que teve a mão ao redor de sua garganta antes que inclusive pudesse antecipar os movimentos. Estrelou-a na parede mais próxima um segundo depois, Gideon usou a dor e a surpresa para lhe impedir de concentrar-se nas habilidades. Mas era uma Anciã e era muito poderosa para ser mantida a raia com truques de obstrução por muito tempo. Assim que o médico não perdeu tempo, imediatamente lhe apertou a entrada de ar e sangue ao cérebro. Teve arcadas, os olhos se ampliaram enquanto examinava a ameaça mortal nos dele.

—O problema —lhe murmurou, quase com voz de amante— é que perde tempo te gabando e te vangloriando com bate-papos vazios. Deveria ter atacado quando pôde.

Enquanto estrangulava a desertora Demônio, estendeu-se pelo perímetro da casa, apanhando aos confiados nigromantes, um por um, com a pura força do poder e a vontade, detendo os negros corações mortos nos peitos. Com todo o poder mágico, os nigromantes ainda eram frágeis como qualquer humano, fazendo uma tarefa ridiculamente fácil em muitos aspectos.

Os outros, vendo os camaradas cair inexplicavelmente, começaram a entrar em pânico e se apressaram para a casa para encontrar a fonte do que machucava as filas antes que pudesse lhes causar mais prejuízo. Estavam claramente impactados pela facilidade com que tinha realizado esse ataque. Uma vez mais, Ruth não os tinha preparado para o que lhes esperava. Esta seria, possivelmente, a única vantagem verdadeira.

Ruth se reagrupava inclusive enquanto estrangulava a consciência fora dela. Os olhos rodaram atrás enquanto acessava ao poder, e ele sentiu o impulso dentro da mente, a força era impressionante e imponente. Gideon estava cego pela dor, a mão livre ia reflexivamente à cabeça enquanto ela procurava converter o cérebro em uma massa com o poder telequinético. Nunca tinha conhecido a uma mulher telequinética antes, mas os Demônios Mentais eram relativamente novos para a espécie e, envenenada como estava, podia ser uma mutação pouco natural. Usou toda a fortaleza mental para brigar contra ela, inclusive assim, sentia sangue gotejando do nariz quando esta enchia os pressionados seios.

Quando se viu forçado a apartar a atenção dos outros, invadiram a casa em minutos. A malvada multidão de mulheres se abatia como harpias sem asas sobre o chão, dizendo as palavras corrompidas que traziam diante os relâmpagos elétricos de poder que usavam durante o ataque.

Gideon dividiu a atenção. Golpeou Ruth no rosto, aturdindo-a com o impulso agudo da palma ao delicado nariz. Podia havê-la matado com o golpe se tivesse estado mais enfocado, mas também estava alcançando aos usuários mágicos, silenciando vários deles em um varrido de pensamento, lhes tirando os meios verbais necessários para acessar ao poder, enviando-os a estatelar-se no chão.

Em outros infundiu o pânico com a cegueira, outros com a surdez.

Isto só lhe comprou tempo.

Gideon sentiu que algo o golpeou, a espetada inequívoca de dentes afundando-se na panturrilha. Foi nesse momento quando deixou cair a uma apenas consciente Ruth ao chão e girou para enfrentar à filha. O autômato danificado que era a descendente de Ruth, Mary também era mais poderosa. Gideon sentiu. Aspirou quando o malvado aroma formou redemoinhos para ele. Arrojava enxames de cães selvagens, lobos, e até serpentes venenosas em cada janela rota e entrada que podia, até serpentes enroladas caíam pela chaminé e nas cinzas frias.

Os animais não eram responsáveis pela imposição sob a qual os tinha Mary, assim Gideon se sentiu doído quando teve que alcançar para romper o pescoço do lobo que tinha enterrado os dentes profundamente na carne. Para o momento no qual girou, havia dúzias deles sobre ele.

Dentes como navalhas de barbear cortavam a carne desde todas as direções. Tudo o que pôde fazer foi cortar a dor e o sangue, enquanto tratavam de arrastá-lo para baixo, procurando acesso à garganta.

Gideon considerou que talvez tivesse cometido um engano ao não despertar Legna lhe permitindo a liberdade através de um escapamento. Mas de novo, conhecia muito a sua amada esposa. Teria insistido em estar a suas costas, lutando onde tinha nascido para brigar. E

era exatamente por isso que tinha feito o que tinha feito. Preferia morrer que vê-la ferida ou pior.

Mas deixando-a indefesa, podia ser isso a que a tinha condenado.

Gideon só podia fazer uma coisa para salvá-la.

Embora tomasse um médico muito talentoso para reverter o transe no qual a tinha posto, e embora possivelmente não o conseguisse devia tentá-lo.

Gideon deixou de brigar e se projetou astralmente à alvorada, procurando Noah enquanto que as forças que o atacavam começavam a arrastá-lo abaixo.

Não foi sequer consciente do repentino, violento, vento que fez a casa estremecer dos alicerces as vigas.

Siena despertou o coração pulsava velozmente enquanto a cabeça soava com alarmes e se enchia com raiva sangrenta.

Voltou-se rapidamente, procurando Elijah com pânico e sentindo uma horrível sensação de temor e desesperança enquanto a mão subia pela coberta e mantas vazias.

Tinha-a deixado, e tão certamente como sabia isso, sabia que estava em problemas. OH, estava tratando de afastá-la de forma automática, a um nível protetor, mas não podia esconder a raiva e o horror que o alagava pelo que fosse que via.

Fechou os olhos tratando de concentrar-se, desejando de repente nunca havê-lo deixado ir de seu lado em primeiro lugar. Pelo que o Gideon lhe havia dito, se tinham passado juntos o dias da caverna do Jinaeri, tinham um forte laço mental, ao ponto no qual veria através dos olhos dele perfeitamente.

No momento no qual pensou no Gideon, sua imagem apareceu na mente, mas estava lavada por prateado e vermelho.

Sangue vermelho.

Siena voou da cama, transformando-se em uma Mulher Gato na marcha enquanto voava fora das habitações. Os guardas estavam assustados de vê-la sair em uma forma tão selvagem e na forma animal para começar.

—Quero a Anya neste momento! Digam-lhe que me encontre na casa do embaixador Demônio com tropas imediatamente!

—Mas majestade...

—Não me questionem! Façam-no imediatamente!

—Majestade é de dia — respondeu o guarda, embora claramente resistente a contradizê-la outra vez.

Não o culpava. Não tinha parecido ter dado um movimento ou decisão muito racional em quase uma semana. Mas isso... Isso era algo que nem sequer podia brigar.

Teve uma súbita quebra de onda de terror, lágrimas de frustração queimavam detrás dos olhos. A mão foi ao coração como se ameaçasse sair do peito. Elijah a necessitava. Também Gideon necessitava ajuda. Estava segura disso. Ambos estavam mais perto do coração do que estava disposta a admitir e, agora quando a necessitavam, estava completamente indefesa para lhes ajudar.

O sol.

Uma estrela, três vezes maldita, centenas de quilômetros longe, e ainda isso lhe impedia de ir ao lado do Elijah.

—Sua Majestade recorda que é Samhaim — lhe interrompeu gentilmente.

— O embaixador e sua companheira assistirão às funções de sua própria corte para as férias e disseram que não voltariam até esta noite.

Ainda pior! Isso queria dizer que estavam na Inglaterra. Milhares de quilômetros longe da província Russa em que moravam os Licântropos. Tão rápida como era, nunca poderia ser assim de veloz. Estaria forçada a usar as comodidades humanas modernas que demorariam horas apesar da grande velocidade.

Siena de repente desejou que a corte estivesse cheia dos Demônios. Algum deles, especialmente os da Mente, quem podia teletransportar-se, poderiam levá-la aonde o necessitasse em um segundo.

Pela primeira vez na vida, Siena sentiu verdadeiramente as limitações da espécie e as habilidades pessoais. OH, havia-se sentido indefesa durante o regime de seu pai, mas ao menos então, as tinha arrumado para manter um Reinado justo enquanto tratava de conquistar inimigos invencíveis. Isso era algo totalmente diferente.

Mas Siena recusou render-se.

—Encontra um corredor mestiço e envia-o a Anya. Diga-lhe que reúna só tropas mestiças. Ao menos não se vêem afetados pela luz do sol. E por uma vez daria todas as formas por poder dizer o mesmo. O tempo está essencial, assim irá imediatamente! Mova-te!

Essa vez não houve disputa. A mulher Minotauro correu, deixando atrás a sua perplexa contraparte masculina. Tratava de jogar uma olhada no dormitório atrás dele tão discretamente como podia.

—O que é o que está mal minha senhora?

—Meu companheiro está em perigo. Um perigo terrível — explicou, as mãos se deslizavam ansiosamente pelo peludo estômago, claramente sem lhe importar o que o guarda pensasse sobre o fato de que o companheiro deveria ter estado na cama com ela durante o dia de suas bodas.

— E está tão longe. Preciso ajudá-lo, Synnoro. Não posso perdê-lo assim! Não porque não possa alcançá-lo pelo maldito sol! —A rainha deu um par de curtos passados.

— Deusa, por favor — rezou brandamente, fechando os olhos enquanto tratava de pensar—, por favor me ajude!

—Minha senhora o que tem que o Myriad?

Siena se deteve de repente, os olhos alargando-se.

Myriad. A mestiça da corte de Noah, quem atuava no rol de embaixatriz para o Rei Demônio. Não havia tecnologias na casa de um Demônio, mas, não estando disposta a deixar tais luxos humanos porque a química dos demônios os fizessem funcionar mal, algumas vezes perigosamente, Myriad tinha escolhido viver em uma vila um par de quilômetros longe do castelo de Noah e das influências daninhas dos Demônios que constantemente iam e vinham ali.

—Tem um telefone — murmurou Siena, a esperança repentinamente flamejava no peito.

— Synnoro! Tem um telefone!

Siena esqueceu a etiqueta e as filas e saltou lançando as armas do peludo guarda ao redor, lhe dando um ruidoso beijo na bochecha antes de golpear o chão à carreira. O castelo tinha sido despojado da tecnologia quando Gideon e Legna tinham chegado tudo desde iluminação até comunicações tinham sido restaurados no castelo ao estado original durante os cinco anos de cativeiro do Gideon entre eles. Mas Anya tinha um telefone na residência, Siena nunca pensou que estaria tão agradecida por uma simples comodidade.

Tudo o que precisava era alcançá-lo o mais rápido possível.

Noah despertou desorientado com uma sacudida, a repentina rajada de energia próxima e estranha se filtrou nos sentidos. Abriu os olhos para ver a Licántropo mestiça parada perto dele, alcançando-o como se fora a tocá-lo. Instintivamente, a mão se estendeu e agarrou o pulso mais próxima, puxando à mulher de pelagem negra de joelhos ao lado da cama.

—Melhor que tenha uma boa explicação para estar em minha habitação sem ter sido convidada, embaixador — a ameaçou, sentando-se enquanto dobrava a mão cativa adiante.

A habitação estava atenuada por sombras desenhadas e cortinas, e os olhos eram amarelos no escuro, mais claro que no gás ou em uma luz de tocha. Era misteriosa a vista dela contemplando-o sem pestanejar. Havia-lhe dito que, de ter sido pura, teria sido alguma classe de cão selvagem ou lobo. Mostrava-o claramente os olhos nesse momento.

—Seu Capitão Guerreiro e seu doutor estão em problemas. Minha rainha pensou que possivelmente queria sabê-lo.

Noah esteve sobre os pés em um instante, liberando a Myriad enquanto alcançava a roupa.

—Te explique! —demandou, sem incomodar-se em perder tempo com desculpas.

—Diz que Elijah está onde quer que esteja Gideon, e que ambos estão em um terrível perigo.

—Pensei que Elijah estava com Siena ontem à noite, Gideon disse...

—Aparentemente deixou a cama enquanto estava dormindo. Não penso que seja sábio questionar esse fato a minha Rainha.

Noah olhou à enigmática morena, levantando uma esquina da boca enquanto colocava a camisa nos jeans.

—Uma sábia decisão.

—Sem dúvida — estive de acordo com o fácil humor que a tinha ajudado a ganhar a muitos Demônios cabeças duras, esses meses passados. Siena tinha provado ser muito mais que sábia enviando a essa robusta mulher mestiça a ele de sua parte. Tinha o temperamento perfeito para fazer amigos e, claramente, nunca mantinha rancor além de um momento.

—Pode me acompanhar?

—O sol não me afeta. Estou a seu serviço.

—Bem. Temos que achar a alguém que possa avisar a Jacob e aos outros. Tenho um terrível pressentimento de que vamos necessitar ajuda.

—E Siena. Pedirá nossas cabeças se não a levarmos também — insistiu Myriad.

—De acordo!

CAPÍTULO 14

Se havia uma natureza das coisas que Noah conhecia com perfeita claridade e instinto, era a fumaça e o fogo.

Enquanto se aproximavam do lar da família, podia cheirar e sentir os dois.

O terror alagou a Noah enquanto subia a cúpula da montanha, arrastando a si mesmo e ao híbrido fora da fumaça e tomando forma sólida. Quão único podia ver da casa era a fumaça e as chamas que saíam a montões, rugindo pelos ocos dos cristais quebrados. Tudo o que não era feito de pedra ardia fácil e grosseiramente por causa de sua idade e a riqueza do combustível.

—Legna!

Noah liberou o poder e se fez com as chamas que queimavam a estrutura. O contragolpe quente que lhe seguiu, enquanto sugava violentamente a energia do fogo em si mesmo, fez voar literalmente a Myriad. Aterrissou a uns dez pés na grama carbonizada,

sacudindo a cabeça enquanto tratava de restabelecer seu vapuleado cérebro. Outra vez, livrou com integridade, sem se incomodar em tirar o pó enquanto subia atrás do Rei Demônio.

Enquanto corriam, os Demônios começaram a aparecer ao redor deles. Por muitas vezes que o visse, Myriad jurou que nunca se acostumaria à brutalidade da tele transporte dos Demônios. Claramente os Demônios Mentais com os que Noah tinha contatado trabalhavam horas extras para lhes trazer reforços. A eles. Os Executores brilhavam tomando forma, guerreiros variados que despertavam rapidamente.

Noah teve que se chocar contra a carbonizada porta principal, patinando pelo chão logo que equilibrado, quando a atravessou disparado. Caiu em um momento estranho de dificuldade, a fuligem e os escombros fundidos se deslizavam sob os pés. A queda lhe levou cara a cara com um corpo e de repente se encontrou olhando aos chapeados olhos abertos e vazios do cunhado.

—Gideon...

A surpresa estava escrita por toda parte, na voz e no rosto. Ficou de joelhos e se inclinou sobre o marido da irmã, sentindo o pulso. Noah nunca tinha conhecido tal temor como nesse horrível momento. Nem sequer quando tinha visto o corpo violado de sua mãe morta se permitiu sentir tal debilidade, tal emoção paralizadora, debilitadora. Forçou-se a ser forte então, em consideração a Legna, porque ela tinha sido um bebê quando viu sua mãe nesse estado. Mas isso sentia e sentia profundamente. Justo como Legna o faria...

—Legna!

A cabeça de Noah se moveu violentamente ao redor enquanto se estendia, gritando mentalmente por ela, lhe pedindo que respondesse e procurando com todo o poder a assinatura de energia.

—Legna!

Jacob e Isabella entraram correndo na casa semidestruída. Isabella gritou de desespero quando viu a forma sem vida de Gideon. Mas foi apartada rudemente quando Siena entrou na casa e se moveu para ver o que tinha horrorizado tanto a todos para pararem-se imóveis.

—Gideon! —ofegou a Rainha, deixando cair rapidamente ao lado de seu velho amigo.

Não podia estar morto. Era muito velho, muito poderoso! Se estiver morto, isso significava que Elijah...

Siena apartou o pensamento violentamente, estirando-se para a garganta de Gideon enquanto Noah ficava em pé e subia a escada correndo três a quatro degraus de uma vez.

—Está...? —Se atreveu Bela a começar a perguntar.

—Necessitamos a um médico aqui dentro! —chiou Siena, a voz ressonou na casa desolada.

— Onde está Elijah?

—Elijah? —demandou Jacob.

— Elijah está aqui?

—Sim, está aqui em algum lugar. Senti-o quando despertei antes. É o que nos dirigiu aqui. Sei que está aqui. Onde está? — perguntou Siena urgentemente, ficando em pé e olhando por toda parte em busca de sinais de seu novo marido. Respirava com bastante dificuldade para hiperventilar, tossindo entre a fumaça residual que se filtrava pelo quarto. Procurou nos pensamentos e na alma por qualquer sinal do Elijah, a poderosa presença de repente vazia na consciência, nublada pelo pânico.

Jacob e Isabella tomaram a posição que ela abandonou sobre o Gideon e Isabella ofegou quando se deu conta que acabava de ajoelhar em uma piscina de Antigo sangue. Mais perto agora, sob a roupa e a fuligem carbonizadas da fumaça, viu que estava ferido severamente, queimado e também mordido, a carne rasgada como se tivesse sido atacado brutalmente por uma manada de animais selvagens.

—Foram animais. Cães, lobos, e serpentes. Serpentes venenosas! —vaiou Jacob.

Jacob, o rastreador final, girou sobre a mão débil de Gideon, tirando várias mechas loiras de cabelo comprido de entre os dedos.

Um Ancião Demônio Corpóreo, médico no corpo de guerreiros, apressou-se à casa, seguido de perto por uma meia dúzia de guerreiros, que começaram a procurar pela casa. O médico se uniu a Bela e Jacob, posando as mãos no Antigo Demônio.

—Está morto — murmurou. — Mas só muito recentemente. Retrocedam.

Os Executores obedeceram, deixando ao médico fazer o que pudesse em paz, o sentido do dever disparando-se pelas mentes unidas.

—Ruth — disse Jacob desnecessariamente, esfregando os finos cabelos loiros entre os dedos apertados.

O nome atraiu a plena atenção de Siena.

—Ruth? —Não havia nada exceto raiva e dor nos olhos da Rainha enquanto repetia o maldito nome.

— Essa puta fez isto?

Furiosa, a rainha dos Licántropos fez um som baixo e perigoso. Tudo o que podia recordar era como de repente tinha encontrado primeiro a Elijah, sangrando, em agonia, e perto do fim da mortalidade por causa do último encontro com a fêmea Demônio que tinha traído os de sua classe. Conduzida a uma próxima loucura emocional, logo que reconheceu o rastro débil de aroma que ia à deriva até os sentidos.

Então de repente levantou a cabeça, as orelhas e os cabelos do bigode lhe retorceram. Estava bastante à vista, poucos dos Demônios presentes tinham visto antes a forma Were, encontrando a forma de gata com a lustrosa pele tão poderosa e intimidante como

sinceramente era, o temor selvagem e os sinais biológicos da raça aparentes, inclusive aqueles que não sentiam naturalmente tais coisas. Jacob sabia como sabia com qualquer criatura selvagem da natureza, que tinha captado o aroma do que tinha estado procurando.

—Elijah — sussurrou Jacob.

Siena grunhiu meio grito de puma que fez retroceder os guerreiros. Os Licántropos eram uma casta dura com a que não se devia interferir, nem sequer em tempos de paz, e sabiam lhe dar muito espaço. Mas os Executores a seguiram quando saiu correndo pela porta com notável velocidade.

—vai se matar, - ladrou Jacob, inconsciente mulher, apressando-se atrás dela

—Como...?

—O sol — explicou Jacob a sua companheira menos experimentada.

— Faz que sua classe adoeça. Envenena-os. É forte, mas não tão forte. Não há nenhuma nuvem no céu ou uma árvore para lhe dar sombra.

Mas Bela sabia o que propulsava a Rainha. Ajoelhou-se uma vez no sangue do Jacob, como tinha feito no do Gideon fazia um momento, aterrorizada que estivesse a ponto de morrer. Nesse momento, nada a podia ter detido a fazer tudo o que tivesse podido pensar para desafiar ao destino e lhe salvar a vida. Tinha sido Gideon quem lhe tinha salvado então, mas nesse momento era Gideon quem precisava ser salvado pelas milagrosas habilidades de Jacob. Mas quem podia trabalhar esse milagre? Só tinha visto o Gideon realizar tais proezas.

O médico, nesse caso, não podia curar-se a si mesmo.

Jacob e Bela correram atrás da Rainha, mas estava possuída pela velocidade do gato que era. Só Jacob podia emparelhá-la, mas se negava a deixar Bela atrás, nessa situação perigosa.

Siena rompeu sobre a grama à carreira, mas essa velocidade deixou atrás visivelmente aos perseguidores quando começou o galope. Dirigia-se a uma longínqua linha de árvores quando o andar se cortou, começaram a ser difíceis, a arrastar-se como se corresse por muito água em vez de ar.

—Tenho que alcançá-la. Nunca o obterá à luz do sol — gritou Jacob a sua esposa.

—Apanha-a! Estou bem — insistiu, empurrando-o pelo ombro para insisti-lo à velocidade que era capaz.

Siena estava cega pelas lágrimas, inconsciente às náuseas e à debilidade que se arrastavam pelo corpo que lutava como se milhares de garras a rompessem em pedaços, fazendo-a lenta e congelando-a em uma posição tão perto do objetivo que precisava alcançar tão desesperadamente. A rainha caiu sobre seus próprios pés, chocando torpemente contra o chão com uma sacudida dolorosa. O golpe contra o chão parecia fazê-la arder, os frenéticos soluços, apanhados no interior até o frustrante momento do impacto, cegando-a enquanto tentava ficar em pé cambaleando-se.

Um grito ultrajado de terror selvagem ressonou no ar da manhã enquanto lutava por ficar em pé, forçando-se com mãos e pés e com qualquer outra parte dela mesma que a ajudasse a propulsá-la para o objetivo.

Siena alcançou a linha de árvores apenas, enquanto a forma do Elijah se solidificava de repente ante ela, tratando de deter o frenético choque de seu corpo propulsado. Estava ultrapassado pelas emoções de sua companheira que o tinham atraído ali, os sentimentos de pena o tinham atraído como a guia de uma baliza. Estava tão histérica pelo pânico paralisante que não tinha ouvido nenhuma só coisa, nem sentido uma só emoção que tinha tratado de lhe comunicar para acalmá-la.

Chocaram um com o outro quando finalmente o alcançou, abriu os braços, levantou-a sustentando-a enquanto ela se atirava com estupidez contra seu corpo. Apertou-se contra ele uma e outra vez, forçando-o a sustentá-la fortemente para evitar danificá-los a ambos no desespero. Estava tão fora de si enquanto se agarrava a seu corpo que os pés se levantaram do chão, seus braços quase o estrangularam. Sustentou-o como se o mundo terminasse e precisasse encontrar o dia do julgamento final com ele, dentro de seu corpo, ou dentro de sua alma, o que fosse que pudesse alcançar com todo seu esforço.

Suas garras se retrataram por segurança quando se estirou para seu rosto, embalando-a com desespero enquanto as lágrimas caíam por seu rosto coberta de cabelo e gotejavam sobre ele, os lábios suaves tremiam com soluços enquanto lhe beijava. Nem sequer podia respirar de tão transtornada que estava às pontas de seus dedos inspecionavam freneticamente o corpo queimado e ferido. Eram marcas de batalha somente, não mortais, dado que essa vez a surpresa ao correr para a manada de usuários de magia no Gideon tinha sido aumentada pelo fato de que a área aberta lhe tinha dado aviso visual. De fato, tinha sido o único em surpreendê-los. Tinha lutado contra eles, perseguindo-os nos bosques, agarrando os de um em um com granizo, relâmpagos e com ventos impetuosos que sopraram além de qualquer defesa que trataram de lhe atirar.

Só terminou quando sentiu a chegada de Siena e extremamente assustada e de causar pena. Não se tinha dado conta que tinha despertado até que se aproximou. Tinha pensado erroneamente que entre os esforços e o estado adormecido, ficaria felizmente ignorante do perigo que estava enfrentando.

—Consegue a um médico — soluçou ela, ofegando as palavras enquanto o terror e dor continuavam afligindo-a em corpo e alma.

— Consegue um médico. Por favor. Deusa, por favor! Não fique aqui! —chiou a Jacob que por fim lhes tinha alcançado.

— Consiga um médico!

Siena caiu, sem ver que Bela também lhes tinha alcançado, dobrando-se duramente com uma pontada no flanco. A rainha estava perdida nas emoções que a golpeava, o corpo voltou para a forma humana enquanto perdia toda força e enterrava o rosto e os dedos na camisa torrada de Elijah e em seu queimado peito.

—Siena! —Elijah agarrou os braços e a sacudiu.

— Se acalme gatinha. Não estou ferido!

Mas quando tentou que recuperasse os sentidos, sentiu que o corpo se cambaleava sem forças no agarre. A cabeça caiu fracamente enquanto a força parecia abandoná-la com a brutalidade de uma ferida mortal. Ouviu o ofego de Bela e com a extremidade do olho, foi consciente que cobria, com a mão, a boca aberta com horror. A Executora estava perto das lágrimas enquanto, ela como a Rainha, desabava-se tão rápida e duramente. Elijah teve que mover-se com os reflexos do vento, trocando o agarre para sustentá-la, evitando que caísse como uma pedra. As mãos que tratavam de agarrar a camisa do Elijah estavam frouxas, os olhos dourados fechados pela metade enquanto retrocediam na cabeça.

—Siena! —Elijah se inclinou para levantá-la nos braços, mas era como um lastro agora, o corpo de repente rígido por um ataque que fazia impossível fazer algo exceto segui-la para baixo, ao chão.

A pior parte daquilo foi quando a mente ficou completamente em branco de sua presença. Elijah nunca tinha conhecido tal temor como o que sentiu quando pareceu desocupar sua alma tão repentinamente. Nem sequer quando tinha encarado sua própria morte, fazia uma semana, tinha conhecido essa classe de terror. O silêncio repentino depois que tanta dor e pânico lhe rasgaram, lhe deixando com feridas abertas no espírito, ultrapassou a dor dessas no corpo em proporções maciças.

Então se forçou a olhar o corpo rígido de Siena e a liberar onda detrás onda de contorções musculares rígidas, a pele se desbotava do ouro à cinza com manchas vermelhas, os dentes apertados rasgaram a língua assim que a boca se encheu de sangue que pulverizou sobre o rosto e no cabelo frouxo.

—Não! Siena, não faça isto! —gritou Elijah enquanto se agachava sobre ela, lhe sustentando a cabeça que se convulsionava entre as mãos em um esforço por evitar que ferisse si mesma com as rochas e restos do bosque dispersos debaixo dela.

—Temos que tirá-la do sol, Elijah. Está-se matando — ordenou Jacob, posou uma forte mão no ombro do guerreiro para tentá-lo e atrair a atenção.

—Espera — disse Bela, insistindo brandamente a seu marido a um lado enquanto se aproximava de Siena.

— Posso absorver o poder. Se funcionar como fez na Legna quando foi Convocada, a debilidade do sol desaparecerá como o fez a vulnerabilidade da Legna ao pentagrama. Podê-

la-ia manter tão a salvo como esteve Legna. Dar-te-á o tempo que necessita para levá-la a segurança sem permitir que o envenenamento avance mais pela exposição continuada.

—Bela, não! —adverteu Jacob, tratando de agarrá-la para pará-la. Mas sua companheira lhe apartou a mão, girando os deslumbrantes olhos violetas para ele.

— Maldita seja, Bela, não tem nem idéia do que fará a você mesma se fizer isso! Deixa de lutar contra mim cada vez que intento te proteger!

—Preferiria que a deixasse morrer? —perguntou.

— Devo permitir que alguém a quem queiramos como um irmão, quem me tratou como família desde dia em que cheguei entre vocês, apesar das condenações dos outros, seja privado de sua alma gêmea? Devo me proteger e permitir que toda a gente seja privada da Rainha?

—Não ao custo de minha alma gêmea, Bela! —Respirava com dificuldade, bordeando para um volátil alarme, uma condição a que não era propenso a menos que a segurança dela estivesse em jogo.

— Não sabe o que ocorrerá se fizer isso. Poderia acabar de matá-la — discutiu Jacob, as mãos apertadas aos flancos enquanto se forçava a não estirar-se a por ela outra vez,— ou a você.

—A possibilidade da morte é um risco que todos nós tomamos no minuto em que despertamos pela tarde. Minha segurança está em risco cada vez que te acompanho para destruir ao Transformado ou a rastrear aos que necessitam execução. Não disse nada então, assim não o faça agora. —Bela concentrou a atenção na fêmea Licántropo, sentindo o olhar frenético de Elijah nela.

— Retrocedam. Não sei como estreitar minhas capacidades ainda. Não preciso lhes atrair a isto.

—Toda razão de mais pela que não deveria fazer isto — disse bruscamente Jacob, perdendo toda consciência de nada exceto da segurança que se cravava nele sem descanso.

—Bem, então permanece onde estas. Vou fazer isto com ou sem sua cooperação, Jacob — disse corajosamente, com determinação na voz e no conjunto da teimosa mandíbula, acabando com a discussão.

— Sim isto só é mais largo.

Elijah decidiu de repente por todos. Ficou em pé e alcançou fisicamente a Jacob para jogá-lo para trás, longe de ambas as mulheres. O Executor apartou a mão do guerreiro, os olhos escuros flamejavam com indignação porque o Capitão tentaria a mão dura para proteger a sua companheira.

—Te mova atrás ou te moverei Jacob — vaiou o guerreiro, compreendendo que a sugestão de Bela era a mais rápida, a ação mais plausível para parar a agonia de Siena. Se

tivesse tentado levá-la ao refúgio, provavelmente teria morrido pela exposição contínua à luz do sol antes de alcançar o objetivo. Já estava sentindo o obstáculo da letargia que afetava aos de sua classe ao sol, apesar da própria força para resistir essas condições.

Jacob podia haver sustentado a posição, mas tinha sido um convite claro a uma briga. Vencido por votação retirou-se e deu a Bela o espaço que tinha solicitado. A única outra solução teria sido para cada homem afirmar a necessidade de proteger a sua companheira por cima da violência do outro. Apesar das emoções voláteis implicadas, não valia a pena o preço que pagariam por isso.

Sentindo seu marido olhando-a mentalmente assim como com visível ansiedade, a Druida respirou fundo e fechou os olhos. Estirou-se para a pele nua de Siena com dedos tentativos, mais para focar-se que por qualquer outra razão, e procurou dentro dela para liberar o poder que tinha jazido aprisionado profundamente em seu corpo durante tanto tempo. Bela não tinha soltado esse poder do controle repressivo desde que tinha sido atacada fazia seis meses pela Ruth e sua irmandade.

Assim quando estalou à vida, fê-lo com um redemoinho visível que empurrou tudo como um vento artificial, fazendo que as árvores se dobrassem com fortes rangidos de ramos, as folhas e as ervas sopravam e se dispersavam em uma maré circular a partir da Druida. Jacob sentia que o coração lhe saltava pela garganta. Nunca a tinha visto emanar assim antes. Geralmente a Bela era de uma capacidade invisível e imperceptível que sangrava insidiosamente aos Nightwalkers dos dons inatos. Aterrorizava-o ver voar tudo ao redor dela com violência repentina.

Um minuto mais tarde, a onda golpeou a ambos os homens, ainda na distância de vários metros. Propulsou-os no ar, golpeando-os contra o chão de repente, ao mesmo tempo em que toda a capacidade dos corpos elementares era sugada fora deles em um batimento do coração.

Ao mesmo tempo, Bela roubou a Siena toda a natureza inata desde a de cambiante a da sensibilidade ao sol que trazia consigo. Infelizmente, Jacob também recordou pouco depois que Bela não só apagava as capacidades inatas dos Nightwalkers, mas também tomava todas as características.

Bela caiu sobre o traseiro quando todo o poder que acabava de convidar nela mesma a golpeou duramente. De repente o vento se levantou e começou a açoitá-los a todos. Então a grama começou a crescer de forma frenética, chegando a ser, em um batimento do coração, uma massa enredada de folhas. Muito, excessivamente, grandemente poderosas capacidades que tinha roubado deles, também estavam fora de controle. E quando Siena caiu por último em uma perda relaxada do conhecimento, o cabelo de Bela começou a pulverizar-se, formando uma pele negra e sedosa por toda parte do corpo.

—Maldita seja! —ladrou Jacob, cambaleando sob a pressão de uma notável debilidade, o poder do qual nunca sentiu antes. Deu inclinações bruscas sobre a mulher justo quando a forma começava a mudar dolorosamente, o corpo meio—humano nunca pensou em alterar-se de tais maneiras. Um minuto o olhava com olhos abertos de surpresa, ao seguinte era um jaguar de olhos violetas, lutando por rebolar fora dos limites dos jeans, camiseta e roupa interior.

—Bela! Se acalme! —disse Jacob enquanto se estirava para a mente ao nível de uma companheira vinculada e uma criatura da Terra que podia encantar a qualquer animal no qual pusesse a mente. Trabalhou para liberar rapidamente o gato imenso da roupa em que estava apanhado, olhando com verdadeiro sobressalto como esses olhos tão surpreendentemente familiares para ele de repente não pareciam conhecê-lo.

Sabia que podia absorver e utilizar os poderes Demônios, mas nunca pensou que o mesmo se aplicaria aos poderes do Licântropo. Pensava, até fazia um momento, que a capacidade de trocar de forma tinha sido tão natural como um batimento do coração para Siena, algo que Bela não podia pedir emprestado nem podia roubar nem podia utilizar para ela mesma de maneira nenhuma.

Mas estava claramente equivocado. E inclusive, embora essa fosse à área perita do Gideon, inclusive o médico nunca tinha visto nada como as capacidades de Bela antes que chegasse fazia um ano. Isso era novo para todos e nenhum deveria subestimar esses poderes híbridos. Assim livrou cuidado enquanto tentava acalmá-la. Mas se deu conta rapidamente que o poder de encantar tinha sido roubado junto com todo o resto e que tudo o que tinha era a conexão de alma gêmea com sua alma gêmea.

Elijah moveu o agora totalmente frouxo corpo de Siena, levantando-a apressadamente do chão e fora do alcance do imprevisível perigo da situação. Bela tinha obtido o objetivo, entretanto, e Elijah sabia em algum nível interior do espírito. Siena estava horivelmente doente, mas o pequeno ato valente da Druidisa tinha parado efetivamente a vulnerabilidade antes de mais dano.

O Capitão Guerreiro encontrou os olhos de Jacob brevemente, cheio de desculpas, e então girou e voltou rapidamente para o lar do Gideon com a débil carga, deixando Jacob para que dirigisse à alterada companheira. Sem os poderes, não havia nada que Elijah pudesse fazer em todo caso. Era melhor deixá-los sozinhos. Poderes ou não, Jacob sabia mais a respeito de tratar com animais que nenhum entre eles.

Noah era possivelmente o único que podia ter encontrado Legna no presente estado, e a única razão que o fizesse era a causa do calor residual do corpo. Mas já estava quase fria ao toque quando a levantou do chão. Soube imediatamente que isso era ação de Gideon. Podia pressentir os vestígios da energia residual do Antigo nela. E também compreendeu que o tinha

feito para protegê-la, para evitar que arriscasse o pescoço em uma situação que tinha sido claramente desesperadora e perigosa até o grau que o resultado tinha sido que quase matam um Antigo.

Noah também sabia que sua irmã morria. Sentia que o que ficava da força de vida se desvanecia enquanto se apressava fora da sala e para baixo pela escada para encontrar os médicos. Infelizmente, havia só um presente e tinha as mãos cheias com Gideon.

Noah ordenou a um Demônio Mental que trouxesse mais ajuda, logo colocou à irmã no chão, fora da casa carbonizada. Tratou de concentrar-se, apartando o temor que lhe arranhava a alma. Cobriu-lhe o coração e o peito com as mãos, procurando a desvanecida fonte de vida e energia. Começou a alimentar o fornecimento esgotado, lentamente, cuidadoso com a faísca de vida que também se desvanecia do filho. Possivelmente era porque era de seu próprio sangue, ou somente pela força da teimosia, mas começou a esquentar-se, a ruborizar-se com energia, com sinais de vida verdadeiros. O alívio momentâneo foi profundo. Pelo menos podia manter o estado. Embora não podia inverter o efeito, foi suficiente até que pudesse encontrar a outros o suficientemente hábeis para fazê-lo.

Elijah gritou por ajuda, atraindo a atenção de vários guerreiros que se apressaram a seu lado, ansiosos por ser de qualquer ajuda.

—Necessito um médico!

Elijah se empurrou à casa e pela primeira vez viu a destruição que tinha sido infligida sobre ela e sobre os habitantes. Tinha açoitado aos agressores que tinham fugido da cena, sem ter em conta que Gideon não podia dirigir o resto por si mesmo. Ver um médico inclinado sobre o Antigo deixou sem respiração ao Capitão.

O médico mais jovem elevou o olhar ao superior, então se levantou e esfregou as mãos nervosamente enquanto se aproximava do Demônio de Vento.

—Senhor, não há nada que possamos fazer por ela — informou cuidadosamente.

— Nem Gideon sabe como curar a um Licántropo.

—Não me diga isso — ordenou, colocando brandamente à companheira em um rincão escuro antes girar para confrontar ao outro homem duramente.

— Tem as habilidades básicas, algo que pode cruzar espécies, e fará o que possa.

—Elijah...

O nome, dito em voz rouca com um som áspero e um barboteo, o fez dar a volta rapidamente. Deixou-se cair sobre os joelhos, lhe agarrando a mão automaticamente enquanto tentava que a garganta funcionasse para ajudá-la a falar.

—O que posso fazer Siena? —perguntou douradas sobrelanceiras se curvavam com preocupação e pena.

—Não me deixe morrer.

—Não. Não o fará. Ajudar-lhe-emos. —O tom era zangado e frenético, ultrajado ante a sugestão da idéia.

—Não...

—Shh... - tranqüilizou Elijah.

—... deixe que mora... até que tenha matado a essa puta Demônio.

—Você e eu — prometeu com ferocidade enquanto Siena perdia o conhecimento uma vez mais.

— Você e eu, querida gatinha.

Uma vez que Elijah e Siena deixaram a área imediata, Bela foi privada da fonte contínua de poder, a capacidade de absorvê-los sem dúvida tinha sido abandonada enquanto era governada por pouco mais que instintos animais. Permitiam-lhe apagar a prática e a concentração, e como gata selvagem, não era provável que tivesse essa concentração.

Assim passaram vários minutos mais até que seu marido sentiu que os sentidos voltavam para ela, e vários mais antes que o corpo começasse a voltar para a forma natural. O sedoso cabelo negro caiu da pele enquanto o poder que tinha absorvido de Siena se derramava. O ato lhe havia flanco, Jacob podia sentir como voltava para a forma natural e se deixava cair em uma grossa almofada de crescida grama, ofegando. Mas tinha conseguido a Elijah o tempo necessário para tirar Siena do sol e Jacob sabia que isso era tudo o que importaria imediatamente a Bela.

Assim quando abriu os olhos e o viu inclinando-se sobre ela com clara preocupação e ira reprimida, soube que tinha tido êxito, apesar de não recordá-lo.

—Funcionou — suspirou ela.

—Sim, poderia dizer isso, se realmente o estira — disse Jacob, o tom era cortante porque tinha sido incapaz de lhe ajudar. O coração ainda pulsava violentamente pelo susto de vê-la tão brutalmente alterada e afetada.

Jacob se estirou para lhe aproximar à roupa, levantando-a a uma posição sentada para poder deslizar a camiseta sobre o corpo. A cabeça descansou no ombro enquanto o fazia.

—Tem uma filha, Bela — disse a voz rouca com emoção reprimida.

— Não pode fazer estas coisas descuidadas, te arriscando assim sem tomá-la em consideração. Necessita-te, inclusive mais que eu, e sabe quanto é isso. —Exalou, estremecendo enquanto o fazia, os escuros olhos fechando-se com a tensa dor.

— Deveria te torcer o pescoço.

—E teria querido que Siena fizesse menos se pudesse salvar minha vida?

A pergunta picou, acalmando a ira com a verdade brutal. Os movimentos frenéticos para vesti-la se detiveram e o ardor depois dos olhos, girou o rosto para a seda negra do grosso

cabelo, inalando o perfume profundamente, com gratidão, enquanto lhe cobria a nuca com uma morna e possessiva mão.

Não respondeu verbalmente, mas o idioma dos gestos e pensamentos era toda a resposta que necessitou. Envolveu os braços ao redor da cintura e o abraçou apertadamente.

—Agora — sussurrou—, temos alguns rastreamentos que fazer carinho. Não podemos permitir que essas pessoas continuem fugindo.

—Faremo-lo. Logo. Neste momento, precisamos voltar para a casa para poder ajudar ao Noah e Elijah, assim você poderá recuperar alguma força.

Não discutiu. Sabia que podiam recolher o rastro mais tarde, e também sabia que tinha razão a respeito de quão cansada estava. A desvantagem de tal rajada de poder era o pacote que seguia imediatamente depois.

Mas como tinha notado fazia poucos dias, sentia como se uma parte da Rainha Licântropo estivesse agora selada na mente. Apartou a compreensão, entretanto, não desejava transtornar Jacob mais do que ela já estava.

Vamos, no castelo que o Rei Demônio chamava casa, Noah se inclinava contra o marco da janela do dormitório da Legna, que tinha ocupado durante os trezentos anos da infância até o dia em se casou com o Gideon fazia seis meses. O Rei olhava fixamente sem ver os jardins que se alargavam justo abaixo ele, as lembranças desses anos, da influência elegante, atravessavam-lhe como uma ressaca, arrastando o coração com a dolorosa repetição.

Sua irmã estava rodeada de médicos, mas podia dizer pelas vozes sussurrantes, que ainda estavam tão confusos sobre a condição, como o tinham estado fazia uma hora. Se não fosse pela habilidade para mantê-la em êxtase, Legna estaria morta. Que infernos havia possuído a Gideon para escolher tal método perigoso de mascarar-la? Havia certamente outras maneiras, maneiras que não a teriam deixado em tal perigo!

Noah fechou os olhos e exalou.

Sabia que era injusto. No momento em que Gideon ficasse inconsciente ou morresse, qualquer outro feitiço de mascaramento tivesse morrido com ele e a teria deixado igualmente vulnerável. De fato, teria estado diretamente morta se não fosse pelo fato de que tinha forçado os inimigos a recorrer a aleatoriedade de um fogo, esperando que finalmente chegasse em qualquer lugar que estivesse escondida tão efetivamente.

Noah se separou da janela e apartou a um dos médicos com um quase áspero empurrão de uma mão sobre o ombro do homem. Olhou brevemente à parteira em frente dele que vigiava o bebê de Legna de perto, e ela se retirou instantaneamente. Tudo no que posasse o alarmantemente olhar autoritário de um Rei, geralmente tranquilo, os fazia responder rapidamente. Todos sabiam que não havia nada mais precioso para Noah que sua irmã mais jovem.

Noah se inclinou sobre a Legna, envolvendo uma mão elegante ao redor do pescoço sem pulso enquanto pressionava os lábios na fronte e começava a lhe cochichar.

—Perdoei-te por me deixar faz seis meses — murmurou, alcançando-a com a mente e o coração, utilizando toda a concentração e força da vida longa e a familiaridade mental com ela que tinha obtido sob a tutela paciente durante séculos.

— Não te permitirei fazê-lo outra vez. Não desta maneira. Vamos, irmãzinha, desperta para mim. Tem o poder dentro de você. Tem a um menino dentro de você. Não posso acreditar que isso não signifique nada para sua segurança.

Os olhos de Noah se fecharam enquanto baixava a fronte para descansar ao lado da cabeça no travesseiro, lhe falando brandamente na orelha.

—Quando Mamãe morreu, jurei que viveria para ser uma Antiga, menina, e não tolerarei romper essa promessa. Retorna para mim. Eu...

Teve que parar quando a emoção lhe afligiu a voz. Tentou respirar, mas não importava quão profundamente inalasse, não era suficiente. Morria de fome por oxigênio nesse momento, e como qualquer chama, sentia-se extinguir.

—Preciso-te — disse por fim, a voz rouca e rasgada.

— Se Gideon sobreviver, necessitar-te-á. O bebê... todos nós. Agora é o Demônio Mental feminino maior entre nós. Quem a não ser você ensinará aos jovens? —Tentou outra vez inalar um fôlego profundo e doloroso.

— Quem mais — disse, mais suave que alguma vez—, continuará me ensinando o que perco por não conhecer o amor que compartilha com Gideon? O dia que viva sem você para me ensinar como sempre o faz, será o dia em que esquecerei viver.

Não nos deixe, rogou com todos os recursos da mente, vertendo a emoção nela. Gideon morrerá sem você. Nunca poderá suportar sabendo que ao tratar de te salvar foi o instrumento de sua morte. Não o deixe com esse legado.

Noah não tinha feitos nos que apoiar as tentativas para alcançá-la, como não tinha provas de que tinham êxito em ajudar Legna de algum jeito. Mas continuou, incansavelmente, alimentando-a com energia, emoção e cada razão convincente que podia pensar para atraí-la.

Syreena e Anya estavam firmes a ambos os lados da porta do quarto onde Siena estava estendida. Elijah retrocedeu longe da cama, oculto nas escuras sombras das cortinas que evitavam que entrasse o sol. Os agregados femininos olhavam rapidamente com inquietantes olhos da Rainha ao Consorte e aos dois membros do The Pride, a maioria curadores consumados, tratando de tratar à Rainha pelo envenenamento do sol.

—Começa a cobrir-se de ampolas — lhes informou um brandamente.

Não era bom sinal. Queria dizer que tinha recebido o equivalente de uma dose mortal de radiação. Os Monges do The Pride estavam em apuros para ajudá-la a recuperar do dano sem efeitos em longo prazo.

—Fá-lo-á o melhor que possa — lhes recordou Syreena, a voz de monarca pela primeira vez na vida.

A ordem foi tirada da boca do Elijah, assim estreitou especulativamente os pálidos olhos na irmã de Siena. Sua voz teria tido, sem dúvida, pouca influencia nesse quarto. Não tinha ganhado nenhuma autoridade nem lealdade deles ainda. Nem sequer tinha tido a oportunidade. Fez-lhe relaxar-se um pouco ver a Syreena advogar tão poderosamente onde ele não podia. Aí foi quando compreendeu que essas mulheres amavam a Siena tão profundamente como ele amava a Noah, e por todas as mesmas razões.

—Que perda... por um Demônio.

Anya ficou imóvel, alargou os olhos quando as palavras passaram os lábios do segundo Monge. Notavelmente, não foi Elijah quem reagiu contra a observação ofensiva. Em vez disso, foi nesse momento que Anya aprendeu sinceramente quão rápida era a Princesa.

E quão volátil podia ser.

Antes que qualquer pudesse retorcer-se, Syreena tinha saltado sobre o Monge, agarrando todo o peso e corpo e tirando o da cama com uma só mão ao redor da garganta. Ele grasnou pela surpresa enquanto o golpeava brutalmente contra a parede mais próxima. O ressonar da cabeça fez escoicear a Anya e ofegar pela surpresa.

Os olhos vermelhos da Syreena agüentaram os do homem aturdido, que uma vez tinha sido um de seus mentores.

—Fala assim outra vez em sua vida e te encontrará tomando um voto involuntário de silencio para o resto de sua existência. —Apertou o punho na garganta para certificar-se de que tinha a firme atenção.

— Eu juro, Monge. Terei sua língua se o fizer outra vez. Siena sacrificou tudo pela paz, e nunca tolerarei que ninguém menospreze os esforços de uma maneira tão desrespeitosa. Fiz-me entender?

—Menina, soltará a seu irmão — ordenou o segundo Monge, empurrando esse tom de autoridade que os pais utilizavam com os jovens desobedientes.

Tudo o que Anya pôde fazer foi olhar com estranha fascinação. Nunca na vida tinha considerado pôr as mãos em um membro do The Pride. De fato, por lei, era um delito capital. Não tinha acreditado na Syreena capaz de tal coisa até que o tinha visto passar ante os olhos.

The Pride era tão antigo e tão poderoso, que eram considerados, ainda por outras raças, como os últimos eruditos e os combatentes mais experts. Sabiam técnicas para lutas antigas e

mortais, transmitidas entre eles ao igual segredos bem protegidos de geração em geração. Desafiar a um era parecido a suicídio, ou assim o haviam dito sempre antes.

E aparentemente Syreena tinha posto muita atenção às lições nas categorias mais mortais.

Até então, Anya tinha marcado à Princesa como pacifista, mais interessada nos estudos, as meditações e na posição como Conselheira que em lutar ou em unir-se ao programa de treinamento que a Elite praticava de uma maneira rigorosa, diariamente. Agora estava bastante claro que era porque não precisava praticar. E mais claro ainda, pelo olhar nos olhos do Monge apanhado sob o agarre, era o fato que inclusive esse expert, homem do The Pride, não estava disposto a lutar contra ela, nem sequer para proteger-se.

Isso lhe provocou um calafrio pela espinha dorsal.

Todos temiam o leão, mas o que sentia para algo que dava medo, inclusive ao poderoso gato no alto da cadeia alimentícia?

O olhar de Anya se moveu rapidamente uma vez mais à luz trêmula dos olhos verdes claros que olhavam as ações da Princesa com uma calma notável e desapaixonada. O respeito da Anya pelo guerreiro subiu uns poucos pontos enquanto permitiu que Syreena tratasse a seu modo sem intervir. Tinha assumido que seria mais insistente, mais volátil e suplicado pelas oportunidades de briga. Era alarmantemente ilustrativo dar-se conta que estava em um quarto com duas criaturas de poder das que sabia muito pouco.

—Ele não é mais meu irmão do que você é Konini.

Syreena girou para olhar ao outro Monge com olhos muito frios, e Anya foi sacudida uma vez mais pelo que viu na expressão da Princesa. Era o gênio inconfundível pelo que a família real tinha sido tragicamente famosa durante todas essas gerações. Siena controlava o seu notavelmente bem. Aparentemente Syreena o fazia também.

Até agora, pelo menos.

—Cura-a, ou responderá ante mim — vaiou a Princesa.

—Não trabalho com ameaças — disse serenamente o Monge, claramente não compreendeu que as maneiras piedosas só o colocavam mais profundamente em problemas.

— Cessará desta violência insensata, irmã.

Antes que Anya pudesse piscar, um Monge era liberado para enrugar-se no chão e o outro estava entre os dedos da Syreena em um peculiar agarre que a General da Elite que nunca tinha visto utilizá-lo antes. Syreena utilizou o alavanca mento do agarre para aproximar o rosto do Konini ao semblante cheio de ampolas da paciente.

—O que vê ante você, Monge, é uma verdadeira irmã. Minha única irmã. Meu único irmão. No coração, minha mãe. Melhor a salvar, porque se chegar a ser Rainha, conhecerá não só minha ira, mas também suspeito a ira da gente de seu marido também. —Syreena jogou

uma olhada como fez o Monge com olhos abertos pelo medo enquanto olhava o único rasgo do imóvel Demônio homem que podia ver.

Esses pálidos olhos resplandeciam na escuridão.

—Recorda, Monge, que inclusive sem a fúria há maneiras em que posso destruir o precioso Pride. —inclinou-se mais perto para lhe sussurrar mais asperamente.

— Te rogo que recorde quão boa e completa estudante fui realmente, Konini. E sei que sabe o que quero dizer, irmão.

Soltou-o depois dessa observação enigmática, e caiu na cama com estupidez, ofegando por respirar até que o rosto púrpura começou a voltar para a normalidade. Para assombro adicional de Anya, não discutiu mais, não ameaçou castigo. Konini arrastou ao compatriota curador e o pôs em pé, apartando as mãos quando tocaram o corte que a parede tinha deixado depois da cabeça. Olhou preocupadamente dos olhos vermelhos aos de jade com clara inquietação e desassossego.

Anya olhou a Syreena partir de volta à posição de amparo com dois passos e um giro que teria envergonhado a maior parte do corpo de guerreiros do General.

—Adverti que deixou o quarto durante uns poucos minutos faz um momento, mestiça — observou com serenidade, nem olhando à outra mulher.

—Eu... — Anya se esclareceu garganta.

— Tinha sede — concordou, sabendo bastante bem que se desidrataria antes que deixar à Rainha desprotegida. Assim como sabia Syreena.

—Aconteceu... algo incomum enquanto estava... um...

—Fora da habitação? —incitou Syreena.

— Nenhuma coisa.

—Bem — Anya sorriu, um sorriso divertido.

— Bem.

Na escuridão, Anya podia jurar que ouviu o guerreiro estóico ao que a gente tinha temido durante séculos rir entre dentes.

Os médicos deixaram o quarto do Gideon, permitindo que a natureza fizesse o melhor possível. Faziam tudo o que podiam, e estava na própria resistência do Antigo e no Destino.

Devolver-lhe os sinais vitais tinha sido bastante fácil. Por muito que fosse bastante cedo, um Ancião Demônio Corpóreo podia programar os próprios sinais vitais para fazer-se com os da vítima, parecido ao mecanismo by-pass de pessoa a pessoa. O Ancião tomava os sistemas autonômicos danificados, trazendo a vítima instantaneamente de volta à vida. Entretanto, curar o corpo o bastante rápido e o bastante para assumir por si mesmo tinha sido o truque. Gideon tinha sofrido enormes danos em órgãos essenciais e uma perda de sangue da que poucos se podiam recuperar.

Os médicos acreditaram que era só a idade de Gideon o que lhe tinha salvo. Todo o resto à parte, o sistema imunológico curativo era o mais rápido do mundo. Quão único não era capaz de fazer era abastecer o bastante rapidamente de novo o próprio fornecimento de sangue. Nem Gideon era capaz de fazer essas curas profundas e complexas, enquanto que, ao alcance de alguns dos Anciões, faltava a delicadeza artística pela perfeição. Tinha sido difícil resolver o veneno e a raiva, as bactérias e a medula óssea, os coágulos e as cicatrizes residuais que tinham poluído os sistemas.

Devia ter morrido. Possivelmente ainda morreria. Era só a cura natural o que podia lhe salvar do que seja que não tinham percebido ou o que tinham acreditado era da gama de habilidade.

As horas passavam e a escuridão varreu sobre o castelo, que se duplicou como um hospital. Havia guardas fora em todas as portas, uma mescla de guerreiros Demônios e a Elite dos Licántropos, era surpreendentemente inaudito. Mais que isso, os Licántropos não toleravam nenhum argumento nas demandas de proteger a porta do Capitão dos Guerreiros e sua esposa eles mesmos.

Desconcertados pela ordem do Noah de obedecer, os guerreiros o faziam apesar da lealdade que os tentava a desobedecer a ordem do Rei. O castelo estava cheio de outras forças, a maior parte ao ar livre, protegendo o perímetro. Noah tinha deixado a sua irmã para falar com Corrine, que tinha sido posta ao cuidado do bebê de sua irmã. Sentando-se junto ao consolo do fogo, sustentando o vulto acolhedor sobre o coração, Noah pôde permitir-se soltar a dor. Não era um homem emocionalmente demonstrativo em público, mas na solidão do momento, com apenas a menina sem nome para presenciá-lo, permitiu-se estar em silêncio total.

O peso do pequeno bebê era quão único evitava que seu coração se partisse.

CAPÍTULO 15

Na escuridão da recentemente caída noite, uma figura sigilosa se aproximou com uma velocidade imperceptível ao perímetro protegido da casa do Rei Demônio. Poderia passar aos guardas completamente sem ser detectado, até agora suas habilidades estavam além do que poderiam perceber, ia ser capaz de fazê-lo com uma facilidade quase irrisória.

Podia saber quão ocupantes havia ao redor e dentro da fortaleza com apenas um olhar. O calor do corpo que desprendiam, aparecia como uma luz de infravermelho em sua notável

vista. Conhecida o enfreador, as gotas de calor mais rosadas assinalavam aos Demônios cujas temperaturas corporais estavam uns graus mais frias que o resto. Havia uma humana em um quarto afastado e, continuando, ao redor de uma dúzia de seres que suportavam o calor de cor vermelha brilhante dos Licântropos. Era o que determinou estava em posição horizontal, que atraiu sua atenção. Caminhou mais à frente do perímetro de guardas com uma velocidade silenciosa, saltando sigilosamente e com grande facilidade do chão ao balcão do segundo piso que dava ao quarto.

O Príncipe Vampiro duvidou antes de abrir a porta, dando-se conta de que alguém estava no quarto, além da Rainha dos Licântropos. Quem quer que seja que fosse, e ele podia dar-se conta de que de fato era uma fêmea, estava alerta a seu dever. A julgar por seu coração, tinha notado a intrusão. O coração pulsava tão ferozmente e veloz, que o sangue circulava quase muito rápido como para que oxigenasse as células.

—Entre.

Era um cochicho dito com uma respiração tão suave e feminina, que ao princípio Damien pensou que tinha confundido o desafio. Intrigado, o Príncipe realmente sorriu com antecipação, enquanto flutuava através da porta de vidro corrediça já aberta, abatendo um momento antes de descansar brandamente sobre o chão.

A vista do Vampiro era excelente na escuridão, inclusive sem usar as capacidades infravermelhas. Distinguiu a silhueta de uma figura claramente feminina. Estava em pé, em uma situação perfeita perto de uma janela, sem dúvida intencionalmente, permitindo que a luz da lua a esfumasse de tal forma que inclusive com sua penetrante visão, veria só sombras.

Mas não era só a curva lisa do quadril e a frescura firme de umas pernas femininas bem torneadas, em relevo contra a luz entrante. Um braço pendurava reto através da longitude do corpo, escondido depois da curva do quadril, a pistola em sua mão piscava com um brilho niquelado, como se pelo contrário sustentara uma estrela.

—Balas? —Perguntou a voz profunda e rica, forçando-a contra o evidente humor.

— Uma raridade em uma casa de Demônios.

—Não sou uma Demônio. —Assinalou seu tom ainda suave, ainda muito misteriosamente sufocado.

—Certo. Mas se me dispara, só estará gastando balas. Certamente compreende, verdade?

—Sei. —Assegurou.

Nesse momento, a outra mão apareceu da sombra de seu corpo, rápida, com um objeto de madeira que girava como uma hélice agilmente entre as pontas dos dedos, durante um segundo impressionante.

Damien riu, ao notar que o objeto tinha sido uma vez a quarta pata de um cadeira agora três pés que estava detrás da figura escura.

—Sabe que isso é um mito, não? —Perguntou, enquanto cruzava os braços por cima do peito.

—Claro — afirmou de novo.

— Entretanto, uma estaca através do coração provoca um sangrando traumático que te debilitará de maneira rápida e considerável — Damien viu seus dentes cintilar ao sorrir.

— Possivelmente melhor me dizer por que está aqui, Vampiro.

—Sua Rainha requer uma cura ou morrerá.

—Não necessito que me diga isso, Bebedor de Sangue.

Aproximou-se um passo, entrando finalmente na luz.

Damien nunca tinha visto nada como ela em toda sua larga vida. Era uma Licántropo, sem dúvida nenhuma, mas sua cor e sua figura frágil escondiam as surpresas e mistérios que ele não poderia começar nem sequer a supor claramente.

Então compreendeu quem era a que se enfrentava a ele.

Primeiro tinha ouvido as histórias sobre ela fazia pouco mais de um século, e logo nada, até os recentes informe de breves vislumbres de uma fêmea de Licántropo insólita que tinham entregue seus embaixadores, ao fazer uma visita excepcional a corte de Siena durante esta última década.

—Preferiria que morresse Princesa, e assim ser Rainha em seu lugar?

Damien ouviu como sua respiração parava e viu o rubor infravermelho de calor quando o aborrecimento explodiu através de seu metabolismo.

—Como te atreve a pensar semelhante coisa — vaiou.

—Atrevo-me — a interrompeu rapidamente—, porque não sei nada de você, salvo que é a filha de um dotado, embora demente senhor da guerra que conseguiu mergulhar a estas pessoas que agora protegem você e sua Rainha, em trezentos anos de guerra.

—A mesma hipocrisia do Príncipe Vampiro em guerra contra os Demônios, durante um século histórico de seu Reinado? —Replicou agudamente.

—Touché — assentiu.

— Mas como você, então era jovem e tola. Esteve bem faz meio milênio, embora não os últimos quatorze anos.

—Não sou jovem nem tola, exceto possivelmente em sua apreciação. O que te importa se a Rainha dos Licántropos vive ou morre?

—Isso não posso lhe dizer. Basta dizer que servirá a todos nossos interesses se ela viver. Incluindo o teu, se sua preocupação for autêntica.

—E suponho que vais oferecer esta cura mágica, Vampiro? Tomando seu sangue, sem dúvida, e permitindo que as conseqüências mágicas de sua mordida a cure? Acredito que preferiria morrer antes de lhe permitir a qualquer, amigo ou inimigo, semelhante liberdade.

—Não. Essa não é minha intenção, Princesa. Surpreende-me que não saiba que a minha classe está proibida de tentar alimentar a outros Nightwalkers. Uma categoria a que, desgraçadamente, sua espécie pertence, se não, de fato ofereceria esses serviços. Quando ouvi o que tinha ocorrido...

—Eu gostaria de saber como ouviu essa rápida fofoca — interrompeu Syreena friamente.

—O mundo Nightwalker não é tão reduzido na Europa como é no resto. Como um povo pequeno, notícias dessa classe viajam rapidamente.

—Que extraordinário — disse com suavidade, claramente não impressionada.

Damien sorriu apesar de si mesmo, os dentes uniformes brilhavam à luz da lua, sem mostrar nenhum vestígio de presas retratadas no gesto encantador.

—Posso continuar?

Lançou-lhe seu próprio sorriso escuro, uma piscada de olhos de harlequim misteriosos à luz da lua.

—la sugerir outra alternativa que provavelmente não conheça — Damien se voltou levemente para olhar à Rainha na escuridão. Com sua visão, o calor de suas empolada pele brilhava com um violento vermelho. Retrocedeu até a Syreena.

— Não há nenhuma cura para este grau de enfermidade solar. Morrerá a menos que te desvie dos métodos convencionais de cura. —Assegurou.

—Não morrerá.

A rudeza da voz baixa fez que tanto o Vampiro, como a Licántropo, voltassem-se bruscamente. Os olhos de Elijah brilharam em verde pálido, no raio solitário de lua que lhe golpeou o rosto quando voltou para sua forma sólida. Syreena se ergueu de repente, aproximando-se para o Príncipe, de fato, diretamente a seu lado, assim não bloquearia sua linha de visão.

O guerreiro ainda estava tão afresco como sempre, brocando com seu atento olhar ao casal frente a ele, lhes avaliando sutilmente. O círculo de ouro e labradorita⁵ ao redor do braço brilhavam contundentemente à luz da lua, dando a Damien um pingó de informação que suas fontes mexeriqueiras não tivessem sabido. Ao que parece Elijah se deu conta da tensão entre ele e a Princesa e tinha vindo a proteger... proteger a sua noiva, um pouco totalmente inesperado.

—Meu... — Syreena se esclareceu garganta.

— Meu senhor, Anya e eu guardaremos à Rainha com nossas vidas, o asseguro.

Deteve-se quando de repente Elijah avançou, o fogo de seus olhos estalavam sobre o Príncipe Vampiro.

—Damien, dou a bem-vinda a sua preocupação — disse—, mas como Syreena, não vejo como pode nos ajudar.

—Elijah, sua desconfiança está mal dirigida. Lutamos juntos na Batalha do Beltane, e não há nenhum motivo salvo meu desejo de ajudar a sua gente. Prometo-o, ajuda é também tudo o que quero dar esta noite — respirou fundo, embora respirar fosse desnecessário para ele.

— Não me aparte até que tenha escutado até o final, guerreiro, ou entregará a sua companheira à morte. Uma morte terrível. Poderia tomar semanas de incrível dor antes que termine.

—Ela não morrerá! —Gritou Elijah.

— Maldita seja! —Seu tom se converteu em puro veneno.

— Estaria mais bem morto que ver Siena passar por isso, porque se espantasse devido a minha segurança! Não te necessito aqui em pé, me esbofeteando pela desgraça de como vai sofrer por isso!

Subitamente a porta do quarto se abriu, ao passo da Anya, que tinha ouvido os gritos de Elijah. Inspecionou o quarto com os olhos exagerados por um momento, agitou a cabeça vermelha desamparadamente, e depois, retirou-se detrás da porta fechada murmurando brandamente sob o fôlego.

—E agora Vampiros...

5 Pedra de feldspato laminar de cor cinza, translúcido e iridescente. Em seu brilho apresenta uma ampla fila de cores. Do azul à violeta, verde, amarelo ou laranja, segundo a variedade. É a chamada Pedra da Lua (N.deT.)

Syreena elevou a cabeça de repente, seu olho cinza brilhava na penumbra quando estreitou o olhar fixo sobre o Vampiro, tentando conectar os pensamentos desdobrados, igual que os dois homens que se giraram enfrentando-se.

—Não posso curá-la, mas estão aqueles que podem — disse brandamente Damien ao Elijah.

—Os estrangeiros.

Ambos os homens olharam à Princesa, um com surpresa, o outro com desconcerto.

—Sim — Damien a apoiou pensativamente—, estava a ponto de sugerir...

—Deusa, qual é seu nome? —Syreena murmurou, interrompendo o Vampiro enquanto mordida o lábio e procurava em sua memória.

— Uma Mistral — lhes esclareceu, embora Elijah parecesse ser o único que não a seguia.

— Siena conhece uma Mistral. Faz uns dias mencionou uma, que pensou que poderia ajudá-la de algum jeito em outro assunto.

Syreena saltou os detalhes, não querendo relanternar ao Elijah quão desesperadamente Siena tinha tentado livrar-se de sua influência, antes que finalmente tivesse feito as pazes com seu destino. Não tinha sentido abrir velhas feridas, ou expor os segredos de Siena para discuti-los com o Consorte Demônio.

Damien elevou uma sobrancelha negra, claramente impressionado com o raciocínio da Syreena, e também curioso sobre como a mesma casta do Nightwalkers que tinha estado a ponto de sugerir, tinham aparecido de repente na boca da Princesa.

—Ao contrário que a maioria das espécies de curadores Nightwalker, os Mistrais podem sanar universalmente — comentou Damien pensativamente, os olhos firmes, escuros postos na pequena fêmea ante ele, com evidente interesse.

Ela não se ruborizou ou apartou o olhar sob seu intenso escrutínio, impressionando-o mais ainda ao manter-se firme e lhe fulminar com o olhar exatamente igual a ele.

—Mas a um preço — Elijah disse sabendo, as habilidades em interespecies eram sua área de especialização. De fato, seu dever.

— A Sereia Mistral canta para curar, aliviar, e para facilitar os estados meditativos. O preço é a vulnerabilidade total. Se a Sereia deseja aproximar-se do sujeito e lhe apunhalar através do coração no meio de um canto, pode fazê-lo, e sua vítima não poderia elevar nem um dedo para defender-se. Inclusive, desde qualquer distância será introduzido na canção, não é como se possa manter a guarda. Siena nunca suportaria isso. Eu tampouco.

—Possivelmente não de um estranho, mas acredito que conhece muito bem a esta Mistral em particular — explicou Syreena.

—Sente saudades dela — disse Elijah, voltando-se para olhar para baixo à cara empolada de sua noiva, enrugando a fronte em dor empático por ver sua bonita pele danificada.

—Era uma Mistral específica. Perguntou por ela pelo nome. Se só pudesse recordar seu nome...

—Windsong — Damien disse de repente, os olhos escuros iluminando-se com entendimento.

— Seu nome era Windsong?

—Sim! —Syreena exclamou— De um povo na França chamado...

—Brise Lumineuse — terminou Damien.

—Como sabe isso? —Exigiu Syreena, mostrando claramente sua conclusão de que o Vampiro tinha conseguido a informação de sua mente embotada.

—Como pensa que sobreviveu à enfermidade que te fez o que é, Syreena?

Syreena abriu a boca quando a voz rouca de Siena rompeu bruscamente de sua danificada garganta. Distraída dos homens que a olhavam, levantou sua mão à boca e correu para ajoelhar-se ao lado da cama de sua irmã. Ao final, deixou cair à arma, para alcançar e tomar a mão da Rainha. Então pareceu pensar-lhe melhor quando olhou a pele danificada dos deformados dedos. Pelo contrário, foram suas aliviadas lágrimas as que tocaram a pele.

—Siena — sussurrou—, não fale. Deve conservar sua força — disse brandamente.

Siena fez uma inclinação breve e então se voltou para olhar a seu marido. Simplesmente a visão de seu rosto a transtornava como nada mais podia. Sentia alívio, alegria, e uma dúzia de outras emoções esmagadoras que esmurravam os pensamentos do Elijah com a clareza do cristal do coração. Ele a alcançou, colocando os dedos em seu cabelo crespo, os brincos embotados envolvendo imediatamente seu pulso, lhe agarrando fracamente da única maneira que ela poderia sustentá-lo.

—Sinto-o muito. —Disse em voz alta e mais áspera ainda.

—Shh — a aliviou, alcançando para esfregar o cabelo descolorido contra seus lábios.

— Não te fatigue. Escuta a Syreena, gatinha.

Agitou a cabeça.

—Elijah...

Sua voz era débil, mas ao igual que ela, filtrou-se brandamente pelos pensamentos do Elijah, fortalecendo-se.

—Se relaxe, gatinha. Faz o que sua irmã diz.

“Não. diga-lhe que traga a Windsong. Logo lhes tire ambos. Preciso falar contigo.”

—Diz se pode conseguir ao Windsong para ela. Syreena pode fazê-lo?

—Sim.A França está a tão somente a umas bolhas termais de distância, amor —Syreena disse ansiosamente a sua irmã.

— O resto e eu voltaremos o mais breve possível.

Todos os olhos se voltaram para seguir a Licántropo que saltou com perigoso abandono pela janela, transformando-se a meio caminho de humano a falcão sobre o batente.

—Assombroso — Damien se maravilhou, voltando-se para olhar à Rainha.

— Então as histórias são certas. Foi Windsong quem salvou a vida de sua irmã. Sempre tinha pensado que era um mito, até que comecei a ouvir os informes que recentemente dirigia a uma fêmea insólita de Licántropo como sua irmã.

Borbulhas térmicas

Agora que a vi... — Damien agitou a cabeça, olhando através da janela com desconcerto.

— É magnífica.

—Damien, Noah está no Grande Vestíbulo. Desejaria verte.

—Tinha pensado lhe ver, depois de te fazer minhas sugestões — O Vampiro olhava de um ao outro com um agudo e escuro olhar, os rasgos aristocráticos em uma expressão de perplexidade durante um momento.

— Nunca tinha pensado ver semelhante Vinculação. Esta é de fato uma nova era. Pode lhes vir bem a ambos. Que vá bem, aos dois.

Então o Vampiro utilizou o costume convencional da porta, e deixou ao casal a sós. Elijah voltou imediatamente para sua esposa. Vendo e sentindo sua dor, o coração começou a lhe doer literalmente, e não tinha nada que ver com suas feridas.

“Deve me deixar te dizer o muito que o sinto, resfolegou rapidamente dentro de sua mente.”

“Haverá tempo para isso. Depois, insistiu.”

“Já perdi muito tempo, Elijah.”

Estirou-se para ele, estremecendo quando a pele ferida se esticou, rachando pelos lugares sensíveis que tinham perdido a elasticidade ao estendê-las ferventes águas venenosas. Elijah conseguiu detê-la, a palma da mão contra as suas. O contato se sentia tão real tão precioso e bom, que não poderia obrigar-se a afastar-se de novo. Claramente ela sentia o mesmo, os dedos entrelaçados com os seus, esquecendo quanto lhe tinha doído.

“Tenho-te feito mal, tão egoísta, soluçou, as lágrimas caíam dos olhos, assim como sua emoção se triplicava através dele.”

“Não, insistiu, sua voz mental igualmente afogada pela preocupação de vê-la ferida em qualquer maneira. Não se preocupe por mim, gatinha. Não me tem feito mal.”

“Não minta a quem conhece seu coração.”

Entretanto ela se negou tercamente a reconhecê-lo. Esforçou-se por respirar, e ele se inclinou ainda mais perto, apoiando-se sobre ela até que estiveram olhando-se profundamente nos olhos úmidos do outro.

—Não faça isto — rogou bruscamente.

— Não me diga isto, porque pensa que vais morrer. Não te deixarei me abandonar. Tentaste por todas as vias me evitar e, não te permitirei ir agora que finalmente consentiste.

Lançou uma respiração insegura, tratando de reafirmar a voz dilaceradora. Aproximou a mão enredada no cabelo a seu rosto, embalando-a, enquanto escovava com o dedo polegar os lábios secos.

— Sobreviverá a este dia e caçará ao responsável por isto comigo, a meu lado, onde pertence, agora e em cada momento do futuro. Sobreviverá a esta ferida e estará uma vez mais em meus braços, sentindo meu toque e meu beijo em sua preciosa pele, a suavidade que nunca deixará de me voltar louco.

As lágrimas de Siena caíram por seu cabelo, enquanto Elijah tocava os lábios ressecados.

—Sobreviverá a isto para me dizer que me ama da mesma forma em que eu cheguei a te amar. Com voz forte, com a luz que brilha em seus formosos olhos, e seu corpo agasalhado ao redor meu, igual sua alma está envolta ao redor de meu coração.

Incapaz de fazer nada mais, Siena simplesmente assentiu. De novo alcançou a agarrar suas lágrimas com as pontas dos apazíveis dedos.

—Não chore gatinha. Sabe que me mata quando o faz.

“Então deixa de me fazer chorar essas lágrimas, Elijah. Nunca tenho feito tal coisa, até que me vinculei com você.”

—Então certamente sou culpado, amor. Assim como você é culpada das minhas — sorriu contra seus dedos quando os beijou brandamente na união com os seus.

— Reduziste-me a uma mulher emocional. —Suspirou.

Siena riu, tossindo gravemente um instante depois, desaparecendo o humor em seus olhos.

—Shh — a acalmou incansável.

Ela cabeceou, examinando seu rosto durante um comprido minuto, como se o memorizasse. Estendeu os dedos, acariciando sua boca meigamente. Os olhos, emoções e pensamentos estavam cheios e transbordantes de sentimentos para ele, e fez que seu coração pulsasse ao senti-lo. Mas como prometeu, não disse nada, e não diria nada, até o momento em que pudesse compreender sua razão. No momento, exalou, fechado os olhos, e flutuou no sono, os últimos pensamentos rezavam urgentemente à Deusa pelo retorno veloz de sua irmã.

Quanto mais cedo pudesse sustentá-lo de novo, melhor.

Gideon subiu aproximadamente vinte minutos depois que Damien tivesse deixado a Noah, que havia retornado ao lado da cama de sua irmã para controlar seu estado. O médico ainda estava apenas bem para caminhar, mas como Elijah, não podia ser atendido pelo companheiro que o necessitava o mais breve possível.

Noah se sobressaltou pela surpresa ao entrar Gideon no quarto. O médico era poderoso, mas Noah nunca tivesse suspeitado que pudesse voltar da beira da morte tão rapidamente.

—Não é nenhum milagre — disse Gideon bruscamente, quando cambaleou ao lado de sua esposa, sentando-se junto ao corpo imóvel no colchão. Levou rapidamente seu rosto entre as mãos, tratando de analisar sua fisiologia.

— Simplesmente minha usual habilidade de sanar.

Gideon levantou a mão para sossegar as extensas perguntas ou comentários do Rei, fechando os olhos ao tentar concentrar-se em desfazer seu próprio difícil trabalho. Noah observou cuidadosamente como Gideon começou a suar, sentindo a energia do Ancião que se desvanecia rapidamente, enquanto Legna permanecia tão imóvel como nunca.

Tão discretamente como pôde, Noah alcançou mentalmente a seu cunhado, drenando devagar sua energia nele. O fluxo se ampliou exponencialmente durante os poucos minutos seguintes, até que o tom cinzento desapareceu completamente da tez do Gideon. Em seguida recuperou seu tom normal de pele moreno, energia faiscando em abundância através dele.

Noah deixou de empurrar a energia para o Ancião quando conseguiu recuperar a conexão que tinha criado entre eles. Exalou quando se apartou, inclinando a cabeça para estirar os músculos que haviam ficado duros na parte de atrás do pescoço. Olhou com assombro como as feridas do Gideon das mãos, peito, e rosto começaram a curar a uma velocidade impressionante. Legna mostrou a primeira respiração em horas.

Noah fez um som de alívio quando a viu rressonar. Ela se moveu, bocejou amplamente, como se tudo o que tivesse estado fazendo fora dormir. Os olhos chapeados se abriram, procurando o reflexo em seu companheiro. Sorriu-lhe e procurou sua boca com a sua. Beijou-lhe com ternura e afeto, igual a fazia todas as manhãs quando despertava. Não foi até que ele rompeu o beijo e a arrastou quase desesperadamente a seus braços, que compreendeu que algo estava mau. Estava apavorado, ou simplesmente liberando do terror, os pensamentos e o coração se amontoavam em um tumulto de medo e alívio.

Devagar compreendeu que estava na habitação de sua infância e que seu irmão estava igual, com respirações ásperas de alívio, apartando-se da cadeira e caminhando para olhar pela janela, em um esforço por esconder a emoção que lhe arrasava. Mas não poderia esconder de sua empatia perspicaz, sem importar onde, ou o longe que se distanciasse dela.

Entre os dois, Legna se curvou.

—Que aconteceu? —Perguntou a garganta apertada pelos sentimentos não derramados.

—Tudo está bem, Nelissuna — Gideon a sossegou brandamente, enterrando o rosto em seu cabelo de seda.

— Você está bem, o bebê está bem, e nós agora estamos a salvo.

Noah claramente não podia agüentar escutar um momento mais. Sem uma palavra, girou e deixou o quarto. Magdalena sentia como sua dor se retorcia no peito como uma faca, e ao senti-lo ela, Gideon o sentiu.

Apartaram-se para inspecionar a seu marido mais cuidadosamente, eliminando momentaneamente a preocupação por seu irmão, vendo o padrão das marcas na pele recentemente curada do rosto, braços e peito do Gideon.

—Gideon! O que aconteceu! —exigiu com um estertor, os olhos finalmente se umedeceram quando tudo o que sentia apareceu em sua cabeça. — Por que se assustou Noah? Por que estas ferido?

Gideon exalou uma respiração larga, e então começou a lhe contar.

CAPÍTULO 16

O falcão peregrino revooou dentro da sala, aterrissou no respaldo de uma cadeira e, sacudiu as asas e plumas. Pouco depois, seguiu-lhe uma solitária pomba escura, com uma formosa combinação de plumas torradas e cinza clara. A pomba posou no assento da cadeira sem medo, como se o falcão sobre ela não fosse um predador natural dele e, imitou o murmúrio de plumas que fez o falcão.

Momentos mais tarde, Syreena estava em pé atrás da cadeira e a pomba se converteu em uma frágil jovem de cabelo suave marrom, veteado em cinza, e grandes olhos azuis que pareciam tão inocentes e amplos como os de um menino. Levava um vestido de suave algodão branco; a diferença da Princesa que teve que recuperar o vestido de onde tinha caído, ao trocar antes sobre o batente.

Siena estava rodeada de pessoas neste momento, benzendo a escuridão que lhes tinha protegido por comprido momento para então e, que com ela, trouxe nova força aos Demônios e Licântropos. Syreena não tinha perdido tempo em guiar Mistral de volta, sabendo que se não se apressava, poderiam ter sido obrigados a atrasar a viagem para evitar a luz do dia. A fêmea Mistral tinha suas próprias reações adversas ao hostil sol Nightwalker. Felizmente, a pomba escura podia quase igualar ao implacável vôo veloz do falcão, ralentizando apenas a viagem de volta em umas poucas milhas por hora, ou menos.

A Sereia Mistral se ergueu em seus pés descalços, a suave elegância dos movimentos ficou patente para todos os que a viram. A feiticeira beleza e fragilidade eram bastante extraordinárias, tanto para homens como para mulheres, os movimentos e a perfeita ondulação do corpo, uma elegante sinfonia de delicadeza. Dizia-se que o Mistral podia lançar feitiços com sua beleza, assim como com sua canção, e vendo esta frágil criatura, o resto do Nightwalkers acreditou.

Siena era ao que parecia a que mais se expôs a esta isolada raça, todo mundo olhou com interesse e fascinação como a mulher se aproximou deles, o suave cabelo flutuando em uma nuvem ao redor dos ombros enquanto se movia.

—Windsong — saudou Siena com um chiado. Só estava vendo ligeiramente melhor, aliviada pela escuridão.

Elijah ainda estava sentado a seu lado, os dedos permaneciam enlaçados nos seus. Só agora, curou-se quase à perfeição. As feridas de batalha tinham sido ignoradas todo este tempo de cura, já que Gideon lhe tinha visitado diretamente depois de ter devotado cura e sua versão dos fatos a sua companheira.

A Sereia se deteve um momento para tomar nota de todas as pessoas ao redor do leito de doente da rainha. Piscou fazendo retroceder o medo para os estranhos, surpreendendo à delicada atenção da Legna. Sentiu a grande ansiedade, mas por cima disso, sentiu a dívida de gratidão e sincera emoção que sentia Windsong para Siena. A Mistral sentiu a dor clara e quase debilitante, ao ver pela primeira vez o estado de saúde da Rainha. Para os sentidos experimentados da Legna, era como se a criatura fosse empática, mas física mais que mental. Parecia estar sentindo profundamente as lesões, na maneira em que Legna sentia tristeza ou a alegria de outro ser.

Windsong se aproximou do grupo, colocando um dedo para silenciar seus lábios enquanto observava expressivamente as feridas da Rainha. Olhou de Siena a Syreena e, continuando, girou com uma silenciosa sobrancelha levantada.

Elijah se sentou brandamente.

—Ela diz, Sim, é a Princesa que salvou cem anos atrás — comentou por sua companheira, já que falava em sua mente.

A expressão da Mistral se voltou surpresa e especulação quando olhou ao Demônio guerreiro e à Rainha. Sua boca completamente surpreendida passou a um sereno sorriso.

—Sim — disse Elijah de novo, convertendo-se na única voz de Siena—, estamos emparelhados - Logo, claramente falou por si mesmo.

— Pode ajudá-la? Tem uma tremenda dor.

Uma vez mais, absolutamente silenciosa, a Sereia olhou a Gideon, Legna, Syreena, e Anya. Os enormes olhos de porcelana azul voltaram logo depois de volta a Siena.

—Quer que todos saiam, salvo ... salvo o "menino-estrela"— explicou Elijah, soando desconcertado quando todo mundo lhe olhou logo que o disse.

— Quem é o menino-estrela?

A Sereia sorriu novamente, o rosto angélico se iluminou quando olhou a Legna e lhe tocou brandamente o rosto com seus elegantes dedos. Logo descendeu até tocar delicadamente o ventre da Legna.

—Fala do bebê — murmurou Gideon cuidadosamente.

— Filho-estrela?

—Siena tampouco o entende bem — disse Elijah com um encolhimento de ombros.

—Como se comunica Siena com ela? —perguntou Anya, tão estupefata pelo intercâmbio como o resto.

—Telepatia transmitida entre elas devido A... —Elijah franziu ligeiramente a fronte.

— O canto Espiritual. O que é um canto Espiritual?

A Sereia se moveu mais perto de Siena, cabeceando como se pedisse permissão, quando se sentou brandamente na cama. Elijah nem sequer sentiu o peso no colchão, não trocou o

mais mínimo quando o fez. Concentrou-se nos pensamentos de Siena, lhe enchendo a mente com explicações.

—O canto Espiritual é um intercâmbio entre um Mistral e outro... Onde uma parte do espírito de um, é tomado em empréstimo para ajudar a curar a outro. Neste caso, Syreena foi o destinatário desse espírito compartilhado, quando Windsong livrou emprestado de Siena o espírito para curar a doença de sua infância faz décadas. Deixou Windsong e Siena com uma conexão telepática que aparece cada vez que seus espíritos se aproximam.

—Como é que alguma vez ouvi falar disso? —perguntou Syreena assombrada, olhando de sua irmã à enigmática Sereia.

—Ao ser um intercâmbio íntimo e secreto, Siena não lhe permitiu contá-lo até que lhe deu permissão — então Elijah olhou a Mistral, perguntando.

— Diz que preciso ficar. Entendo-o, mas por que Legna?

Houve silêncio entre os enlaces do trio telepático e, depois, Elijah olhou a Legna.

—Diz que me necessita para o canto Espiritual, para pedir emprestado de meu espírito e sanar a Siena. Como seu companheiro, sou o melhor candidato.

—Mas — Syreena começou.

—Diz que são muito complicados para ser parte disto, que sua dupla exposição aos espíritos, a tua e a de Siena, foi responsável pela alteração em seu código genético. Nunca antes tinha metido o canto Espiritual para o Licântropos e, foi um efeito secundário inesperado. Sou... —procurou as palavras— neste momento estou compartilhando meu espírito com o de Siena, ao igual que ela compartilha o meu, pelo que haverá menos possibilidades de efeitos negativos.

—Assim não é um método infalível. Pode ser daninho? — Perguntou Gideon - faz me perguntar se a presença da Legna o será ainda mais.

—O perigo é só para mim e Siena — continuou Elijah.

— Diz que o filho-estrela protegerá a Legna e que... —Elijah piscou e olhou a Siena por um confuso momento, deixando claro que não podia entender o que estava tratando de lhe dizer nesse instante. Quando falou, ainda soava confuso.

— Diz que deu permissão a seu filho para escutar o canto.

Elijah riu com incredulidade. Quer dizer, até que viu a expressão do Gideon. Legna se girou para trás para tomar a mão de seu marido, os olhos cada vez mais amplos, percebendo os assustados pensamentos.

—Sabe que é um menino — disse em voz alta. De repente, o médico se deu conta de que havia mais poder e capacidade nesta enigmática espécie, da que tinha chegado a conhecer inclusive durante sua larga vida.

— Não podia menos que averiguá-lo tocando a minha esposa, uma vez compreendi que estava grávida, e, é obvio, logo que soube, soube Legna. Decidimos que não o diríamos a ninguém para lhes dar uma surpresa. Mas suponho que já não é um problema. —Gideon olhou à Sereia entrecerrando os perplexos olhos de mercúrio.

— Como pode falar com um menino não nascido? Pode que não saiba muito sobre sua espécie, mas o feto é de apenas seis meses.

—Não falei com bebê. O bebê me falou.

Foi a primeira vez que utilizou sua voz e, imediatamente, todo mundo entendeu a razão. Era doce e musical, cheio de cada alegria e cada tristeza que tinha conhecido em sua vida. Tratava-se de sedução e bem-estar. Era fascinante, de todas as maneiras em que uma criatura de pura beleza poderia ser. Todo mundo estava cativado com ela, o feitiço se estendeu, capturando-os em silencio durante um comprido minuto. Gideon foi o primeiro em normalizar a respiração.

—Meu filho te falou? —Perguntou mais ou menos, sua mão procurando cobrir o ventre da Legna. Não houve explicação para a sensação de assombro e júbilo que percorreu ao casal.

—Diz... —Elijah se deteve para esclarecê-la garganta.

— Diz que seu filho é um ser poderoso e que logo será capaz de falar contigo, inclusive do ventre materno. Diz... —Elijah se encontrou sorrindo, apesar de si mesmo— diz que tem o poder de seu pai e o temperamento de sua mãe.

Legna riu incapaz de deter-se quando o prazer a percorreu. Voltou-se para o Gideon e lhe beijou, a emoção e o entusiasmo transbordando-a.

—Quero ficar. —declarou.

Uma vez que a habitação se limpou, exceto a paciente, seu companheiro, e a fascinada mãe do chamado menino-estrela, Windsong tocou brandamente o cabelo de Siena, estalando com a língua pela debilitação e fragilidade dos habitualmente brilhantes cachos.

Sorriu, tocando ao casal que mantinha ainda as mãos juntas, assentindo uma vez. Era evidente que queria que permanecessem unidos dessa maneira, e era algo bom, porque Elijah não tinha intenção de soltá-la.

Seu coração corria ao mesmo tempo do de Siena, apesar dos intentos de tranquilizá-lo. Não gostava da idéia de estar desprotegido; conforme foi informado que se faria. Mas se preocupava mais pelo bem-estar de Siena que pelo seu, chegados a esse ponto. A ansiedade era só natural.

O primeiro som que brotou da Mistral foi um zumbido, uma inquietante vibração de sua própria invenção. Só um minuto depois Siena, Elijah, e Legna caíram na profunda cura do sono.

Nenhum deles recordaria nunca o que passou depois.

Nenhum salvo o menino não nascido, quem de todas as formas, não podia obsequiar com nenhum segredo.

Legna abriu os olhos lentamente e, tomando uma pausa, soube imediatamente que nunca havia se sentido tão descansada, tão em calma, como estava nesse momento. Tudo isso apesar dos anos de praticar meditação, com o que conseguia um estado similar. Observou o pálido e belo rosto sorridente inclinado sobre ela. Windsong tocou o ventre da Legna e sem falar, enviou emoções de calidez, gratidão e alegria absoluta a empática mulher Demônio.

Legna entendeu, embora atordoada. A Sereia lhe estava agradecendo pelo privilégio anterior de poder cantar a seu bebê.

— Não há de que — disse Legna brandamente.

— Estão bem? — Perguntou, jogando uma olhada ao casal que agora dormia na cama, meigamente curvado um sobre outro.

A grande forma de Elijah bloqueava a Legna a vista de Siena.

A mulher Mistral assentiu e sorriu mais amplamente.

Logo inclinou a cabeça, a nuvem de leve cabelo se moveu com um redemoinho.

— Hei predito o futuro de seu filho — disse brandamente —, e porque é teu, permitir-te-ei conhecer e recordar quando estiver de novo consciente — pegou o rosto magro e aturdida da Legna entre as mãos frias, sabendo de que a empática flutuava já no mundo do subconsciente ao que sua voz lhe tinha enviado.

— Seu bebê vai conduzir a seu povo a uma nova era, ao igual que a que chegou antes que ele. Juntos vão trocar o mundo que conhece. Conduzirão a outros meninos que vêm neste momento de mudança, a um milênio de notável destino e felicidade. Nisto jaz meu futuro também, e te estou agradecida por criar ao que o obterá. Recorda minha profecia quando passarem os séculos — encarregou brandamente.

— Pode te dar a felicidade que me deu.

Logo, sem esperar a que a mãe Demônio se recuperasse, a Mistral se transformou na pomba escura e voou pela janela, balançando-se longe no vento, como se a pura alegria de suas asas levantasse os céus.

Legna sorriu quando voltou para a consciência. Esquecendo todo o resto, saltou de sua cadeira atirando-a descuidadamente, ao correr para encontrar a seu marido e lhe dizer tudo o que podia recordar.

Elijah despertou com a radiante sensação suave de uma exuberante boca roçando a sua.

Abriu os olhos e, continuando, abriu-os um pouco mais ao ver o olhar familiar dourado de sua resplandecente companheira cheia de vida, e a travessura em seu rosto ruborizando-a em ouro e rosa.

Um rosto curado de toda ampola, só pele nova que logo voltou para a normalidade, preciosa, beleza dourada, uma vez mais, no que prometia ser apenas um segundo.

—Vê-te como o inferno — comentou Siena sobre sua boca, mas no habitual tom rico, sem defeitos nem lesões.

Ele se sentiu glorioso.

Elijah agarrou as mantas e as tirou, as apartando enquanto se sentava em cima e inspecionava da cabeça aos pés, movendo as mãos sobre o que ia vendo, confirmando seu estado de cura com o tato, assim como com a vista, provando.

—Está tratando de me acender? —Perguntou franzindo a bronzada frente brilhante, em humor claramente sensual.

Quão último tocou foi o tênue brilho, elástico, e OH, tão estimulante cabelo encaracolado entrelaçado através dos dedos, enquanto um enorme sorriso se estendeu por seu rosto.

Siena se sentou, esfregando o nariz contra o seu.

—É um sim? —Perguntou, entortando os olhos enquanto tratava de lhe focar.

—Está incrível... —inalou as mãos emoldurando o rosto com afeição, o áspero calor da palma dessa mão tão familiar já, tão maravilhosamente necessária para sua felicidade, que sorriu mais amplamente.

—Acredito que pareço um leopardo — assinalou, tornando-se para trás para inspecionar os braços e pernas nus. Logo com um malicioso sorriso que brotou magnífico nos lábios.

— Quer jogar a unir os pontos?

Elijah jogou para trás a cabeça leonina e riu profundamente do ventre, apertando o abraço tão estreitamente que a deixou sem fôlego, rindo inclusive quando cobriu a boca com um beijo, tatuando a alma que a fazia sentir-se aturdida e alegre.

O som ao abrir a porta lhes fez saltar, apartando-se. Elijah instintivamente atirou para trás as mantas sobre o corpo de sua esposa nua, enquanto ela limpava a culpada boca úmida. Ele sujeitou as mantas para beliscá-la por isso, fazendo que o "Olá" a sua irmã e a seu General, saísse meio gritado.

—Siena! Está muito bem! —Syreena saltou felizmente, correndo a abraçar a sua irmã por um lateral, enquanto Anya se apressava pelo outro. Elijah teve que apartar-se para evitar ser esmagado pelo matagal de mulheres.

—Hey! Tive esta fantasia antes!

Elijah riu e procurou Bela, abrindo os braços imediatamente e fazendo gestos para eles. Ela saltou a seu abraço encantada, lhe estreitando tão forte como ele a abraçou.

—Obrigado — murmurou brandamente em seu ouvido.

— Obrigado pelo que fez. Entretanto, como seu professor, devo te dizer que não volte a fazê-lo — disse arreganhando-a ferozmente.

—Trato feito — disse com veemência, enquanto virtualmente lhe estrangulava com a demonstração de seu carinho.

—E eu que pensei que voltaria aborrecido uma vez que te casasse — assinalou Jacob secamente ao Gideon e Legna, quem enchia a porta com sua presença.

—Absolutamente não — disse Gideon inesperadamente, fechando os braços ao redor de sua esposa, ao entrar na habitação com intenções de unir-se aos carinhosos festejos.

—Essa, acredito, é minha linha — respondeu Jacob com uma risada afogada, enquanto se aproximava para recuperar Bela, antes que seu abraço ao Elijah privasse de oxigênio por mais tempo.

Caíam à cama mulheres por todos os lados, todo mundo tagarelava intercambiando a mesma história de uma vez.

Até que Noah pigarreou com a garganta na porta, e fez uma declaração suave:

—Senhoras, senhores, acredito que temos uma caça nos esperando.

CAPÍTULO 17

—Aqui é onde os rastreou? —perguntou Siena brandamente, entortando os olhos de modo que sua visão penetrante se concentrasse no bosque debaixo de sua vigia na ladeira da montanha.

— Não há sequer cento e sessenta quilômetros desde meu castelo.

—E apenas trinta e dois de onde fui atacado — acrescentou Elijah.

—Não sei vocês meninos, mas isto me parece terra cultivada — comentou Isabella, sustentando outra vez os binoculares.

— Jacob, retrocede, está fazendo essa coisa imprecisa.

Ela se estirou para trás para lhe apartar, e o Executor, que não necessitava tais dispositivos para ver na distância, apartou-se como lhe pediu. Continuou lendo atentamente a mesma área que ela de uma distância acrescentada.

—Ah, melhor — disse Isabella, claramente contente de ser capaz de usar a invenção humana.

—Acredito que Bela tem razão. Os usuários da magia tão perto do trono de poder de Siena? Arriscando-se profundamente em território Licántropo? —Elijah sacudiu a cabeça.

— Quem poderia ser?

—Uma linha de busca.

Esse comentário fez que todos se voltassem a olhar a Gideon, que se inclinava para trás despreocupadamente contra o rosto de rocha, seus pés casualmente cruzados nos tornozelos.

—Voltem a olhar para trás, mais à frente do acampamento — instruiu ele—, vêem a terra? Foi trabalhada como o campo de um agricultor, inclusive mais profundamente em alguns lugares. Já sabe que uma vez passei mais de um século de minha vida perseguindo as histórias antigas e culturas da medicina. Não afirmo ser um perito sobre escavação, mas aqueles sulcos no campo se parecem muito aos que cavaría um arqueólogo. Parece-me que estão procurando algo e o estiveram fazendo com muito cuidado.

—Procurando o que? —inquiriu Siena.

— Deusa, só olhe o tamanho dessa fossa. É enorme. Levaria anos cavar apropriadamente algo desse tamanho — se voltou a olhar ao Gideon.

— Por que estão em território Russo, no inverno nada menos, cavando na terra congelada?

—Sim. No inverno. Quando o tráfico habitual neste território é quase nulo porque os únicos seres que poderiam apresentar qualquer possível perigo para eles se acomodam todos para uma agradável e longa sesta — especulou Elijah.

—Sim, é obvio! Um terço dos nossa gente já está em hibernação. Mais da metade da população restante provavelmente se foi às covas justo depois dos banquetes do Samhain! — sussurrou Syreena.

— Deixem-me sobrevoar e jogar uma olhada.

—Não!

O coro de vozes e mãos que evitaram que se elevasse a fizeram tornar-se atrás imediatamente.

—Há divisões por toda parte. Não pode as ver, mas eu sim — lhe disse Jacob.

— Fazem correntes pouco naturais em fauna e vegetação.

—E antes que diga, também estão no ar —acrescentou Elijah antes que ela pudesse indicar que tinha tido a intenção de voar, não andar.

—Ah. —Syreena se sentiu mais que um pouco boba por sua irrefletida pressa, e sua pele se ruborizou.

— Como pode vê-lo, enquanto que nós que somos do bosque, que vivemos constantemente aqui, não podemos?

—Não te venda tão cedo. —disse Gideon silenciosamente.

— Nós tampouco o vemos tão facilmente. Tem que buscá-los, e os sinais são quase impossíveis de decifrar sem séculos de experiência. Inclusive assim, Elijah sem dúvida tropeçou com algumas daquelas salvaguardas o dia do ataque original. Isso, depois de tudo, o

que captou sua atenção para que se aproximasse. Também é bastante provável que fosse o motivo detrás de seu intento de assassinato.

—Não me recorde — disse isso Elijah ironicamente.

— Uma coisa de guerreiro. Caminhei diretamente a eles sobre este chão.

—Não podia esperar vê-los. Os ritmos da fauna e o bosque não são a área que domina — respondeu Noah, rechaçando as auto recriminações do guerreiro.

— Ao contrário, acredito que o tem feito inclusive muito bem seu trabalho. Não acredito que pensassem em te atrair. Como tampouco acredito que tentassem apanhar a você especificamente, Elijah. Só que alguém se aproximou muito a desentupir suas medidas clandestinas.

—A armadilha veio mais tarde — refletiu Siena em voz alta—, provavelmente puseram as salvaguardas ao redor da área de batalha pouco depois, tendendo a armadilha para alguém que veio procurando o corpo do Elijah. Só que não se deram conta de que tinha sido resgatado antes que tivessem deixado de fugir do rugido do puma.

—Tão perto. —disse Anya brandamente, o bordo amargo em sua voz atraiu sua atenção melhor do que o faria os gritos são meus bosques. —explicou ela, seus olhos lisos brilhando de cólera.

— Meu território. Minha responsabilidade é guardá-los e protegê-los exatamente igual a guardo e protejo à Rainha que os governa. Deveria ter posto ao menos um perímetro territorial de guardas depois da Batalha do Beltane. Isto é um falta imperdoável na segurança.

—E eu nunca deveria ter levado a Legna a um território conhecido a passada noite quando Ruth era consciente de que nossa Vinculação nos deixaria... digamos... suficientemente distraídos para nos preocupar com a segurança. —Gideon olhou à mestiça tranqüilamente.

— Acredito que podemos chegar ao consenso de que todos cometemos alguns enganos este último ano. É de esperar quando há muito mais que nós no que pensar. Essas mulheres, essas manchadas criaturas, só se concentram em uma coisa. Erradicar-nos. A todos nós. Isso lhes dá o luxo de um foco pouco comum.

—Para eles, é uma guerra Santa, — acrescentou Noah.

— Têm a vantagem que lhes dá o fanatismo. Não lutam com suas consciências como o fazemos. Para eles, é branco ou negro. Somos maus e devemos ser destruídos.

—Esta busca, garanto-lhe isso, é provavelmente um meio para esse mesmo fim — especulou Gideon enigmaticamente.

— Cada Cruzada era tanto sobre a reunião de relíquias valiosas, religiosas ou por qualquer outra coisa, como o era o manter a reclamação dos princípios religiosos ou as terras.

—Ah, os velhos e bons tempos — brincou Isabella com um sorriso enquanto fazia uma piscada a Magdelegna.

— Lembranças de uma juventude imprudente, Gideon?

Gideon dedicou à pequena Druidisa um ácido olhar que só conseguiu fazer que risse bobamente.

—Tanto como eu adoraria ouvir a respeito do Gideon e Ricardo Coração de Leão rondando os bares do Império Bizantino — disse Siena seriamente, embora houvesse humor reprimido em seus olhos de ouro—, quero jogar a esses particulares cruzados fora de meu território.

—Bem, Siena — refletiu Noah—, já que tenho o pequeno pressentimento de que não tomaria muito bem, para acelerá-lo, um drástico incêndio florestal, o que sugere que façamos?

Siena mordeu o lábio pensando durante um momento, arranhando-se distraidamente um emplastro de pele recém curada sob seu ouvido até que ouviu uma inesperada risada em sua cabeça.

“O que?”

“Tinha razão. Realmente parece um leopardo.”

“Muito gracioso guerreiro. Crê que poderíamos prestar atenção ao problema?”

Elijah se voltou para olhar sobre seu ombro à congregação de rostos espectadores. Um estranho sentido de distância caiu sobre ele quando o fez. OH, sempre tinha estado tão perto dessa gente; nunca ia haver qualquer dúvida na profundidade de seu afeto por eles. Estava o ano em que tinha conhecido a Bela, ou as centenas que tinha conhecido ao Noah, nada podia realmente separar desses sentimentos que tinha formado por seus camaradas.

Mas nesse momento, dava-se conta que estava a ponto de deixar dramaticamente um importante período de sua vida detrás dele. Dava volta claramente para o novo que incorporava a Siena. Isto significava que aqueles bosques eram seus agora, porque eram dela. Requereu-lhe estar consciente do fato de que seus interesses e preocupações se converteram em deles, implicassem ou não à raça Demônio. A comodidade que deveria partir desta era de mudança, na qual estiveram rompendo torpemente ao dar-se conta que a raça dos Demônios e Licántropos estaria mesclada a uma com a outra enquanto eles vivessem. O Destino o tinha proclamado no momento em que ela tinha vinculado a Elijah, e Siena a ele.

Francamente, era uma solução impressionante. O vinculamento de inimigos. Forçar uma integração de espécies e fazê-los entender um ao outro mais claramente. O destino tinha esclarecido a todos. Já não se voltaria para as velhas rixas sem arriscar a separação do casal vinculado, quem, sob a compulsão da Vinculação, preferira morrer a ser separados.

Siena se estirou até esfregar sua mão sobre a de Elijah onde esta se curvou ao redor de seu pescoço nu. Era outro aviso, uma coação inteligente, muda, para lhe fazer se concentrar

nos problemas do momento em vez de esquentar a cabeça com coisas que levaria muito mais tempo que um instante para resolver.

Voltou atenção à mestiça, Anya, que tinha levantado e começava a passear. Ele conhecia essa expressão e os pensamentos que vinham atrás dela igual como conhecia os seus.

—O problema é a maneira como estão entrincheirados — comentou Anya, ajoelhando-se mais perto da beira do escarpado.

— De acordo, esta terra está no alto, mas essas salvaguardas são tão boas como os sólidos muros da fortaleza de um castelo. Quero apostar que não todos são simplesmente parte de uma rede de sensores. Apostaria que muitos são ativas defesas. A metade de nós fritará se cruzarmos essas barreiras. Por não mencionar o fato de que são humanos, apesar de tudo, e isso lhes dá acesso a munições.

—Duvido que tenhamos que nos preocupar com isso, Anya — respondeu Elijah pensativamente.

— Em primeiro lugar, Ruth muito provavelmente estará naquele campo. Entrou bastante rápido na luta quando tinha todos seus pequenos seguidores sobre mim, o que me diz que estava muito perto. O que significa que teria que ter saído com desculpas para manter a área livre de coisas mecânicas ou tecnológicas na natureza, inclusive embora ela seja uma Demônio. Essa é a vantagem de fazer disto uma jazida arqueológica. Espera-se que se faça à mão, mais que com maquinaria.

—Ruth também sabe que em combate corpo a corpo, nossa química causaria imperfeições no funcionamento dos complexos equipamentos. Essas imperfeições teriam maior probabilidade de fazer com que saísse o tiro pela culatra a seus lutadores que de nos fazer dano, - acrescentou Jacob.

— Seu armamento foi que o mais efetivo para machucar aos Demônios. Bolas de ferro em molas de suspensão, lâminas de ferro, magia.

—Sim, mas estão no território Licántropo.—refletiu Siena.

— Os caçadores daqui serão incapazes de resistir a sua natureza de armar-se ante a verdadeira possibilidade de encontrar-se com um de minha espécie.

—O que significa prata — acrescentou Anya.

— Bala de prata, para ser exatos. —A mestiça fez rodar seus olhos. — Tão teatral como posso ser, é bastante eficaz.

—Vale, esperem um segundo — interrompeu Bela, mordiscando o lábio inferior enquanto considerava seus pensamentos.

— Estão preparados para os Demônios. Estão preparados para os Licántropos. Vamos isso é obvio. Mas considerando sua história de guerra juntos, certo que há uma coisa para a que não estão preparados.

—Ambos! —disse Anya imediatamente.

—Justo como na Batalha do Beltane — acrescentou Siena, — Ainda me pergunto se alguma vez se deu conta de que havia mais que Demônios esse dia.

—Não subestimem Ruth — advertiu Elijah. — Foi guerreira antes de ser Conselheira. É uma perita em táticas e nunca soube que cometesse o mesmo engano duas vezes.

—Meninos — disse Bela de repente, sua cabeça inclinando-se quando voltou sua atenção a algo que sentia—, lamento dizer isto, mas tenho essa graciosa sensação no ventre de quando há um Demônio transformado perto. Acredito que estão sendo ocultos por muito mais que salvaguardas mágicas. —Ela suspirou em voz alta, a respiração atraiu a atenção imediata de Jacob que se aproximou automaticamente. Deslizou sua mão sob seu cabelo e lhe roçou brandamente o pescoço.

— Sabem — continuou a pequena bruxa—, por uma vez desejaria que houvesse um pouco parecido a uma feiticeira boa. Uma que estivesse do nosso lado. Alguém que pudesse desembaraçar as salvaguardas e devolver aos Demônios transformados de novo a eles mesmos outra vez.

—Impossível — disse Noah silenciosamente, sufocando imediatamente o desejo ingênuo no rosto da híbrida.

— Para converter-se em uma bruxa ou um bruxo, tem que recolher livros de magia e feitiços que são dentro e fora deles mesmos, inatamente pouco naturais e malvados.

—Pensei que os que utilizam a magia tinham nascido de magos. Ao igual aos Demônios nascem com suas habilidades.

—Descobrirá que isso é verdade nos bruxos mais poderosos — concordou Noah—, mas a maioria se faz por si mesmos por intelecto, recursos, e unicamente pelo estudo. Poderia agarrar um livro de feitiços, Bela, igual a que tem feito Ruth, e aprender magia tão facilmente como qualquer deles. Mas no momento em que comece a usar os feitiços pútridos dos corrompidos livros, corromperá a você mesma. Infelizmente, o acesso fácil a aqueles poderes é por que há tantos deles, tão de repente. Estende-se como um culto.

—Um culto liderado pelos magos mais poderosos que só... nasceram dessa maneira?

—Isso eu temo.

—Está-me dizendo que nascer com potencial natural para a magia te faz de maneira inata mau? —A linguagem corporal de Bela era um protesto que fazia jogo com suas palavras quando ficou mais tensa.

— Isso só significa que nunca tiveram opção! Da mesma maneira que você nunca teria opção sobre o elemento que foste dominar, ou Siena da forma em que iria mudar.

—Têm uma opção. Podem decidir não utilizar a magia negra — replicou Jacob.

— Não te incomode em defendê-los, Bela. Seria um engano sentir compaixão por eles.

—Então, está-me dizendo que é uma eleição entre seguir seu poder inato ou não? Jacob, isso não é justo. Parecer-se-ia com quando você e eu nos encontramos pela primeira vez, quando tentou rechaçar o que instintivamente sentia por mim. Não importava quão mal se sentisse em seu coração, não podia resistir. Quantos de nós que estivemos ali, agora nos damos conta de quão impossível é?

—Bem — cabeceou Elijah repentinamente—, forçado a escolher ou não, isso não muda o que são. Não muda o fato de que nos caçam e nos destroem impunemente, salvando o que nós mesmos trazemos para sua porta em resposta.

—Já vejo. E se um animal selvagem te atacasse porque esta em sua natureza fazê-lo sentir-se-ia justificado para matá-lo? —falou Syreena de repente, sua sobancelha cinza elevando-se em sua fronte.

—Um animal tem motivo e instintos. Mata para alimentar-se ou proteger-se, ou na loucura da enfermidade, como a raiva. O alimento e a defesa própria são o direito de cada criatura viva e não condeno a ninguém por ter essas necessidades. Não me importa os ordinários ou sofisticados que sejam, está nos métodos que utilizam para saciar essas necessidades.

—Mas te asseguro — seguiu ele, sua voz profundo gelo e impenetrável aço—, destruiria um animal raivoso em um batimento de coração. Um animal enfurecido por isso infectará a aquilo no qual afunde seus dentes se não tomar medidas para pará-lo. Destruirei a essas mulheres com a mesma facilidade - assegurou Elijah com frieza a sua cunhada.

— Estas mulheres estão raivosas. Estendem sua enfermidade e sacrificam centenas de inocentes no processo. Aqueles que atraem para filiar-se a sua tarefa, aqueles que nos roubam, e aqueles de nós que fomos tratados brutalmente durante seus intentos por nos submeter.

—Syreena, você é um Monge do The Pride. Metade guerreira, metade pacifista — disse Gideon, seu tom muito mais diplomático que o de Elijah.

— Entendemos sua tendência a ver todos os lados de uma questão. Tenha fé quando te digo que são perguntas que nos estivemos fazendo até onde posso recordar. Não tiramos conclusões precipitadas quando apareceram estas perguntas.

—Não esqueça, Isabella — acrescentou Noah—, que sua integridade humana, embora nobre, não sempre satisfaz a criaturas de nossa classe de poder. É um padrão diferente com elevadas conseqüências se não se dirigirem com um nível mais estrito de jurisprudência. Acredito que sabe.

—Assassinar ou morrer? —disse Bela amargamente. — Desprezo a idéia de minha filha criada em tais tempos.

Um momento depois, suspirou brandamente, levantando para voltar-se para seu marido.

—Não te desgoste, Jacob — disse ela brandamente. — Sentiria o mesmo se fosse uma guerra humana. Você sabe que, em meu coração, prefiro que ela seja parte de uma espécie onde o afeto, o amor, e a moralidade sejam os padrões que abundem. Meu aborrecimento está com nossos inimigos, não com nossa sociedade.

—Me perdoem se pareço ser continuamente ignorante — disse Syreena silenciosamente—, mas, como Bela perguntou originalmente, não há nada parecido a uma feiticeira boa?— Syreena olhou sua irmã intencionalmente.

— Em minhas lições, ensinaram-me que estas bandas que nós três levamos — indicou o escasso fio ao redor de sua garganta—, estão encantadas. Este colar está feito com produtos naturais, mas imbuído de capacidades e propriedades que não podem encontrar na natureza. É o que eu chamaria magia — disse ela.

— Segue sendo então o que, já que são mágicas, são malvadas? Não sei de nenhum Nightwalker que possa fazer algo como isto. Se não tiver sido nós, então quem os criou? Os que utilizam a magia? Essas criaturas do mal? —estendeu a mão para o distante bosque.

— Me nego a acreditar que algo tão intrinsecamente mal fizesse parte das tradições dos Licántropos e nosso modo de encontrar nossos companheiros espirituais perfeitos.

—Não é o momento ideal para discussões filosóficas — disse Gideon repentinamente, seus olhos de prata sérios brilhando a luz da lua quando olhou a Syreena e Isabella intencionalmente.

— Tampouco é o momento prudente para investigar as histórias de nossas raças. Se houver tal coisa como a magia “boa” ou não, mal inato ou não, estamos seguros em nosso entendimento destes inimigos em particular.

—Aqui e agora — seguiu ele—, estas mulheres são uma ameaça para todos nós. Aqui e agora, aquelas mulheres ficam mais fortes e mortais com cada momento que continuam inundando a si mesmas em suas artes. E se não tomarmos medidas contra elas aqui e agora, Ruth, Mary e até a última mulher naquele acampamento se apresentará outra vez a nós e pode não ser uma reunião a que alguns ou todos nós tenhamos a sorte de sobreviver.

—Ponto para ele — afirmou Anya.

— O médico tem razão. Estamos nos arriscando “que sim” e “pudesse ser”, perdendo o tempo em vez de encontrar uma solução realista a nosso imediato problema.

—Estou de acordo—assentiu Elijah bruscamente. Aos dois não poderia confundir nunca por não ser outra coisa que lutadores eram. De sua postura ao enfocar-se na batalha que estava por vir, ambos eram guerreiros ao final. O grupo, guiado por seu exemplo, voltou a enfocar-se no assunto que tinham entre mãos.

—Acredito... — Siena girou para inspecionar a terra outra vez.

— Sim. Acredito que conheço uma maneira em que podemos passar aquelas salvaguardas. —voltou-se para o Jacob, lhe jogando uma olhada e sorrindo. — Sim, acredito que tenho.

Mary entrou na tenda de campanha de sua mãe no acampamento para encontrá-la tendida no relativamente luxuoso alojamento que lhe tinham dado devido a sua posição de mando. Igual que na sociedade Demônio, a fila neste agrupamento de mulheres era segundo o poder, e nenhuma delas poderia exceder a sua mãe. Isso era porque havia mais que as capacidades de uma mera “bruxa” em Ruth. Mas, é obvio, os simplórios que usavam magia que as rodeavam não sabiam. Havia livros velhos, mofados, empilhados ao redor do pequeno escritório no qual o Demônio Mental feminino tinha estado estudando sem cessar, já que tinham acampado ali fazia pouco menos de um mês. Mas estava claro que sua perturbação lhe impedia de seguir com seus estudos.

Ruth era uma mulher brilhante, mas não era uma erudita por natureza. Suas habilidades sempre tinham estado enfocadas na batalha.

Tinha sido uma guerreira antes de ser membro do Grande Conselho. Não foi só a sorte e poder o que lhe deu a habilidade de desfazer-se dos Demônios tão peritos em caça e batalha como eram Elijah e Jacob. Ruth tinha passado séculos como sua aliada, e como tal conhecia tudo sobre a maneira como atuavam, reagiam e quão fortes realmente eram.

—Mãe, o que a preocupa? —perguntou-lhe sua filha, vendo-se tão aborrecida como estava ela. O aborrecimento a sobressaltava freqüentemente quando Mary não tinha ataques ou incursões com os quais se divertir. Tinha desenvolvido um significativo gosto por aquelas coisas.

— Matamos ao Gideon. Deveria te alegrar.

—Não — disse bruscamente Ruth. — Esta celebração é uma perda de tempo e energia. Deveríamos voltar para o lugar para escavar em busca de nosso tesouro. Sobre tudo agora. Noah estará lívido quando descubra que sua família está morta e deveríamos estar preparadas.

—Noah? —Mary bufou com uma depreciativa risada. — O grande Rei pacifista dos Demônios? Nem sequer se alterará.

—Não seja estúpida! —Ruth se voltou para sua filha. — O que sabe você? Não sabe nada disto! Desde que alcançou a idade adulta, soube que Noah perdeu seu temperamento só três vezes. —Ruth as enfatizou com os dedos— Quando sua mãe foi assassinada, quando morreu seu pai, e a noite em que sua preciosa irmã pequena foi convocada.

—Quando sua família é ameaçada ou danificada, a raiva de Noah tem a força de uma fúria nuclear. Não é nada que queira ver alguma vez, moça. Acredite-me quando lhe digo isso. Esta noite matamos o companheiro vinculado de sua irmã e muito provavelmente à Legna. E se Legna estiver morta, a sobrinha ou sobrinho ainda não nascido de Noah morreu com ela. Se

alguma vez nos alcançar, nossas mortes virão em uma conflagração que eclipsará a idéia que têm os humanos do inferno.

—Mas ninguém sabe onde estamos. Quem nos buscaria aqui?

—Elijah sabe! —grunhiu Ruth a sua filha.

— Só tivemos sorte de que não chegasse uns minutos antes. Juntos, Gideon e Elijah nos teriam destruído facilmente. —Ruth livrou uma baforada de ar quando se deteve de repente para fechar de um golpe o montão de livros.

— E agora que se confirma que Elijah está vivo, dirá o que passou a Noah. Agora, apesar de todo meu trabalho por enganar os Executores que o rastrearam, provavelmente logo saberão exatamente onde estamos.

—Mas certamente não virão aqui tão cedo...

—Mary, quem crê que atravessou as salvaguardas o outro dia, casualmente onde se supunha que estava o cadáver de Elijah? Teve que ser Jacob, ou até o mesmo Capitão Guerreiro voltando sobre seus próprios passos.

—Isso esta o a trinta quilômetros daqui — indicou Mary.

—E não crê que Noah tem a sabedoria de ampliar uma busca de nós dali? Deixa de ser tão ignorante, moça! —Ruth girou seus chamejantes olhos azuis sobre sua descendente.

— Por tudo o que sabemos já poderia estar a caminho.

—Então deveríamos ir — disse Mary, parecendo repentinamente assustada.

—Sim. Deveríamos. Mas não partirei sem passar a cada segundo possível procurando, isso pelo que viemos. Posso teletransportar a todos à segurança em um batimento do coração. Podemos deixar que estes bobos distraiam às forças de Noah enquanto escapamos. — Ruth passeou um pouco mais, esfregando os magros dedos sobre sua tensa fronte.

— Legna é a única que poderia ser forte o bastante para interferir em um de meus tele transportes. Inclusive se ela não morreu no fogo, era o poder de Gideon que lhe dava a força para competir. Sem ele, sem dúvida voltará para seu estado comum de adulto uma vez mais.

—Farei com que os outros voltem para o lugar da escavação — disse Mary, seu aborrecimento se foi e começava a ser consciente do perigo que os espreitava.

—Te encarregue disso. Necessitamos esse livro de feitiços se devemos destruir Noah e a todos aqueles idiotas santarrões que ele chama Conselho.

—Fá-lo-ei, Mãe. Acredito que estamos muito perto. Aquele livro de feitiços menor que encontramos pode dizer que o outro está perto.

—Eu não contaria com isso se fosse você. Unirei-me a você breve. Temos que permanecer uma perto da outra em caso de ataque. Se partirmos antes de encontrar o Livro Escuro, saberão que estamos procurando algo e não duvido que continuem a busca eles

mesmos até imaginar o que estávamos procurando. Teremos conduzido Noah direto a ele. Se encontrar o Livro e for a metade do erudito que já é, entenderá o que somos pouco depois.

—Mãe, você mesma disse que ninguém mais sabia sobre o Livro Escuro. Disse que ninguém sabia sequer do cilindro que encontrou que a dirigiu a este lugar. Se nos encontrarem, não saberão para que seja. Disse que só os que usam a magia podem lê-lo.

—Confia em mim, filha. O Capitão Guerreiro não terá nenhum problema coagindo a um detento que usa a magia para que decifre o livro para o Rei uma vez que Noah entenda o que isto requer. Nesse caso, nossa única esperança será que nos leve menos tempo considerar as alternativas do que lhes leve entender as coisas. Agora vai. Estamos perdendo tempo. Posso senti-lo me pressionando.

—Inclusive se vierem, as salvaguardas e os Transformados os manterão ocupados — tratou de lhe tranquilizar Mary. — Ainda temos um pouco de tempo.

—Esperemos que assim seja.

CAPÍTULO 18

—Bem, este lugar parece familiar — murmurou Elijah contra a orelha de Siena fazendo-a rir entre dentes enquanto lhe dava uma gentil cotovelada nas costelas.

—Estas cavernas têm quilômetros e dúzias de saídas como esta — explicou Siena, a rica voz fazia eco quando entraram nos despovoados túneis fora da cova que Jinaeri fazia sua casa invernal.

— Muitos deles estão em hábitat de hibernação, mas não todos os Licântropos. Se cruzarmos o caminho com a fauna selvagem, nos deixar dirigir o assunto as três — se destacou, logo o fez com Anya e Syreena.

—Dirá nós quatro — disse Jacob, lhe recordando que suas habilidades estavam em igualdade até onde aos animais encantados lhes concernia.

—Conserva sua energia, Executor — lhe recordou Siena.

— Não há saída alguma destas cavernas que desemboque no acampamento. Simplesmente usamos estas passagens para passar inadvertidos para os guardas. Contamos contigo para nos levar a superfície.

—Não me preocuparia com minha reserva de energia — lhe assegurou.

—Não entendo por que não posso simplesmente teletransportar-nos dentro do acampamento — se queixou Legna pela terceira vez.

—Ruth nos sentiria chegar — reiterou seu marido com surpreendente paciência. Desgraçadamente, é uma oponente formidável para sua força. Falando tacticamente, não seria prudente permitir que nos rodeassem dessa forma.

—Gideon, poderia nos tirar rapidamente.

—Duvido — disse Noah, o tom deixava entrever que desejava acabar com a discussão,

— Nos trazer todos para dentro, seria por si impossível, inclusive para seu formidável poder, Legna. Tirar-nos depois? Nunca poderia acontecer. Simplesmente não é tão forte. Francamente, em minha opinião, não deveria estar inclusive conosco.

—Não pense sequer em me dar algum afetado sermão sobre as delicadas necessidades das mulheres grávidas. —Advertiu a seu irmão agudamente.

— Ou juro que lhe tele transportarei ao Pólo Norte onde não há nada combustível em centenas de quilômetros à volta.

—Sabe, estava acostumado a pensar que meu povo era muito confiado — comentou Siena—, mas agora vejo por que meu pai teve tantos problemas para ganhar contra sua nação. É muito teimosa.

—Não tem nem idéia — disseram Gideon e Noah a coro.

Elijah riu entre dentes enquanto saltava de uma cornija ao chão aproximadamente um metro e meio debaixo. Aproximou-se, sem pensá-lo, a ajudar Siena com as mãos sobre sua cintura. Não se deu conta até que ela duvidou, de que pôde interpretar o gesto como algo humilhante a sua capacidade indubitavelmente excelente de cuidar de si mesma. Mas se apoiou em seus ombros um momento depois, deslizando as mãos quando a baixou facilmente ao chão.

—Não se preocupe — lhe assegurou brandamente quando entrelaçou os dedos com os seus e apertou sua mão. — Às vezes me esqueço que nasceu quando os homens eram cavalheiros. Entretanto, penso que poderia me acostumar.

—Me alegro de escutá-lo — disse com uma careta. — Entretanto, estou sinceramente desejoso de abandonar as maneiras cavalheirescas e permitir à porta te golpear o traseiro a sua imediata petição.

—É tão amável — riu.

O grupo continuou deslocando-se através dos túneis, seguindo a segura guia de Siena. O chão da caverna era, freqüentemente, escorregadio, a calcária estava repleta de água que gotejava das estalactites e a neblina subterrânea que descendia das quentes primaveras.

—Agora não está longe — disse Siena quando subiram trabalhosamente uma costa.

— Desejaria que tivéssemos uma maneira de sentir os guardas daqui.

—Temos a Bela. É melhor que qualquer sensor.

—Como? —A rainha se voltou e olhou curiosamente a Elijah.

—Bela pode reduzir o poder.

—Elijah, queremos evitar isso se for possível — lhe recordou Jacob. — Os efeitos colaterais estão demonstrando ser prejudiciais.

—Mas imagina quanto mais simples seria se só atravessássemos esses pavilhões uma vez que eu reduza o poder. Não teríamos que passar tudo isto. —Arrancou de repente a mão que tocou uma particularmente lamacenta parede.

— Puaj — disse fazendo uma careta enquanto limpava a mão nos jeans.

— E sobre tudo, Ruth e Mary podem escapar em um raio de tele transporte se não lhes lançassem uma maldição. Não vejo como podemos evadi-lo.

—Não deve ter contato com Ruth não importa o que aconteça — advertiu Jacob sem tolerar nenhuma de suas teimosas negativas.

— Está corrupta, de maneira que ninguém viu antes, não podemos adivinhar sequer que poderia nos causar a qualquer de nós. Ruth não teria podido tocar Gideon faz seis meses. Nem Ruth, Mary nenhuma dúzia de nigromantes poderiam ter feito isso.

—É muito poderosa. —Gideon estava severamente de acordo. — Devemos recordar não tratar isto como qualquer batalha ordinária. Há um grande risco envolto aqui.

A conversa se deteve quando Siena vacilou em seus passos. Viram-na levantar a cabeça, e imediatamente nove cabeças se voltaram em uníssono para escutar.

—Nunca estive aqui antes — murmurou Siena.

— Há algo peculiar sobre este lugar. Não posso pôr meu dedo nele. Pode algum de vós? Foi Noah quem levantou as sobancelhas surpreso.

—Mofo. Cheiro mofo e... — Investigou, agitando a escura cabeça.

—Livros! —Exclamou Bela de repente. — Cheiro livros. Passei muitos anos em uma biblioteca para não conhecer esse aroma.

—Mas ninguém esteve nestas passagens em anos — meditou Siena.

— O crescimento da pedra, o fluxo de água e passagens são totalmente novas. Além disso, está muito úmido para que tenha sentido guardar livros aqui. Danificar-se-iam facilmente. Jinaeri tem que guardar os seus cobertos embora ela esteja em uma área seca.

—Estou te dizendo, que são livros — insistiu Bela.

—Acredito que tem razão — esteve de acordo Noah.

—Olha, aqui. —Jacob saltou para um batente natural, agachando-se para inspecionar a parede próxima.

— Isto pode ser novo agora, mas alguém definitivamente alterou este rosto da pedra em um momento dado. Vêem estas ranhuras? São artificiais, tentando manter uma aparência de sucesso natural, entretanto. Vêm? A água não flui em cima desta seção aqui, então por que

isto está tão desgastado em uma ranhura tão profunda? —estirou-se para tocar a primeira medida da fenda.

—Jacob, não o faça! —clamou Bela de repente, fazendo-o congelar-se imediatamente.

Apressou-se para ele, agarrando seu braço e tentando arrastá-lo a seu lado.

—Algo não está bem. Posso senti-lo. Por favor, sai.

—Bela, retrocede. Prometo que tomarei cuidado. —Extraiu a mão do agarre de morte em que o tinha e sacudiu os dedos quando tentou manter o apertão.

Siena olhou com olhos atentos como o Executor roçou inquisitivamente os dedos sobre e ao redor daqueles sulcos leves, tentando investigar sua memória por algo, embora ela não tivesse nenhuma pista do que era.

—Jacob detenha!

O coro brotou simultaneamente de Elijah e Siena. Ao uníssonos tinham experimentado um momento de lucidez, Siena recordando o fragmento de uma história que tinha escutado durante sua infância uns cem anos atrás, e a proximidade de Elijah ao súbito temor que brotou em sua mente o incitavam a ecoar da advertência.

Jacob se apartou esta vez, ainda escutando outra advertência de uma fonte que não podia desdenhar por super protetora... Baixou depressa da cornija enquanto Siena se aproximava dela. Saltou facilmente, sentindo a mão de Elijah guiando-a.

Isto a fez sorrir ao mesmo tempo, limpou as mãos pela saia do vestido que Legna tinha emprestado. Magdelegna tinha um estilo mais conservador, pelo que a saia era mais longa e volumosa do que à Rainha teria gostado, mas o arrancou simplesmente de seu caminho quando se ajoelhou para inspecionar as suspeitas ranhuras.

—Há uma lenda em meu povo a respeito dos tempos antes que nos atrevêssemos a sair das covas e nos aventurar ao mundo. Assim como meu castelo, cidades completas se construíram clandestinamente supostamente. Nesse tempo, diziam que nós nunca entraríamos na luz do dia. —aproximou-se mais à parede. — Encontramos só pequenas moradas que indicaram isto como certo. Por outra parte, nossa única prova eram as histórias que passamos verbalmente e os velhos fragmentos de tradições populares.

—Assim, o que é isto?

—A lenda diz que todas as entradas nesta cidade foram encobertas e apanhadas para acautelar acidentes, assim como a decididos intrusos. Se uma pessoa curiosa não soubesse como desviar a armadilha inofensivamente, tropeçaria e seria assassinado.

—Você não crê que esta seja uma cidade — disse Bela com claro ceticismo.

—Não, não o faço — esteve de acordo Siena. — Mas acredito que poderia ser uma entrada formada com essas mesmas armadilhas.

—Me diga que sabe desarmá-la — a animou Jacob.

Não sabia. Tocou ambas as ranhuras simultaneamente, um clique forte ecoou sobre eles, fazendo-os assustar-se ante o som. Depois de um breve lapso, estudando a armadilha, pôs ambas as mãos na parede e trocou o peso e a pressão de seu toque ligeiramente ao correto. A parede deslizou tão de repente que sobressaltou a Rainha, quem retrocedeu para o amparo de Elijah, no momento que ele saltava para a cornija em um segundo para lhe impedir que escorregasse.

— Bons reflexos — murmurou ela a seu marido.

— Obrigado — riu entre dentes, aproximando-se de suas costas quando olhou no interior do escuro lugar da entrada.

— Noah?

— Considera-o feito — respondeu o Rei. Estendendo a mão com seus refinados sentidos, sentiu a presença de tochas de alcatrão e as acendeu em uma brilhante quebra de onda de luz. Todos fizeram um gesto de dor quando as filas de tochas os deslumbraram momentaneamente.

— Penso que já sei o que Ruth está procurando — disse Bela com ávido temor, havendo se recuperado antes que os outros porque seus olhos não eram tão sensíveis à escuridão e à luz.

Os olhos clarearam e um grito sufocado saiu do grupo quando se apressaram e se apinharam ao redor da entrada do quarto oculto.

— Disse-lhes que eram livros — murmurou Bela.

Isso era uma subestimação. Realmente era uma biblioteca subterrânea. Estava maltratada pela falta de uso e devido aos anos que tinha sido ignorada, o dano da água que tinha trocado de curso durante os anos de corrosão corria sob paredes que tinham sido destinadas a estar secas, mas isto, tinha sido definitivamente uma biblioteca bem desenhada alguma vez. Tinha corredores vermelhos entre cada jogo de prateleiras, o bordado de veludo rubi, claramente uma vez muito rico e fino. As tochas iluminavam as mesas do estudo, assim como os pódios que sustentavam separados livros de enorme tamanho.

E claro, ao longo de ambos os lados do corredor, prateleiras, prateleiras e prateleiras de livros que chegavam além do que inclusive sua perspicaz visão poderia ver.

— Wow — disse Legna, não podendo ter outra reação.

— De acordo, como poderia Ruth, de todas as pessoas, saber que isto estava aqui?

— Claramente não sabe que está aqui. Pensa que está acima — disse Siena, apontando sobre si mesma à pedra que bloquearia o progresso de Ruth embora suspeitasse que houvesse algo baixo ele.

—Certo. Mary não tem o poder para escavar através da terra e pedra. Esse é um rasgo dos homens Demônios de Terra — disse Jacob, os olhos tão abertos como os de outros quando examinou a biblioteca brandamente.

— Pensa que é seguro entrar aí?

—Acredito que sim —murmurou Siena— mas não apostaria que seja completamente inofensivo, assim se mantenha alerta.

A batalha que tinham encabeçado foi totalmente desprezada, todos entendiam que esta era uma tarefa mais crítica. Moveram-se para a isolada caverna, os homens unindo as mãos com as mulheres, todos alertas enquanto se preparavam a tomar qualquer forma que necessitassem para escapar do dano e as levar com eles para a segurança.

Siena precedeu a todos, amplos olhos dourados examinando levianamente sobre os títulos dos volumes mais próximos. Elijah estava perto, detrás dela, tão perto que quando se deteve, tropeçou com suas costas e permaneceu ali até que continuou.

—Siena, esta é a Entesourada Língua — sussurrou Syreena, seu sentido de reverência atravessou o ruidoso claro quando alcançou a tomar um livro nas mãos, sustentando-o como se fora uma gema preciosa.

—O idioma histórico que só os membros do The Pride sabem agora. Também se perderia para eles se não fosse pelo fato que se passam tanto tempo mantendo seu conhecimento sobre ele.

—Isso significa que isto é uma biblioteca do Licántropos? — perguntou Elijah.

—Não.

Todos se voltaram para ver Bela baixar outro livro.

—Jacob, isto é o idioma antigo da raça Demônio.

As cabeças se voltaram de uma mulher à outra. Cruzaram-se para encontrarem-se uns aos outros e inspecionar os livros.

—Estes não são os mesmos — lhes informou Bela.

— Vejamos se há outros.

Havia livros nos idiomas conhecidos e desconhecidos a aqueles no quarto.

—O idioma dos Vampiros —disse Gideon agitando a cabeça.

— Isto se parece com as marcas dos Shadowdweller. Estes são esses caracteres intrépidos, pitorescos que utilizam.

—É uma biblioteca Nightwalker — disse Siena, a voz sussurrante ressonou nos tetos altos.

—Muitos deles estão arruinados — comentou Elijah, deixando cair um livro saturado para uma mesa onde se desintegrou imediatamente.

—Noah, ouviste falar alguma vez de algo assim em sua história? —perguntou Siena ao Rei.

—Nada. Isto... Isto está mais à frente que algo que nós algumas vez soubéssemos.

—Eu alguma vez ouvi falar disto no The Pride, e eles têm um truque por dizer alguns contos bastante primitivos — disse Syreena, enquanto continuava inspecionando as prateleiras com ligeiros dedos.

— É possível que isto preceda inclusive a nossos antepassados?

—E nenhum deles pensou em dizer a qualquer de nossos historiadores sobre ele? Acho isso difícil de acreditar. Certamente algum tipo de história ou lenda sobre isto sobreviveu... Alguém teria uma prova escrita ou menção em alguma parte — insistiu Noah.

—OH sim — disse Bela, com os olhos rodando e tom seco— assim como você foi consciente dessa pequena feliz profecia que encontrei a respeito de que todos estávamos a ponto de ser colocados dentro de uma secadora e agitados para ser literalmente cuspidos, só para ver o que sai da lavagem.

—Bom ponto — riu Elijah entre dentes.

—Jacob, olhe isto. —Noah chamou o Executor. Jacob se aproximou para olhar atentamente o livro sobre o ombro do Rei.

—É o que penso que é?

—O que? —perguntaram outros.

—Feitiços — respondeu Noah, os olhos escuros, sérios e carregados de preocupação.

— Feitiços de usuários de Magia.

—Em uma biblioteca Nightwalker? —Empurrou Isabella através deles, inspecionando o volume grande com os olhos afiados.

— Latim. ... Italiano... Nem sequer sei o que é isto — disse movendo a cabeça.

— Mas há inclusive hieroglíficos egípcios aqui. Isto é, como... o compêndio completo de feitiços do mundo inteiro! Isto é o que Ruth e Mary estão procurando. Apostaria meu esconderijo de barras de chocolate nisso.

—Penso que tem razão — estava de acordo Noah, folheando as páginas cautelosamente, mas as encontrando todas muito rígidas.

— Temos que destruir isto.

—Absolutamente não!

—Bela — advertiu Noah.

—Nem sequer pense Noah, há uma razão para que isto esteja em uma biblioteca Nightwalker, e possivelmente deveria entender queira ou não, que razão é essa antes que ande jogando ao Fahrenheit 4517.

—Bela, sabe quão perigoso seria este livro nas mãos equivocadas? —argumentou Noah.

—Mas não está nas mãos equivocadas. Está nas tuas.

—Noah, penso que pode estar no certo — falou Gideon, os olhos chapeados de repente olharam ao Rei, então o monarca entendeu quão séria era sua opinião.

— Estivemos procurando maneiras de bloquear a Convocatória e Transformações por centúrias, milênios inclusive. Possivelmente este livro ou estes outros contêm essas respostas.

Noah pareceu considerá-lo imediatamente.

—Há uma coisa em que todos podemos estar de acordo. —Falou Siena de repente, com voz profunda que penetrava com séria gravidade.

— Devemos manter Ruth e Mary tão longe daqui

7 Fahrenheit 451 é o título de uma novela do Ray Bradbury publicada em 1953. Este título faz referência à temperatura a que o papel dos livros se inflama e arde. (N.deT.)

Como é possível. Esse volume é provavelmente só um arranhão na superfície do que guarda este lugar. O poder ao que teriam acesso se descobrissem esta biblioteca é imensurável. E não sei sobre o resto de vocês, mas penso que tiveram vantagens mais que suficientes desde que elas desertaram.

—De acordo — disse brevemente Jacob.

— Noah, Bela... sei que a tentação de todo este conhecimento está lhes curvando, mas tínhamos um trato melhor com nossos traidores e seus compatriotas antes que nos permitamos nos distrair por algo mais.

—De acordo também — disse Noah com uma inclinação afiada.

— Mas não me sinto cômodo saindo e deixando tudo isto assim, aberto.

—Isto permaneceu imperturbável por incalculáveis séculos, Noah — lhe recordou Siena brandamente.

— Restaurarei o selo e fecharei como estava quando chegamos. Uma vez que tratemos com Ruth, poderemos nos preocupar com guardar este lugar longe.

Levou um comprido momento, mas eventualmente Noah assentiu seu consentimento. O poderoso grupo imediatamente retrocedeu fora da biblioteca, saltando abaixo da entrada para que a Rainha Licántropo pudesse re-selar a trancada porta. Levou algum esforço e um pouco de ajuda de contrapeso de seu poderoso companheiro selar novamente o antigo mecanismo, mas eventualmente também puderam saltar fora da cornija e voltar para grupo.

—Vamos, lhe chutemos o traseiro. —ofereceu Bela com irreverente entusiasmo, agarrando a mão de seu marido e apressando-o nos mais profundos ocos das cavernas.

Mary estava caminhando inquieta, ao lado do lugar da zona de escavação, com os braços dobrados ao redor da cintura, mordendo o lábio inferior quando a energia se emitiu fora dela em ondas. Sua mãe não tinha vindo ainda, fazendo-a interessar-se um pouco mais

por sua segurança se algo de repente saía mau. Entretanto, tinha um notável poder, e isso incluía a facilidade e velocidade de suas habilidades de teletransportação.

Sua mãe a tinha assustado o suficiente, mencionando os homens poderosos e suas companheiras que estavam potencialmente fora por seu sangue. Tinha sido criada em perpétuo temor desses nomes, inclusive apesar da brincadeira constante de sua mãe.

Noah. Elijah. Jacob o Executor.

Especialmente Elijah. Tinha seguido sua mãe uma vez ao terreno de treinamento quando ainda tinha sido uma guerreira sob a ordem do feroz Capitão, e tinha visto por si mesma, quão brutalmente frio e calculador poderia ser esse poderoso Demônio, inclusive quando só estavam praticando. Quando ela e sua mãe tinham estado vigiando o guerreiro, não fazia muito tempo no bosque russo, olhando-o morrer com uma aparentemente incompreensível simplicidade, Mary ainda tinha sido intimidada e assustada, apesar de sua evidente debilidade e sua clara vitória. Viu quase sem surpresa que o guerreiro havia de algum modo conseguido evitar uma clara e iminente morte. Sempre tinha acreditado que fosse infalível, e isso estava agora mais reforçado que nunca.

Seu nervoso olhar se moveu bruscamente sobre as filas de mulheres que trabalhavam pacientemente na dura e fria terra que supostamente ocultava o Livro Negro que sua mãe estava procurando tão desesperadamente. De acordo com o pergaminho se supunha que era o centro de mesa de uma biblioteca antiga que tinha existido faz muito tempo, ainda antes do tempo de Gideon. Era um conceito difícil para que uma Demônio tão jovem como ela o assimilasse. Que tal coisa sobrevivesse todo esse tempo parecia inclusive impossível, mas sua mãe já tinha descoberto o companheiro do livro, pelo que ainda devia ser possível o Livro Negro ter sobrevivido a todas estas épocas.

Segundo sua mãe, esse livro teria o poder para destruir inclusive o mais poderoso inimigo. Inclusive Noah, o extremamente poderoso Demônio de Fogo quem poderia destruir a Terra inteira se o propunha.

Mas não pensou que eles o necessitassem. Só tinham destruído a Gideon, o mais Antigo de seu tipo. Se elas puderam fazer isso, poderiam fazer algo.

—Eu não descansaria tão comodamente nessa hipótese se fosse você.

Mary escapou de seus pensamentos privados com um ofego, girando para enfrentar a baixa e fria origem da declaração. Encontrou-se olhando fixa e temerosamente os frios olhos chapeados, a boca baixo eles se torceu em um sardônico sorriso de cruel confiança que nunca tinha esperado saber o significado.

—Uh, uh, uh — murmurou uma suave e exortante voz detrás, fazendo-a girar com velocidade e terror para enfrentar cara a cara a outro jogo de olhos chapeados.

— Sei o que está pensando — advertiu Magdalegna com seu próprio sorriso cruel. — Sua mamãe não pode te ajudar agora.

O coração de Mary golpeou com violenta velocidade quando compreendeu que estava dizendo a verdade absoluta. A jovem Demônio estava rodeada por todos esses Demônios cujos nomes e lenda tinha temido toda a vida.

—Jacob, Bela, lhes concentre manter esta pequena mucosa em segredo. Ruth logo virá por ela.

A ordem foi dada pelo Rei Demônio, quando ele e os outros se voltaram para os repentinos gritos de advertência vindo do campo, cheios de agitação de usuários de magia e caçadores.

—Como uma Druidisa que conheço disse uma vez, chutemos o traseiro!

Depois dessa declaração alegre, a próxima palavra que saiu da boca da Rainha dos Licántropos foi o arrepiante rugido do puma.

Ruth foi sacudida fora do estudo do livro aberto ante ela pelo forte som de urgentes vozes fora da tenda. Ficou em pé tão rápido que golpeou a cadeira para trás e, agarrando protetoramente o pesado e velho volume contra ela, estendeu-se com seus poderosos sentidos mentais.

Compreendeu abruptamente que estava sob uma enorme ameaça. Pior ainda, sua filha estava sendo ameaçada. Freneticamente, a traidora rechaçou a reação automática de fúria e cegou o impulso para reagir que os instintos maternos exigiram. Por sorte para ela, os séculos de treinamento como guerreira lhe recordaram que lutar sob coação da emoção era a maneira mais segura de perder uma batalha. Era em retrospectiva, exatamente como Gideon tinha procurado obter a vantagem tão inesperada em seu ataque. Um engano pelo que ela ia, ao que parece ainda pagar o preço, quando se deu conta da presença próxima do Antigo. Os dedos crispados envolveram a redor de sua magra garganta, agarrando a cardeais que não estavam mais ali, exceto em sua memória, de como Gideon os tinha feito e quase a tinha matado no processo.

Agora eles procuravam capturar e machucar a sua única menina viva, inclusive depois do que tinham feito em sua arrogância para causar sofrimento a Mary em primeiro lugar! Se não fosse por suas leis idiotas, Mary teria emparelhado com um Druida varão que a teria amado com incompreensível poder, duplicando o potencial da moça, ou possivelmente mais. Mas não. Não haviam visto conveniente em salvar a esse pobre homem Druida de uma terrível morte por inanição. Só tinham mudado as leis para satisfazerem-se quando um de sua seleta turma tinha estado na necessidade disso. O Executor e sua esposa.

E agora ambos se atreviam a manter cativa a sua filha, o amor emanava deles como uma pestilenta praga. Sabia que estavam usando Mary para cevá-la, mas não seria tão enganada facilmente, nem seus propósitos tão simplesmente burlados.

Isabella parou pé contra pé com a jovem Demônio de Terra, os olhos violetas cheios de ira logo reprimida para ela. Mary e sua mãe a tinham emboscado quando esteve grávida, pegando baixo, em um específico intento por acabar com a vida de seu menino, assim como com sua própria vida. A Executora não esqueceria ou perdoaria logo esse atrevimento. Nem faria seu companheiro, quem, na atualidade, estava expulsando uma rede sensorial querendo impedir Ruth de aproximar-se sigilosamente deles, da maneira como eles se arrastaram em seu acampamento e sobre sua indefesa descendência. No campo, os nigromantes e caçadores estavam sendo envoltos e facilmente derrotados. Os caçadores não tinham nenhum outro armamento fora às velhas ferramentas de escavação, e os nigromantes eram muito dependentes em sua concentração e necessitavam grande preparação antes de serem eficazes em batalha. Só aqueles a quem o poder se apresentava mais naturalmente apresentariam um verdadeiro desafio. Isso e o fato que os infiltrados realmente estavam excedidos em número.

Isabella, entretanto, estava indiferente. A redenção era um poderoso motivador. Não havia um Demônio ou Licântropo no campo que não tivesse uma boa causa para encontrar a redenção neste particular grupo.

De repente, Isabella sentiu um redemoinho de ar deslocando-se, golpeando-a fortemente nas costas, fazendo-a tropeçar para frente. Jacob girou para enfrentar sua esposa, quando seus alarmes sensoriais soaram de forma ruidosa e extensa. Elijah também sentiu o redemoinho, ainda à distância no campo, estava distraído de seu atual adversário o suficiente para olhar em direção ao Executor.

O guerreiro conhecia a sensação de deslocamento de ar de uma tele transporte e agora o sentia. Assim como os Executores. O problema era que não havia nada nem ninguém no centro do deslocamento.

—Onde está? —perguntou Isabella freneticamente, retrocedendo instintivamente mais perto de seu companheiro.

Elijah viu sua confusão, uma doente e fria inquietação se estendeu pela espinha quando os viu derrubar-se por um objetivo. A sensação obteve a atenção de sua esposa, e a viu girar para observar os executores, para não perdê-los completamente de vista. Os olhos dourados se deslocaram quase fechados e o peludo nariz se elevou dentro do rastro. Imediatamente, o cabelo da nuca se arrepiou e elevou sua atenção. A gata trocou para Mulher Gato com vertiginosa velocidade. Elijah soube seus pensamentos imediatamente. Ruth estava ali. Apesar do que os olhos estavam lhes dizendo, os sentidos do gato não podiam ser enganados facilmente.

Jacob acolheu a metamorfose de Siena e a clareza de sua motivação muito tarde. Isabella de repente foi arrojada e enviada voando em sua direção. Não pôde evitar apanhar a sua esposa, inclusive se não o tivesse querido, ainda com sua pequena estatura, a velocidade do impacto contra o peito o enviou cambaleando para trás.

Elijah reagiu imediatamente, enfocando-se na Demônio traidora mais jovem e fazendo-a desmolecularizar em nada mais que um sopro de ar. Sua esposa estava cobrindo terreno em imponentes, e poderosos saltos, literalmente seguindo seu olfato para encontrar à outra, quem de algum modo tinha mascarado sua presença visual.

Ruth se materializou com um grito de frustração justo quando Siena não estava a mais de dois saltos de equilibrá-la sobre a terra. A Anciã traidora estendeu violentamente uma mão para a mulher Licántropo. Siena golpeou uma parede, a meio salto, e retrocedeu com uma tosse atemorizada. Ruth havia tele transportado uma sólida pedra em seu caminho a uma distância muito curta para que pudesse trocar a direção. Aturdida, Siena tocou a almofadinha da pata apalpando o rasgo de pele que cruzava por sua frente, surgindo com a pele ensanguentada pelo esforço.

Ruth então se tele transportou longe. Elijah se preparou, sentindo-se bastante seguro que ela seguiria o rastro a qualquer custo. Forçou Mary dentro de um estado não corpóreo e usou um grande esforço, de todas formas, estava lutando com unhas e dentes, Elijah açoitou as costas em sua forma natural, antes que perdesse a oportunidade de fazer isso também. Assim que fez isto sentiu que Ruth aparecia violentamente atrás dele.

Ruth sempre tinha sido uma perita atacando pelas costas. Literalmente. Esta era uma de suas estratégias de ataque favoritas... Elijah lhe tinha ensinado como, pelo que estava preparado para a folha que veio, cortando para seu flanco exposto. Não gastou energia trocando de forma, mas pelo contrário se agachou e rodou com notável agilidade e velocidade. Ainda assim, a folha passou além de sua orelha, arranhando o lóbulo.

O guerreiro não teve tempo para notar a lesão. Ruth se tele transportou de novo e uma vez mais as suas costas. Instintivamente, Elijah bloqueou o golpe com o braço, enviando faíscas que voaram quando o metal da faca conectou com os elos de seu bracelete dourado. Sem a preocupação pela perversamente afiada folha, Elijah envolveu o braço nu ao redor e atirou para baixo, desarmando pulcramente Ruth, embora a custo de uma boa mordida na carne de seus bíceps e antebraço. De novo o bracelete lhe tinha salvo do pior.

Ruth se voltou para olhar a sua menina, claramente tentando centrar-se nela para transportá-las longe. Mas cada vez que tinha tentado fazê-lo até o momento, algo lhe impedia de levar sua filha com ela. Frustrada e enfurecida, se tele transportou longe, sozinha, antes que o Demônio guerreiro alcançasse seus pés e pudesse reagrupar-se para atacar.

Elijah se levantou, mas tinha um alvo diferente na mente. Agarrou à desorientada Mary pela garganta, usando o afeto para atirar das costas contra seu peito. Mary ofegou, então gorjeou um restringido som de pânico quando a enorme mão interrompeu seu fornecimento aéreo. Era muito jovem e inexperiente para usar qualquer de suas habilidades inatas depois de ser empurrada para o captor como tinha acontecido. Tudo o que podia fazer era sacudir-se e agarrar a mão fechada tão firmemente ao redor de seu pescoço.

—Ruth! Arrancarei sua cabeça aqui e agora, juro-o! —Ladrou Elijah imperfeitamente ao ar noturno. — Termina isto! Encontra seu destino como a guerreira que uma vez foi!

Ruth se materializou uma vez mais, esta vez com tal violência que alguns de seus compatriotas foram lançados para trás. Elijah esteve imediatamente com os nervos em ponta quando se deu conta que a traidora tinha aparecido justo detrás de Siena. Não precisava preocupar-se. Siena tinha se preparado ao que parece para tal tática. Era um borrão de pele dourada quando girou ao redor com surpreendente velocidade. Ruth reagiu, estirando os braços quando ela tentou saltar para trás. Mas Siena era mais rápida, seus afiados reflexos tão reais como sua habilidade em dar no branco. As garras da Mulher Gato rasgaram através da frente do vestido da Ruth, cortando através da gaze e carne.

A Anciã Demônio Mental gritou de dor, cambaleando para trás, os olhos muito abertos com repentino temor quando a Mulher Gato grunhiu e se agachou, negras e douradas pupilas se estreitaram sobre ela como se fosse à próxima comida do gato. Seus sentidos notaram a cercania dos Executores, também que as linhas de seu acampamento estavam reduzindo-se a nada, e que se ficava e lutava por sua filha um momento mais, era muito provável que também fosse capturada. A última coisa no mundo que queria era cair sob o castigo dos Executores e o Rei. Se fosse capturada, morreria indubitavelmente por seus crimes.

Em um último e desesperado tento para salvar sua menina, tentou pensar em uma maneira de ajudar Mary a escapar de um destino similar. Tinha só um segundo para chegar a uma solução antes que se encontrasse sob o salto do gato e suas dolorosas garras. Com desespero, Ruth roubou uma pá de escavar, com uma aguda ponta de metal que um caçador estava usando a certa distância utilizando-a como projétil contra Gideon. Reapareceu em meio vôo, dirigindo-se diretamente para Elijah, sua filha protegia seu peito. Mary era muito pequena contra o gigante, pelo que seus ombros se encontravam apenas debaixo do palmo de costelas que cobriam o coração do Capitão Guerreiro.

O projétil era muito inesperado e se moveu muito rápido, inclusive para a reação de Elijah. Mas Siena já tinha começado a lançar-se contra esta Demônio cadela que lhe tinha causado tanto dor. Sem compreender Ruth tinha arrojado um último ataque letal a seu companheiro, ela tinha saltado para a Demônio com um arrepiante e dramático grito. Ruth retrocedeu com temor, toda sua atenção enfocada em escutar atentamente esse horrível e

anormal grito de guerra. Foram os séculos de treinamento reflexivo como guerreira que a fizeram correr na direção correta para evitar as garras que apontavam para estripar de um só golpe.

Muito tarde, Ruth compreendeu que tinha perdido controle da lança que tinha enviado ao coração de Elijah. Correndo para evitar o mortal alcance de Siena, girou para verificar se tinha salvo sua filha da asfixia do gigante.

Durante um momento, um deleite poderoso a percorreu quando viu o guerreiro ajoelhado, curvado sobre a comprida grama. Entretanto, segundos depois se voltou enfrentando-a, susto e dor sulcaram por seu rosto. Os olhos de Ruth descenderam, e seu mundo inteiro explodiu em raiva e agonia. Embalada nos braços do gigante loiro estava sua filha, seu coração estava atravessado com o arpão que tinha elegido como arma para o Capitão Guerreiro.

A visão de Ruth se voltou negra e logo vermelha, o quadro inconcebível e o entendimento do mesmo ecoando através de sua mente desequilibrada com enlouquecedora persistência. Com isto veio à calma e clareza que só a loucura poderia proporcionar em tal momento. Voltou os olhos avermelhados de ódio para a Mulher Gato diante dele e grunhiu baixo.

— Isto ainda não terminou — vaiou a Siena. — Pagarão por minha menina com os seus. Têm minha maldição nisso! Todos vocês!

Então se tele transportou longe, em uma última e violenta retirada, deixando-os para sempre agora que já não havia nada para mantê-la ali. Com as frias palavras da traidora Demônio ainda ressonado em seus ouvidos, Siena se voltou para olhar a Elijah. Só então compreendeu quão séria era a ameaça que Ruth fazia.

Mary estava morta.

E Ruth tinha prometido ver que eles pagariam com o sangue de seus próprios meninos.

CAPÍTULO 19

Perto do amanhecer, o vento que formava redemoinhos no exterior da apertada cabana de troncos, no balcão da biblioteca, solidificou-se nas formas da Rainha e do guerreiro. Abraçavam-se estreitamente, como se apoiando entre si. Ambos estavam esgotados física e mentalmente, pelo que provavelmente estivessem fazendo precisamente isso. Elijah se moveu primeiro, acariciando com os quentes e firmes lábios a recente malha do corte que sulcava a dourada fronte.

—Espero com ânsia o dia em que Gideon possa realmente ajudar a sua gente a curar — disse brandamente contra a pele, seu coração desejando. Odiava vê-la inclusive com o mais leve dano. Levar-lhe-ia muito tempo esquecer a visão dela, empolada e decomposta em seu leito de doente.

—Shh... — Siena lhe acalmou com um suave fôlego, a boca vagando pela garganta.

— Estou em sua mente, guerreiro — Era tanto recriminação, como aviso. Não estava acostumada a preocupar-se sobre algo mais do que ele era.

— Gideon é muito brilhante. Não tenho nenhuma dúvida de que encontrará a forma dentro de nossa química. Enquanto isso, isto se curará sozinho bastante rápido.

Levantou a cabeça da sua e olhou devagar ao redor, abrangendo a escuridão limpa que os rodeava. A noite inteira se foi, embora só tivesse passado umas poucas horas desde que levantaram para a batalha. Elijah os tinha guiado através de numerosas zonas horárias, seguindo a sombra da escuridão até que tinham chego ali, onde estava amanhecendo.

—Este não é território Licântropo — comentou, olhando à extensa pradaria sem árvores e à fossa de largas ervas movendo-se com a brisa natural. O outono começava neste lugar. As primeiras nevadas estavam previstas a qualquer momento em seu próprio território.

—Exato — Murmurou Elijah, beijando-a carinhosamente no cabelo ao estreitá-la.

— Sem castelo. Sem guardas. Sem embaixadores, conselheiros, ou generais...

—Sem noite — indicou secamente.

—Sem problema — respondeu com um sorriso.

—Confia em mim. Minha idéia é que não haja nem inimigos, nem ameaças, e sobre tudo, nenhuma preocupação imediata que não possa esperar umas poucas horas.

—Isso é impossível de obter com essa louca criatura vagando pelo planeta — respondeu com um triste suspiro.

—Até que saibamos com exatidão para onde escapou, está momentaneamente fora de nossas mãos. Só Jacob e Isabella têm a esperança de averiguar onde foi. Conseguiu encobrir muito bem seus rastros para escapar das habilidades de um guerreiro, sem importar meu poder. O Executor nasceu com a capacidade inata de rastrear por si mesmo. Encontrá-la-á. Está maldita, desonrada, transformada e corrupta, mas ainda é um Demônio — Elijah suspirou, fechando os olhos à medida que a brisa do amanhecer trazia o perfume da terra e a erva dos arredores.

— Se esconderá e será condenadamente difícil aproximar-se, mas tenho uma fé cega em Jacob. Enquanto isso, gatinha, não podemos viver nossas vidas só para lutar e caçá-la. Dar-lhe-ia uma vitória de tal alcance, que nem sequer poderia imaginar.

Siena estremeceu brandamente, estendendo as esbeltas mãos para envolvê-las ao redor dos fortes e musculosos bíceps, o polegar acariciando a vendagem que ajustou.

—Quando me lembro do perto que estive de ser assassinado...

—Nunca. Sou mais rápido e forte que seus truques, gatinha. Quando Mary me golpeou, não era nada mais que ar. Só desejaria que também tivesse tido o tempo e a força de protegê-la, mas com a ferida no braço... — Suspirou brandamente quando esses tenros dedos delinearam a punhalada curada sob sua mão.

— Há uma parte de mim que perdoaria Mary pelo que fez, devido ao amor por seus pais.

—Eu nunca— Insistiu Siena com veemência, piscando para tirar a ardência dos olhos, apoiando a bochecha sobre seu coração.

— Desafiar o seu pai por aquilo no que crê ter razão é uma difícil eleição, mas uma eleição que deve fazer se o confronto. Não era muito maior que Mary quando fiz essa eleição. Inclusive aceitei o fato de que um dia meu pai teria que morrer; que tivesse que morrer, se o que alguma vez pensou chegasse a realizar-se — Elevou a vista quando ele se esticou sob seu toque.

— É o ciclo da vida sobre esta terra, que os jovens herdarão seu lugar sobre ela depois da morte de seus pais. Cada ser vivo, animal ou humano, cumpre este destino constantemente. Sabe — insistiu efusivamente, baixando a voz em um rouco sussurro.

—Sei — Concordou em voz baixa— Mas para as espécies inteligentes, ser uma parte deste ciclo não é uma maneira tão fácil de existir.

—Não deveria sê-lo. Espero que nunca aconteça conosco.

Siena levantou a cabeça, aspirando profundamente no vento, tomando todos os aromas alheios desta parte da América do Norte em que nunca tinha estado.

—Viajei tão pouco em minha vida — afirmou, tomando outra profunda respiração, cheirando toda a flora e fauna.

— Sempre me surpreende como o ar pode cheirar de forma diferente, simplesmente trocando de lugar.

—Sim. É um fenômeno extraordinário. Um pouco parecido a você e a mim, e a este vínculo que compartilhamos. Único, e ainda assim simples a sua maneira.

—Mmm... —Coincidu. Então se afastou dele com um sorriso.

— O sol se está movendo sobre nós. Não crê que é o momento de me mostrar sua casa?

—O tour — respondeu com um grave e maroto sorriso, levando-lhe nos braços enquanto abria com uma pernada as portas da biblioteca e cruzava com ela a entrada—, pode esperar até mais tarde. Tenho outros planos que necessitam que te familiarize com uma única habitação desta casa.

—O dormitório?

—O dormitório — concordou, fazendo-a rir com esse duro e sexy sorriso que tanto adorava. Imediatamente sentiu o fogo da necessidade por ela queimando através de sua pele, provocada por aquela decadente risada gutural.

—Alguma vez te ocorreu, que depois da derrota a um arquiinimigo e enviá-lo fora de um bosque cheio de nigromantes, poderia estar muito cansada para a classe de planos que tem?

—Deveria — disse com um ridículo sorriso quando subiu ao patamar de acima a grandes pernadas, e entrou na suíte principal—, mas é igual a mim, Siena. Depois do calor da batalha, o calor da paixão é a primeira coisa que anseia. Além disso, fiz uma promessa sobre um jogo de unir pontos, e tenho a intenção de reuni-los.

—Não seria uma verdadeira Rainha se começasse a não cumprir minhas promessas — refletiu brandamente.

—Não é próprio de você retratar sua palavra, gatinha — respondeu com um sorriso quando a deixou cair, deslizando muito devagar as pernas por seu amplo corpo, permitindo o luxo bem castigado de seu tato.

Siena respondeu imediatamente à sensação dos músculos como rochas contra sua própria flexibilidade, ao conectar por completo seus ágeis corpos. Suspirando profundamente, demonstrou-o com um lento ronrono de prazer quando se abraçou sexy contra ele. Aconchegou uma bochecha sobre seu ombro, absorvendo com cada molécula que possuía a consciência dessas mãos esfregando suas costas.

—Assim, isto é o que se sente estar verdadeiramente só — murmurou com satisfação.

—Não está sozinha — lhe recordou brandamente.

—Não, mas estamos.

—Estivemos sozinhos na cova de Jinaeri.

—Tempo que esbanjamos — replicou, levantando a cabeça para indagar em seus olhos.

—Negro — soltou.

—O que? —Perguntou.

—Supõe-se que responde “Branco” — disse-lhe em um sussurro de cumplicidade.

— Poderia jurar que vive pela emoção de me voltar ao avesso.

Siena riu, gostando tanto da ocorrência, que envolveu forte os braços ao redor do pescoço e encontrou sua boca com lábios firmes e insistentes. Atraiu-lhe com hábeis beijos sedosos. A lambida firme de sua língua, lhe provocando em um jogo que lhe cativou por completo. Quando ao final lhe liberou, estava quente e sem fôlego embaixo dela, procurando a ponta dos dedos. A rainha estendeu as ansiosas palmas sobre a extensão do largo peito que subia e baixava muito depressa.

—Adoro sentir sua respiração — Suspirou fechando os olhos, permitindo refletir em seu rosto o sincero prazer da sensação e o som do sangue dele movendo-se por todo seu corpo. Essa paixão por uma coisa tão simples estimulou-lhe ainda mais profundo.

—Siena — exalou, fechando os olhos quando as mãos audazes se estenderam devagar sobre ele.

—Ao voltar para o lar do Antigo, quando vi Gideon e acreditei que estava morto, tudo o que podia pensar era que se algo podia matar a tão extraordinário ser... Que possibilidade teria contra isso? Estava segura que nunca poderia te sentir respirar outra vez. — Comentou, com a lembrança do medo raspando em sua doce voz, apertando as mãos em um tenso toque sobre o claro movimento do peito, quão único mantinha essa emoção no passado, onde pertencia.

—Siena... — A silenciou docemente, lhe embalando as costas da cabeça com ambas as mãos, entrelaçando os dedos através do cabelo enquanto examinava os olhos dourados.

—Prometeu-me isso, Elijah. Quando estivesse bem e nossos inimigos derrotados, poderia te falar do que sinto em voz alta.

Viu-a pestanejar depressa, tratando de desfazer-se da umidade nos olhos. Alargou a mão para tocar com os polegares as suaves pontas das douradas pestanas, disposto a apanhar qualquer lágrima que se atrevesse a escapar de seu escrutínio. O coração apertado com a emoção, transbordada através dele, irradiando como a luz do sol ou a lua.

—Siena, antes de dizer algo, preciso te perguntar algo.

—Sim. Sei. Estiveste pensando muito sobre algo que o preocupa que me incomode. Hei-o sentido todo o tempo, enquanto viajávamos até aqui.

—Tenho que me acostumar a sua percepção de meus pensamentos — disse com pesar.

—Perdoe-me, não tratava de te enganar.

—Sei — insistiu.

— Tem feito o que qualquer pessoa faria. Estava analisando seus pensamentos antes de expressá-los. Embora deva te dizer que qualquer faria, não acredito que justifique mais sua preocupação. Não sou tão irracional como pensa que sou.

—Promete me escutar até o final?

—Sempre — lhe assegurou.

—Muito bem — começou a falar a cadência rápida e entrecortada; a eficiência de uma tarefa desagradável, mas que alguém deve terminar.

— À luz dos acontecimentos de hoje e todos os perigos que acredito vamos enfrentar, devo te pedir que me libere temporalmente de minha promessa a renunciar de meu posto com Noah. Esta situação vai ficar muito mais imprevisível antes de resolver. Neste momento, não há ninguém em quem confia para me substituir, que reúna o respeito e o poder que tenho

na força de Noah. Noah é um grande líder, mas mais que erudito, é um guerreiro. Tão temível como é na luta, não é aí onde seus talentos e energias são mais bem empregados. Depende muito de mim para dirigir os temas de segurança e defesa, e acredito que se partir, resultará ser uma vantagem para o renegado que procuramos. Antes dormiria em um ataúde de ferro, que dar tal poder a Ruth.

—Elijah — sussurrou Siena brandamente, aproximando-se para lhe emoldurar o rosto com as cálidas mãos de compridos dedos.

— Se servir a Noah, ainda me serve. Se recordar, nunca te pedi que renunciasses a seu cargo. Fez a proposta como um gesto, e fui honrada por isso. Precisamente, sei que teria feito tal assombroso compromisso por aqueles que não lhe conhecem ou aceitam ainda. Estou bastante impressionada pela sinceridade na necessidade que tem por ser uma parte de minha vida e as vistas de meu povo. Esse sentimento não trocará. Além disso, tem a intenção de ser quem é, na posição em que está igual a mim. Não queria que se demitisse igual não desejaria que me pedisse que renunciasses a ser Rainha. Arrumaremos isso — lhe assegurou.

— Arrumaremos isso com paciência, e tanto rechaço à tendência de comportamentos ruins como nos é possível. E tem razão, não é momento de extravagantes mudanças. Haverá muitas mudanças como estas. Vive comigo, ama comigo. Todo o resto faz como estima mais necessário. Além disso — sorriu—, sinto que passarei grandes quantidades de tempo entre os tribunais, tal como penso que Noah se sentirá obrigado a fazer. Como chefes, devemos dar exemplo a outros que nos observarão para orientar-se sobre como esquecer as velhas cicatrizes e prejuízos do passado.

—Observar inimigos de toda a vida unir-se em um esforço conjunto terá um impacto interessante. Acredito que sua próxima proposta poderia ser um melhor serviço, coincidindo com Damien. Normalmente foi afastado de outros Nightwalkers por tanto tempo, como ouvi dizer dele, mas ultimamente esteve entre nós por própria vontade. Mostrou uma estranha preocupação por sua vida pela que, pessoalmente, sempre estarei agradecido.

—Elijah, não desejo falar de assuntos de Estado todo o dia. Por que tenho a sensação de que está evitando que queira falar contigo?

O guerreiro liberou seu rosto, distanciando-se com uma rapidez evidente. Deu a volta e estudou as vidraças de cores de formas artísticas, tão populares entre sua gente, que rodeavam o dormitório inteiro com suas muitas janelas. Sob a suave luz colorida era um grande prazer dormir, permitindo precisamente a letargia que deixava os Demônios sonolentos, relaxados e desafoados, arrastando-os a um estado que lhes impossibilitava proteger-se, em caso de ataque ou emergência.

Entretanto, deu-se conta enquanto observava Siena por cima do ombro, que inclusive essa delicada luz seria daninha para ela. E se o estava usando para seguir evitando no

momento suas emoções, então que assim fosse. Siena era consciente de seus pensamentos, mas também era consciente de que estava usando sua preocupação pela luz do sol como um escudo, evitando assim que ambos descobrissem o que tinha perturbado sua paz mental. Observou-lhe com tenazes e imparciais pensamentos, enquanto ele fechava os olhos e deslizava escuras nuvens. Sorriu enquanto a escuridão caía sobre a casa.

—Vais manter nos cobertos de nuvens todo o dia?

—Não — sorriu ligeiramente.

— Não sou capaz de seguir centrando meu poder enquanto durmo. Acredito que talvez Gideon e Noah sejam os únicos que não me surpreenderiam se pudessem fazê-lo.

Estava a ponto de perguntar que pensava fazer, quando a cobertura de nuvens se dividiu abruptamente, derramando uma repentina e impressionante chuva. Girou ligeiramente para ela e sorriu, lhe dando uma presumida e sarcástica piscada.

—Uma vez fiz isto a Jacob. Disse-lhe que podia mover a Terra igual a ele, e me desafiou a prová-lo.

—Como sabia que ele faria.

—Sim — Elijah sorriu.

— Assim fiz cair uma chuva infernal, provocando que um lamaçal caísse diretamente sobre ele.

Nesse instante, o barro começou a cair contra as janelas, obscurecendo a primeira habitação de um lado, logo do outro. A chuva se deteve para não lavar o lodo. A terra úmida tinha sido arrastada do lamacento terreno para converter-se em um pequeno torvelinho de pó que arrojava barro contra a casa como um cão molhado. Quando este secasse, formaria uma perfeita máscara a prova de luz.

—Muito engenhoso — lhe felicitou com um meio sorriso, cruzando os braços debaixo de seus peitos, e golpeando com os dedos o antebraço, enquanto evidentemente esperava a que girasse para ela e enfrentasse seus pensamentos.

—Sim, sim — Suspirou, finalmente enfrentando-a ao mesmo tempo em que sua curiosidade penetrava sua mente.

—Não é próprio de você evitar compartilhar comigo os pensamentos — Lhe reprovou.

—Em realidade, meus pensamentos não são um mistério. Estiveste tendo pensamentos muito similares — Elijah se moveu para sentar na cama, estirando-se para lhe agarrar a mão e aproximá-la até situá-la entre seus joelhos e lhe rodear a cintura com os braços.

— Estamos casados, gatinha, e só sabemos o básico um do outro. Como podemos esperar assumir a provocação de sentar pacificamente na mesma mesa aos Montéquio e os Capuleto?

Ela assentiu brevemente, as mãos acariciando brandamente os ombros. A qual deles estava tratando de acalmar? Não sabia com certeza.

—E nem sequer pensamos em meninos — acrescentou.

—Nenhuma de nossas espécies toma irresponsavelmente aos meninos, mas não estou de acordo em trazer um menino a uma união a qual os pais seguem sendo em muitos aspectos estranhos um ao outro.

—No suposto de que sejamos biologicamente compatíveis, para falar de meninos — recalcou ela.

—Outro assunto — acordou seriamente.

— A sucessão de seu trono...

—... Está seguro em mãos de Syreena, sem importar o que passe — lhe interrompeu brandamente.

— Temos tempo de sobra para solucionar estas coisas. Não pode te sentar aqui, e tratar de resolver a lista de tarefas que temos de uma só vez. Perdoe-me, mas está pensando como um humano. Os humanos são diferentes, Elijah, porque não tem inegáveis condições como a Vinculação. Esta condição nos impulsionou a estar juntos, embora sejamos pouco mais que estranhos, mas não por isso é uma desvantagem. Quero aliviar sua mente e te dizer que estou muito mais interessada em chegar a conhecer mais um do outro, que desesperada por cumprir com meu dever de obter herdeiros.

—Sinto o mesmo — respondeu serenamente.

Quando apartou de novo o olhar dela, Siena suspirou exasperadamente e ficou de joelhos entre suas pernas, as mãos caíram sobre as coxas, apertando-as tentando conseguir sua atenção.

—Elijah, podemos chegar justo à parte que segue evitando? —Perguntou-lhe seriamente.

—Maldição — Murmurou, lhe dando um meio sorriso irônico.

—Sim, sei. É ruim ter uma mulher em sua mente.

—Essa poderia ser a desconsideração do século — Elijah se estirou até acariciar com as pontas dos dedos seu queixo.

— Preciso saber se esta disposta a manter um lar que esteja unido em coração e espírito, mas dividido por tradições — Concluiu finalmente.

—Para começar — lhe respondeu brandamente—, nossa casa já esta unida em coração e espírito. Não me deixaria dizê-lo, mas lhe direi isso agora. Amo-te, Elijah — Sua voz se quebrou, mas devido à plenitude da emoção, não por nenhum tipo de incerteza.

— Não me importa se toma dez anos ou dez séculos conhecer todos esses pequenos detalhes que tanto te preocupam. Vi seu espírito. Hei-o sentido unir-se ao meu. Agora sei que

somos duas metades de um só ser. Um honorável guerreiro, um feroz aliado, um poderoso líder e um carinhoso amante. Todo o resto se converte em pequenos detalhes minúsculos, porque isto é tudo o que necessito saber de você. É sua essência. Isto esculpe o que é e o que faz, igual que fazem comigo — agarrou uma de suas grandes mãos, atraiu-a até seu rosto e beijou a palma, os olhos dourados piscavam com dolorosa intensidade.

— E te rogo que me perdoe por ser tão covarde e não haver dito em nossa noite de bodas, quando necessitava tanto intercambiar as palavras e os sentimentos comigo — a rica voz alagada de rouca agonia.

— Quando penso que poderia haver te perdido sem que soubesse, envergonho-me de mim mesma e duvido que ainda mereça este precioso sentimento.

—Siena — repetiu seu nome em um suspiro enquanto a sustentava fortemente contra si. Elijah nunca havia sentido tanta euforia como a que o encheu ao escutar essas palavras de amor. Todo o resto, as recriminações e a pena, não podiam penetrar esse sentimento. Quase a deixou sem fôlego ao tratar de aproximá-la completamente a seu corpo.

— Acredito que te dá conta de que sou muito teimoso e egoísta para morrer sem a satisfação de te escutar dizer o mesmo.

Ele a fez rir, persuadindo-a a deslizar as mãos ao redor de sua cintura, aproximando-se ainda mais ao peito, exatamente o que necessitava e queria que fizesse.

—Estava tratando de ter um sério e carinhoso momento, mas realmente não acredito que seja capaz. —Declarou com exasperação.

—Estava sendo completamente sério — lhe disse, assegurando-se de parecê-lo.

Siena só riu de novo.

—Mas devo te dizer que... —Fez uma pausa, a voz cheia de infinita doçura e ternura.

— É tão valiosa para mim — sussurrou contra seu pescoço. — É o coração que pulsa em meu peito, minha alma enquanto se move por minha mente. O fôlego em meu corpo que tanto te fascina, é sua essência que entra e sai de mim em uma onda que me afoga uma e outra vez, até que não posso respirar do muito que te desejo. Que te necessito.

Siena tratou de respirar, mas seu coração estava obstinadamente travado na garganta. Ele estava fazendo outra vez, fazendo com que todo seu ser se inchasse com emoções que iam além de sua capacidade, os olhos queimando pelas lágrimas.

—Elijah — sussurrou contra o dourado cabelo, as lágrimas que caíam por suas bochechas deslizavam pelas delicadas mechas, enquanto enterrava o rosto em seu pescoço.

— Te amo. Vou compartilhar suas tradições, igual compartilho seu coração. A Deusa te trouxe para mim, suas tradições lhe ataram para mim da mesma forma que as minhas ataram a você. Se não for porque nossas crenças se uniram como o fizeram, possivelmente nunca tivéssemos conhecido estes sentimentos. Nunca tivéssemos compartilhado este amor. É obvio

que vou respeitar suas crenças e tradições. Estão demonstrando não ser tão diferentes das nossas.

—Mmm — concordou, sorrindo contra seu cabelo enquanto acariciava brandamente as mechas.

— Sou tão afortunado de ter uma esposa tão sábia — declarou.

— Embora confesse que estava pensando em uma tradição específica.

—Me conte — respirou.

—Estava pensando na cerimônia do Siddah e minhas responsabilidades nessa função quando a bebê de Bela chegue à idade adequada — se apartou para ver sua expressão.

— Vai significar acolher a um menino. Um menino muito poderoso com capacidades muito singulares, se nossa profecia for certa. Vejo uma grande oportunidade de conhecimento, se compartilhasse nossas vidas em uma corte com diferente cultura. Mas renunciaria ao rol de Siddah se isto te preocupar muito. Entendo que é uma responsabilidade muito difícil. Embora, confesso que me doeria muito decepcionar a Bela e Jacob dessa forma.

—Nunca te pediria que fizesse tal coisa — o repreendeu Siena.

— A criação dos filhos é uma responsabilidade que ambas as espécies tomam muito a sério. Ela teria muita sorte de te ter como mentor. E ainda mais de ter a mim.

Sorriu quando se aproximou para beliscá-la por ser impertinente. Siena lhe respondeu deslizando as ardentes e audazes mãos ao longo das costas. Sentiu-lhe suspirar pesadamente, e soube que era porque seu toque lhe relaxava tanto como suas generosas respostas o faziam. Não tinha que preocupar-se com tantas coisas de uma vez. O tempo poria cada coisa em seu lugar. Ele estava cansado e debilitado por uma batalha que o futuro era algo frágil, pelo que entendia sua inquietação.

Também tinha uma cura para isso.

Enquanto sua cabeça se enchia de pensamentos e perguntas, ela começou a sussurrar em sua mente uma suave litania em seu idioma nativo. Era suave, imperceptível no clamor desses pensamentos, e nem sequer sabia com segurança se conhecia o idioma. Entretanto, se ele queria compartilhar tradições, este era uma das que estava feliz de oferecer. Normalmente, estas palavras se diziam em voz alta a seu companheiro. Siena tinha a vantagem da telepatia para ajudá-la, o que deixava sua boca disponível para outras coisas.

Começou a esfregar a delicada boca contra seu pescoço, encontrando o ritmo de seu pulso, sentindo-o por um momento, já que representava o ritmo da vida que corria através dele. Logo abriu os lábios e deslizou a língua sobre essa constante vibração. Imediatamente, a atenção de Elijah se concentrou em um único ponto de interesse, desprezando tudo, exceto o aveludado deslizamento de calor e umidade que lambia lentamente o trajeto de sua carótida. O calor explodiu como fogo em sua mente, deslizando sobre cada polegada de pele, e

finalmente, assentando-se íntima e ardentemente em seu corpo. Ela se ajoelhou entre as coxas, os incríveis seios pressionados contra o peito, e as mãos escorregando por cima das coxas.

Elijah sentiu a foto instantânea reação que despertava tão facilmente nele. Soltou um agonizante gemido, enquanto os dentes começavam a brincar em seu pescoço. Ela o mordiscou e sentiu o raio de erótico prazer que chegou até o centro de seu ser. Foi então quando começou a escutar as palavras penetrando em sua cabeça, em sua língua nativa, um idioma que tinha aprendido fazia muito tempo, como qualquer guerreiro inteligente teria feito. Tinha a suave cadência do russo, mas era muito mais antigo que este, muito mais elegante, profundamente reflexivo, com as sexys e guturais consonantes dos Licântropos, e o movimento das línguas que davam às palavras um som aveludado, quase como suaves grunhidos.

É para mim. Sou para você. Meu corpo é teu. Seu corpo é meu. Toque-me. Saboreie-me...

Elijah grunhiu das profundidades de sua alma, as palavras por si só eram uma deliciosa tortura, mas as mãos de Siena deslizavam para o centro de suas pernas, acariciando-o em seu doloroso confinamento. Primeiro pressionou os dedos com o passar do duro calor que encontrava debaixo da braguilha, logo a palma. Mordiscou seu pescoço novamente. Moveu-se de maneira que o sensual peso de seus seios se esfregasse contra seu peito, os mamilos tentadoramente duros e excitantes se perfilavam sob o vestido.

Então, um batimento do coração depois, estava agarrando a borda da camisa, tirando-a da cintura das calças, enquanto se levantava para encontrar sua boca. Elijah se inclinou para ela, apanhando a boca em um selvagem e desenfreado beijo. Voltava-lhe louco suas inclinações agressivas, era como uma fantasia sexual feita realidade. Sentiu-a deslizando delicadamente por seus pensamentos, descobrindo o que gostaria, o que lhe faria perder o controle. Tirou a camisa de seus braços e imediatamente rompeu o beijo para deslizar os lábios por sua garganta, a clavícula e com o passar do ventre, até que ficou novamente de joelhos e ele se converteu em um ser cheio de ardente excitação e necessidade.

As mãos de Elijah acariciaram o cabelo, as pontas dos dedos massageando o couro cabeludo com frenéticos movimentos. Sentiu-a sorrir sobre seu ventre, sabendo que tinha sido miserável tão sutilmente em sua armadilha surpresa, que dificilmente podia pensar. Empurrou-lhe sobre a cama, seu corpo e boca seguindo o movimento. As mãos deslizaram sobre seu corpo, enquanto se inclinava para frente para lamber a tensa pele dos abdominais. Seu corpo inteiro tremia de necessidade, explodindo pelo imenso calor. A pele esticou duramente ao sentir o raspar dos dentes, enquanto seus lábios começavam a percorrer a dourada sombra de pêlo que desaparecia na cintura das calças.

Seus dedos caíram habilmente sobre os botões da braguilha, e finalmente foi liberado da tortuosa malha apertada, para cair nas ansiosas mãos. Siena escutou o selvagem gemido, enquanto lhe envolvia em seus dedos. Estava duro e grosso pela necessidade. Necessidade dela. E não havia forma no mundo de descrever quão emocionante era. Quão poderoso. Mas existiam milhares de formas de alimentar esse poder, de fazê-lo crescer. Acariciou-lhe brandamente ao princípio, só com as pontas dos dedos, delineando os contornos da aveludada pele sobre ferro. Sustentou-lhe, envolvendo ambas mãos ao redor dele e as deslizando pela longitude. A exclamação de Elijah de doloroso prazer ecoou por cima deles. Mas antes que pudesse terminar esse gemido, deslizou a língua sobre a delicada crista e logo o levou para a quente sedução de sua boca.

O guerreiro sentiu como se tivesse sido golpeado por um carro. Estava indefeso pelas chocantes sensações; o abdômen e pulmões, uma conflagração de tórrida necessidade. A boca era malvadamente quente, úmida, um hábil refúgio que se apertava fortemente em torno dele. Sentiu a sinuosa língua, lhe provando com fome, utilizando seu sabor para excitar a si mesma, até que sua respiração se entrecortava contra ele. Elijah sabia que ia matá-lo. Seu coração estava pulsando tão forte, que não lhe surpreenderia se saísse do peito em qualquer segundo. Ela era implacável, muito ansiosa e cheia de uma ímpia curiosidade que era simplesmente incrível. Não podia suportá-lo nem um segundo mais.

Siena sentiu o apertão de umas mãos no cabelo, deslizando-a sobre seu corpo, afastando-a da prazerosa exploração corporal. Aproximou-a de sua boca, e a atacou com um beijo selvagem que a deixou machucada e sem fôlego. Logo se desvaneceu entre suas mãos, e sentiu a si mesmo desvanecer-se segundos depois. Um momento estava ali e no segundo, era ar. Quando passou de novo a estado sólido, todas as roupas tinham desaparecido e Elijah a tinha capturada debaixo de seu pesado e potente corpo. Ela riu ao ver o selvagem desejo ardendo como fogo nos olhos esmeralda.

—Você gosta de me tentar?

Era uma ameaça, alta, clara e mantida com um masculino grunhido cheio de intenções. Devorou sua boca em uma interminável cadeia de beijos, ainda quando as mãos percorriam indômitas todo seu luxurioso corpo. Encheu as mãos com seus peitos, jogando com os sensíveis mamilos, até que ela gritou em sua boca, arqueando o corpo duramente contra ele. Saboreou-o como um potente narcótico, sentindo a queimação de sua dourada pele, cheirando a líquida excitação entre suas pernas. Sujeitou ambas as mãos e as afastou de seu corpo, as capturando cruelmente e as pressionando com força contra a cama. Deixando a sua boca como único elemento de tortura, justo o que desejava.

Abandonou esses beijos aditivos e deslizou um úmido caminho pela garganta e peito. Em um segundo, capturou o mamilo esquerdo com os dentes, lábios e língua, chupando-o

dura e grosseiramente até que a teve fazendo esses femininos ronroneos de prazer que tanto amava. Instintivamente tentou liberar as mãos, mas ele negou. Trocou para seu outro seio e ela gritou. Elijah lambeu o delicado ponto rosa e dourado, lavando-o umidamente, e Siena sentiu um impulso quase malicioso de rir em sua mente. De repente uma brisa soprou na habitação. Não qualquer brisa, a não ser uma muito fria. Uma rajada de ar quase congelado deslizando sobre o umedecido e exposto corpo de Siena que gemeu ante a erótica sensação de frio e calor. Todo seu corpo estremeceu e tremeu enquanto a brisa se afastava. O corpo inteiro tremia com uma delicada vibração, e Elijah desfrutou disso, enquanto substituía o frio com fogo, queimando um atalho até o umbigo e, logo, ainda mais abaixo. Seus lábios deslizaram através dos delicados cachos e, depois, estendeu a língua para saboreá-la.

Siena gritou grosseiramente, os quadris impulsionando-se para cima, tratando de alcançar a aveludada sensação dessa língua, ainda enquanto ele seguia. Fogo. Um inferno explodiu em seu corpo, começando nesse ponto central onde ele praticava magia contra ela. Não liberou as mãos, mas trocou seu agarre de maneira que os dedos se entrelaçaram. Ela estava derramando calor e mel, e Elijah adorava seu corpo ainda quando a dirigia ao adormecido mundo da prometida liberação. O corpo inteiro estava bloqueado com a iminente liberação, inclusive a perna que tinha deslizado cegamente sobre seus ombros para arrastá-lo mais perto, ao não lhe liberar as mãos. Tentava-a implacavelmente, amando os rudes e primários sons de feminina necessidade que saíam dela.

—Elijah por favor! —Gritou, lhe rogando piedade.

Ele soltou as mãos repentinamente, agarrando os quadris, e mantendo-a exatamente na posição que queria tê-la. Só precisava deslizar sua formosa boca três vezes mais antes que explodisse.

Ela emitiu um luxurioso e interminável grito, sustentando-o inclusive quando a levou mais à frente do prazer. Foi implacável, não tinha eleição. As fortes convulsões desse corpo, os gritos e, o sabor picante e quente de prazer que deslizava por seu paladar era muito aditivo.

O guerreiro se quebrou sob a pressão do prazer dela e a necessidade que sentia. Nunca antes tinha sido tão forte e violenta. Bramava como uma besta em seu interior, demandado satisfação.

Elijah agarrou com arruda necessidade sua companheira que jazia fraca de prazer, tirando-a da cama e sustentando-a com seu duro corpo e rápidas investidas que apenas lhe permitiam manter-se em pé. Só se deteve quando escutou as mãos golpear a parede, as bochechas apoiando-se contra a Lisa superfície, enquanto seus quadris eram empurrados para ele, o impulso levantando os pés do chão. Seu aroma, duro e masculino, cobria-a enquanto a pressionava contra a sólida parede. Sentiu-lhe, duro titânio contra seu traseiro, enquanto ele se inclinava para roçar os lábios contra o pescoço exposto.

—Desejei isto desde a primeira vez que te vi — Ihe confessou apaixonadamente, o fôlego um ardente banho sobre sua orelha e ombro.

— Tão orgulhosa e tão malditamente confiante.

Inclinou os quadris com as calosas mãos e escorregou contra as úmidas dobras de carne feminina. Estava o suficientemente quente para queimá-la, e Siena lançou um grito.

—Nesse momento soube que era a mulher mais sexy e quente que conheci. Pôs-me duro, queimou-me com esses altivos e dourados olhos, e tudo o que queria fazer era te agarrar, te atirar contra uma parede, e...

Penetrou-a em um violento golpe, enterrando-se completamente no centro de um feroz, quente, inimaginavelmente apertado, doce e pegajoso céu. Siena estava inundada em tanto prazer que, senti-lo a levou a um orgasmo instantâneo, soltando um gemido comprido e forte enquanto a ferocidade de sua necessidade a sobressaltava. Elijah a sentiu convulsionar ao redor dele, seus músculos ondeando violentamente, debilitando seu controle. Seu prazer lhe obrigava a liberar-se, mas não renunciaria a sua fantasia tão cedo. Ela tinha provocado isto, e ela o aceitaria. Não havia outra solução.

Grunhiu para dentro como uma tempestade, um furacão selvagem que queria arrasar tudo o que caía em suas mãos. E suas mãos estavam sobre ela. O peito pressionado contra suas costas, a boca descendo aberta contra seu ombro, as mãos sustentando seus quadris para que pudesse retirar-se e retornar com uma selvagem força de crescente necessidade e desejo profundo. Siena o sentiu, a necessidade, o impulso e o movimento do corpo em seu interior. Cada movimento, cada pensamento era erótico para ele, porque era ela, e lhe surpreendia sua própria necessidade.

—A primeira vez que te vi — Ihe sussurrou, enquanto ele começava a procurar o ritmo—, não podia evitar me perguntar. Seu tamanho e estatura, suas mãos eram tão grandes e tão calosas, que queria saber como se sentiria ser sustentada por elas, contra meu corpo, conhecer a sensação de suas poderosas pernas...!

Siena soltou um estrangulado grito quando Elijah encontrou esse doce lugar, o entendimento imediatamente alagando seus pensamentos, e imediatamente incorporado ao profundo ritmo dos impulsos. Já não podia falar, ou pensar. Nem sequer podia sustentar-se. Elijah controlava cada um de seus movimentos e o controlava magistralmente.

“É tão apertada, gatinha.”

Aparentemente, ele tampouco podia falar, e inclusive seus pensamentos eram um comprido grunhido de prazer. Siena se introduziu em sua mente, na selvagem neblina de necessidade animal e de quase cruel dominação. Isso entendia. OH, entendia muito bem. Possessiva territorialidade. Ela era dele, e ele ia se encarregar de que ela e todo o maldito mundo soubessem.

Nesse momento uns dentes perfuraram seu ombro. Em parte era para mantê-la em seu lugar e, em parte, uma marca distintiva. Não pôde evitá-lo. Não pôde reter a brutalidade de seu corpo enquanto investia forte e duramente contra o dela. Seus movimentos se voltaram mais rápidos, ela dava gritos de êxtase, e ele pôde sentir essa cega força em sua mente e corpo, inclusive antes que a sentisse agarrar-se contra ele, implacável e firme, todo seu ser tremendo ao redor. Manteve-a ali, sustentando a cabeça contra seu ombro, enquanto lhe ensurdecia com seus incríveis gritos, até que não pôde suportá-lo um segundo mais. Chegou ao topo, explodindo dentro dela como uma violenta bomba, empurrando profundamente e gritando ao céu, que lhe respondeu com um furioso trovão.

Ambos caíram ao chão, em um matagal de extremidades, suor, e falta de vontade para mover-se, embora fosse um milímetro. Lutavam por respirar, inclusive Elijah era incapaz de regular sua necessidade de oxigênio nesse momento. Uma mão descansava frouxa contra seu peito, levantou-a para beijar a palma. Imediatamente viu a enorme forma de uma marca com ampolas. Sentou-se subitamente, procurando a outra mão. Também estava ferida. Como saindo de uma violenta e confusa tormenta, olhou a sua companheira.

—Siena! —Agarrou-a, aproximando-a. No que tinha estado pensando? Acabava de sair da cama em que esteve confinada por sua enfermidade, esgotada pela batalha. E agora jazia maltratada, machucada e com ampolas.

“E mordida. Não se esqueça de mordida se for usar todos os adjetivos possíveis. “

O sarcástico pensamento instantaneamente aliviou sua premente culpa. Conhecia esse tom o suficientemente bem, para saber que estava em perfeitas condições. Estava considerando seriamente apartar-la de seu regaço para que caísse sobre seu traseiro.

Siena abriu os olhos amplamente

—Não te atreveria!

—Não me desafie! —Replicou— Maldita seja, mulher, destrói minha prudência!

—Bom precisa aprender a não preocupar-se tanto. Umas quantas marcas de amor e machucados formam parte do jogo para os Nightwalkers — Se aproximou para lhe acalmar com um quente e ardoroso beijo.

— Não é nada comparado à forma como me faz sentir quando faz o amor dessa maneira - murmurou com os olhos dourados brilhantes de prazer.

Elijah se sentia mais tranquilo. Levantou-se e a ajudou a levantar-se com um movimento parecido. Agarrando-a contra ele tão fortemente que ambos caíram à cama. O Capitão Guerreiro pôs a sua esposa debaixo dele, pressionando-a contra o colchão com seu peso. Inclinou-se para capturar os lábios, e a beijou até que suas formosas bochechas estavam coloridas de um intenso rosa.

—Antes que saia o sol, estou decidido a voltar para essa parte sobre minhas poderosas pernas - disse sedosamente contra os úmidos e sorridentes lábios.

CAPÍTULO 20

—Menina da noite, que caminha na noite, bem amada da noite... Nós lhe damos um nome.

Elijah avançou enquanto levantava uma mão para Isabella, deixando que sua filha agarrasse com força de um de seus dedos. Legna se adiantou e fez o mesmo.

—Chamamos-lhe Jacina — disse Isabella com firmeza - é seu nome de poder, conhecido só por quatro de nós. Este será usado para te cuidar, te disciplinar e te formar em um orgulhoso reflexo da mais nova geração de nossa gente.

—Chamo-te Leah — disse Jacob, tocando seu bebê brandamente na fronte escura.

— Este é seu nome de chamada, minha filha, o qual muitos usarão para fazerem-se seus amigos, seus professores e, um dia, inscrever sua vida na história onde te distinguirá com grandeza.

—Nós somos Siddah — entoaram Legna e Elijah ao unísono.

— Lhe acolheremos, Jacina. Moderar-lhe-emos com amor e lhe formaremos com respeito e orientação de acordo às tradições de nossa gente. Sempre lhe amaremos como nossa, Leah.

—Bendito seja o Destino — disse Elijah, sorrindo de repente de orelha a orelha.

—Ela é a primeira menina de uma nova era para tantos de nós. —suspirou Legna com satisfação, estirando-se para abraçar aos orgulhosos pais afetuosamente.

—E de modo algum o último — concordou Isabella, tocando o ventre de Legna com um sorriso.

—Venha. Minha esposa dispôs um banquete segundo nossa tradição — disse Elijah reunindo o grupo enquanto os afastava do altar no profundo dos bosques russos. Tinha nevado antes e fazia muito frio para que o bebê permanecesse fora durante muito tempo, ainda quando estivesse agasalhada calidamente contra o peito de sua mãe.

—Um Licântropo dando um banquete Demônio — riu entre dentes Jacob.

— Jamais pensei que veria este dia.

—Você nunca pensou que Elijah se casaria — brincou Isabella, dando uma cotovelada no guerreiro. — me passe a minha filha adotiva antes que você, lento, deixe-a congelar até morrer. Elijah arrebatou a Leah de sua mãe e desapareceu dentro de enérgicos redemoinhos.

—Elijah! —gritou Bela atrás dele.

— Vou dar uma patada no traseiro!

—Ele vai estragá-la de má maneira — predisse Legna.

—E me diz isso agora — ironizou Bela.

Elijah se materializou diante de sua esposa com a bebê embalada na dobra de seu braço. Siena estava vestida com a indumentária protocolar, resplandecendo literalmente de ouro no vestido de seda curto que tinha posto, seus olhos acesos e sua pele luminescente.

—Nossa filha adotiva, suponho — foi sua bem-vinda afetuosa elevando-se de seu trono. Seu colar cintilava com o abajur de gás quando ela se moveu para tocar à menina que seu marido sustentava. Elevando sua boca para a dele, deixou-lhe beijar com a delicadeza que sabia que nunca deixava de assombrar a corte que ainda estava acostumando-se à visão de seu antigo inimigo ao lado de sua Rainha.

—Minha Senhora Rainha, posso apresentar a Leah, filha dos Executores?

—Olá, Leah — disse ela brandamente, seus olhos cintilavam com súbita astúcia quando elevou a vista para Elijah.

— Parece alarmantemente natural sustentando um menino, esposo meu.

—Nem te ocorra, gatinha — lhe advertiu com um sorriso.

—Não. Não farei — assegurou. Então passou seus suaves e delicados dedos sobre o couro cabeludo ligeiramente cabeludo do bebê.

— Ao menos... não durante uns meses ainda.

O fôlego de Elijah congelou em seu peito e ela sentiu o calafrio de comoção que se precipitou através dele. Jogando a cabeça para trás, ela riu com tanta força que todos na estadia deram a volta para olhá-la.

—Disse meses? Queria dizer anos — corrigiu ela, rindo tão intensamente que lhe encheram os olhos de lágrimas.

—Isso não teve graça — grunhiu ele.

Ignorou-lhe, passando por diante dele para saudar seus convidados Demônios que acabavam de chegar, com uma combinação de abraços e uns quantos beijos formais nas bochechas.

—Venham e sede bem-vindos. Minha gente e eu lhes saudamos todos — anunciou ela em voz alta, abrindo seus braços efusivamente para o descomunal banquete festivo.

— Nos permitam celebrar o batismo desta formosa menina. E nos deixem brindar por nosso futuro, já que tão certo quanto o nome desta menina nunca trocará, nosso futuro nunca será outra vez o mesmo.

Enquanto Elijah olhava como ela avançava, régia anfitriã da cabeça aos pés, ele fechou os olhos e deslizou carinhosamente em sua mente, assegurando-se de que soubesse sem

dúvida
que seu
ela
inclusive
que já fazia
momento.



nenhuma
amor por
cresceria
mais do
naquele

Siena girou para olhá-lo enquanto seus olhos verdes pálido abriam em uma piscada. Estirou a mão para tocar o pescoço distraidamente, sorrindo enquanto o fazia.

“Eu também te amo, guerreiro, sussurrou-lhe em seus pensamentos. “Possivelmente mais do que qualquer um de nós saberá jamais. “

“Eu saberei, corrigiu ele. Sempre saberei.”

Fim

DAMIEN: THE NIGHTWALKERS.

—Arriscou sua vida pela minha como se não tivesse nenhuma responsabilidade para com uma raça inteira! Isso foi estúpido e ridículo!

—Isso teria sido meu engano — respondeu Damien bruscamente. — Não estou acostumado que a gente critique minhas ações, Syreena.

—Bem, possivelmente deveriam fazê-lo! Nunca teria permitido que Siena fizesse uma coisa tão tola!

—OH, de verdade? Justo como impediu que ela quase morresse por seu marido?

Foi como se retorcesse uma faca em um ponto muito sensível para ela, e ele soube imediatamente pela expressão em seus olhos. Então compreendeu que ela realmente se culpava pelo encontro próximo que sua irmã tinha tido com a morte em outubro passado.

—Supõe-se que deveria te deixar morrer sangrando, Syreena? —perguntou sossegadamente, tratando de emendar com o bálsamo de suas palavras a dor que tinha causado.

— Por que esta tão desejosa de valorar minha vida por cima da tua?

—Não sou tão especial para que um povo inteiro deva ser privado de seu monarca por mim!

—Felizmente para você, discordo dessa afirmação.

Damien entendeu, entretanto, que havia algo mais em suas palavras além de seu imediato desacordo. De todos os modos, não entendia. Nunca a tinha considerado como alguém que se desvalorizasse.

Olhou-lhe durante um longo momento como se tornou completamente louco, seus olhos confusos procuravam nele uma resposta e uma lógica que simplesmente não estava dentro de sua compreensão. Então, sem saber por que, inclinou-se para frente e o beijou.

Damien ficou pasmo durante um momento ante o atrevido e ilógico ato, suas mãos de maneira reflexa rodearam os braços enquanto a boca quente dela pressionava brandamente a sua. A mão não enfaixada subiu para pousar contra a bochecha dele enquanto os teimosos olhos dela deslizavam fechando-se por um momento comprido e doloroso.

Ele sentiu, e logo saboreou o sal de suas lágrimas.

Ela se afastou só um par de centímetros, com o corpo tremulo sob suas mãos enquanto ele observava seus olhos cheios de emoções e sensações confusas e conflitantes.

—Por que fez?

—Por que... — se interrompeu quando um soluço agarrou suas palavras.

— Porque isto é um conto de fadas, Damien. E em um conto de fadas, a Princesa sempre beija o Príncipe que a resgata.

Era uma coisa encantadora e ingênua vindo dela. Era uma mulher de grande sabedoria, força assombrosa e um sentido de lógica que negava qualquer miragem de ingenuidade, entretanto, quis mostrar-se como uma esperançosa idealista a fim de expressar sua gratidão. Ele se deu conta de que isto era uma greta meticulosamente protegida em seu modo de ser, a qual muitas poucas pessoas tinham acesso permitido. Isto significava mais para Damien que as mais profusas e eloqüentes palavras de qualquer idioma.

—Syreena... — fez uma pausa para clarear a aspereza da garganta. — Não sou nenhum herói — disse com arruda tranqüilidade.

— Não deveria me converter em um.

Ela desafiou a declaração silenciosamente com um beijo.

Desta vez Damien viu vir, mas isto não fez que estivesse mais preparado. Esta vez não era uma expressão rápida e simples de gratidão impulsiva que ela queria dar. Ele sabia que isto era um pouco diferente, e em um nível instintivo.

Apesar da voz da razão que soou estridente em sua cabeça, Damien se permitiu o luxo de desfrutar com a sensação de seus lábios. Com a guarda baixa e com tão pouco tempo para pensar nisso, devolveu a intimidade com igual calor e medida. De um batimento do coração ao seguinte, suas mãos encontraram o caminho dentro de seu cabelo até a parte posterior da cabeça dela. As pontas dos dedos deslizaram languidamente sentindo o calor de seu couro cabeludo, consciente de tudo o que ela tinha passado e sofrido e não querendo de maneira nenhuma causar um momento de dor adicional.

Também Syreena deslizou os dedos até uma posição em que lhe sustentava a cabeça, no caso dele pensar discutir com ela sobre seus desejos nesta questão. Obscurecidos os olhos dele olhavam diretamente os seus, procurando coisas além da compressão de ambos. Ela encontrou seu olhar fixo com olhos cheios de segurança e força. Sabia o que queria, surpreendentemente, sem uma só dúvida ou segundo pensamento. Este momento, aqueles fascinantes olhos enviaram uma mensagem a ele, devia ser precioso para ambos. O seguinte momento viria muito cedo. Mas este momento...

Este momento era para dar, agradecer, para a gentileza, e sobre tudo, para sentir algo que não continha nenhuma dor, luta, ou ramificações imediatas.

Simplesmente seria o que era.